

EXÍLIO E RESISTÊNCIA

OS ALEMÃES ANTINAZISTAS NAS AMÉRICAS



EDITORA
SCHREIBEN

WANILTON DUDEK

WANILTON DUDEK

EXÍLIO E RESISTÊNCIA:

OS ALEMÃES
ANTINAZISTAS NAS AMÉRICAS



EDITORA
SCHREIBEN

2022

© Dos Organizadores - 2022

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Capa da Revista Hitler“s Shadow Over América. Fonte: DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas”. Arquivo do autor.

Revisão: o autor

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)

Dr. Enio Luiz Spaniol (UDESC)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dr. Glen Goodman (Arizona State University)

Dr. Guido Lenz (UFRGS)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (UFPel)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Valdenildo dos Santos (UFMS)

Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do autor.

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D845e Dudek, Wanilton

Exílio e resistência: os alemães antinazistas nas Américas. / Wanilton

Dudek. – Itapiranga : Schreiben, 2022.

211 p. : il. ; e-book

E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-5440-012-1

DOI: 10.29327/569810

1. História. 2. Nazismo. 3. Alemanha. 3. América do Norte. 4. América do Sul. I. Título.

CDU 94(430-7/8)

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

*Há homens que lutam um dia, e são bons; há
outros que lutam muitos dias, e são muito bons;
há homens que lutam muitos anos, e são melhores;
mas há os que lutam toda a vida, esses são os
imprescindíveis! (Bertolt Brecht)*

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1	
EXÍLIO E POLÍTICA: O ANTINAZISMO ENTRE OS ALEMÃES.....	27
1.1 <i>A República de Weimar e a ascensão do nazismo.....</i>	27
1.2 <i>A presença do exílio no continente americano.....</i>	33
1.3 <i>A “Frente Negra”: primeira experiência antinazista e tentativa de uma rede nas Américas.....</i>	40
Capítulo 2	
A ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS ANTINAZISTAS NO BRASIL.....	48
2.1 <i>Movimento dos Alemães Livres do Brasil.....</i>	66
2.2 <i>Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil.....</i>	94
Capítulo 3	
LUTA E COOPERAÇÃO ANTINAZISTA ENTRE OS ALEMÃES NA AMÉRICA DO SUL.....	110
3.1 <i>Das Andere Deutschland: “A Outra Alemanha” na Argentina.....</i>	110
3.2 <i>Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul.....</i>	120
Capítulo 4	
WEIMAR NO PACÍFICO: O ANTINAZISMO NO SUL DA CALIFÓRNIA.....	153
4.1 <i>Hollywood Anti-Nazi League.....</i>	156
4.2 <i>O exílio na Califórnia: liberdade aparente e a vigilância do FBI.....</i>	164
4.3 <i>Ao sul da fronteira: Freies Deutschland e o trânsito de ideias.....</i>	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
REFERÊNCIAS.....	201

PREFÁCIO

No primeiro semestre de 2014 Wanilton Dudek entrou em contato dizendo que pretendia submeter-se à seleção de ingresso no doutorado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo, onde dois anos antes havia concluído seu mestrado, estudando de forma brilhante a comunidade alemã no Vale do Iguaçu durante a Era Vargas, e que foi transformado em livro em 2015.

Durante a pesquisa para o mestrado, Wanilton havia encontrado no arquivo do DOPS, em Curitiba, uma documentação sobre um movimento, ainda desconhecido pela historiografia brasileira, de alemães antinazistas no Brasil. Esta documentação, na época, não foi utilizada para o desenvolvimento da sua dissertação e era sobre este tema que ele pretendia se debruçar no doutorado. O historiador José Murilo de Carvalho certa vez disse que um bom trabalho historiográfico requer uma ideia na cabeça e um documento na mão, e que ou o documento ou a ideia sejam novos. Pois o então candidato ao doutorado tinha ambos: a ideia e o documento era novos.

Wanilton utilizando seu “faro” de pesquisador acabou descobrindo que o movimento de alemães antinazistas era muito maior do que supunha inicialmente. Isto o levou até o Uruguai e Argentina e, ainda mais longe, aos Estados Unidos. Na Universidade do Sul da Califórnia, onde acabou fazendo uma parte do seu doutoramento – o popularmente doutorado sandwich -, mais precisamente no *Exiled German Speaking Archives* encontrou um cabedal de documentos que mostraram que os alemães antinazistas tinham uma organização internacional. A denúncia, a oposição e a luta contra a barbárie que significou o regime nazista resultou num movimento transfronteiriço.

O resultado de uma alentada pesquisa resultou na tese *Freies Deutschland: o antinazismo na América em perspectiva transnacional (1933-1945)*, que tive a honra de orientar. Na verdade, quando digo que orientei esta tese é muito mais no sentido de que acompanhei de perto a construção do texto, pois alguns orientandos tem uma disciplina e uma

autonomia acadêmica que dispensam orientação. Wanilton Dudek foi um desses orientandos!

Uma banca muito qualificada avaliou e aprovou a tese, sugerindo que a mesma fosse publicada, tendo em vista a contribuição que a mesma estava dando à historiografia nacional e internacional. É o primeiro trabalho historiográfico realizado no Brasil que aborda como exilados alemães se organizaram para denunciar e lutar contra os horrores do nazismo. Uma documentação inédita foi trazida à público e analisada sob o prisma da História Transnacional. Não são muito comuns, ainda, no Brasil, trabalhos realizados que utilizam o aporte conceitual da História Transnacional. Esta é, portanto, mais uma contribuição importante trazida por Wanilton Dudek para a historiografia. Sua tese abre caminhos que poderão ser percorridos por outros historiadores.

Este trabalho inédito, construído numa linguagem adequada, bem escrito, não poderia se manter distante do olhar dos estudiosos da História, bem como daqueles que se interessam por assuntos relacionados ao nazismo e, neste caso, às formas de combate daquela ideologia sempre condenável. Com a publicação deste livro, que tenho o prazer de apresentar, ganham os historiadores, os estudiosos da História e todos os amantes da boa leitura. A partir de agora a historiografia fica mais rica com esta bela contribuição.

Em tempos de revisionismos e intolerâncias colocar à disposição dos leitores um livro que mostra como muitos alemães combateram o nazismo tem uma contribuição que vai muito além da historiografia. É um livro que ajuda na formação de uma cidadania mais plena e consciente e que fortalece a convicção que todo regime autoritário tem que ser combatido.

Adelar Heinsfeld
PPGH/UPF

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2017 uma matéria da agência de notícias alemã *Deutsche Welle*, intitulada, *As conexões entre os Neonazistas dos EUA e da Alemanha*, fez menção ao avanço da extrema direita nos Estados Unidos em torno dos grupos da chamada “supremacia branca”, aliada aos movimentos neonazistas. Uma passeata, que terminou com violência e morte na cidade de Charlottesville, Virgínia, atraiu movimentos nacionalistas e neonazistas, que apresentavam suásticas, frases antisemitas e dizeres como “*Blood and Soil*” (Sangue e solo). Segundo a matéria, para entender o fenômeno atual, “é necessário lembrar dos fortes laços históricos entre os nazistas dos dois países, que remontam a antes da ascensão do partido na Alemanha.”¹ Assim como na experiência nazista das primeiras décadas do século XX, o discurso neonazista é pautado na violência e no ódio contra tudo aquilo que for considerado nocivo para a preservação do que consideram um “tipo ideal cidadão”, baseado no conceito de “supremacia racial”. A proliferação de adeptos a esse tipo de conservadorismo pelo mundo todo, que seguem apoiando discursos quem tem como base a xenofobia e a intolerância, traz à luz um dos papéis fundamentais da História: o de manter o passado como uma voz sempre presente que alerta aos problemas que se apresentam no cotidiano.

Eric Hobsbawn, na obra *O século XXI: reflexões sobre o futuro*, traz um elemento interessante para a discussão sobre o papel da História. Ao comentar sobre as condições que o historiador tem de analisar as conjunturas sócio-políticas que se encontram em formação ele afirma que:

Todos nós prevemos ou tentamos prever o futuro. Faz parte da vida e dos negócios tentar perceber o caminho que o futuro vai percorrer, enquanto nos for possível. Mas o processo de previsão do futuro deve necessariamente apoiar-se no conhecimento do passado. O que irá acontecer tem de estar ligado com o que já aconteceu, e é neste ponto que o historiador entra em cena. (HOBSBAWN, E. 2000,p.11.)

1 Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/as-conex%C3%B5es-entre-os-neonazistas-dos-eua-e-da-alemanha/a-40140249> consultado em 14 de junho de 2018.

O lugar da História não é fixo no passado, pois sua prática parte do presente, servindo para repensá-lo. Essas condições de refletir sobre as mudanças e permanências percebidas no tempo contribuem para criar conjecturas das transformações sociais, políticas ou econômicas. Sendo assim, a História pode servir como instrumento de intervenção na esfera pública enquanto casos de intolerância e xenofobia ganham cada vez mais espaço nos noticiários.

Por isso mesmo debater o nazismo e fascismo, que são os próprios detentores das maiores experiências de segregação e perda de liberdades individuais na história recente, se faz extremamente necessário. O distanciamento dos fatos ocorridos com a ascensão do *III Reich* durante a Segunda Guerra Mundial dá a falsa impressão de que estes movimentos não têm mais a possibilidade de afetar a realidade contemporânea. Por isso a relevância da participação da ciência histórica no debate público, trazendo à tona temas dessa natureza:

Não podemos tratar o fascismo como um movimento morto, que pertence à história sem qualquer papel político contemporâneo. Encontramo-nos, desta forma, numa situação insólita: sabemos qual a prática e as consequências do fascismo e sabemos, ainda, que não é um fenômeno puramente histórico, aprisionado no passado. (SILVA, 2000, p.112)

Em *As origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt rompeu com a interpretação de que o holocausto tenha sido um fenômeno excepcional no mundo moderno. Os antecedentes do projeto nazista que visava a “solução final” – morte aos judeus – têm suas raízes no colonialismo europeu, ao criar uma eficaz “máquina administrativa” capaz de eliminar prisioneiros e civilizações inteiras que consideravam oposição ao avanço da “modernidade”. O Estado nazista burocratizou a execução de milhões de judeus e outros povos considerados inimigos da nação alemã a partir de técnicas avançadas de organização que permitiram sistematizar os assassinatos nos campos de concentração. (ARENDDT, 1989)

Corroborando com a concepção de que o problema do nazifascismo não deve ser encarado como um evento exclusivo e encarcerado do seu tempo, Zygmunt Bauman desenvolveu uma importante reflexão sobre o advento do nazismo. Na obra *Modernidade e Holocausto*, Bauman afirma

que o holocausto e as atrocidades cometidas não são problemas exclusivos da relação entre judeus e nazistas, mas sim fruto da modernidade, portanto um problema da civilização moderna. Para ele “O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura.” (BAUMAN, 1998, p.12) Atribuir o Holocausto há uma espécie de “desvio de conduta” da civilização moderna seria negar todas as relações políticas e sociais construídas durante a ascensão dos regimes totalitários que resultaram diretamente nos crimes de genocídio e na guerra total.

Neste sentido, o estudo da política aliada às atividades cotidianas encontra-se no cerne da atividade do historiador. Seu papel está na possibilidade de entender o processo socializador e as suas possibilidades para a emancipação do indivíduo frente à sociedade. Considera-se a concepção historiográfica consolidada por Marc Bloch e Lucien Febvre em torno da Revista dos *Annales*, e os desdobramentos da Nova História, como aporte teórico adequado para a construção dos argumentos na presente pesquisa. Nesse caso, a concepção de História em que o estudo das relações entre as pessoas é que produz o saber histórico.

À história ele atribui como objeto o estudo do homem, enquanto integrado num grupo social; e Lucien Febvre acrescenta: Não o homem, mais uma vez, não o homem, nunca o homem. As sociedades humanas, os grupos organizados (LE GOFF, 2003, p. 24)

Se considerarmos os aspectos políticos e culturais como complementares um do outro, é possível abordar esses temas a partir de novas interpretações, expandindo as possibilidades de uso das fontes, tais como as ocorrências, a legislação, os processos-crime, os diários, a documentação oficial produzida, os jornais, a propaganda, a produção literária do período, cartazes, etc. Pensar as novas abordagens da História Política significa entender como as concepções do cotidiano se ampliaram na ciência histórica. Aliar a política ao cotidiano permite desvendar-se questionamentos inerentes ao espaço público, à família, às tradições, às relações de poder e coerção social. Por isso, a política não pode ser tratada como um elemento isolado que por si só produz significado, ela própria é resultante e resultada de diversos outros elementos

[...] a história que não sabe o que são nem a diplomacia em si, nem uma política sem ligação com a economia, nem uma economia que não reflita, juntamente com a ação dos fatores físicos e naturais poderosos, o papel, não menos ardente, destas forças espirituais ou psicológicas que se vê (ou se sente) correr no meio de todas as manifestações de atividade humana, como o fogo entre as matérias explosivas, infatigável e estridente. (FEBVRE, 1989, p.70-71)

O âmbito político está invariavelmente atrelado ao âmbito privado, pois aquilo que é político expande-se e transforma-se em social, refletindo nas atividades diárias dos indivíduos. O político não pressupõe fronteiras pré-determinadas, pois as ações dos indivíduos podem ganhar dimensões amplas ou fechadas. Rene Rémond alerta

Lembremos apenas alguns dados elementares, que possam servir de critérios operatórios para o discernimento dos objetos. Se o político é uma construção abstrata, assim como o econômico ou o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional ou se imiscui na sua vida privada. (RÉMOND, 1996, p.442)

Desta forma, o político não pode ser estabelecido a partir de fronteiras e grupos específicos, mas sim de cada atividade relacionada ao cotidiano das pessoas. Com isso o cotidiano vai ganhando novos significados a partir das diversas vivências sociais.

O objetivo desta pesquisa é compreender a acepção da luta política dos movimentos alemães antinazistas que atuaram no Brasil, buscando a reconstituição das ideias que circulavam entre esses movimentos com os grupos antinazistas de fala alemã na América Latina e Estados Unidos durante os anos de 1933 a 1945. A tese central é a de que os exilados de fala alemã antinazistas que se estabeleceram nas Américas formaram um amplo grupo político, com objetivos ora convergentes, e ora divergentes, atuando decisivamente na esfera pública e na construção das ideias que combateram o nazismo, sem ater-se exclusivamente às ideologias à esquerda do espectro político, compondo um quadro complexo de ideias políticas. Esses movimentos geralmente foram formados por grupos de indivíduos que buscaram fugir das perseguições do Regime Nazista, os quais tinham como atividades a política, as artes, o universo intelectual, e na maioria das vezes planejavam o seu regresso para o país de origem.

Para tanto, utilizou-se a produção literária, como revistas, jornais, artigos e correspondências pessoais dos exilados, bem como materiais da imprensa e dossiês das polícias do Brasil e dos Estados Unidos, que investigaram essas atividades. O uso destas fontes foi possível por meio das pesquisas realizadas em arquivos brasileiros, uruguaios e estadunidenses, que permitiram compreender como as conexões entre os antinazistas no continente americano contribuíram para trazer um debate global para espaços nacionais, entrelaçando-se com as conjunturas regionais.

Para Marlen Eckl, “A existência dos grupos políticos passou despercebido pela maioria dos próprios refugiados”. Segundo a autora, os movimentos antinazistas do exílio “permaneceram relativamente sem importância, uma vez que sua mensagem costumava ser difundida apenas no círculo dos que compartilhavam das mesmas ideias.” (ECKL, 2015, p.153) Em discordância desse entendimento, nesta pesquisa buscou-se comprovar que as lutas antinazistas dos exilados nas Américas estiveram inseridas num amplo contexto global, com a participação de importantes intelectuais e circulação de ideias que promoveram um debate internacional no combate ao nazismo.

A investigação está restrita a países da América do Sul - Brasil, Argentina e Uruguai - e aos Estados Unidos, na região de fronteira entre a Califórnia e o México. Nesta pesquisa, contou-se que nestas regiões ocorreram contatos entre os exilados de fala alemã de forma muito significativa, formando um espaço de trocas de experiências e de ideias.

Historicamente, Brasil, Argentina e Uruguai foram palcos de importantes intercâmbios de movimentos políticos, e neste caso, com a América do Norte. Tal fato pode ser observado não apenas do ponto de vista geográfico, mas também pela sua formação, apresentando processos de colonização similares. Esses países receberam grandes levadas de imigrantes europeus durante o século XIX, aumentando o número de entradas no século XX. Sendo assim, as fronteiras estabelecidas geograficamente na região nem sempre fizeram sentido para algumas práticas culturais, sociais e políticas. Em outros termos, podemos perceber os vários sentidos de região que a historiografia nos apresenta quando olhamos para as Américas. Para Chiaramonte,

a falta de relações significativas entre a economia e outras áreas da atividade humana, o que tornaria possível definir regiões

econômicas, assim como outras culturais, políticas ou qualquer outra, sem necessariamente relacionadas umas com as outras. (CHIARAMONTE, 2008, p,12)

²Nesse sentido, o caso dos movimentos dos alemães antinazistas nas Américas representou justamente a formação de uma região específica de lutas políticas, pois ao evocarmos o conceito de História Regional de Chiaramonte, pensado a região também como espaço de ideias, podemos perceber essa possibilidade de análise. Ainda em Chiaramonte,

Vemos aqui que, por um lado, a região é uma realidade, moldada pelo efeito dos transportes, comunicações e cultura. E, por outro lado, que a região é uma construção intelectual, que depende dos objetivos da regionalização e, portanto, admite sua coexistência com outras regiões possíveis de acordo com a diversidade desses objetivos. (CHIARAMONTE, 2008, p. 12-13)³.

Como as demais áreas dos saberes científicos, a História também se molda por meio de revoluções em suas concepções metodológicas. Quando Marc Bloch e Lucien Febvre iniciaram o movimento historiográfico em torno dos *Annales* em 1929, algumas bases que norteavam o estudo da História sofreram profundas modificações. Sem entrar no mérito de todos os aspectos que os *Annales* trouxeram de inovação para a História, a sua grande contribuição está em aproximar disciplina com outras áreas do saber, gerando inúmeras possibilidades de interdisciplinaridade. Nesse caso a geografia foi uma das áreas em que a História buscou aproximação, afetando diretamente a noção e discussão sobre os conceitos de região empregados na História. Isso fez com que as fontes passassem a mostrar outros aspectos que não apenas o que estava escrito claramente, mas também aquilo que poderia interligar e aproximar espaços antes separados por divisões político-administrativas. Segundo Barros,

2 Otro, el de la inexistencia de relaciones significativas entre la economía y otros ámbitos de la actividad humana, lo que haría posible definir regiones económicas, así como otras culturales, políticas o lo que se quiera, todas sin necesaria relación entre sí.

3 Vemos aquí que, por un lado, la región es una realidad, la que está conformada por efecto del transporte, las comunicaciones y la cultura. Y, por otro, que la región es una construcción intelectual, que depende de los objetivos de la regionalización y que, por lo tanto, admite su coexistencia con otras posibles regiones según la diversidad de esos objetivos.

no momento, interessa-nos falar nos territórios que o historiador produz ao se apropriar dos discursos, das informações e dos resíduos que lhe chegam de uma determinada realidade vivida através daquilo que ele chama de “fontes primárias”. O historiador trabalha com territorialidades superpostas em sua operação historiográfica. (BARROS, 2010, p. 115)

Isso significa que ao estabelecer uma região de estudo *a priori*, e baseado puramente em fronteiras tradicionalmente estabelecidas, o historiador corre o risco de não perceber tudo aquilo que as fontes estão dizendo. Ao olharmos com mais atenção para os documentos podemos nos deparar com aproximações e similaridades entre os espaços que as fronteiras “oficiais” podem “esconder”.

Neste sentido, importa salientar que, de forma alguma o espaço administrativo deixa de ser considerado ao perceber a região como um espaço de circulação de ideias, o que ocorre é que eles passam a coexistir.

Para além de pesquisar e levantar dados sobre os movimentos políticos antinazistas no exílio, adotou-se como perspectiva metodológica a história transnacional. Essa escolha nos inspira a não olhar apenas para as trocas de bens e capitais entre as sociedades, mas principalmente as trocas no mundo das ideias. No argumento da historiadora norte-americana, Barbara Weinstein, com a História Transnacional

A ideia não é mudar da esfera cultural para a esfera política: pelo contrário, o argumento é a impossibilidade de entender os desdobramentos políticos sem uma consideração mais cuidadosa dos intercâmbios culturais, e o papel da cultura nos projetos interamericanos (sejam promovidos pelos estadunidenses, seja pelos latino-americanos ou seja pelo que não têm um ponto de origem que possamos identificar com clareza). (WEINSTEIN, 2013, p. 17)

Dessa forma, a história transnacional está intimamente ligada com a história cultural, uma vez que a proposta é justamente ir além dos métodos mais tradicionais da História Política ao olhar para questões que envolvem as interações globais,

A história transnacional examina as unidades que se espalham pelas fronteiras nacionais, unidades maiores e menores que o estado-nação. Os modelos internacionais têm guiado a história diplomática, a história militar e os campos relacionados; seu foco estatal se mostra menos atraente para os historiadores de assuntos não-elites, o que

em parte explica a adoção do método transnacional por historiadores sociais e culturais. (SEIGEL, 2005, p. 63)⁴.

Nesse aspecto, interessa observar os intercâmbios entre as sociedades envolvidas, buscando compreender como essas redes extrapolam os espaços nacionais, criando um debate global, exemplificado nos movimentos antinazistas dos Estados Unidos e da América Latina. Para a historiadora Angela Meirelles de Oliveira, a análise a partir das perspectivas transnacionais no permite problematizar muito mais as ideias do que somente as fronteiras (OLIVEIRA, 2013, p.16).

Contudo, nessa pesquisa não se exclui a utilização de métodos comparativos na história, entendendo que ao utilizar as perspectivas de comparação e conexão não estamos excluindo a história transnacional. Ao contrário disso, os métodos se combinam, partindo das mesmas premissas, problematizando as ideias. Desde o surgimento de novas abordagens das teorias da história, como a história conectada e a perspectiva da história transnacional, a história comparada sofreu várias críticas, de maneira geral, relacionadas a ênfase ao nacional que se observa em seu método (PURDY, 2012).

Considerando que os movimentos antinazistas entre exilados alemães ocorreram ao mesmo tempo e de forma comum em vários países das Américas, o estudo desses eventos de forma comparada contribui para entender como cada uma dessas experiências em espaços nacionais distintos se desenvolveu de forma diferente, de acordo com suas especificidades regionais. Marc Bloch apontou para as possibilidades de se estudar a “unidade problema” ao invés de se restringir à “unidade lugar”, permitindo com isso estabelecer conexões entre os eventos, as “semelhanças entre os fatos, e certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar” (BLOCH, 1998, p.121). Sendo assim, o estudo da circulação de ideias aliado ao método comparativo compõe um aspecto importante dessa pesquisa. As possibilidades de utilização das abordagens supracitadas são reforçadas com aporte teórico de Maria Ligia Prado (1994), na obra *A formação das*

4 Transnational history examines units that spill over and seep through national borders, units both greater and smaller than the nation-state. International models have guided diplomatic history, military history, and related fields; their state focus proves less compelling for historians of nonelite subjects, which in part explains the embrace of transnational method by social and cultural historians.

nações latino-americanas, ao comparar e conectar as ideias que circularam na América Latina durante o processo de formação dos Estados-Nação.

Sobre o aspecto da circulação de ideias, as reflexões do historiador David Armitage, da Universidade de Harvard, são importantes suportes teóricos para a pesquisa. Armitage (2012) retornou ao clássico estudo do século XIX, *“The New History”*, de Frederik Jackson Turner e James Harvey Robinson, para demonstrar as primeiras indagações sobre o estudo das circulações de ideias para além dos espaços nacionais. “Ideias, até mesmo mercadorias, recusam os limites de uma nação... isso é verdade, especialmente no nosso mundo moderno, com seu comércio complexo e com meios de conexão intelectual” (TURNER, ROBINSON apud ARMITAGE, 2012, p. 04). No contexto dessa pesquisa, a transmissão e circulação de ideias tornaram-se objetos fecundos para o estabelecimento de análises das lutas políticas dos exilados nas Américas, que permitiam diálogos de interesses em espaços nacionais distintos. Segundo David Armitage (2012, p. 09)

O espaço é, agora, a fronteira final para a história intelectual. A “international turn” reviveu o interesse em concepções de espaço ao observar áreas que eram maiores que nações, não confinadas pelas fronteiras políticas dos Estados e conectadas por ligações e circulações transnacionais. A maioria da população mundial, para a maioria da história registrada não viveu em Estados-nações, mas em impérios, aqueles expandidos, políticas estratificadas que projetavam vários tipos de universalismos no sentido de suspender as diferenças entre populações sem lutar pela uniformidade entre elas.

Neste cenário de debates a participação dos exilados de fala alemã não ocorreu somente de forma individual, os indivíduos estiveram inseridos em grupos, associações ou comitês, que permeavam os discursos, utilizando quase sempre materiais de divulgação, como revistas, jornais e programas de rádios. Na pesquisa também pretendeu-se analisar a relação do indivíduo, do grupo e da atuação nos periódicos que serviram como instrumentos de circulação dessas ideias.

O estudo dispõe de fontes de diversas naturezas. Foram observados documentos das Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS) nos Arquivos Públicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, além de documentos do Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro. As análises que a imprensa realizou em jornais e revistas do Brasil e Uruguai

também serviram de fontes, o que possibilita a observação da recepção e publicidade dos grupos de alemães antinazistas nas regiões estudadas. As produções literárias, como as revistas *Freies Deutschland*, do México e a *Das Andere Deutschland*, da Argentina, editadas pelos movimentos políticos de exilados de fala alemã também foram relevantes para a pesquisa. Nos Estados Unidos, os arquivos do *Exiled German-speaking Intellectuals in Southern California Research*, na *University of Southern California*, são utilizados neste estudo para a compreensão das ideias políticas entre os exilados de fala alemã da Califórnia e do México.

Além dos periódicos e de tudo que foi veiculado na imprensa em geral, os arquivos produzidos pelas autoridades policiais durante investigações dos grupos de alemães antinazistas tornaram-se férteis fontes para esta pesquisa. Impulsionados pelas políticas de perseguição aos estrangeiros e ao comunismo, os relatórios das investigações policiais são ricos em correspondências e materiais escritos pelos indivíduos exilados, objetos de estudo desta pesquisa. No caso do Brasil, os arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) passaram por um longo processo de catalogação e organização a partir de 1990, sendo todos eles transferidos para os Arquivos Públicos Estaduais, permitindo análises históricas dos períodos em que atuou, com fontes inéditas. Como demonstra Bacellar (apud FIUZA/BAGGIO, 2013, p.433)

Para o período republicano recente, merece grande destaque os acervos do Deops, recolhidos aos arquivos públicos estaduais durante a década de 1990. Vastos, tais acervos vêm sendo intensamente pesquisados, revelando os bastidores da ação repressiva do Estado contra grupos ou pessoas considerados perigosos, subversivos. O denso material, constituído de fichas de arquivo e de prontuários por indivíduos ou por pessoa jurídica - sindicatos e partidos, entre muitos outros - tem permitido a análise sob os mais variados enfoques.

O termo antinazismo além de ser empregado nesta pesquisa para explicar a oposição de parte do povo alemão ao Terceiro Reich, é especialmente adotado para identificar os grupos organizados que aglutinaram os indivíduos que partilhavam desta oposição. Pretende-se com esse trabalho demonstrar que os movimentos de alemães antinazistas não se restringiram a uma ou outra ideologia política, mas diversos grupos organizaram congressos, manifestos e outras formas de tornar pública a oposição ao regime nazista.

O antifascismo e antinazismo na América Latina passaram por algumas experiências particulares, uma vez que a heterogeneidade de suas raízes ideológicas superou a possibilidade de uniformização do movimento. Segundo Adrés Bisso, os movimentos antifascistas na América do Sul representaram uma tentativa de adaptação do modelo europeu. Segundo o autor o antifascismo no continente foi “un discurso ideológico que sirve como herramienta de operación política a través de la cual se intenta [...] ubicar al enemigo circunstancial em una posición de disparo segura, al identificarlo con la desacreditada figura de fascista” (BISSO, 2000, p.34). Para além dessa compreensão, o antifascismo adquiriu características particulares no contexto dos países latino-americanos. Um dos argumentos para identificarmos essa singularidade é justamente a formação de uma região ideológica, em grande parte atribuída aos movimentos de imigração europeia nos países do Cone Sul. (OLIVEIRA, 2013)

A vinda sistemática dos imigrantes alemães ao Brasil, Argentina e Uruguai entre o século XIX e XX formou um ambiente singular nestes países. A dificuldade, em grande medida pela falta de interesse do poder público, na assimilação das comunidades germânicas com o contexto nacional dos países em que estabeleceram abriu caminho para os debates sobre a necessidade de “nacionalizar” essas comunidades. Quando o Partido Nazista (NSDAP- *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) assumiu o poder na Alemanha, uma quantidade expressiva de opositores do regime teve que deixar o país, buscando exílio na Europa, Estados Unidos e América Latina. Neste caso, em sua maioria, tratava-se de intelectuais, políticos e pessoas ligadas à diversas atividades culturais. É neste ambiente que os exilados passaram a organizar movimentos de oposição ao regime nazista, formando grupos e associações que tinham em comum o combate ao nazismo.

Ao aprofundar a pesquisa sobre a relação entre as questões que envolvem o exílio e os nacionalismos, são necessárias abordagens específicas. A noção de Estado e Nação para os exilados era um tanto conturbada. em muitos casos sentiam-se parte de um país localizado em outro continente, mas viviam em um local em que, no contexto de guerra, eram vistos como inimigos. De fato, a dificuldade estava em compreender como essas nações poderiam experimentar a convivência de culturas diferentes em um mesmo espaço. Logicamente, isso se deve ao fortalecimento dos

nacionalismos durante a Segunda Guerra Mundial, e as posições de cada país no conflito. Segundo Thiesse, a Nação é em si um espaço plural. Para a autora “Todo espaço estatal é a priori heterogêneo, reunindo populações que podem reclamar pertencimentos nacionais diversos, ou mesmo específicos.” (THIESSE, 2001/2002, p. 18.)

Os movimentos antinazistas dos exilados de fala alemã enfrentaram também o problema de “disputar” a sua causa com o próprio NSDAP, que manteve a política de recrutar membros para o Partido, até mesmo no exterior. Esse discurso pautava-se na ideia do *Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo), pretendendo atingir a comunidade alemã espalhada pelo mundo. Na tese de doutoramento da historiadora Ana Maria Dietrich intitulada *Nazismo Tropical*, é possível compreender esse processo. Ao analisar a atuação da Organização do Partido Nazista no exterior (A.O.), a pesquisadora afirma:

A base ideológica era de que as fronteiras alemãs não seriam delimitadas pelo território, mas sim pela chamada “raça ariana”. Onde houvesse o sangue germânico, haveria simbolicamente a Alemanha, enquanto nação universal. Os alemães ao redor do mundo – intimamente ligados pelos laços de sangue – formariam a sonhada *Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo). O objetivo era chamar cada um deles onde quer que estivessem para seu dever de servir a Pátria. Toda a propaganda da A.O. foi dirigida na direção de um chamado – todos os alemães deveriam fazer a sua parte para o crescimento da nação, mesmo que, muitas vezes, isto acarretasse em sacrifícios. (DIETRICH, 2007, 145)

Neste contexto, o nazismo buscava meios para infiltrar-se em todas as regiões em que formaram-se colônias alemãs, embora o número de filiados ao NSDAP tenha ficado em torno de 2900. (DIETRICH, 2007; MORAES, 1996) Além disso, não foram apenas os filiados ao NSDAP que serviam de forma direta aos interesses do *III Reich*. Em muitos casos, mesmo que de forma indireta, muitos imigrantes e descendentes de alemães tornaram-se fundamentais para a difusão do nazismo fora do território alemão. Para a historiadora Marionilde Brehol de Magalhães, no Brasil, esse processo foi intenso:

A formação de células da A.O. no Brasil, e com elas o advento de querelas sobre o direito à pertença à comunidade alemã, é iniciada com

a criação de grupos locais e a divulgação de material de propaganda sobre o partido. Ela também ajuda a formar novas associações, tais como a Hitler Jugend (Juventude Hitlerista), Arbeitsgemeinschaft de Deutchen Frauen (Comunidade de Trabalho Feminino Alemão), Deutsche Arbeitsfront (Frente de Trabalho Alemão) e a federação “25 de julho”, que postulava uma maior participação dos teutos no Brasil, contrariamente ao que se propunha o NSDAP local. (MAGALHÃES, 2014, p. 138)

Estas disputas por capital simbólico do que representava “ser alemão” foram verificadas nos discursos dos movimentos de alemães antinazistas. Além do antinazismo, enfrentavam o problema da dificuldade em encontrar elos que os unissem a causa. Descrever esse processo também é parte dos objetivos da presente pesquisa.

Diferentemente do Brasil, as pesquisas sobre as atividades dos exilados de fala alemã receberam bastante destaque na historiografia estadunidense. A presença de importantes escritores como Thomas Mann, Heinrich Mann e Bertolt Brecht no sul da Califórnia, foram relevantes para o volume de pesquisas que se produzidas por historiadores norte-americanos. A *University of California Los Angeles* (UCLA) e a *University of Southern California* (USC) tornaram-se referência na produção de pesquisas sobre o tema. Nos anos 1970 a produção historiográfica sobre o tema ganhou fôlego a partir da presença da pesquisadora alemã Marta Mierendorff com a criação do “Departamento de Alemães” na USC. Congressos e Seminários deram origem à reunião e catalogação dos documentos disponíveis no que transformou-se no arquivo denominado “*Exiled German-speaking in Southern California*” que reúne grande acervo documental do período. O artigo “*The impact of German-American Nazi Movement in Southern California on the Emigré Culture*” (MIERENDORFF, 1970, USC speciall Colections, Box 67, folder 45), escrito por Marta Mierendorff, resultado da aula inaugural do curso de História, em agosto de 1970, abriu um leque de possibilidades de estudos sobre o exílio, servindo como marco das pesquisas posteriores.

Nas últimas décadas os trabalhos dos historiadores Ehrhard Bahr e Alexander Stephan ampliaram as possibilidades de pesquisas sobre a atuação política dos exilados de fala alemã antinazistas nos Estados Unidos e no México. Bahr elaborou um amplo estudo sobre o exílio de escritores alemães em Los Angeles e os debates políticos entre eles no contexto da

crescente indústria cinematográfica de *Hollywood*. A obra reconstitui o cotidiano das discussões recorrentes entre os escritores no exílio, revelando a diversidade das filiações ideológicas que compunham os movimentos antinazistas. O próprio termo “Weimar no Pacífico”, que deu nome à sua obra, explica a abordagem geral do autor, ao trazer à luz o problema da falta de unidade entre eles, reflexo do contexto político do período da República de Weimar, exemplificado pelas discussões públicas entre Thomas Mann e Bertolt Brecht sobre a posição que os grupos no exílio deveriam tomar em relação aos acontecimentos na Alemanha. O autor ressaltou também a influência que o universo cultural e político de Los Angeles exerceu nos exilados de fala alemã, mostrando que muito das suas posições adotadas na luta contra o nazismo foi em defesa do dos “valores liberais” experimentados nos Estados Unidos.

Na recente publicação o historiador Steven Ross, do departamento de História da USC, “*Hitler in Los Angeles: How Jews foiled nazi plots against Hollywood and America*” (ROSS, 2017) analisou a participação dos judeus exilados em Los Angeles e sua atuação efetiva contra o nazismo. A pesquisa revela a relação dos judeus com a indústria de *Hollywood*, em cooperação com as autoridades norte americanas na contraespionagem nazista. Na abordagem do pesquisador, fica evidente a tentativa de penetração do nazismo nos EUA como um todo, mas também muito especificamente na Califórnia, o que tornou um território importante para atuação dos movimentos antinazistas naquela região.

Na América do Sul, é na Argentina que a preocupação da historiografia com os grupos antifascistas tem se mostrado mais contundente. As pesquisas realizadas nos últimos anos por historiadores argentinos como Adrés Bisso, Ricardo Pasolini e German Friedman, contribuem para a investigação, abrindo caminho para os estudos do antifascismo não só na Argentina, mas em toda a América Latina. Enquanto Pasolini escreveu sobre o grupo antifascista denominado *Associação de intelectuais, artistas, jornalistas e escritores* (AIAPE) (PASOLINI, 2008), além de outras instituições similares e Bisso (BISSO, 2005) pesquisou o movimento antifascista *Ação Argentina* (BISSO, 2005), Friedman se concentrou nas pesquisas sobre o movimento de alemães antifascistas do grupo *Das Andere Deutschland* (A outra Alemanha), tornando-se grande referência para as investigações

sobre o antinazifascismo e a história política e social da Argentina.

A obra de German Friedman, intitulado *Alemanes antinazis em la Argentina* (FRIEDMANN, 2010), é uma versão revisada de sua tese de doutoramento, *Das Andere Deutschland. La otra Alemania en la Argentina: Germanoparlantes antinazis en Buenos Aires, 1937-1948*, defendida na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Nesse estudo o autor procurou compreender toda a atuação do movimento antinazista na Argentina e suas ligações com grupos de intelectuais daquele país. O autor destaca que grupos de alemães e descendentes ligados ao Partido Comunista também se articularam contra as ideias hitleristas entre os imigrantes na Argentina. Friedman buscou organizar um mosaico de ideias que representam o combate ao nazismo dentro de grupos germânicos, onde a intenção do *Das Andere Deutschland* (DAD) era justamente demonstrar que existia uma “outra Alemanha”, que não compactuava com a ideologia nazista. Objetivando, dessa forma, romper com a concepção de que os imigrantes alemães na Argentina formavam um grupo coeso de adeptos ao nazismo.

No Brasil os estudos sobre organizações antifascistas têm aparecido com mais destaque apenas nas duas últimas décadas⁵. Na historiografia brasileira a pesquisa da historiadora Angela Meirelles Oliveira, que produziu um estudo sobre os grupos antifascistas entre os intelectuais brasileiros, argentinos e uruguaios, serve como referência. A tese defendida na USP, *Palavras como balas: Imprensa e intelectuais antifascistas no Conesul (1933-1939)*, trouxe à luz a discussão sobre a atuação desses grupos no cotidiano da América Latina, mostrando as suas origens, intenções e práticas. Não raro os embates entre integralistas e antifascistas ocorreram no Brasil, seja através de palavras ou pelo uso da força

Nos momentos iniciais da luta antifascista em que se engajaram os intelectuais brasileiros, fica evidente a fragilidade das alianças e a dificuldade em estabelecer ações conjuntas entre as distintas vertentes de esquerda do país. O exemplo mais conhecido de união das forças antifascistas no período foi a “Batalha da praça da Sé”, em outubro

5 A referência mais completa aos exilados de fala alemã no Brasil é a obra *Exílio e Literatura*, de Izabela Furtado Kestler (2003), do departamento de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A obra serve de importante referência bibliográfica para a presente pesquisa.

de 1934. O confronto armado entre as organizações antifascistas e o integralismo, que realizava constantes marchas e manifestações pela cidade, teve a participação da FUA e de alguns militantes do PCB, e resultou em mortos e feridos entre antifascistas, integralistas e policiais. (OLIVEIRA, 2013 p. 54)

Em muitos casos a luta antifascista nas Américas esteve principalmente ligada ao comunismo. Núcleos de partidos e movimentos de esquerda representavam no Brasil uma tendência mundial de conflitos entre fascistas e comunistas. Mas como a própria autora afirma em sua tese, a luta antifascista não foi uma exclusividade de grupos comunistas ou da coordenação da Internacional Comunista, foi também um debate amplo que ultrapassou as fronteiras nacionais, estabelecendo diálogos entre países da América Latina e Europa. (OLIVEIRA, 2013 p. 09)

Dessa forma, o leque de possibilidades na historiografia brasileira tem se mostrado extremamente fértil nos estudos sobre os movimentos dos alemães antinazistas que atuaram no país. Apesar do grande volume de documentos em arquivos brasileiros sobre o tema, a falta de políticas específicas do governo Vargas para lidar com a questão dos exilados, muitas vezes fizeram com que essas pessoas fossem tratadas como imigrantes, dificultando os enfoques e perspectivas sobre o exílio, que a historiografia norte-americana tratou de forma mais específica, exemplo. Por isso a relevância do cruzamento de fontes e perspectivas historiográficas com outros países em que as atividades políticas no exílio foram intensas.

Para atender ao objetivo da pesquisa apresentado anteriormente buscamos elaborar uma divisão de temas e subtemas que consigam fornecer uma compreensão mais didática possível das atividades antinazistas entre os exilados de fala alemã. Tal divisão se apresenta necessária, mas ao mesmo tempo complexa. Sendo assim, a opção foi organizar a pesquisa de forma que se compreenda quem são os alemães antinazistas e, posteriormente, como atuaram politicamente durante o exílio.

Portanto, esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo é apresentado o contexto histórico do surgimento e queda da República de Weimar, bem como a ascensão do nazismo durante as décadas de 1920 e 1930 na Alemanha. A perseguição aos opositores do *Reich* fez com que grupos de intelectuais e políticos fugissem da Alemanha

Nazista, estabelecendo-se primeiro em países vizinhos, para posteriormente buscar exílio nos Estados Unidos e na América Latina. Durante o exílio, muitos escritores, diretores de arte e pessoas envolvidas com outras atividades intelectuais envolveram-se diretamente com a política, seja na organização ou na atuação em grupos antinazistas. Nesta parte da pesquisa apresentam-se os argumentos que tornaram-se as bases para a construção do discurso de oposição ao nazismo, que repercutiram, principalmente, dos exilados alemães nos Estados Unidos, tais como Thomas Mann, Bertolt Brecht, Heinrich Mann, entre outros. Neste contexto, a experiência antinazista do grupo de Otto Strasser, dissidente do NSDAP, representou a primeira tentativa de organização do combate ao nazismo nas Américas.

No segundo capítulo, o objetivo é entender a atuação dos grupos de fala alemã antinazistas no Brasil. Dessa forma a pesquisa se debruça sobre o “Movimento dos Alemães Livres do Brasil” e o “Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil”. O primeiro deles foi liderado por Karl Lustig-Prean, austríaco exilado no Brasil durante a década de 1930 e 1940. Seu envolvimento nos movimentos antinazistas no Brasil representou importante elo entre o exílio na América do Sul com os grupos de exilados nos Estados Unidos e no México. A partir do acesso a alguns arquivos pessoais e documentos produzidos pelo DOPS, busca-se mapear a rede de atividades do grupo organizado por Lustig-Prean, tanto no Brasil como nos seus contatos com os escritores alemães exilados no sul da Califórnia. O outro grupo analisado, o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, foi liderado por Friedrich Kniestedt, militante anarquista que residia no Brasil desde a década de 1910. O grupo de Kniestedt notabilizou-se pela participação na circulação de ideias com os movimentos antinazistas da América do Sul, e em vários momentos apresentou-se como representante do movimento *Das Andere Deutschland* (A Outra Alemanha), da Argentina. Com a pesquisa pode-se compreender como Kniestedt manteve proximidade com as autoridades policiais do Rio Grande do Sul.

No terceiro capítulo, a pesquisa abre o leque de análise para os movimentos políticos dos exilados de fala alemã nos países vizinhos do Brasil: Argentina e Uruguai. É possível entender como se deram as relações entre os grupos da América do Sul pela ótica do grupo *Das Andere Deutschland*, da Argentina, importante movimento que organizou no ano de 1943 o

Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, em Montevideú, também amplamente estudado nesta pesquisa.

No quarto e último capítulo, buscou-se compreender a formação e atuação dos grupos de exilados de fala alemã nos Estados Unidos da América, principalmente no sul da Califórnia, onde a concentração de escritores alemães que mantinham contatos com os grupos do México e América do Sul foi maior. Os documentos disponíveis na *University of Southern California*, em Los Angeles, foram de extrema importância para a produção dessa pesquisa, pois revelaram a enorme influência que os intelectuais que deixaram a Europa para viver na costa norte-americana do pacífico durante a guerra exerceram nas atividades políticas do exílio em todo o continente americano.

CAPÍTULO 1

EXÍLIO E POLÍTICA: O ANTINAZISMO ENTRE OS ALEMÃES

O povo alemão precisa ter e terá seu “lugar ao sol” no mundo por vir. Mas se continuar a seguir seus aliciadores, passiva e ativamente, de maneira incondicional, então vamos reconhecer tarde demais que um povo não pode ter seu lugar ao sol quando cobre o mundo de trevas e de horror. Fora com os destruidores! Fora com os profanadores e algozes nazistas da Europa! Sei que apenas expresso o mais profundo anseio do próprio povo alemão quando clamo: Paz! Paz e liberdade! (Thomas Mann)

1.1 A República de Weimar e a ascensão do nazismo

Grande parte dos fundadores e líderes dos movimentos de alemães antinazistas foi ligada politicamente com a República de Weimar, que ao entrar em colapso foi substituída pelo regime nazista. Em sua curta duração (não tão curta quanto o Terceiro *Reich*) a República de Weimar enfrentou inúmeras dificuldades para a manutenção de um regime democrático na Alemanha. As dificuldades enfrentadas passaram pela inflação vertiginosa no seu início, a frágil legitimidade da Constituição até a depressão econômica ao seu final. No entanto, o grande problema enfrentado foi a oposição interna exercida pelos grupos nacionalistas da extrema direita alemã.

O discurso de oposição empregado pelos nacionalistas aumentou quando os termos de paz do Tratado de Versalhes vieram a público em 1919. Segundo esses termos, Alemanha e Áustria foram os únicos países responsáveis pela guerra iniciada em 1914, determinando que os alemães fizessem reparações financeiras aos países vitoriosos da Entente, aprofundando mais ainda a crise no país. Dessa forma, territórios foram cedidos à Polônia, além da devolução da Alsácia e Lorena para a França. Isso não apenas serviu para o agravamento da situação financeira da Alemanha, mas também feria

o orgulho dos nacionalistas que viam essa situação como uma afronta à soberania do povo alemão. Além disso, o exército e a marinha foram limitados para esses países, com o intuito de prevenir o avanço do militarismo. Todas essas medidas (além de muitas outras que constavam no Tratado de Versalhes) serviram para sustentar a propaganda nacionalista, não apenas na Alemanha, mas até mesmo em outros países da Europa.

Não pode haver dúvida de que a República de Weimar nasceu sob circunstâncias difíceis, de fato numa situação de derrota e humilhação nacional. Isso por si só era suficiente para condená-la aos olhos da direita alemã, que acusou os políticos democratas e socialistas de “apunhalar a Alemanha pelas costas” (GEARY, 2010, p. 25.)

Apesar do Tratado de Versalhes ser um fator de notável relevância para entender como o nacionalismo tomou conta da Alemanha, resultando na queda da República de Weimar, esse fator não basta para explicar esse processo, uma vez que o Tratado foi publicado em 1919, e o governo durou até 1933. Inclusive vários dos líderes de Weimar também se opunham a esse tratado. Nesse sentido, a questão do modelo de Constituição adotado no período pode ser um dos aspectos cruciais para entender a decadência do regime republicano. Segundo o historiador britânico Dick Geary, dois pontos da Constituição devem ser destacados a fim de compreender a derrocada da República de Weimar: os poderes conferidos ao presidente, e o sistema de representação proporcional absoluta (GEARY, 2010). No primeiro caso, a Constituição permitia que o presidente governasse por decreto em caso de emergência, sem nenhuma necessidade de consulta ao parlamento quando o governo constatasse que o país passava por algum perigo à soberania nacional. O segundo ponto refere-se ao fato de que as cadeiras do parlamento eram ocupadas pela proporção de votos que cada partido recebia. Isso significa que se um partido tivesse cinco por cento dos votos da população ele teria os mesmos cinco por cento das cadeiras do *Reichstag*. Por esse sistema, pequenos partidos, como o Partido Nazista (NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), por exemplo, puderam conquistar representatividade significativa no parlamento. Isso encorajou a proliferação de vários partidos políticos na Alemanha, o que gerou diretamente um modelo de governo de coalizão, com dificuldades complexas, dada a multiplicidade de ideologias partidárias no *Reichstag*.

No entanto, pode-se considerar que não apenas a quantidade de partidos foi nociva para a República de Weimar, mas a própria natureza deles, pois cada um deles atendia a interesses muito específicos. Em um panorama geral, os partidos representavam interesses próprios e não nacionais.

O SPD estava preocupado, primeiramente, em representar o eleitorado e seus membros da classe trabalhadora, e tinha laços estreitos com os sindicatos livres. O Partido Popular Alemão (DVP), por outro lado, estava intimamente alinhado aos interesses do grande negócio. Isso não teria impedido uma bem-sucedida política de coalizões em épocas de prosperidade econômica, ou quando questões de política externa predominavam. Isso era fatal, no entanto, em circunstâncias de depressão, quando a lucratividade declinante dos negócios levou o DVP a defender a diminuição dos encargos tributários e das contribuições para programas de bem-estar-social, ao mesmo tempo que o SPD reivindicava um aumento do financiamento do Estado para a crescente massa de desempregados. (GEARY, 2010. p. 28.)

Esses fatores levaram o modelo de coalizão ao colapso, impossibilitando um acordo entre o governo e os partidos. Por isso nos anos finais da República de Weimar prevaleceu o governo presidencial. Em outra perspectiva, o Partido Comunista Alemão (KDP- *Kommunistische Deutsche Partei*) não reconhecia a democracia da República de Weimar, denunciando que era apenas um “engodo capitalista”, e a saída era derrubar o governo com uma revolução proletária.

Aliado a todos os problemas até aqui elencados, as graves dificuldades financeiras enfrentadas nos anos 1920 fortaleciam ainda mais a oposição alemã. Dessa forma, os nazistas conquistaram quantidade significativa de votos a partir de 1928 em áreas agrícolas da Alemanha, e parte da razão para essas conquistas eleitorais estava justamente na crise econômica que atingia os camponeses alemães. Esse fato levou os dirigentes do NSDAP a mudarem sua estratégia eleitoral, pois apesar de não perderem o foco nas classes médias urbanas, perceberam que o voto dos camponeses também poderiam ser uma ponte para o aumento de cadeiras no *Reichstag*.

No início dos anos 1930 os problemas gerados pela crise econômica e pela campo multifacetado político-partidário da República de Weimar dificultavam ainda mais a sua existência. Medidas de austeridade tornaram-se corriqueiras, assim como o embate político, o que levou o chanceler Henrich Brüning a pedir sua renúncia em maio 1932. Paul von Hidenburg

indicou para o cargo Franz von Papen, alinhado com os partidos da direita no *Reichstag*. Sendo assim, a maioria política alemã cada vez mais se atrelava aos reacionários nacionalistas. Papen tomou medidas para diminuir os valores pagos pela assistência social, revogou proibições que recaíam diretamente sobre as SA (as tropas paramilitares nazistas), e acabou com o governo Social-Democrata da Prússia.

Em dezembro do mesmo ano, Kurt von Schleicher substituiu Papen no cargo de chefe do governo. Ao reaproximar o governo com alas mais à esquerda da política alemã, Schleicher passou a enfrentar ferrenha oposição do seu predecessor. Dessa forma, os conservadores se articularam em torno de Papen para indicar alguém de extrema direita para assumir o cargo de chanceler. Com amplo respaldo eleitoral do NSDAP e, portanto, popular, a indicação de Adolf Hitler tornou-se a via mais lógica a ser adotada pelos conservadores. Portanto, em 30 de janeiro de 1933, Hindenburg nomeou Hitler para o cargo de chanceler, supondo que seria fácil controlar o governo, pois os nazistas ainda eram minoria no novo gabinete.

Hitler tornou-se chanceler na Alemanha pelo fato de que os nazistas e os demais partidos conservadores partilhavam basicamente das mesmas opiniões: o nacionalismo, o anticomunismo, o antisemitismo e a repulsa pela República de Weimar. Aliado a isso, os grupos políticos que tornaram-se vítimas do novo governo pouco fizeram para impedir o seu avanço. Os partidos que poderiam fazer frente ao *Führer*, tais como KPD e Partido Social Democrata Alemão (SPD-*Die Sozialdemokratische Partei Deutschlands*), não uniram esforços para conter o início da “nazificação” do Estado alemão.

No entanto, a inabilidade política do SPD e KPD em chegar a um acordo não era resultado apenas de divisões políticas no nível das lideranças. Era também uma consequência da fragmentação social e econômica da classe trabalhadora alemã como resultado do desemprego em massa e de longo prazo. (GEARY, p.52)

O resultado da crise econômica que impulsionou o desemprego foi também a desmobilização dos trabalhadores, produzindo uma empatia social e descrença em relação aos movimentos políticos da classe operária. Para o historiador Eric Hobsbawn, a Grande Depressão, impulsionada pela crise de 1929, foi a grande responsável por tornar Hitler um fenômeno

político (HOBSBAWN, 2004). Todavia, tanto os conservadores, sociais-democratas e partidos de esquerda imaginavam que Hitler perderia seu poder já nas próximas eleições. No entanto, não foi isso que aconteceu, permanecendo no poder até sua morte em 1945, durante a tomada de Berlim pelo exército soviético.

Adolf Hitler não foi de fato o fundador do Partido Nazista, mas foi sob a sua liderança que o nazismo cresceu até tornar-se o próprio poder na Alemanha em 1933. O NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* - Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) tem suas raízes no nacionalista e racista DAP (*Deutsch Arbeiterpartei* - Partido dos Trabalhadores Alemães). Passou a ser chamado de NSDAP, em 24 de fevereiro de 1920, quando reestruturou sua base ideológica de acordo com elementos nacionalistas. Inicialmente a base discursiva do partido era a urgente revisão do Tratado de Versalhes e a retomada dos territórios perdidos com o tratado de paz (partes da Polônia, Alsácia e Lorena), além do projeto de unir todos os povos de origem germânica em um único *Reich*.

A partir de janeiro de 1933, quando Adolf Hitler tornou-se chanceler na Alemanha, os membros do Partido Nazista passaram a compor partes estratégicas do governo. No início havia apenas dois nazistas no Ministério: Hermann Göring e Wilhelm Frick. Atuando como ministro do interior da Prússia, Göring tinha poderes suficientes para consolidar o poder de coerção da SS e SA. Sendo assim, comunistas, sociais-democratas e judeus passaram a sofrer perseguições políticas e espancamentos já nos primeiros meses que sucederam a posse de Hitler. Segundo o historiador britânico Richard Bessel, a polícia nazista foi parte fundamental durante a fundação do *III Reich*, pois foram eles que criaram o clima de medo que calou muitos dos opositores de Hitler. (BESSEL, 1984.)

A nazificação do Estado alemão foi se consolidando de forma gradual e com certa rapidez. Em abril de 1933, os 18 estados alemães já eram controlados por nazistas, passando todos à subordinação do poder central a partir da legislação de 30 de janeiro de 1934. Neste contexto, a política interna e externa adotada por Hitler buscava esvaziar qualquer possibilidade de oposição ao seu governo.

O imperialismo, o militarismo e o pangermanismo foram entusiasticamente adotados pelos nazistas, constituindo a base de seus

argumentos em favor de uma drástica mudança na ordem mundial vigente. Deve-se destacar, contudo, que o nazismo enfatizava ainda mais os elementos de ordem racial, ao explicitar seu projeto de poder. (OLIVEIRA, 2011, p. 19)

O antissemitismo, que já era amplamente disseminado pelo NASDAP, foi sistematizado com a implantação de leis que corroboravam com a visão de mundo defendida pelos nazistas, em que os germânicos, por sua superioridade, eram destinados a governar outras etnias, tratadas como inferiores. Sendo assim, para o Estado nazista, os judeus não eram compatriotas, portanto deveriam ser excluídos do convívio social dos alemães.

Na reflexão de Zygmunt Bauman, uma das justificativas para a repulsa aos judeus veio de alguns valores culturais que eles representavam. Para os nazistas, os judeus representavam a atração doentia pelo acúmulo de bens que a modernidade trazia. Para ele, “a eliminação dos judeus foi então apresentada como sinônimo de rejeição à ordem moderna” (BAUMAN, 1998, p.83) Nesse caso, a ordem vigente da tradição germânica, pautada no nacionalismo e orgulho de pertencer à raça ariana, corria perigo com a presença dos judeus.

O racismo atua segundo as especificações no contexto de um projeto de sociedade perfeita e da intenção de realizar esse projeto através de um esforço planejado e consistente. No caso do holocausto, o projeto era o Reich de mil anos – o reino do Espírito Alemão liberado. Um reino que só tinha lugar para o Espírito Alemão. Não tinha lugar para os judeus, uma vez que os judeus não podiam ser convertidos a abraçar o Geist do Volk alemão. (BAUMAN, 1998, p. 88)

Buscando ampliar o controle sobre a cultura, o ataque a indivíduos e instituições que representavam alguma ameaça ao ideal nazista foi intensificado na Alemanha. Alfred Rosenberg foi designado para liderar a “polícia cultural” nazista, que tinha o objetivo de investigar e punir quem se manifestasse de forma contrária ao governo de Adolf Hitler. Rosenberg foi membro fundador da “Liga de Combate em Defesa da Cultura Alemã”, fundada em 1929. Esse grupo organizava palestras e discussões por toda a Alemanha atacando manifestações artísticas que consideravam “inadequadas aos ideais nórdicos”, e insistiam em “punições severas para diversas pessoas ligadas ao campo das artes, literatura e

teatro”. Em boletim distribuído pela Liga, estava a denúncia do que chamavam de “principais corruptores da cultura alemã”, como os escritores Thomas Mann, Bertolt Brecht, George Grosz e Erich Kastner. (*Heinrich Mann Papers. Box 11, folder 9. USC Special Collections*) Diversos outros intelectuais e artistas passaram a sofrer perseguições, tendo suas obras proibidas e suas atividades censuradas.

Algumas posições tomadas pelo governo Alemão na década de 1930 fez aumentar a quantidade de pessoas que deixaram o país temendo perseguições. As “Leis de Nuremberg”, em 1935, tiraram dos judeus a cidadania alemã, proibindo as relações afetivas entre alemães não-judeus e judeus. A “Noite dos Cristais”, em novembro de 1938, abriu diversos precedentes para a legitimação das prisões e assassinatos de opositores do nazismo⁶. Dessa forma, cada vez mais cidadãos alemães, e depois da anexação da Áustria em 1938, os austríacos, que faziam oposição ao nazismo, começaram a deixar o país, buscando exílio em várias partes do mundo. As experiências dessas pessoas foram transformadas em lutas políticas. Muitos daqueles que mantiveram-se afastados da política durante o processo de formação transição entre a República de Weimar e o regime nazista, passaram a usar todos os tipos de mídias para denunciar o que julgavam atrocidades cometidas pelo governo nazista na Alemanha. O destino de muitos deles foi o continente americano.

1.2 A presença do exílio no continente americano

A diversidade de motivos que levou as pessoas a deixar a Alemanha após 1933, e a falta de unidade durante o exílio, trouxe algumas divergências sobre a utilização dos termos para entender os eventos do período. O termo “emigração” foi rejeitado principalmente por aqueles que aderiram ao embate político contra o nazismo, como Bertolt Brecht em seu poema “*Concerning the Label Emigrant*”. (Sobre o Conceito de Emigrantes), ao escrever: “Eu sempre achei falso o nome que eles nos deram: ‘Imigrantes’. Isso significa aqueles que saem do país. Mas nós

6 Sobre as Leis de Nuremberg e a Noite dos Cristais ver: SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. New York: Rosetta Books, 2011.

não partimos de livre e espontânea vontade, escolhendo outra terra.”⁷ (BRECHT, 1997, p. 58). Em vários casos eles mesmos autodenominam-se imigrantes, exilados, expulsos, entre outros. No entanto, mesmo que alguns deixaram a Alemanha pela força, outros por escolha, todos deixaram a Alemanha por causa do Nazismo.

Propositadamente evita-se o termo “emigração” neste trabalho. Por tratar justamente das atividades políticas, opta-se pelo termo “exilados”, e como trata-se não apenas de alemães, mas também austríacos, utiliza-se “exilados de fala alemã” ao referir-se aos que participaram dos movimentos políticos antinazistas.

Os exilados de fala alemã, que se tornaram ferrenhos opositores do governo nazista, eram em sua maior parte envolvidos com o mundo das artes, da escrita e da intelectualidade de modo geral, posteriormente fazendo parte de movimentos políticos antinazistas, onde a fala predominante era o de que o povo alemão não poderia ser representado por um governo tirano tal como o instituído por Adolf Hitler. Segundo o discurso difundido por muitos deles, a “verdadeira Alemanha” era humanista e pacífica, e tinha como expoentes figuras como Goethe, Lessing, Schiller e Beethoven. Para eles, não era o autoritarismo nazista que representava a verdadeira política alemã, mas sim os valores emancipadores e democráticos da Revolução Francesa. (FRIEDMANN, 2010.)

Neste sentido, o escritor e a literatura são partes indelévels na formação do espaço político. Fruto da possibilidade de disseminação das formas de leituras, as discussões políticas são travadas também entre aqueles e por meio daqueles que escrevem. A ideia de *campo literário* de Pierre Bourdieu (2007) nos apresenta o constante movimento da escrita e dos leitores dentro dos espaços sociais, onde as dinâmicas das disputas políticas ocorrem. Dessa forma, o escritor torna-se político, mesmo que contra sua vontade, no momento em que as condições sociais definam a sua “liberdade criadora”. As conjecturas estéticas, artísticas e de conteúdos relacionam-se diretamente com o modelo político hegemônico, seja o escritor condescendente ou dissidente.

O papel do escritor na esfera política se fortalece na medida em que

7 “I always found the name false which they gave us: Emigrants. That means those who leave their country. But we did not leave, of our own free will choosing another land.”

os indivíduos e as organizações passam a confrontar suas ideias com a autoridade do Estado. Ao estudar as relações da esfera pública com o Estado, Habermas mostrou que a literatura se torna espaço contínuo de discussão, uma vez que os escritores e leitores dialogam sobre as discrepâncias da esfera política. Para Habermas (2003, p. 68)

O processo ao longo do qual o público constituído pelos indivíduos conscientizados se apropria da esfera pública controlada pela autoridade e a transforma numa esfera em que a crítica se exerce contra o poder do Estado realiza-se como refuncionalização da esfera pública literária, que já era dotada de um público possuidor de suas próprias instituições e plataformas de discussão. Graças à mediação dela, esse conjunto de experiências da privacidade ligada ao público também ingressa na esfera pública política.

Sendo assim, é possível que as representações dos interesses privados sejam mediadas pela escrita e atuação política dos indivíduos que as produzem. Nesse sentido a esfera pública ganha a possibilidade de regulamentação do espaço político, enfrentando a autoridade estabelecida.

Apelando ao senso de responsabilidade que os alemães deveriam ter ao ver as atrocidades cometidas pelos nazistas, indivíduos e organizações passaram a dirigir ampla rede de atividades que buscava agregar adeptos e mostrar ao mundo que havia alemães que não compactuavam com o nazismo. Alguns intelectuais pertenciam a movimentos instituídos e tradicionais, tais como Hannah Arendt com o sionismo, ou Brecht com o comunismo. No caso dos comunistas, assim que a guerra acabou muitos se estabeleceram na Alemanha oriental onde participaram da “desnazificação” do local. Havia um espaço comum no combate ao nazismo, que fazia sentido entre eles e em relação aos outros. Nesse contexto, buscava-se a construção da legitimação do enfrentamento ao nazismo e, de forma geral, ao totalitarismo. A Alemanha da década de 1920 contava com uma geração de intelectuais com muito prestígio pelo mundo, e grande parte deles eram conhecidos por suas ideias progressistas, o que representava uma afronta ao nazismo. Alguns desses nomes como Thomas Mann, Heinrich Mann, Lion Feuchtwanger e Bertolt Brecht foram responsáveis pela liderança de diversos movimentos antinazistas nos locais onde se estabeleceram durante o exílio.

Em muitos casos, os exilados enfrentaram situações extremamente complexas devido a falta de tempo para o planejamento e de vontade de

viver em outro país. Alguns viveram de forma mais solitária, enfrentando problemas tanto com compatriotas, pois eram tratados como traidores, e também sendo reconhecidos como inimigos pelos países em que se estabeleceram durante o exílio. A desconfiança e a prerrogativa de que todo alemão era um potencial nazista, e, portanto, contrários aos valores democráticos defendidos em boa parte do ocidente agravou mais ainda a situação. Nos Estados Unidos e na América Latina, onde parte dos imigrantes e descendentes de alemães aderiram ao nazismo, aqueles que buscaram se engajar na luta antinazista eram vistos sempre com ressalvas e desconfiança, tornando-se alvos de investigações das autoridades policiais.

No início das perseguições nazistas o principal destino dos exilados de fala alemã foi a Europa. França, Tchecoslováquia, Holanda, URSS e Inglaterra estão entre os países que receberam as maiores quantidades de exilados em primeiro momento. Até meados 1938 as regiões próximas da Alemanha ainda eram considerados locais seguros por esses indivíduos. Segundo o historiador francês Jean-Michel Palmier,

Em 1933, milhares de intelectuais, artistas, escritores, militantes e outros adversários do regime nazista fugiram da Alemanha. Eles eram, nas palavras de Heinrich Mann, “os melhores da Alemanha”, recusando-se a permanecer cidadãos nesse novo estado que legaliza o terror e a brutalidade. (PALMIER, 2006, p.04)

A cidade de Praga foi o destino de muitos perseguidos pelo nazismo pela facilidade em encontrar trabalho e poder manter uma vida com mais qualidade fora da Alemanha. Alguns dirigentes do SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*-Partido Social Democrata Alemão) e membros do KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands* – Partido Comunista Alemão) se estabeleceram em Praga. Embora em número menor, a Suíça também recebeu muitos alemães, principalmente pela questão da língua. A maior parte dos militantes comunistas preferiu Moscou, na URSS.

Uma corrente maior de exilados foi impulsionada pelas decisões tomadas no *VII Congresso da Internacional Comunista*, em 1935, com influência decisiva na Guerra Civil Espanhola e na formação de Frentes Populares para o combate do nazifascismo. Deste modo, a França tornou-se um espaço de recepção dos exilados, apoiados pelo governo de Léon Blum, da Frente Popular Francesa. Nos lugares onde estas pessoas se estabeleciam

rapidamente surgiam associações e comitês que produziam materiais midiáticos, como jornais e revistas, para servirem de meios de comunicação com o intuito de publicar as ideias antinazistas. O Comitê Mundial de Luta Contra a Guerra e Contra o Fascismo, liderado por Henri Barbusse, fazia a distribuição de pelo menos cinco jornais aos principais líderes antinazistas: “*Front Mondial*”, em língua francesa; “*Fight, War and Fascism*”, em língua inglesa; “*Welfront*”, em língua alemã; “*Fight against war and fascism*”, em língua inglesa; “*Frente Antifascista*”, em língua espanhola. Em correspondência enviada por Henri Barbusse à Heinrich Mann, no dia 27 de setembro de 1935, as informações sobre os periódicos e o alcance das publicações dão conta de que a distribuição ocorria em todos os países em que eram organizados “Comitês de Ação” dos exilados de fala alemã em cinco continentes. (BARBUSSE, H. *Heinrich Mann Papers. Box 11, folder 9. USC Special Collections*)

Na medida em que a direita fascista ganhava campo político na Europa surgiam medidas contra os estrangeiros, configurando em práticas violentas e xenófobas em relação aos grupos antinazistas. O quadro foi se agravando com o início da Segunda Guerra Mundial, quando os estrangeiros alemães passaram a ser inimigos, que poderiam representar um perigo para os governos da Europa.

A composição política dos exilados de fala alemã era extremamente diversa e resultado da grande variação ideológica presente na Alemanha do período da República de Weimar. Após o incêndio do *Reishtag*, em 27 de fevereiro de 1933, e com a acusação que recaiu sobre Martin van der Lubbe, um militante comunista, os partidos de esquerda ficaram isolados no contexto político alemão. Em torno do KPD as atividades políticas foram retomadas do exílio em Moscow, Praga, Londres e Copenhague, formando novas bases das frentes de esquerda na Europa. No entanto, foi apenas durante o Sétimo Congresso da Internacional Comunista que a formou-se a ideia de formar uma frente única na luta contra o fascismo. O SPD também começou a mobilizar seus membros para a formação de grupos antinazistas no exílio, em vários momentos junto aos comunistas, provocando o que Jean-Michel Palmier (2006) chamou de “despertar” das lutas políticas entre os exilados.

Além dos dois grandes partidos de esquerda, os movimentos políticos

de exílio antinazistas foram formados por socialistas, católicos, conservadores, liberais e dissidentes do NSDAP. Dessa forma, assim como comunistas, socialistas, liberais e republicanos, o universo político dos exilados incluíam monarquistas, conservadores e vários indivíduos sem filiações partidárias, mas com atuações políticas importantes. Portanto, as tentativas de classificar as diversas ideologias políticas presentes nas lutas antinazistas têm como principal função a indicação do que de construir uma compreensão individual. Contudo, isso demonstra o complexo mosaico que formava o campo político do exílio de fala alemã e das lutas antinazistas.

Entre 1933 e 1945, cerca de 300 mil alemães e austríacos, foram admitidos no continente americano fugindo das perseguições políticas do nazismo. No entanto, mais de 150 mil foram para os Estados Unidos, o restante dividido entre países da América Latina. No caso norte americano, alguns receberam vistos especiais, os “*Emergency Imigrants*”, conferindo para alguns pedidos especiais analisados pelas autoridades federais. (PALMIER, 2006) Assim como na Europa, nas Américas as atividades políticas foram intensas no exílio, com a mesma complexidade ideológica e de circulação de ideias observados no continente europeu. Em muitos casos as fronteiras trouxeram particularidades na atuação política, mas em vários aspectos isso não era considerado pelos estrangeiros. Mesmo com esse quadro complexo, as ideias antinazistas conectaram em muitas ações os movimentos antinazistas no continente americano.

Após a anexação da Áustria em 1938, uma nova onda de pessoas buscando exílio chegou à França, Grã-Bretanha e Suíça, e após 1939 foram deixando esses países por conta do avanço nazista nesses territórios. Os exilados enfrentaram muitas dificuldades para escapar dos olhos da Gestapo em território francês, e passaram a procurar, mesmo contra suas vontades, vistos e passagens de navios para os Estados Unidos e América Latina. Organizações internacionais de ajuda foram de extrema importância para que essas pessoas conseguissem escapar da Gestapo nesse período, tais como a *Emergency Rescue Committee*, *American Guild for German Cultural Freedom*, *European Film Found* a o *Exiled Writers Commmittee*. Essas organizações ajudaram escritores que exerceriam papéis fundamentais na luta antinazista. Heirich Mann, líder de grupos de exilados na França na década de 1930, que deixou o país passando pelos Pirineus, na fronteira

com a Espanha, seguindo para a Califórnia. Já Bertolt Brecht, seguiu para a Finlândia, Japão e Estados Unidos, estabelecendo-se na Califórnia.

Da mesma forma, a presença de exilados na América Latina foi constante desde 1933, aumentando gradativamente a partir de 1940. Em vários países latino-americanos as leis que regulavam a imigração eram menos rigorosas do que nos Estados Unidos, possibilitando o destino de grande quantidade de exilados de fala alemã em todo o continente. Além disso, em alguns lugares esses estrangeiros não eram apenas bem vindos, mas havia políticas públicas para atrair essas pessoas, principalmente pelas suas habilidades que poderia ser utilizadas no desenvolvimento das nações latino-americanas. O México fez uma grande campanha para atrair os exilados durante a Guerra Civil Espanhola, e com a invasão nazista na França em 1940 buscou receber mais pessoas que buscavam refúgio longe da Europa. Estes países representavam quase a única oportunidade de escapar da Gestapo, uma vez que entrar nos Estados Unidos estava cada vez mais difícil. (STEPHAN, 2000)

Para Palmier (2006), o exílio na América Latina não foi “profundamente estudado”, apesar dos números e da atuação relevante dessas pessoas nos países em que se estabeleceram. Deste modo, pelo menos dezoito países são frequentemente citados como lugares em que os antinazistas de fala alemã encontraram refúgio e criaram movimentos políticos na América Latina – Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Equador, Venezuela, Bolívia, Peru, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Honduras, Cuba, Haiti, República Dominicana, Guatemala e México. Os números mais significativos do exílio de fala alemã nesse período são: 45.000 na Argentina, 25.000 no Brasil, 7.000 no Uruguai, 5.000 na Bolívia, 2.000 no Chile, 2.000 na Colômbia, 1.500 no México, 1.000 no Equador e 800 no Paraguai, com 5.000 espalhados entre os demais países da América Latina (SAINÉ; BAHR, 2018). As escolhas por um país ou outro não podem ser explicadas de forma precisa, em cada caso encontramos motivações diferentes. A partir de 1938 alguns países, como o Brasil, por exemplo, passou a restringir a concessão de vistos para exilados europeus, por isso a Argentina teve um maior número. Em outros casos, o exílio foi determinado simplesmente pelo destino do navio em que as pessoas conseguiam entrar na Europa. (PALMIER, 2006)

É preciso salientar que as lutas antinazistas na América ocorreram de forma difusa, representando o próprio mosaico ideológico que era a República de Weimar. Comunistas, Socialistas, Sociais-Democratas, Liberais, Partidos Cristãos e até mesmo dissidentes do Nacional-Socialismo formaram grupos de combate ao nazismo por toda a América. Em alguns momentos essas ideologias se aproximaram, e em vários outros as diferenças ficaram mais presentes e as afastaram. Exemplo disso foi a *Schwartze Front*, de Otto Strasser, em que os maiores grupos antinazistas de fala alemã buscaram distanciar-se, principalmente pelo seu programa racista e xenóforo.

1.3 A “Frente Negra”: primeira experiência antinazista e tentativa de uma rede nas Américas

A primeira experiência de um grupo organizado de alemães antinazistas com a tentativa de se criar uma rede com conexões na América foi a Frente Negra (*Schwarze Front*), de Otto Strasser. Os dissidentes do Nacional Socialismo, que deixaram o NSDAP em Julho de 1930, reuniram-se em torno de Otto Strasser e seu irmão, Georg Strasser, criando a Frente Negra representando um movimento político com membros nos Estados Unidos e da América Latina. Apesar do movimento se declarar antinazista, ele representava muito mais uma represália a alguns rumos que o NSDAP havia tomado sob a liderança de Adolf Hitler, ou seja, sua base ideológica de perseguições étnico-raciais foi mantida. Para a pesquisadora Izabel Maria Furtado Kestler “o movimento de Strasser era uma dissidência do NSDAP e seus adeptos se sentiam como os verdadeiros nacional-socialistas” (KESTLER, 2003, p.182). Segundo o próprio Otto Strasser, o grupo foi criado a partir de reuniões de membros do NSDAP, e sua principal crítica ao nazismo era a sua aproximação com a burguesia e os grandes empresários, “sacrificando a parte socialista do programa”. (STRASSER, 1933, p. 133) Após declarar suas críticas, Otto Strasser foi perseguido e exilou-se primeiramente na Áustria e depois na Tchecoslováquia, engajando-se na luta contra o nazismo por meio da publicação de textos, panfletos e jornais, como o *Huttenbriefe*, apelando mais tarde para transmissões de rádio, a partir da cidade de Praga com alcance de audiência em várias cidades da Alemanha. Também conseguiu fazer alguns de seus materiais

publicitários e jornais circularem na Alemanha entre 1933 e 1937, quando o seu engenheiro de comunicações, Rudolf Formis, foi brutalmente assassinado por membros da SS, sob ordens da Gestapo.

A Frente Negra atuou também no Brasil, Argentina e Paraguai. Segundo Isabela Maria Furtado Kestler (2001), o grupo de Otto Strasser teve grandes dificuldades de atuação na América do Sul na década de 1930 devido ao seu caráter mais à esquerda no espectro político, uma vez que as autoridades dos países supracitados proibiram todas as atividades de organizações socialistas no período. Além disso, a Frente Negra também foi alvo dos membros do NSDAP desses países, fato que culminou na tentativa de sequestro de Bruno Fricke, líder do movimento para a América do Sul, organizado por membros da Gestapo.

Para o Brasil, Otto Strasser designou Erwin Anusheck, da cidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul, como líder representante da Frente Negra. Ainda em 1938, ele foi preso pela polícia do Rio Grande do Sul quando alegou que o grupo de Strasser já não atuava mais desde 1936, devido às pressões do NSDAP. (PY, 1942)

Após o avanço nazista na França em 1940, Otto Strasser exilou-se em Portugal e logo em seguida no Canadá, ampliando sua rede de atuação no continente americano, passando a atuar no cenário norte americano por meio do nome *Free German Movement*. A mudança de nome do movimento se deve à ligação com os grupos socialistas e comunistas que a antiga Frente Negra mantinha, o que dificultaria a atuação nos Estados Unidos. Nesse momento, a estratégia do movimento de Otto Strasser era expandir o antinazismo entre os exilados, imigrantes e descendentes por toda a América, utilizando o contexto da guerra que havia começado em 1939. A partir de 1942 o NSDAP começou a perder força na América do Sul, impulsionado principalmente pela política interna e externa de países como o Brasil e Argentina, e a política de “boa vizinhança” adotada pelo Presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, aproximando mais a região com os Estados Unidos.

Neste cenário mais favorável para o antinazismo, no dia 23 de fevereiro de 1942 foi publicada a revista “*Hitler’s Shadow over South America*” editada pelo *Free German Movement*, que contava com Otto Strasser como editor chefe e Douglas Fairbanks Jr. como vice-editor. A função do livreto

era divulgar as propostas do movimento que atuava a partir de três escritórios principais, sendo uma em Toronto, uma em Nova York e outra em Buenos Aires, esse último para fazer a distribuição para os demais países da América do Sul. Os pontos defendidos e o programa de ação descrito pelo *Free German Movement* foram divididos em quatorze partes. O primeiro dos pontos citados foi a “guerra contra o nazismo e punição a todos os culpados pelos horrores cometidos”. Deixavam claro também que o programa não poderia se restringir apenas ao nazismo, mas a todas as ditaduras, “inclusive as comunistas”, terminando com o ponto em que afirmavam estar prontos para “cooperar com todas as democracias do mundo”.

Além disso, o Movimento dos Alemães Livres irá apresentar, dentro da “Frente de Liberdade das Democracias”, tais ideias e propostas, próximas ao germanismo, necessárias para uma paz duradoura. Com isso, finalmente surgiu um centro para os alemães amantes da liberdade que desejam ver sua terra livre da tirania marrom de Hitler - mas desejam vê-la não menos livre da tirania vermelha do bolchevismo. (*Hitler's Shadows over America*. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas”)⁸

O discurso de combate ao comunismo e ao nazismo explicitado no programa do *Free German Movement* facilitou a circulação dos materiais de divulgação em países como os Estados Unidos e Brasil, uma vez que mantinha um alinhamento com as políticas internas e externas defendidas pelos dois países. Para buscar colocar em prática os pontos defendidos pelo programa, uma das ideias era ampliar a propaganda do movimento não apenas entre os exilados políticos, mas também entre os imigrantes alemães e seus descendentes “principalmente na América do Norte e América do Sul”. Não há registros sobre a circulação em grande escala dessas revistas, no entanto, uma cópia da primeira edição da “*Hitler's shadows Over América*” foi apreendida pela polícia de São Paulo em posse de Ernest Bachman, contato de Otto Strasser no Brasil para o *Free German Movement*.

Ernest Bachmann era suíço, exilado no Brasil e considerado “suspeito de atividades comunistas” pela polícia paulista. Teve sua

8 In addition the Free German Movement will bring forward, within the “Front of Freedom of Democracies”, such ideas and proposals as seem from the German state of affairs to be necessary for a lasting peace. With that, there finally come into existence a center for those liberty loving Germans who wish to see their land free of brown tyranny of Hitler – but wish to see it no less free of red tyranny of Bolshevism.

correspondência fiscalizada pelas autoridades brasileiras e foi levado à sede da DOPS em São Paulo após suspeitas levantadas pelos investigadores. Ele próprio afirmou para os investigadores do DOPS que conheceu Otto Strasser na Europa, “dissidente do partido nazista e fundador da organização antinazista Frente Negra nos Estados Unidos, de quem se tornara grande amigo” (DOPS, prontuário 93802. Arquivo Público de São Paulo). Os dois se correspondiam constantemente, inclusive estiveram juntos em Nova York, segundo conversas do próprio Bachmann com “Sr. Hartmann”, membro do Movimento dos Alemães Livres. Em conversa com Hartmann, Bachmann afirmou o seguinte: “O que eu faço é ilegal, mas é para o bem do Brasil e do Movimento dos Alemães Livres”. (DOPS, prontuário 53569: Arquivo Público de São Paulo, folha 2.)

Ernest Bachmann era litógrafo, o seu trabalho era receber e decodificar cartas para o movimento. Trocava correspondências com Otto Strasser e se dizia representante dele no Brasil. Em carta enviada para Strasser em 1941, Bachmann agradeceu o envio da obra intitulada “Hitler e eu”, em versão francesa, a qual ele mesmo se propôs a fazer a tradução para o português e divulgar as ideias anti-hitleristas no Brasil. (CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas. Carta de Ernest Bachmann para Otto Strasser Classificação: GV confid 1941.07.08/3 Data: 08/07/1941)

No relatório policial, a aparelhagem de Ernest Bachmann é descrita como “aparelhos grandes, complicados, ligados por fios elétricos”. A aparelhagem descrita pelo investigador de polícia servia para decodificar cartas recebidas pelo Movimento dos Alemães Livres, pois em outro trecho do relatório, Hartmann afirmou à polícia que “quando Bachmann recebia alguma carta de Otto Strasser, corria para os aparelhos a fim de decifrá-las”. (DOPS, prontuário 53569: Arquivo Público de São Paulo, folha 5.)

Figura 1: Capa da Revista Hitler's Shadow Over América.



Fonte: DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta "Alemães antinazistas".

O *Free German Movement* expressava preocupação em relação ao avanço do nazismo na América do Sul. Por isso a justificativa de produzir materiais de propaganda especialmente para discutir o contexto e as possibilidades de expansão do antinazismo naquela região. Os casos de influência e avanço do nazismo entre os alemães e descendentes na América do Sul por meio da propaganda, sobretudo no Brasil, Argentina e Uruguai, foram explicitados no prefácio. Seguindo o clima de alerta empregado pela publicação, o texto intitulado *What I saw in South América* (O que eu vi na América do Sul), que tratava-se da transcrição de um discurso feito por Douglas Fairbanks Jr. para as rádios norte americanas no dia 04 de Julho de 1941, afirma a necessidade de “preparar os Estados Unidos para uma

invasão de um exército hitlerista de vanguarda na América Central e do Sul. (DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas” página 11). A aproximação de Otto Strasser com o ator e militar condecorado estadunidense, Douglas Fairbanks Jr., facilitou a atuação do *Free German Movement* nos Estados Unidos, citado pelo próprio Strasser como “alguém de livre acesso ao presidente Roosevelt”.

Fairbanks descreveu em artigo publicado sobre os esforços feitos por Uruguai, Argentina e Brasil para manter a ideia do “pan-americanismo” viva entre a população. No caso da Argentina, as investigações sobre a atuação de nazistas no país foram citadas como exemplos de “determinação para a expulsar a influencia estrangeira nazista”. Em relação ao Brasil, a preocupação era maior por conta da localização geográfica, com um vasto litoral e com graves problemas econômicos e sociais”. (DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas” *Hitler’s Shadow Over América* página 05)

No artigo principal da publicação escrito por Otto Strasser, com o título “*Hitler’s Shadow Over South America: Gestapo agents below*” (Sombra de Hitler sobre a América do Sul: agentes da Gestapo abaixo), um texto discutiu as extensas fronteiras que representavam uma ameaça para a América do Sul com a presença de imigrantes alemães que vinham sendo cooptados por agentes da Gestapo a fim de aderir ao Partido Nazista. Strasser afirmou que grande parte das companhias aéreas da América do Sul atuavam sob comando da Alemanha Nazista, o que facilitava as comunicações entre os agentes infiltrados da Gestapo entre Rio de Janeiro, Buenos Aires, Santiago e outras cidades da região. (DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas” DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas” *Hitler’s Shadow Over América*, página 11).

Neste sentido, o *Free German Movement* de Otto Strasser se manifestava como um grupo que buscava estreitar relações com os governos da América do Norte, ao se colocarem como grandes aliados no combate ao nazismo em todo o continente americano, por meio de publicações e denúncias das atividades nazistas. Claramente reconheciam nos Estados Unidos o país que deveria liderar a frente antinazista. “É muito importante que a América do Norte, e particularmente os Estados Unidos, prestem todo

o apoio às repúblicas sul-americanas no plano de destruição de Hitler”⁹. (DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas” *Hitler’s Shadow Over América*, página 18)

Desde o início de seu exílio, Otto Strasser deixou claro o seu objetivo de formar um grupo internacional de combate ao nazismo, buscando aliados em todo o continente americano. Em diversos momentos, líderes de movimentos antinazistas na América do Sul, como August Siemsen e Kar Lustig-Prean chegaram a se aproximar do grupo de Strasser. As mensagens de Otto Strasser eram claras neste sentido:

A batalha contra o nazismo é a tarefa mais importante do “*Free German Movement*”. A destruição dos nazis é uma condição necessária, se é que um futuro melhor nos será formado para a iniciação alemã em colaboração com as nações da Europa e do mundo. [...] O “*Free German Movement*” na América do Sul significa guardar a liberdade contra a tirania. [...] Escritório Sul-Americano do “*Free German Movement*”. (DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro, caixa 753, pasta “Alemães antinazistas” *Hitler’s Shadow Over América*, página 01)¹⁰

Esses apoios na América do Sul não duraram muito tempo. As acusações de que Strasser mantinha as bases da ideologia nazista afastaram os movimentos antinazistas do espectro do Free German Movement. No Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, ocorrido em Janeiro de 1943 em Montevideú, August Siemsen, líder do grupo *Das Andere Deutschland*, da Argentina, afirmou que “Otto Strasser sempre foi um opositor de Adolf Hitler, e não do Nazismo”. Esse foi o principal argumento utilizado tanto pelas autoridades quanto pelos movimentos antinazistas para desconfiarem das atividades políticas de Otto Strasser. (DOPS. “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22)

As atividades políticas de Otto Strasser, e consequentemente o Free

9 “It is highly important that North America, and particularly the United States, lend all support to the South American republics in order destoy plan of Hitler.”

10 The battle against Nazism is most important task of the “Free German Movement”. Destruction of Nazis mis a necessary condiction if better future us be formed for the German initiation in peaceful collaboration with the nations of Europe and the world. [...] The “Free German Movement” in South America stands for guarding freedom against tyranny. South American Office of The “Free German Movement”.

German Movement liderado por ele, foram cessadas em 1942 após denúncias do governo britânico e estadunidense contra ele para o governo do Canadá. Em outubro daquele ano o Escritório para assuntos estrangeiros, junto com o Departamento de Estado dos Estados Unidos, encaminharam um ofício ao Canadá a alertando que Otto Strasser era um “homem perigoso”, acusando-o de manter as atividades antinazistas somente para “benefícios próprios”, e também pela sua aproximação com o comunismo, recomendando a proibição de qualquer atividade política, o que ocorreu imediatamente. (KISATSKY, 2005. p. 87.)

Embora tenha experimentado uma curta duração, os movimentos políticos de Otto Strasser foi pioneiro na busca pela organização do combate ao nazismo de Adolf Hitler. Entender esse movimento se faz importante para compreender os motivos que levaram as autoridades dos países do continente americano a olharem de forma desconfiada para os demais movimentos de exilados alemães antinazistas, que não eram apenas grupos de combate a Hitler, mas a tudo que ao nazifascismo de forma geral. A rede que os conectava pode ser percebida nos argumentos utilizados pelos diversos movimentos de alemães antinazistas que atuaram nas Américas. Dessa forma, a análise que se segue sobre a atuação dos movimentos antinazistas no Brasil pode ser melhor compreendida.

CAPÍTULO 2

A ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS ANTINAZISTAS NO BRASIL

Esclarecer incansavelmente o abismo insuperável que separa a Alemanha de Goethe e Beethoven da tribo selvagem dos hitleristas. (Manifesto do Movimento dos Alemães Livres do Brasil, maio de 1943)

A ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930 abriu espaço para uma nova geração de políticos assumirem o poder. Desintegrou a estrutura política da Primeira República, na qual líderes pertenciam à aristocracia agrária produtora de café, que viam na exportação daquele produto a principal fonte de lucros. O processo de sucessão presidencial obedecia a lógica da chamada “política dos governadores” – ou política do “café-com-leite” – que consistia em esquemas de fraudes e cooptação dos eleitores para manter mineiros e paulistas no poder. O resultado disto foi um amplo descontentamento por parte de vários setores da sociedade brasileira frente a este monopólio político exercido pela aristocracia rural.

Em meio a esse processo, o cenário político, econômico e social do Brasil passava por profundas modificações com a presença efetiva dos estrangeiros que migraram para as Américas. No caso dos alemães, existiam colônias em todo o território nacional, com maior representatividade no sul do país. Ainda no século XIX, a substituição gradual da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre marcou esta transição, no período em que o sistema escravista já dava sinais de decadência. Ao fim daquele século as comunidades de imigrantes já se encontravam organizadas junto ao operariado brasileiro, os quais formaram uma classe combativa durante o período republicano, até pelo menos 1930.

Na Alemanha, o final da I Guerra Mundial trouxe uma profunda crise econômica e social que durou por quase todo o período da República de Weimar, dando espaço para os grupos da extrema direita não apenas

transformar Adolf Hitler em uma figura adorada nacionalmente, mas também entre boa parte dos habitantes das colônias de imigrantes germânicos na América do Sul.

Esse processo combinava com as práticas da política brasileira. O totalitarismo nazifascista vinha ao encontro da política centralizadora varguista de fortalecer o poder do Estado a partir da criação do projeto nacionalista, que culminaria na implantação do Estado Novo com o golpe de 1937. Os alemães procuraram reforçar os laços com o germanismo, este fenômeno pode se observar com muita clareza principalmente nos países com tendências autoritárias na América Latina. (CANCELLI, 1996)

No Brasil as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pela institucionalização da repressão, autoritarismo e programas de perseguição étnica empregada pelo Estado, em torno das autoridades policiais, assimilando com políticas europeias. Desta forma, o governo Vargas foi progressivamente transformando-se numa ditadura capaz de criar no imaginário social a ideia de “Brasil moderno”, quando a estrutura de poder era arcaica.

Durante esse período, Getúlio Vargas deu início a política de cooperação e conseqüente anulação da capacidade combativa dos imigrantes através da legislação trabalhista. Em um período de efervescência política na Europa, onde as ideologias anarquistas e socialistas davam cada vez mais suporte às classes trabalhadoras no bojo da exploração industrial e camponesa, os imigrantes que aqui chegavam disseminavam rapidamente estas ideias. Após a revolução de 1930, governo e sindicatos deixaram de entrar em conflitos entre si, para então estabelecer negociações a partir de conexões que representavam os interesses políticos do varguismo. Cabe salientar aqui que, além disso, Vargas usava de mecanismos instituídos e legalizados para manter sempre alguns de seus representantes entre os sindicalistas. (GAMBINI, 1977)

No plano interno, Vargas enfrentou ferrenha oposição de vários setores da sociedade brasileira em seus primeiros anos de governo. A Revolução Constitucionalista de 1932, liderada por grupos paulistas, enfraqueceu o governo provisório, não deixando alternativa para o governo senão a promulgação de uma constituição. Após a convocação de uma Assembleia Constituinte, a carta foi outorgada pela mesma em 1934, determinando a permanência de Getúlio Vargas na presidência até 1938. Os

anos que se seguiram de 1930 até 1937 são marcados por ajustamentos das bases de apoio ao projeto político do governo.

Os embates dos anos 1930 entre o fascismo, liberalismo e comunismo resultaram na formação de movimentos de massa no Brasil. Entre eles, estavam a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). A primeira era resultado da coligação de grupos fascistas que vinham formando-se desde os anos 1920, sob a sigla AIB foram liderados jornalista Plínio Salgado. Já a ANL, liderada por Luís Carlos Prestes, foi colocada na ilegalidade logo após a sua fundação, e contava com a participação efetiva do Partido Comunista, Partido Socialista Brasileiro e intelectuais ligados à esquerda. No quadro geral, a ANL se apresentava como uma organização antifascista, que reivindicava o aprofundamento dos programas defendidos pela esquerda e pela Revolução de 1930, alegando a falta de coerência de Getúlio Vargas e a sua aproximação com as oligarquias brasileiras. Neste contexto, AIB e ANL representavam grupos antagônicos que, não raro, se confrontaram pelas ruas durante o período. (OLIVEIRA, 2013)

Reunidos em torno de Luís Carlos Prestes, membros da ANL, aliados a membros da Internacional Comunista, falharam na tentativa de um levante comunista no ano de 1935. O plano de Prestes era organizar uma revolução comunista no Brasil com o apoio dos sindicatos e dos militares. O levante contou com o apoio de poucas pessoas, em sua maioria militares, o que levou ao fracasso total da Intentona Comunista, ocorrida entre os dias 23 e 24 de novembro daquele ano. O resultado foi a prisão da maioria dos envolvidos, inclusive Luís Carlos Prestes e sua esposa Olga Benário, judia e membro da Internacional Comunista.

A Intentona Comunista, mesmo tendo sido rapidamente eliminada, representou profundas modificações na ordem política. O anticomunismo se tornou a tônica do discurso oficial brasileiro. Apesar do abalo político, Vargas soube capitalizar os acontecimentos para o fortalecimento do Estado. Deste modo, o governo procurava deixar clara a existência do “perigo comunista” no Brasil, ou seja, de um inimigo comum que precisava ser combatido a partir de bases sólidas na liderança. Neste contexto, o processo de aproximação com o governo norte-americano se intensificou, formando parcerias com Washington DC nas investigações das atividades comunistas.

O embaixador norte-americano Hugh Gibson informou ao Departamento de Estado que Francisco Jullien e Henrique de Miranda Correia haviam sido extremamente cordiais e cooperativos “com a embaixada dos Estados Unidos em seu empenho em perseguir comunistas no Brasil. Entre outras coisas, o DOPS havia permitido à embaixada do Estados Unidos o „acesso a seus arquivos secretos, embora recusasse esse privilégio a quem quer que fosse, inclusive ao próprio Ministério das Relações Exteriores” (HUGGINS, 1998, p.54)

Ao mesmo tempo, o chefe do DOPS, Filinto Müller, era simpático do nazismo, mantendo contatos com membros da Gestapo. Neste contexto, em 5 de março de 1936 enviou Olga Benário, a judia e agente do Comitern, que havia sido presa junto com Prestes, para os agentes das Gestapo, obedecendo a acordos internacionais entre o Brasil e as autoridades alemãs para perseguir e capturar elementos ligados ao comunismo (HUGGINS, 1998, p. 55).

Em discurso proferido à população do Rio de Janeiro em 10 de maio de 1936, Getúlio Vargas (2004, p.25) deixava clara a sua posição referente ao comunismo:

Os comunistas reconhecidos e declarados, os pretensos pregoeiros de reformas sociais, os utopistas ingênuos e os agitadores mercenários que pregam ideias subversivas abertas ou disfarçadamente, devem ser afastados do contato da sociedade e recolhidos a colônias agrícolas, onde os trabalhos da terra lhes aproveitarão como correto e educação para a vida honesta e construtora, ensinando-lhes o caminho do bem e o respeito aos direitos alheios.

Os militares e grande parte das forças políticas da classe média brasileira uniram-se ao governo de Vargas para ajudar na luta contra o comunismo. O Congresso passou a aprovar medidas de exceção contra atividades políticas ligadas à movimentos de esquerda, justificando com a ideia do “perigo comunista”, muito difundido na Europa e nos Estados Unidos no mesmo período. Neste contexto, as eleições previstas para 1938 foram canceladas e foi anunciada a implantação do chamado Estado Novo, em 10 de novembro de 1937.

Seitenfus (2003) afirma que o golpe de 1937 foi planejado pelo próprio Vargas, e inicialmente apenas pessoas muito próximas a ele estavam cientes do que aconteceria, estimulando também apoio pleno das forças armadas.

Segundo a historiadora Dulce Pandolfi (1999), “durante o Estado

Novo, o regime autoritário implantado com o golpe de novembro de 1937, Getúlio Vargas consolidou propostas em pauta desde outubro de 1930, quando, pelas armas, assumiu a presidência da República.” Deste modo a instalação da ditadura em 1937 não representou uma ruptura total com o processo político iniciado em 1930, mas sim uma aceleração da política nacionalista planejada. Esta intervenção direta para a tomada de poder por Vargas se estabeleceu com a proposta de acabar com o caos político e social que o Brasil passava, onde nem o comunismo e nem a democracia liberal poderiam dar conta de resolver os problemas da nação. Deve-se contextualizar o Golpe de 1937 com a ascensão dos estados totalitários europeus. Uma das diferenças do Estado Novo para a onda de totalitarismos na Europa reside no fato de que, no caso brasileiro, as revoluções que modificaram as estruturas políticas brasileiras entre 1930 e 1937 não houve participações diretas das massas.

No dia 11 de novembro de 1937 foi publicado no jornal “Correio da Manhã” o discurso de Getúlio Vargas na tentativa de justificar à Nação as suas ações:

Quando as competições políticas ameaçam degenerar em guerra civil, é sinal de que o regime constitucional perdeu o seu valor prático, subsistindo, apenas, como abstração. A tanto havia chegado o País. A complicada máquina de que dispunha para governar-se não funcionava. Não existiam órgãos apropriados através dos quais pudesse exprimir os pronunciamentos da sua inteligência e os decretos da sua vontade. (PENNA, 2008, p. 159.)

O discurso de Vargas se pautava na necessidade de reprimir ações que atrapalhavam o desenvolvimento do país, e não uma opção pessoal de governo. Nisto estava presente o conceito de “lógica da desconfiança” (CANCELLI, 1993), em que forças nacionais e estrangeiras ameaçavam a integridade do país, legitimando a “caça” a todo tipo de elemento político que ameaçava a ordem proposta pelo projeto nacionalista.

O golpe era tratado como uma violência necessária, resultante do processo de caos social pelo qual o Brasil vinha atravessando. Para o Governo, as forças ameaçadoras – comunistas - precisavam ser eliminadas. Mais adiante em seu discurso, Vargas reafirma a necessidade do autoritarismo:

Restauramos a Nação na sua autoridade e liberdade de ação: na sua autoridade, dando-lhe os instrumentos de poder real e efetivo com que possa sobrepor-se às influências desagregadoras, internas ou externas; na sua liberdade, abrindo o plenário do julgamento nacional sobre os meios e os fins do Governo e deixando-a construir livremente a sua história e o seu destino. (PENNA, 2008, p. 160)

A base de sustentação do Estado Novo não repousava em um partido, o que o diferenciava dos regimes fascistas europeus, pois estes eram reunidos em torno de um partido, não permitindo oposição. Vargas via os partidos como desagregadores da ação coletiva

Contrastando com as diretrizes governamentais, inspiradas sempre no sentido construtivo e propulsor das atividades gerais, os quadros políticos permaneciam adstritos aos simples processos de aliciamento eleitoral. Tanto os velhos partidos, como os novos em que os velhos se transformaram sob novos rótulos, nada exprimiam ideologicamente, mantendo-se à sombra de ambições pessoais ou de predomínios localistas, a serviço de grupos empenhados na partilha dos despojos e nas combinações oportunistas em torno de objetivos subalternos. A verdadeira função dos partidos políticos, que consiste em dar expressão e reduzir a princípios de governo as aspirações e necessidades coletivas, orientando e disciplinando as correntes de opinião, essa, de há muito, não a exercem os nossos agrupamentos partidários tradicionais. O fato é sobremodo sintomático se lembrarmos que da sua atividade depende o bom funcionamento de todo sistema baseado na livre concorrência de opiniões e interesses. (PENNA, 2008, p. 161)

Pelo Decreto Lei número 37, de 02 de dezembro de 1937, Vargas extinguiu todos os partidos políticos, fato que não seria revogado enquanto esteve no poder. O resultado disto foi a concentração de todos os poderes ao Executivo federal e o fechamento do Congresso. Na prática, o presidente poderia legislar e tomar qualquer decisão sobre os funcionários civis e das Forças Armadas. Esta estrutura permitiu o aperfeiçoamento dos órgãos policiais repressivos e de censura e a conseqüente suspensão dos direitos políticos e individuais.

Com o apoio das Forças Armadas, a Constituição promulgada por Vargas em 1937 substituiu a carta de 1934. Todavia, a figura do presidente se sobrepunha a dos militares. Ambos intencionavam a destruição do poder das oligarquias regionais que haviam se consolidado durante a Primeira República. Esta seria a base para a integração do nacionalismo defendido

pelos adeptos do Estado Novo. Segundo José Murilo de Carvalho (1999), dentro do Exército, a influência política e ideológica que tendia ao autoritarismo eram mantidas pela liderança dos generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra.

As ações da polícia se intensificaram durante o Estado Novo. Em 1933 Getúlio Vargas já havia decretado que “o serviço policial do Distrito Federal ficaria sob inspeção suprema do presidente da República e apenas sob a superintendência do ministro da Justiça e Negócios Interiores” (CANCELLEI, in: PANDOLFI, 1999, p.310) No entanto, todo o aparato policial estava submetido diretamente ao presidente, sendo o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) o principal órgão repressor ligado ao governo durante as décadas de 1930 e 1940. A exemplo disso, segue a trecho da correspondência que o chefe do DOPS, Filinto Müller, escreveu para Vargas em 1937 informando sobre as detenções de presos políticos: “somente ao presidente da República devo dar conta de meus atos no exercício do cargo com que sua confiança me honrou.” (CANCELLEI, in: PANDOLFI, 1999, p.310)

Durante o período houve uma redefinição do papel dos policiais, que passaram a atuar na investigação e censura das atividades dos cidadãos brasileiros e dos estrangeiros em território nacional. Em 1939 a antiga Diretoria de Publicidade e Propaganda foi incorporada ao Gabinete Técnico, que tinha como função centralizar todas as informações dos serviços de repressão do DOPS. Segundo a historiadora Elizabeth Cancelli, as principais atribuições deste órgão era examinar as publicações consideradas suspeitas e nocivas, catalogar as publicações apreendidas, centralizar o serviço cartográfico e criptográfico da Delegacia Especial, manter a correspondência com as delegacias estaduais de ordem e política, organizar e manter o serviço e o fichário fotográfico (CANCELLEI, 1993, p. 55). Isto permitiu a intensa vigilância e construção de dossiês sobre as atividades dos estrangeiros que vieram ao Brasil buscar exílio durante as perseguições do Regime Nazista na Europa.

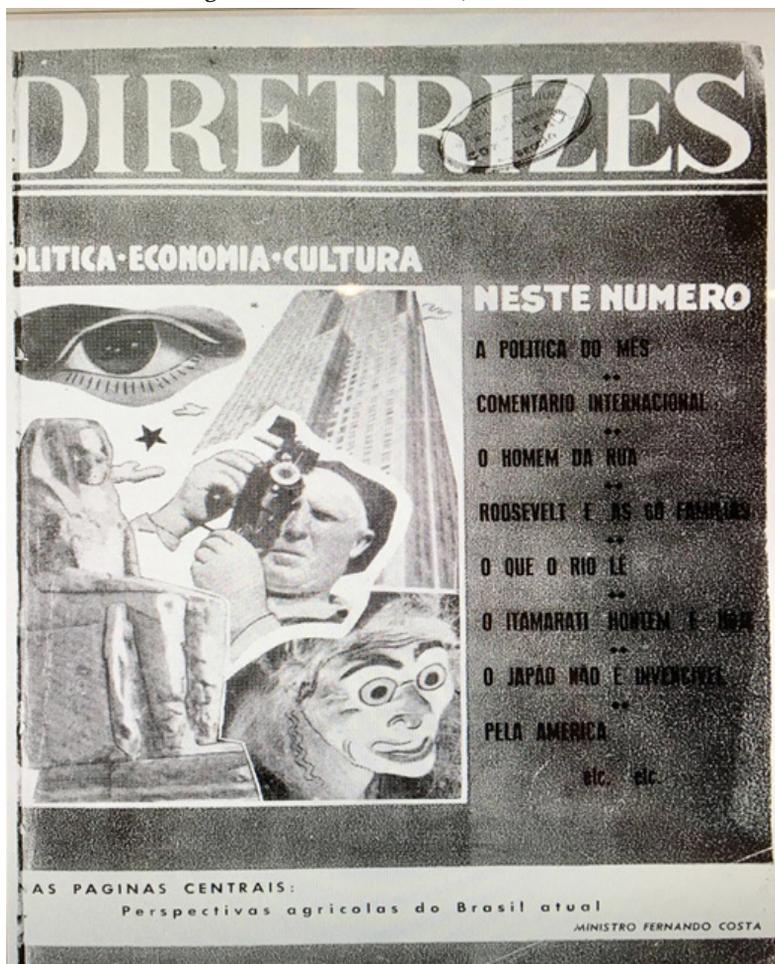
Mesmo com a repressão e a censura cada vez mais presente após o golpe de 1937, as publicações de cunho político marcadamente antifascistas voltaram a circular no cenário brasileiro. Exemplo disso são os periódicos *Diretrizes* e *Cultura e Mensário Democrático*, ambas do Rio de Janeiro. A revista

Diretrizes foi fundada por Antonio Jose Azevedo Amaral, jornalista e apoiador do Estado Novo, que convidou, o também jornalista, Samuel Weiner, e ambos passaram a editá-la. Seis meses após o lançamento de *Diretrizes* Azevedo Amaral não compactou com os rumos editoriais e deixou a revista.

Sua equipe era formada por intelectuais instigantes como Moacyr Werneck de Castro, o então comunista Carlos Lacerda e outros integrantes do Partido Comunista. Samuel convidou vários escritores como Graciliano Ramos, Astrogildo Pereira, Adalgiza Nery, Jorge Amado, Octávio Malta, Rachel de Queiróz entre outros, para formar a equipe de sua revista, que era submetida à censura prévia do DIP. Seu objetivo era lutar contra o fascismo e o nazismo. (ROUCHOU, 2013, p. 4)

A principal justificativa para a manutenção dessas publicações, mesmo em um cenário político marcado pela censura, foram as iniciativas da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento de orientação fascista que tentou um golpe contra o governo de Getúlio Vargas em 1938. Além disso, apesar das relações econômicas entre o Brasil e a Alemanha serem muito fortes durante a década de 1930, havia uma aproximação nas relações econômicas e sobretudo culturais entre o Brasil e os Estados Unidos. No primeiro número da revista *Diretrizes* o quadro político internacional estava no centro das discussões, o que tornaria marca comum das demais edições. Segundo Duque Filho “A revista *Diretrizes* representava uma plataforma de destaque para o pan-americanismo, incentivando a ampliação das relações comerciais, culturais e políticas com os Estados Unidos.” (DUQUE FILHO, 2007, p. 113 citado por MEIRELES, 2013).

Figura 2: Revista Diretrizes, abril de 1938.



Fonte: Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

No editorial, o jornalista Azevedo Amaral apresentou as intenções da publicação, atacando abertamente o fascismo e as tentativas de Plínio Salgado à frente da AIB, citando os que o seguiam como “elementos sociais que sistematicamente se abstêm de pensar”.

Ainda segundo Azevedo Amaral

O insucesso daquela iniciativa e o fracasso mais ou menos simultâneo de outras formações também inspiradas pelos modelos fascistas

que começavam a ser importados ao Brasil, serviram para robustecer a convicção geral sobre a impossibilidade de aclimatar no nosso meio correntes de tal natureza. (AMARAL in: Revista Diretrizes, 1938, p.04)

Os artigos no primeiro número de *Diretrizes* seguiram na mesma linha das críticas de Azevedo Amaral. Havia vários colaboradores ligados ao comunismo, e neste momento existia um consenso na direção do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que uma aproximação com o Governo Vargas se fazia necessária, para fortalecer o combate ao fascismo. Rubem Braga mantinha uma coluna mensal na revista, que embora nunca tenha se filiado ao PCB era casado com uma militante comunista, Zora Seljan. No seu artigo *O homem da Rua*, ele tratou de forma irônica da tentativa fracassada do golpe integralista:

Queriam o monopólio do patriotismo. Também monopolizavam a honra. Nas horas vagas monopolizavam também, Deus. E, quando na não tinham o que fazer, monopolizavam a família. Eram interessantes, e divertiam. Mas depois começaram a ficar cacetes. Queriam matar todo mundo. Ninguém queria morrer. O dr. Getúlio Vargas ficou muito aborrecido. Veio o Carnaval. Na terça-feira, dia dos préstitos, os homens quiseram fazer uma brincadeira. Não era direito. Os Democráticos, os Fenianos e os Tenentes do Diabo existem a muitos anos. O concorrente de última hora não arranjou nada. É natural. A gente gosta do Carnaval assim, uma vez por ano. Mas botar um clube no governo não dava certo. Depois que acabou o Carnaval o governo achou que não havia razão para continuar o clube. (BRAGA in: Revista Diretrizes, 1938, p.11)

No final da década de 1930 ocorriam pressões de parte dos intelectuais e da imprensa brasileira para o distanciamento do governo Vargas da Alemanha nazista. Ao mesmo tempo, as relações institucionais entre Brasil e Estados Unidos só aumentaram durante o período. Na imprensa apareciam cada vez mais artigos elogiando as políticas desenvolvidas pelo governo de Franklin Delano Roosevelt, valorizando a democracia e o pan-americanismo. Nesse sentido, a revista *Diretrizes* foi uma das porta-vozes a favor da aproximação com Whashington. No artigo “O chanceler brasileiro”, foi produzida uma análise e a transcrição de um discurso proferido pelo Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, em 2 de março e 1938, no qual ele elogia os Estados Unidos, afirmando que todos os brasileiros

reconhecem nos norte-americanos “a grandeza de vossa civilização e o caráter penetrante de vossas instituições” (ARANHA in: Revista *Diretrizes*, 1938). Azevedo Amaral escreve enaltecendo o discurso de Osvaldo Aranha, reforçando a necessidade de aproximação entre Brasil e Estados Unidos.

O Brasil, dentro da medida dos seus recursos e fiel aos postulados do pan-americanismo, pelos quais norteou sempre a sua política externa, está ao lado dos Estados Unidos e das outras nações da América na defesa deste continente e da humanidade contra a ação nefasta das forças retrógradas e obscurantistas, que se opõem ao estabelecimento de uma ordem jurídica internacional e procuram fazer recuar a civilização para a barbárie guerreira. (AMARAL in: Revista *Diretrizes*, 1938, p. 12)

Esse senso de necessidade de se combater fascismo tendo como aliados os norte-americanos discutido na esfera pública se refletia com as ações diplomáticas dos dois países. A convite do Presidente Franklin Delano Roosevelt, no início de 1939 ocorreu uma missão diplomática chefiada por Osvaldo Aranha, a qual estabeleceu cinco acordos entre os dois países no setor econômico. A “Missão Aranha”, como ficou conhecida, também acordou uma troca de visitas entre os chefes de Estado-Maior do dos exércitos brasileiro e americano, com intuito de barrar os planos militares alemães no continente.

Neste contexto, os males do fascismo poderiam ser afastados do continente americano por meio da cooperação de forças entre as nações. Por isso o discurso pró Estados Unidos se fez tão presente nas frentes antifascistas. Dessa forma, a aproximação com os Estados Unidos representava também a aproximação com o moderno, com o imaginário de liberdade, conceito bem desenvolvido na cultura norte americana. Em oposição a isso estava a Europa, o Velho Mundo, em que o conceito de civilização entrava em conflito com os regimes autoritários. Corroborando com a tese de que o fascismo representava uma decadência da civilização e da cultura, no editorial de abril de 1938 de *Diretrizes*, Azevedo Amaral descreve a atuação do fascismo como algo desconectado com a realidade, “O processo psicológico da conversão do integralismo era análogo ao que leva indivíduos a imitar atitudes e hábitos dos personagens dos filmes de *Hollywood*.” (AMARAL in: Revista *Diretrizes*, 1938, p.04)

A relação direta entre o fascismo e a guerra tornou-se uma das

principais armas do discurso antifascista. Na sustentação dessa hipótese estava a análise do contexto global do ano de 1938 mencionando que a formação do Eixo Roma-Berlim tinha finalidade bélica e ameaçava as democracias ocidentais. No artigo de *Diretrizes* intitulado “*O eixo Roma- Berlim do ponto de vista imperial britânico*”, Azevedo Amaral discute o problema que as ações dos governos da Itália e Alemanha trazem para a sustentação da paz. Em março de 1938 a Alemanha nazista anexou a Áustria, desafiando completamente o Tratado de Versalhes, numa demonstração de força para as demais potências europeias.

Segundo o texto da *Diretrizes*, o nazismo também começava a representar um perigo para o Brasil. As iniciativas de expandir o Império Alemão poderiam ter como alvo as colônias formadas por imigrantes germânicos em várias partes do mundo, inclusive no território brasileiro.

O processo tortuoso das intervenções para criar situações críticas em outros países, já está sendo praticado e poderia muito bem ser analisado no preparo de movimentos que servissem de prelúdio à organização de “pequenas pátrias” nazistas. (AMARAL in: Revista *Diretrizes*, 1938. p. 20)

No final do texto é reforçada a tese presente em toda a revista de que era necessário trabalhar na perspectiva de “solidariedade americana”, a fim de mostrar ao *Reich*, e demais forças fascistas, que existiria uma coesão entre as nações americanas para evitar que o “pan-germanismo” atingisse o continente, fazendo ainda uma reflexão sobre os artigos da imprensa alemã que deixavam claras as intenções do “sentimento hostil do nazismo contra o Brasil”.

Quanto à política externa brasileira durante o governo Vargas, é necessário ressaltar que esta ganhou novos enfoques de atuação, passando por transformações relevantes nas relações com as grandes potências europeias e os Estados Unidos. As relações comerciais entre Brasil e Alemanha aumentaram significativamente nesse período. Apesar da promessa de cumprimento dos compromissos de governos anteriores, o novo ministério passou a ver na economia a sua principal preocupação com a política externa. Segundo Amado Luiz Cervo e Clodoaldo Bueno, isso se deu, entre outras causas, pelo contexto da crise de 1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York e o conseqüente problema com diminuição das

exportações brasileiras. (CERVO/BUENO, 1992)

Apesar da boa receptividade entre o Eixo Roma-Berlim, e o estreitamento das relações entre estes países, o Estado Novo trouxe reflexos diretos na diplomacia brasileira. Importantes nomes que compunham a base do governo Vargas, tais como Góes Monteiro, Filinto Müller e Eurico Gaspar Dutra eram claramente simpatizantes do Eixo, uma vez que as relações de barganha com armamentos seriam melhores com estes países. Portanto, até meados da década de 1930 Brasil e Alemanha mantiveram-se muito próximos, refletindo-se até mesmo na cooperação da luta anti-comunista entre os dois países. O historiador norte-americano Frank D. McCann, afirma que a posição dos Estados Unidos em relação à América Latina só começa a mudar depois da derrota francesa para a Alemanha logo no início da Segunda Guerra Mundial: “(...) um retardo que impediu uma cooperação militar efetiva até o final de 1940 e quase jogou os brasileiros nos braços dos alemães.” (McCANN, 1995.p. 101) Contudo, após Osvaldo Aranha manifestar-se contra o golpe de 1937 e pedir demissão do cargo de embaixador do Brasil em Washington, foi reintegrado ao governo em 1938 com o cargo de Ministro das Relações Exteriores. Desta maneira, havia um contrapeso entre os membros do governo que se alinhavam ideologicamente com os países do Eixo e o ministro Aranha, mantendo ligações estreitas com o governo Norte- Americano.

Em 1939, após a visita de Góes Monteiro aos EUA, as discussões acerca da segurança do Brasil, em especial na região sul, se acirraram. Durante esta visita, o general apresentou um pedido de material bélico junto aos EUA, oferecendo vários tipos de matérias-primas como forma de pagamento. (McCANN, 1995. p. 118) Ainda assim, em 1940, Aranha declarou ao embaixador norte-americano Jeferson Caffery que se o governo dos EUA não abastecesse as forças armadas do Brasil com armamentos, os militares brasileiros estreitariam mais ainda as suas relações com a Alemanha, inclusive alguns instrutores alemães poderiam vir ao Brasil. O professor McCann afirma que estas declarações, conhecendo a posição pró-EUA de Aranha, servia apenas como uma forma de pressionar Washington. (McCANN, 1995. 171-172)

Este processo levou a uma guinada na política externa, aproximando mais o Brasil dos Estados Unidos. A legislação em relação aos indivíduos

estrangeiros que viviam no país tornou-se mais rígida, principalmente a partir do Decreto-lei nº383, de 18 de abril de 1938. Com as medidas de cerceamento das atividades políticas dos indivíduos alemães em território brasileiro houve um abalo significativo nas relações internacionais entre Brasil e Alemanha, uma vez que a havia interesse do governo nazista em expandir sua propaganda e ideologia nas colônias da América do Sul. O embaixador alemão Karl Ritter, no Brasil desde 1937, com a principal função de estreitar as relações comerciais entre os dois países, manifestou repúdio à política nacionalizadora imposta pelo governo Vargas.

A partir de 1938 as relações entre o Brasil e Estados Unidos tornaram-se ainda mais intensas com a presença de Osvaldo Aranha a frente do Ministério das Relações Exteriores. Segundo Amado Luiz Cervo (1992), as preocupações dos norte-americanos com a aproximação entre Brasil e Alemanha não estavam apenas no universo da economia, mas também na expansão da propaganda política e ideológica que o NSDAP poderia realizar em territórios da América do Sul.

Esse processo de aproximação dos Estados Unidos com o Brasil foi constante durante todo o governo Vargas. No ano de 1945, com a criação do Partido Trabalhista Brasileiro, um segundo ponto passou a ser relevante no jogo de poder no Estado Novo: o Trabalhismo. No entanto, a ideia de que Vargas se aproximasse da classe operária não era vista com bons olhos pelos militares, gerando uma crise na relação entre estes e o governo, e a consequente deposição de Getúlio Vargas em 1945, orquestrada pelos próprios militares.

Sobre a imigração e entrada de estrangeiros no período, entre os anos 1933 e 1945 foram expedidas diversas leis e decretos que regulamentavam a questão da imigração no Brasil. A legislação acompanhou a política centralizadora, passando por mudanças de acordo com os alinhamentos da política externa brasileira. Durante o governo Vargas nenhuma política de asilo foi estruturada. Dessa forma, os europeus que vieram para o Brasil após 1933, fugindo das perseguições do nazismo, eram considerados imigrantes, e não exilados. Essa postura foi adotada por quase todos os países da América Latina, com exceção do México.

Desde a segunda metade do século XIX, o Brasil tornou-se um país aberto à imigração, sem grandes restrições aos estrangeiros que chegavam

pelos portos brasileiros. A partir dos anos 1930, com os debates sobre a necessidade da formação de uma “identidade nacional”, é que leis restritivas a chegada de imigrantes começaram a ser impostas. O decreto lei 19482 de 12 de dezembro de 1930 serviu para limitar a entrada nos portos do Brasil de passageiros da terceira classe, justificando-se pelo aumento do desemprego entre os brasileiros. Já em 16 de maio de 1934 foi promulgado decreto-lei 24258, que distinguia o imigrante do não-imigrante. Segundo esse decreto, imigrantes eram aqueles que vinham com a finalidade de trabalhar na agricultura, constituídos de famílias aptas ao trabalho. Os “não imigrantes” eram os estrangeiros que não se encaixavam nessas características deveriam seguir as medidas impostas no capítulo II da referida lei¹¹.

Todas essas leis visavam o combate aos considerados “indesejáveis” para o projeto de nacionalização implementado por Getúlio Vargas. Nesse sentido, tentou-se evitar a entrada, principalmente, de asiáticos e de estrangeiros que pudessem estar envolvidos com ideologias comunistas na Europa. Essas restrições foram mais intensas após o formação do Estado Novo, com o golpe de 1937. Uma série de circulares secretas foram emitidas na tentativa de reprimir a entrada desses elementos no Brasil. Em 1938 foi criado o Serviço de Registro de Estrangeiros, onde os imigrantes deveriam registrar-se para receber uma identificação. No Artigo 1º do Decreto 3010 de 20 de agosto de 1938 estava explícita a politização da escolha dos estrangeiros que entrariam no Brasil¹².

Art. 1º Este regulamento dispõe sobre a entrada e a permanência de estrangeiros no território nacional, sua distribuição e assimilação e o fomento do trabalho agrícola. Em sua aplicação ter-se-á em vista preservar a constituição étnica do Brasil, suas formas políticas e seus interesses econômicos e culturais.

Entre os dias 06 e 15 de julho de 1938 ocorreu a Conferência de Evian, França, organizada pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, para discutir a questão dos refugiados alemães perseguidos pelo nazismo. O Brasil enviou o diplomata funcionário do Ministério

11 Ver <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24258-16-maio-1934-557864-publicacaooriginal-78583-pe.html>. Consulta em 05 de julho de 2017.

12 Ver <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-3010-20-agosto-1938-348850-publicacaooriginal-1-pe.html> acesso em 05 de julho de 2017.

das Relações Exteriores, Hélio Lobo, como seu representante, que escreveria em 1950 sobre o evento, afirmando que havia se posicionado de forma contrária à entrada de refugiados do Regime Nazista, principalmente com a questão judaica.

Estávamos no início de um Regime , que num país que mistura raças de que se orgulha, ia inspirar-se em preocupações oriundas do nacional-socialismo alemão. De modo que, enquanto as instruções eram negativas em relação aos israelitas expulsos do Reich, estavam esse às centenas no Brasil [...] (Boletim do Departamento de Imigração, n 5, dezembro de 1950)

O encontro foi uma tentativa de ampliar o número de estrangeiros que fugiam do nazismo para a América Latina, tentando assim diminuir a imigração em massa para os Estados Unidos. O resultado não foi o esperado pelo governo estadunidense, as medidas restritivas já estavam sendo tomadas pela maioria dos governos latino-americanos, incluindo Brasil, Argentina e Uruguai, que enviaram representantes para a Conferência. (BARTROP, 2018, p.82)

Com o aumento dos pedidos de entrada estrangeiros de fala alemã no Brasil após 1938, em decorrência da ocupação da Áustria e da Tchecoslováquia pela Alemanha Nazista, Vargas editou decretos restringindo ainda mais os vistos, principalmente aos judeus. Na circular nº 1249, de setembro de 1938, estava explícita a ordem de que para os estrangeiros da “raça semita” só seriam fornecidos vistos temporários. (CARNEIRO, 2007, p.392).

Fernando Mibielli de Carvalho, membro do Conselho de Colonização, órgão oficial criado por Vargas após a suspensão imediata de vistos temporários em 1941, reafirmou a posição do governo brasileiro em não receber estrangeiros perseguidos pelos regimes totalitários na Europa, ao chamá-los de “escória de guerra” (SALLES, 2002). Tal afirmação revela a intenção de afastar os possíveis “refugiados”, principalmente pelo receio de receber judeus e comunistas entre eles.

Mesmo após a instituição de leis mais rígidas em relação à entrada de estrangeiros no país, alguns ainda conseguiram entrar no Brasil entre 1940 e 1943. Segundo a edição de setembro de 1944 da Revista de Imigração e Colonização, durante esse período entraram 45 Austríacos e 1705 alemães pelos portos brasileiros (KESTLER, 2003, p. 54).

Diante disso, o contexto global acelerou esse processo. Após os ataques à base americana de Pearl Harbor, ocorreu a Conferência do Rio de Janeiro, entre 15 e 28 de janeiro de 1942, uma reunião de chanceleres onde foi discutida e aprovada de forma unânime o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e as potências do Eixo. Com esse ato as perseguições aos imigrantes alemães e aos exilados de fala alemã que entraram no Brasil neste período tornaram-se sistemáticas. Todo alemão passou a ser visto como potencial subversivo e colocados sob vigilância pelos órgãos de repressão do DOPS, independente de suas filiações partidárias.

A resposta imediata da Alemanha veio com o torpedeamento de navios mercantes brasileiros pela marinha alemã. Em março de 1942 o governo brasileiro declarou “estado de emergência” e impôs um Decreto-lei estabelecendo indenizações que deveriam ser pagas pelos “súditos do eixo” que encontravam-se no Brasil. Neste contexto, também foram estabelecidas restrições que implicaram em mudanças no cotidiano de alemães, japoneses e italianos, como, por exemplo, falar sua língua em público, possuir rádio ou transitar de uma cidade a outra sem portar um documento de “salvo conduto” que só poderia ser fornecido pelas delegacias do DOPS.

As tensões entre a Alemanha e Brasil se agravaram quando o navio de passageiros Baependi foi torpedeado pelo submarino alemão U-507, em 15 de agosto de 1942. A opinião pública e pessoas que compunham o governo Vargas passaram a pressioná-lo para uma resposta à ofensiva alemã. Dessa forma, Getúlio Vargas decretou no dia 22 de agosto o “estado de beligerância” com a Alemanha e a Itália, e no dia 31 do mesmo mês o “estado de guerra”. A aproximação entre Brasil e Estados Unidos resultou no envio da Força Expedicionária Brasileira, com efetivo de 25.834, para lutar ao lado dos Aliados na Europa contra as potências do Eixo. Para a historiadora Angela Meirelles de Oliveira

O movimento de aproximação com os Estados Unidos sinalizava também um afastamento do Velho Mundo, palco das guerras que anunciavam sua decadência como defendia a tese de Oswald Spengler, muito bem recebida na América Latina. Com o início do conflito, deflagrado em setembro de 1939, o editorial de Cultura, mensário democrático anunciava: “Ninguém duvida de que a tragédia que se desencadeia sobre a Europa, representa o crepúsculo de uma civilização.” (OLIVEIRA, 2013, p. 68)

O resultado da falta de políticas específicas aos exilados de fala alemã no Brasil resultou em um número reduzido de organizações e atividades políticas antinazistas entre os alemães e austríacos em comparação com movimentos políticos da mesma natureza em outros países da América Latina ou nos Estados Unidos. Esse contexto foi agravado pela desconfiança que havia entre as autoridades e parte da opinião pública brasileira ao acusar os movimentos de alemães antinazistas de serem exclusivamente comunistas ou “nazistas disfarçados” para atuar livremente em prol do *Reich*.

As políticas de imigração só mudaram com o fim da guerra. Em setembro de 1945 a o Decreto-lei 7967 estabeleceu novas normas para a imigração, retirando as restrições específicas aos alemães.

Dessa forma, na medida em que os exilados de fala alemã começaram a se agrupar e formar movimentos políticos no Brasil, as conexões com os grupos na América do Sul e nos Estados Unidos foram se intensificando. A circulação de ideias entre eles ultrapassou os limites das fronteiras nas Américas. Essa aproximação foi impulsionada pelas posições adotadas por Brasil e Estados Unidos frente ao avanço nazista. Com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha em agosto de 1942 os imigrantes e descendentes de alemães, japoneses e italianos passaram a sofrer intensa perseguição do governo brasileiro, uma vez que Vargas e sua equipe acreditavam que os “súditos do eixo”, como eram chamados esses estrangeiros, promoviam atividades de espionagem e propagação das ideias nazifascistas em território nacional. Dessa forma, o governo norte-americano passa a olhar de positivamente para a atuação da polícia brasileira para conter a propagação do nazismo dentro das colônias. Ao escrever sobre a posição dos Estados Unidos frente à campanha de perseguição aos “5º colonas” durante o governo Vargas, o historiador Dennison de Oliveira afirma:

Essas iniciativas eram vistas com muito bons olhos em Washington. As autoridades norte-americanas também temiam que estivesse em curso um amplo processo de infiltração nazista na América Latina, a qual abriria caminho para a ocupação militar posterior, a ser apoiada decisivamente pelas representações locais do partido nazista no interior. (OLIVEIRA, 2011, p. 29.)

Esse interesse de Washington não era só no caso brasileiro, mas no contexto político da América do Sul. Isso já havia sido manifestado pelos

Estados Unidos durante a Conferência de Consolidação da Paz (Buenos Aires, 1936), quando o governo norte-americano propôs que uma ameaça ou agressão a um país do continente americano por alguma força extracontinental seria tratada como uma ameaça ao conjunto do “Novo Mundo” (SEITENFUS, 2003, p. 187). As movimentações de Brasil e Argentina eram vigiadas com cautela por Washington D.C., impulsionados pela importante presença de comunidades germânicas nestes países. Agrega-se a isso o não alinhamento da Argentina com os Estados Unidos. Sendo assim, a fronteira sul torna-se um lugar de intensa vigilância pelas autoridades norte-americanas.

A recusa da Argentina em se alinhar com a maioria dos países latino-americanos no quadro da solidariedade continental aos EUA, após o ataque a Pearl Harbor fez aumentar entre os militares brasileiros as suspeitas com relação as intenções do país vizinho. Também os militares dos EUA acompanhavam o assunto com preocupação. (OLIVEIRA, 2015, p.288)

O estreitamento das relações entre Brasil e Estados Unidos fizeram com que o trânsito de ideias entre os dois países ocorresse com mais facilidade. Por isso era comum a troca de correspondências e materiais como revistas, jornais e panfletos que divulgavam ações antinazistas entre os movimentos políticos de exilados de fala alemã na América do Sul e América do Norte. A análise de parte desse material foi possível a partir do resgate em Arquivos do Brasil, Uruguai e Estados Unidos.

2.1 Movimento dos Alemães Livres do Brasil

A maioria dos intelectuais de fala alemã que buscaram exílio no Brasil entrou no país a partir de 1938, resultado direto da anexação da Áustria pela Alemanha Nazista. Nesse período, cerca de 90 mil alemães e austríacos refugiaram-se na América Latina, sendo 25 mil somente no Brasil (PALMIER, 2006). No quadro geral, eram judeus, comunistas e liberais, e a maioria desempenhava atividades intelectuais e políticas na Europa. Cabe ressaltar que as motivações desses estrangeiros eram diferentes do contexto dos imigrantes que já haviam se estabelecido no Brasil desde os fins do século XIX, os quais acabaram por se atrelar a atividades majoritariamente ligadas aos espaços rurais, formando colônias em várias

regiões do Brasil, com maiores concentrações no sul e sudeste.

Em quase todos os casos a intenção era migrar para os Estados Unidos, mas devido às restrições impostas pelo governo norte-americano, muitos acabaram optando pela América do Sul. No Brasil, além do problema da língua e das dificuldades em desenvolver as mesmas atividades que faziam no seu país de origem, a vigilância constante das autoridades brasileiras também foram barreiras importantes para a formação e atuação dos movimentos antinazistas. Muitos agiram na clandestinidade, outros resolveram se calar, mas de forma geral, a quantidade de movimentos e de indivíduos que participaram de atividades antinazistas entre os exilados foi menos expressivas ao compararmos com a Argentina, México e Estados Unidos.

O Decreto Lei de 12 de maio de 1938, que proibia as atividades políticas dos estrangeiros não surtiu efeito somente no Partido Nazista do Brasil, mas atingiu diretamente os grupos antinazistas. Dessa forma, a legislação não permitiu o surgimento de importantes editoras para publicações dos movimentos de alemães antinazistas, como no México, Editora *El Libro Libre*, responsável pela Revista *Freies Deutschland*, e na Argentina, a Editora Cosmopolita, que publicava a Revista *Das Andere Deutschland*. Isso levou a maior parte dos escritores exilados no Brasil a buscar trabalho em jornais e revistas brasileiras.

Um dos grupos antinazistas mais expressivos no Brasil foi o Movimento dos Alemães Livres, liderado pelo austríaco Karl Lustig-Prean. Originalmente seu nome era Karl Lustig-Prean von Preanfeld um Fella, que passou assinar de forma diferente durante o exílio. Na Áustria, foi diretor de teatro e jornalista, atividades que não conseguiu desempenhar com o mesmo sucesso no Brasil. A sua vinda para o Brasil, em 1937, foi facilitada pela carta de recomendação enviada pelo embaixador brasileiro em Praga, para Herbert Moses, que desempenhava o cargo de presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e conhecia o trabalho do austríaco há alguns anos. Na medida em que percebia que a guerra na Europa era eminente, e a Áustria havia se tornado um lugar inseguro para ele e a família com a presença do nazismo, Lustig-Prean buscou exílio no Brasil com sua esposa Lotte, Além disso, havia um irmão de sua esposa que morava no país, o que ajudou em sua adaptação ao país.

Na Áustria, Lustig-Prean era membro do Partido Popular

Social-Cristão Alemão (*Deutsche Christlich – Soziale Volkspartei*), atuante na Tchecoslováquia, motivo principal pelas perseguições que sofreu dos nazistas. Isso reforça a negação da tese dos prontuários policiais que afirmavam que ele era “comunista convicto”. Pelo contrário, sempre esteve ligado ao conservadorismo católico. Suas primeiras atividades políticas no Brasil começaram ainda como redator da revista católica *St. Michaels*, atuando como editor. Afastou-se do periódico ao perceber que os demais editores e colaboradores que trabalhavam ao lado dele não queriam adotar uma postura de oposição a Hitler e ao Regime Nazista (KESTLER, 2003).

Assim como no *Free German Movement* de Otto Strasser, os grupos de fala alemã no exílio no Brasil também utilizavam o termo “antinazista” para definirem suas posições. Da mesma forma haviam movimentos que utilizavam genericamente o termo “antifascista” para se referirem as lutas tanto quanto contra a Alemanha Nazista quanto em relação à Itália Fascista, e tudo que esses governos representavam e influenciavam. A utilização desse termo se apresenta como uma importante ferramenta de análise para um fenômeno que ocorreu de forma global, mas que adquiriu características nacionais e regionais. Corroborando com a tese de Ricardo Pasolini (2008) sobre os movimentos de oposição ao fascismo na América do Sul, o antifascismo se transformou em uma sensibilidade política e ideológica e uma frente de resistência que alcançou diversos setores organizados da sociedade, apelando para um senso de solidariedade internacional frente à ameaça do fascismo, tanto imaginário quanto real.

Karl Lustig-Prean começou a atuar politicamente no Brasil em 1938, organizando pequenos grupos de católicos opositores do nazismo, tanto alemães quanto austríacos. Nesta primeira fase, buscou organizar grupos austríacos do exílio, mas devido às divisões políticas entre seus compatriotas, principalmente com Helmut Hütter, não obteve êxito. Por isso teria se voltado exclusivamente para os movimentos antinazistas nos círculos de exilados alemães (KESTLER, 2003, p.166).

Estes grupos não conseguiram avançar muito nesta fase, devido às restrições das autoridades brasileiras que desconfiavam das intenções das atividades políticas de Lustig-Prean. Para a polícia de São Paulo, os movimentos antinazistas tinham ligações diretas com o *Das Andere Deutschland* (DAD), da Argentina, o que despertava a atenção pela fama da influência

comunista que o movimento argentino mantinha. No entanto, o círculo de amizades de Karl Lustig-Prean aumentou significativamente neste período, inclusive gerou a aproximação com o cônsul norte-americano Jefferson Caffery, que seria importante para o Movimento dos Alemães Livres do Brasil em seus contatos com os grupos antinazistas nos Estados Unidos.

Karl Lustig-Prean começou a agrupar o Movimento dos Alemães Livres em outubro de 1941, resultado da reunião de grande parte dos alemães antinazistas de São Paulo. O grupo denominado “Movimento dos Alemães Livres” surgiu da reunião de antigos membros de outro movimento de alemães antinazistas que manteve breve atuação em 1937, chamado de “A Outra Alemanha”, uma extensão brasileira do *Das Andere Deutschland*, da Argentina. A mudança de nome ocorreu para que a organização fosse legalizada, uma vez que a primeira havia sido proibida pelas autoridades devido às acusações de ligações com o comunismo. Sendo assim, o grupo passou a ser dirigido por Lustig-Prean, jornalista austríaco que afirmava “descender dos arianos desde o ano 1100, tanto de lado materno quanto de lado paterno”. Foi condecorado duas vezes na Primeira Guerra Mundial, quando recebeu o título de Capitão pelo exército austríaco. Além disso, foi colaborador do jornal “*Deutsche Presse*”. Nos primeiros relatórios da polícia paulista, havia discordância entre os investigadores sobre as afiliações políticas de Lustig-Prean, por isso, em muitos momentos divergiam acerca das atitudes que deveriam tomar em relação à ele. “Karl Lustig-Prean um dos mais notáveis jornalistas democráticos da Europa Central, e que luta há 10 anos contra o hitlerismo”. (DOPS, prontuário 53569: Arquivo Público de São Paulo, folha 2)

No início do exílio no Brasil, Lustig-Prean aproximou-se de August Siemsen, presidente do grupo *Das Andere Deutschland-DAD* (A Outra Alemanha) de Buenos Aires. As dificuldades da formação de uma frente única antinazista na América do Sul ficaram claras desde o início, pois o DAD era composto em sua maioria por grupos socialistas, inclusive o próprio Siemsen, que foi membro do SAPD (*Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands* – Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha), surgido no fim da República de Weimar, enquanto Lustig-Prean defendia a ideia de formar um movimento sem preferências ideológicas isoladas, optando pela pluralidade.

No dia 21 de janeiro de 1942 ocorreu a primeira reunião do Movimento

dos Alemães livres em São Paulo, ainda sob sigilo para não chamar a atenção das autoridades brasileiras. O encontro aconteceu em comemoração ao aniversário de Karl Lustig-Prean, com presença do cônsul norte-americano, Jefferson Caffery. Para escapar das restrições impostas pela legislação brasileira, que proibia aos estrangeiros de se agrupar com finalidades políticas, no início o grupo antinazista se declarava um “círculo de leitores”. A partir do rompimento oficial das relações entre Brasil e Alemanha em 28 de janeiro de 1942, o grupo passou a se manifestar publicamente, com o intuito de apresentar intensões do à opinião pública brasileira.

Karl Lustig-Prean gerou desconfiança do DOPS desde o início das suas atuações políticas, principalmente pelo contatos que mantinha pessoas ligadas ao comunismo e com Enst Bachmann, membro da Frente Negra (*Schawrze Front*), de Otto Strasser. Por isso, em muitos momentos nos prontuários do DOPS consta que “somente um longo e acurado serviço de observação poderá definir claramente os intuitos do Movimento dos Alemães Livres do Brasil“.”(DOPS, prontuário 53569: Arquivo Público de São Paulo, folha 4). Em sua autobiografia, Lustig-Prean descreveu o interrogatório com o delegado de São Paulo, por ocasião das denúncias sobre o seu envolvimento com movimentos políticos.

Dr. Tavares me pediu contar a minha vida. [...] Perguntou se eu tivesse sido comunista em Praga? Dei uma gargalhada. O enviado brasileiro me recomendou a Hebert Moses. [...] Mas como enviado soubesse que eu não era comunista? – Do cardinal. [...] Tavares concluiu: [...] provavelmente o senhor tornou-se vítima de calúnia. Provavelmente o senhor é uma boa pessoa. Já em pé respondi: Querido Doutor Tavares, o senhor pode perguntar ao cônsul-geral americano sobre mim – O senhor o conhece? - Eu quis saber, como o interrogatório é feito aqui. (LUSTIG-PREAN apud ECKL, 2015, p 148)

A imprensa carioca também deu grande destaque à organização antinazista. Em matéria publicada no dia 13 de maio de 1942, intitulada “Ao lado do Brasil os Alemães Livres”, o jornal “Estado de São Paulo” noticiou que os grandes jornais do Rio de Janeiro estão escrevendo publicações em apoio aos alemães que querem ajudar a combater o hitlerismo no Brasil. Para eles, esses são os verdadeiros alemães, que livres dos olhos da Gestapo, podiam manifestar livremente suas opiniões em território brasileiro. Mas, ainda segundo a imprensa da capital, “isso só era possível

porque as autoridades policiais de São Paulo criaram um ambiente livre dos métodos terroristas e alucinados do *Fuehrer*” (DOPS, Arquivo Público de São Paulo, prontuário 93802).

No entanto, por trás dessas declarações, não só a Polícia de São Paulo, mas do Brasil todo, investigava e repreendia as atividades dos grupos de alemães antinazistas. Sendo assim, foi escrito um manifesto declarando apoio às autoridades brasileiras foi entregue à polícia de São Paulo no dia 12 de maio do mesmo ano, deixando clara sua posição contra os movimentos fascistas na Europa, afirmando estar de acordo com a política nacional de combate à influência do nazismo entre os imigrantes e descendentes de alemães no Brasil. O jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, publicou na edição do dia 13 de maio de 1942 a entrega do Manifesto dos Alemães Livres ao superintendente de segurança Política e Social de São Paulo, Major Olinto de Franca. Com matéria intitulada “A outra Alemanha, o lema dos Alemães Livres do Brasil”, essa foi a primeira tentativa de buscar legitimidade ao grupo.

O major Olinto de Franca, superintendente da segurança Política e Social, recebeu em seu gabinete uma comissão de cidadãos de nacionalidade alemã, a qual, em nome dos alemães livres, domiciliados em São Paulo, depois de louvar as medidas de segurança determinadas pela polícia e de enaltecer a enérgica atividade do interventor federal, senhor Fernando Costa, e do Secretário de Segurança, sr. Acácio Nogueira, entregou ao Major Franco um manifesto em que definem a sua atitude: “O nosso lema, diz o manifesto, na sua parte final, é: A outra Alemanha, o Movimento dos Alemães Livres está pronto a executar todo e qualquer trabalho exigido pelas autoridades, seja para a defesa do Brasil, seja na luta contra os nazistas e adeptos da nova ordem crê ou morre”, (*Diário de Notícias*, 13 de maio de 1942.)

As revistas e correspondência que circularam entre os grupos de fala alemã antinazistas revelaram que estas ideias nortearam todos os movimentos antinazistas da América do Sul e dos Estados Unidos.

Na sua curta existência, de outubro de 1941 a julho de 1943, o Movimento dos Alemães Livres buscou reconhecimento e legitimidade de sua atuação junto ao governo brasileiro, e conseguiu atuar na legalidade durante um curto período de tempo em São Paulo e no Rio Grande do Sul. No entanto, todas as atividades do grupo foram intensamente vigiadas pelas autoridades policiais do país, demonstrando o sentimento

de desconfiança que se sustentava contra as comunidades germânicas. Dezenas de páginas de Dossiês e demais documentos de investigação foram produzidos pelos investigadores do DOPS no período, demonstrando a atuação do Movimento dos Alemães Livres e a preocupação do governo brasileiro com as atividades políticas dos grupos no exílio. Desta forma, é possível afirmar de antemão, que apesar da existência dos movimentos declaradamente antinazistas, e se colocarem à disposição do Brasil na luta contra o nazismo, o Estado brasileiro sempre observou com muitas ressalvas esses movimentos, nunca os reconhecendo como legítimos aliados da nação, salvo casos específicos. Nesse sentido, a ação policial estava a todo tempo atrelada a uma concepção política, pressupondo que a atividade dos “Alemães Livres” também representava uma ameaça à Nação. Encontramos esse discurso na documentação com duas grandes motivações: por ser um grupo liderado por “súditos do eixo”; ou pela possibilidade desse grupo estar ligado ao comunismo.

Não há informações precisas sobre o número de membros que integraram o Movimento dos Alemães Livres, apenas dados aleatórios, como na correspondência enviada por Lustig-Prean para Thomas Mann, informando que só no Rio Grande do Sul, o grupo contava com 72 membros em 1942. Ainda segundo o próprio Lustig-Prean, foi uma organização caracterizada pela pluralidade ideológica, contava com Católicos, socialistas, conservadores e democratas. As ações do movimento consistiam principalmente na publicação de boletins informativos (intitulados “carta aos amigos”, escritos em português); atendimentos ao público interessado em cooperar com a luta antinazista; organização de palestras e salas de leitura; denúncias de atividades do partido nazista nos Estados em que havia membros do grupo. (PREAN, 1942 in: KUSCHEL, 2013, p.255)

O Movimento dos Alemães Livres contava com membros em São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Na capital brasileira o representante geral era o padre franciscano Pedro Sinzig, que distribuía materiais e buscava atender todos os interesses do grupo naquele Estado. Contaram com alianças importantes, como o Movimento Itália Livre e o cônsul-geral norte americano, Jefferson Caffery, que segundo Lustig-Prean, era o “protetor” do Movimento dos Alemães Livres do Brasil.

A constante troca de correspondências entre Karl Lustig-Prean

com os irmãos Thomas Mann e Heinrich Mann, ambos exilados em Los Angeles, representaram também o trânsito de ideias com movimentos antinazistas dos Estados Unidos e do México. Em 4 de setembro de 1942 Karl Lustig-Prean enviou uma carta para Thomas Mann, na Califórnia, retratando as ações dos exilados de fala alemã antinazistas no Brasil, demonstrando empolgação com as atividades políticas na luta contra o nazismo que vinha desenvolvendo no país. A intenção do contato com Thomas Mann também era fortalecer os laços com os demais movimentos espalhados pelas Américas, uma vez que o escritor exilado em Los Angeles representava uma liderança importante para os alemães antinazistas, tanto pela sua capacidade de articulação com as autoridades norte americanas, quanto pela sua trajetória de sucesso no campo da literatura. Seguem trechos da correspondência:

Digníssimo Senhor Doutor! A comissão do Movimento dos Alemães Livres do Brasil pediu-me que lhe comunicasse o seguinte: Desde 12 de maio deste ano, e sob a tolerância das autoridades, surgiu o Movimento dos Alemães Livres do Brasil, que desde então não apenas fez grandes avanços em termos numéricos, como também se desenvolveu até se tornar uma verdadeira frente única, motivo suficiente de orgulho para nós todos.[...] Temos o papel de estabelecer uma ponte dentro do movimento de Ludwing Renn (México) e do Outra Alemanha, na Argentina, no qual continuo sendo a pessoas de confiança no Brasil. São movimentos que estimamos muito. [...]

(PREAN, 1942 in: KUSCHEL, 2013, p.256)

Para Lustig-Prean, o escritor Thomas Mann servia como inspiração na organização dos movimentos livres no Brasil. A atuação de Mann na Califórnia gravando programas de rádio, escrevendo, conversando com as autoridades norte americanas sobre a luta antinazista, tornou-se referência nos grupos de exílio. Na correspondência para Thomas Mann, Lustig-Prean escreveu em nome do Movimento dos Alemães Livres do Brasil: “Relatamos tudo isso ao senhor, digníssimo Senhor Doutor, porque queremos ver no senhor o centro intelectual e espiritual de todos os movimentos livres alemães.” (PREAN, 1942 in: KUSCHEL, 2013, p.255)

Apesar de nunca ter se filiado oficialmente a nenhum dos movimentos políticos de exilados de fala alemã nas Américas, Thomas Mann cooperava de várias formas para o funcionamento das atividades antinazistas.

Em resposta a Lustig-Prean incentivou a atuação do Movimento dos Alemães Livres no Brasil colocando-se à disposição para dar suportes ao movimento nos Estados Unidos:

Prezado Senhor von Lustig-Prean. Sou-lhe profundamente grato por suas informações interessantes e aprazíveis sobre o Movimento dos Alemães Livres do Brasil. Foi-me amável e valoroso saber sobre a atividade de sua associação, sobretudo porque aqui parece ter havido êxito em reunir tudo que é alemão para a luta moral contra o inimigo de todos nós, sem a interferência de quaisquer convicções partidárias. (MANN, 1942 in: KUSCHEL, 2013, p.257)

A admiração que Lustig-Prean nutria por Thomas Mann também se estendia ao seu irmão, Heinrich Mann, com quem se correspondeu durante a formação do Movimento dos Alemães Livres do Brasil, revelando o caráter transnacional dos movimentos antinazistas nas Américas. No dia 23 de março de 1943 Lustig-Prean enviou para Thomas Mann uma carta endereçada para Heinrich Mann, alegando que “enviava para o irmão, pois não tinha seu endereço”. Na carta, Lustig-Prean buscou parabenizar Heinrich Mann pela sua nomeação como presidente de honra do Comitê Latino-Americano dos Alemães Livres, ocorrida durante o Congresso da instituição, e informar o desenvolvimento das atividades do Movimento dos Alemães Livres do Brasil.

Karl Lustig-Prean, São Paulo, Brasil. Ao senhor Heinrich Mann, Los Angeles. [...] Diante de todos, tenho a satisfação de comunicar, em nome do Movimento dos Alemães Livres do Brasil, que o senhor entrou para a presidência de honra do Comitê Latino-Americano dos Alemães Livres. Dado o fato de que não nos é permitido assumir a condição de membro de honra, são proibidos os partidos e associações, daí também tudo que é relacionado a associações registramos em nosso quadro de honra, que possui apenas sete nomes, também o seu ao lado do seu irmão. Diz muito o fato de que nós recentemente pudemos reunir 593 adeptos em um evento cinematográfico americano. [...] (LUSTIG-PREAN, 1943 in: KUSCHEL, 2013, p.257)

Essa correspondência ilustra também a capacidade de atrair números importantes de pessoas que passaram a aderir ao Movimento dos Alemães Livres do Brasil, conferindo relevância nas reuniões e eventos que o grupo organizou. Em outro trecho, Lustig-Prean citou o motivo da ausência dos judeus no grupo, alegando que não havia a participação

deles, “nossos amigos judeus recolheram-se em sua congregação, que é extremamente reacionária”.

Nesse contexto, o Movimento dos Alemães Livres do Brasil se aproximou mais do grupo BFD (*Bewegung Freies Deutschland* – Movimento dos Alemães Livres), formado por exilados do sul da Califórnia e do México. O BFD foi criado no ano de 1942 por Paul Merker e Ludwing Renn, buscando internacionalizar a associação, criando a Frente Antinazista Única na América Latina por meio de aproximação com o DAD (*Das Andere Deutschland*), da Argentina, liderado por August Siemsem. No entanto, nunca houve acordo entre o BFD e o DAD sobre a orientação da frente única. A alegação do BFD foi de que o DAD mantinha orientação radicalmente socialista, enquanto a sua intenção era de unir todas as ideologias contrárias à Hitler de forma apartidária. Sendo assim, em 1943 Lustig-Prean aliou-se ao BFD e associou o Movimento dos Alemães Livres do Brasil ao Comitê Latino-Americano dos Alemães Livres, criado em janeiro de 1943.

Essa aproximação pode ser vista na edição de número 7 da Revista *Freies Deutschland* publicada no México, apreendida pela polícia paulista de posse de Karl Lustig-Prean. Nas páginas 31 e 32 uma carta aberta do BFD foi escrita narrando as atividades do “1º Congresso dos Alemães Anti-hitleristas das Américas” ocorrido no México. Lustig-Prean esteve no evento, ao lado de importantes personagens do exílio de fala alemã, como Heinrich Mann, além de outros representantes dos Estados Unidos México e Uruguai.

Nós, que hoje falamos a vós, somos alemães que hoje se reuniram numa base democrática apesar de opiniões divergentes no terreno da política e da religião. Vivemos em países nos quais a liberdade da palavra, da religião e da imprensa está assegurada. Podemos dizer livremente o que pensamos sem serem repreendidos pelas crueldades da Gestapo, como há dez anos acontece na Alemanha. Faltaríamos ao nosso sagrado dever se não levantássemos bem alta a nossa voz, para que esta voz alcance além do Oceano: de nossa grave preocupação a respeito do presente e do futuro do povo alemão. Há quatro anos, homens e mulheres alemães, vos participais dessa guerra mortífera, da qual ainda não podemos ver o fim. O mundo ecoa do gemer dos povos oprimidos, escravizados pelo tacão de Hitler, apesar da sua derrota inevitavelmente próxima. (DOPS, Revista *Freies Deutschland*, edição número 07. Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 49636)

Os elogios aos sistemas políticos dos países em que os alemães haviam se estabelecido serviam ao mesmo tempo como referências para defender o combate ao autoritarismo nazista quanto para tentar legitimar as atividades dos grupos frente às autoridades das Américas. Essas ideias nortearam todos os grupos analisados nesta pesquisa, reafirmando a intenção de uniformizar as ações no continente. Entretanto, era evidente que o plano dos Movimentos dos Alemães Livres nas Américas tinha como objetivo direto cooperar na reconstrução do que seria a Alemanha no pós-guerra. A relação com os países americanos eram encaradas como transitórias, por isso as fronteiras nas Américas não entravam na pauta de discussão do grupo, suas ações estavam quase sempre voltadas para a reconstrução da Alemanha, tanto como Estado, quanto como Nação.

Nesse momento, verdadeiramente trágico ao povo alemão, queremos advertir- vos com todo o ímpeto de nossa convicção: libertai-vos do luto desesperador, da letargia, fazei livres do medo da Gestapo, fazeis união entre vós! Reconheceis afinal que a vossa força reunida tem um papel decisivo na salvação do povo alemão e do país das garras dos gangters regentes. Não só os alemães estrangeiros e do além-mar olham com todas as esperanças para vós; todos democratas do mundo inteiro esperam que o povo alemão enfim faça uma declaração bem clara entre si e o Hitlerismo. Não acrediteis nas palavras do ministro das mentiras: Goebbels, que a Alemanha será destroçada ou rasgada e que por causa disto deveis lutar até a última hora e ao último homem. Os “planos”, usados pela propaganda do Goebbels, não são os dos povos democráticos. (DOPS, Revista *Freies Deutschland*, edição número 07. Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 49636)

Os elementos discursivos descritos no manifesto revelam a tentativa de unir em um único movimento todos os grupos de alemães antinazistas espalhados pelas Américas. No entanto, assim como no Congresso dos Alemães Antinazistas de Montevideú, ocorrido em janeiro de 1943, essa união esbarrava na multiplicidade de tendências ideológicas encontradas nessas manifestações. Líderes políticos que representavam diferentes ideologias eram aclamados ao mesmo tempo, demonstrando que a ideia que de fato uniam esses movimentos era a oposição a Adolf Hitler e ao nazismo. Conceitos como democracia e liberdade são usados para refutar o autoritarismo e militarismo aplicado pelo *Reich* na Alemanha. Dos Estados Unidos à América do Sul foi a dinâmica de ideias que circularam em todos os grupos antinazistas no Exílio.

O que estadistas líderes como Getúlio Vargas, Roosevelt, Stalin, Churchill, Camacho, Tchang-Kaischek, Benes, De Gaulle e as nações unidas querem, é a destruição total do nazi-imperialismo e da máquina de guerra prussiana, o julgamento e a destruição total dos criminosos, que tanta desgraça fizeram ao povo alemão e ao mundo. O povo alemão achará o caminho e uma paz justa e ocupará um lugar honesto dentro da família dos povos democráticos, se pode contribuir visivelmente com feitos próprios na luta para a liberdade da humanidade da peste parda. (DOPS, Revista *Freies Deutschland*, edição número 07. Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 49636)

A citação de líderes de países com regimes políticos tão distintos como Brasil, Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, México, China, Tchecoslováquia e França demonstram a complexidade de ideias que circulavam entre os movimentos antinazistas, o que dificultou muito a unificação e a formação de ações conjuntas, pois as divergências internas tornaram-se constantes. Externamente, a ênfase em líderes comunistas, como Stalin e Tchang-Kaischek, ligava o alerta nos escritórios do FBI nos Estados Unidos e do DOPS no Brasil, o que resultou na inclusão dos participantes do Congresso ocorrido no México nas listas dos potenciais subversivos.

Essa pluralidade ideológica foi veemente defendida pelos representantes dos Movimentos dos Alemães Livres no Congresso realizado no México, tratado como ponto forte, que daria a possibilidade do grupo somar esforços no combate ao nazismo, assim como as potências Aliadas que estavam lutando na guerra contra o Eixo Roma-Berlim. Desta forma, a reconstrução no pós-guerra poderia ser realizada a partir do resgate dos valores do que consideravam “A verdadeira Alemanha”.

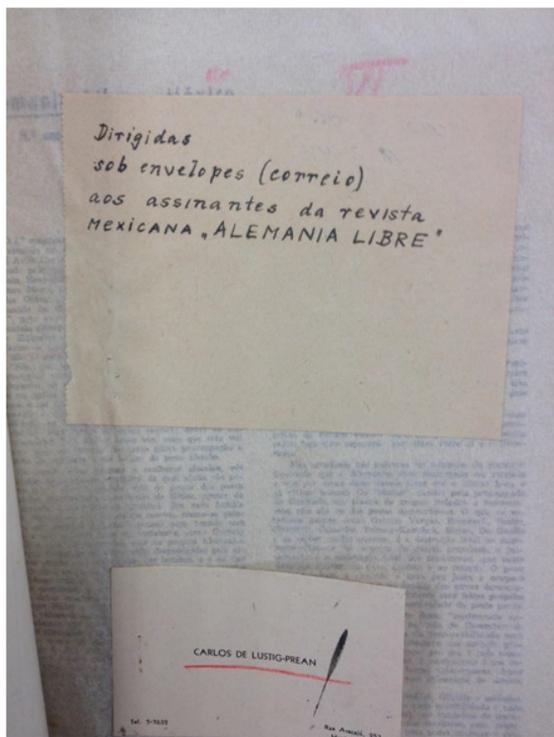
Sabotar a guerra do Hitler é o maior feito patriótico do serviço da libertação e da salvação do povo alemão. Combater contra a guerra do Hitler abre caminho a uma nova Alemanha, na qual a liberdade do povo será garantida, a uma Alemanha que será um Estado verdadeiramente democrata e pacífico. Abaixo Hitler, o destruidor do povo alemão! Viva a Alemanha livre de amanhã! (DOPS, Revista *Freies Deutschland*, edição número 07. Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 49636)

A aproximação do movimento brasileiro com o BFD foi dificultada pelas autoridades brasileiras. A vigilância e a apreensão de documentos dificultaram cada vez mais a continuidade da aliança entre os alemães

antinazistas do Brasil e do restante da América.

No prontuário de número 53569, do dia 02 de fevereiro de 1943, a polícia paulista exibiu um relatório, junto à Secretaria da Segurança Pública, apresentando resultados de investigações acerca do grupo denominado “Alemães Livres de São Paulo”. O grupo tinha sede no centro de São Paulo, situado na Av. São João, número 108, 3º andar, sala nº45, diziam-se “amigos da nobre causa que o Brasil heroicamente defende, e, por isso se uniram a fim de prestar a mais íntima colaboração aos brasileiros que labutam contra a tirania do ditador alemão.” O texto policial afirma que em primeiro momento a organização aparenta ter a intenção de se unir ao povo brasileiro, “como forma de agradecer a sua hospitalidade”, contra as forças do eixo, “na luta contra a desenfreada ambição totalitária”. (DOPS, prontuário 53569: Arquivo Público de São Paulo, folha 1).

Figura 3: Envelope dos Assinantes da Revista Freie Deutschland do México



Fonte: DOPS. Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569

A prática comum dos órgãos policiais do período era a de infiltrar investigadores entre os movimentos a fim de obter o maior número de informações. Em relato do investigador identificado apenas como “agente nº59” percebe-se a exemplificação do método:

Uma vez designado para tal investigação e gozando de uma oportunidade sem para, pois, como estudante ocupo o cargo de Secretário Geral do Centro Acadêmico São Bento, instituição procurada intensamente pelos alemães, para fins de publicidade „Camuflada”, pude entrar em íntimo contato com os dirigentes dos „Alemães Livres””. (DOPS, prontuário 53569: Arquivo Público de São Paulo, folha 2)

Em comemoração ao 1º ano da fundação do Movimento dos Alemães Livres do Brasil foi organizada a publicação de um folheto contendo um balanço das ações do grupo, além de mensagens de personalidades mundialmente conhecidas aos alemães antinazistas do Brasil. Apesar de a publicação estar apenas assinada pela “comissão executiva”, no documento analisado é possível observar a assinatura feita à mão de Karl Lustig-Prean.

A ideia era reafirmar entre os leitores as posições tomadas pelos alemães antinazistas, trazendo algumas das diferenças entre o pensamento nazista e a cultura do que denominavam de “a verdadeira Alemanha”. Buscava-se com essas publicações enfatizar o papel dos intelectuais na reconstrução da Alemanha no pós-guerra, sublinhando o sentido das lutas políticas no combate ao totalitarismo. Segundo o Movimento dos Alemães Livres, “A distância entre a nossa Alemanha e a Alemanha de Hitler é tão grande como entre Faust de Goethe e o *Mein Kampf* de Hitler; como da nona sinfonia de Beethoven com a música vulgar de Horst Wessel” (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 93802)

Figura 4: Informativo do Movimento dos Alemães Livres

MOVIMENTO DOS ALEMÃES LIVRES DO BRASIL

V

12 de Maio de 1943

Um ano "Movimento dos Alemães Livres"

Prezados Amigos e Aderentes

Cords. Sauds.

No dia 12 de Maio de 1942 todos os jornais paulistanos publicaram o seguinte comunicado da Superintendência de Segurança Política e Social: "O Superintendente da Segurança Política e Social, recebeu ontem à tarde, em seu gabinete de trabalho, uma comissão de cidadãos de nacionalidade alemã. A referida comissão, em nome dos alemães livres domiciliados em São Paulo depois de louvar as medidas de segurança determinadas pela Polícia de São Paulo e de enaltecer a atitude enérgica do interventor federal, sr. Fernando Costa e do secretário da Segurança, sr. Acácio Negueira, entregou ao superintendente da Segurança Política e Social um manifesto".

As grandes manchetes fazem crer que a recepção na Superintendência foi considerada um notável acontecimento. Assim o "Diário da Noite" intitulou a sua reportagem com letras garridas do seguinte teor:

OS ALEMÃES LIVRES DO BRASIL COOPERARÃO, SEJA PARA A DEFESA DO BRASIL, SEJA NA LUTA CONTRA OS NAZISTAS

"Agora, mais do que nunca, estamos ao lado dos amigos brasileiros contra as forças do mal, sejam elas nazismo, fascismo ou niponismo"

EXPRESSIVO MANIFESTO ENTREGUE AO SUPERINTENDENTE DE SEGURANÇA POLITICA E SOCIAL

O manifesto que resulta a sincera estima que os alemães livres votaram a pátria, o Brasil, finaliza-se com as seguintes palavras:

"A distância entre nossa Alemanha e a Alemanha de Hitler é tão grande como entre a "Faust" e Goethe e o "Mein Kampf" de Hitler, como Herder e Lessing estão distantes de Rosenberg e Goebbels, como da "Nono sinfonia" de Beethoven à canção vulgar de Horst Wessel, como da "Inacabada" de Schubert à "Força por alegria" de Ley; a mesma distância separa os 44 portadores alemães de prêmio Nobel anacionistas dos atuais opressores da Alemanha. O nosso lema é A outra Alemanha. O movimento dos alemães livres no Brasil, está pronto a executar todo e qualquer trabalho exigido pelas autoridades, seja para a defesa do Brasil seja na luta contra os nazistas".

Não foi somente em São Paulo que o manifesto foi acolhido favoravelmente; já no dia 12 de Maio o "Estado de São Paulo" publicou em lugar destacado a seguinte notícia do Rio de Janeiro:

AO LADO DO BRASIL OS ALEMÃES LIVRES DE SÃO PAULO

A imprensa carioca noticia o fato com destaque, acentuando a situação das autoridades paulistas.

RIO, 12 ("Estado", via "Vasp") — Toda a imprensa carioca se ocupa da atitude assumida pelos alemães livres domiciliados em São Paulo, que, inimigos da tirania nazista, acabam de hipotecar firmemente solidariedade ao governo brasileiro. Esses súditos procuraram a superintendência da Segurança Política e Social, e entregaram um manifesto onde estão transcritas as suas proposições e ideias.

Inevavelmente, acentua a imprensa da capital do país, foi o ambiente de segurança que os autoridades policiais de São Paulo estabeleceram, que animou, finalmente, os milhares de alemães livres

Fonte: DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 93802.

Karl Lustig-Prean comunicava-se com os membros do Movimento dos Alemães Livres por meio de artigos distribuídos em folhetos que ele denominava "Carta aos amigos". Os conteúdos dessas cartas revelam a natureza e as intenções do movimento, ou seja, de maneira geral, qual era a ideologia compartilhada entre aqueles que atuavam junto aos antinazistas. As cartas eram diagramadas e impressas, com identificação do autor, em letras destacadas. Logo abaixo do nome do autor vinha escrito: "ex-diretor do diário Católico Deutsche Presse" em Praga, e ex-membro do Partido Popular Cristão-Social da Checoslováquia". (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo. Na "Carta aos amigos", publicada no dia 13

de abril de 1943, Lustig-Prean discute quais são as posições que os exilados opositoristas de Hitler devem ter em relação a sua condição política.

Segundo ele, eles não eram emigrantes, pois na condição de refugiados políticos o que aconteceu a eles foi a expulsão do país de origem. Ele cita no início do texto a experiência de Thomas Mann, que exilado nos Estados Unidos atuou significativamente na oposição ao nazismo.

O envolvimento entre os grupos na América do Sul com os exilados nos Estados Unidos ficava mais explícito na medida em que a guerra avançava. Assim como as gravações que Thomas Mann dirigia por meio do rádio, direto de Los Angeles para a Europa, Lustig-Prean usou de suas influências e enviou o manifesto do Movimento dos Alemães Livres do Brasil com a finalidade de disseminá-lo para imprensa europeia.

No dia 03 de fevereiro de 1943 a imprensa publicou o nosso “Apelo ao povo alemão”, que foi transmitido para a Alemanha por diversas emissoras dos Estados Unidos e do México. Este “Apelo” será sempre um documento humano. Será difícil encontrar palavras mais tocantes: “Em nome do Movimento dos Alemães Livres levantamos o mais solene e severo protesto contra a monstruosidade do plano de Hitler, Himmler, Goering, Goebbels e Rosenberg de exterminar fisicamente os judeus da Europa. Nós, anti-fascistas, alemães no estrangeiro, que realizamos constantemente, tanto no interior quanto no exterior das fronteiras do Reich alemão, com nosso esforço máximo, a luta contra a ditadura hitlerista, dirigimo-nos às massa populares de nossa pátria que no decurso de muitas décadas combateram o anti-semitismo como uma abjeta perseguição reacionária. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 93802)

Esse apelo direcionado aos alemães, também tinha a intenção de reproduzir o discurso predominante entre os Aliados, sobretudo os Estados Unidos, no combate ao anti-semitismo, num tom de denúncia.

No decorrer da “carta”, Prean narra suas experiências como opositor do nazismo, afirmando que deixou a Áustria em 1935 quando o país já se encontrava em um “semi-fascismo”, e não tinha dúvidas de que logo se tornaria um fascismo nazista. No entanto, na condição de refugiado na América do Sul esses emigrantes eram identificados diretamente como nazistas por grande parte da população de das autoridades dos países de destino. O problema da imigração alemã impulsionava a vontade de lutas antinazistas entre os alemães, buscado alternativas práticas e discursivas

para se desvencilhar do nazismo.

Tenho direito de me chamar um emigrante alemão? Si se quisesse tomar por base a teoria raças de Adolf Hitler, que é a de um criador de gado ignorante, eu me poderia chamar de emigrante ariano. Com razão a enciclopédia católica Herder (Freiburg i.B.) designa – ainda em 1931 – o emprego da palavra ariano como slogan. É uma palavra do pintor de cartazes Hitler. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Lustig-Prean alertava para as transformações dos conceitos utilizados nos discursos e na propaganda nazista, os quais, segundo ele, “transformaram o termo „alemão“ como sinônimo de antisemita”. Essa preocupação revela-se legítima na medida em que as ideias do *III Reich* se espalhavam pelo mundo. Nesse sentido, a luta antinazista tornou-se não apenas uma disputa política e ideológica, a partir de ideias coletivas, mas também questão de sobrevivência individual e relativa à reafirmação de identidades.

Nós temos o direito de nos chamar „alemães“, nós usamos esse direito que no momento só nos pode dar prejuízo. Mas nós não pensamos somente no presente, nós lutamos com vistas largas. Em resumo: eu sou um emigrante alemão! (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Na terceira e última questão discutida na carta, Karl Lustig-Prean afirmou que esse tratava-se de um discurso pessoal, embora ele tenha sido eleito presidente honorário do “Comitê Latino-Americano dos Alemães Livres” (com sede no México), ao lado Heinrich Mann, ele reitera que é uma carta particular, direcionada aos “amigos”, como resultado da formação das ideias discutidas durante todos esses anos.

Adolf Hitler era tido como a mente pensante de tudo o que acontecia na Alemanha. O ressentimento dos exilados aumentava a sensação de danos mentais, morais e financeiros pelos quais sofriam. A comparação com líderes aos quais chamavam de “democráticos” era corriqueira, assim como a associação dos ditadores europeus com Hitler. A culpabilidade às atitudes permissivas e submissas dos povos que aderiram ao fascismo estão expressas no texto. Nas palavras de Lustig-Prean

Infelizmente é verdade: o povo alemão tem Hitler, mas um povo magnífico como o norueguês tem também o seu Quisling. Seria ridículo dizer que Quisling tem tenha relativamente tantos adeptos

quanto Hitler, mas mesmo para um patife quanto Quisling não faltam adeptos. [...] Ninguém pode justificar ou tentar justificar que um povo tão culto quanto o alemão se deixe dominar por uma súcia que somente não pode se chamar de “hunos” porque provavelmente os piores feitos dos hunos não podem alcançar o grau que atingiu o vagabundo edesertor austríaco Adolf Hitler. O povo alemão tem uma boa dose de culpa, mas ao redor dele floresciam os diversos fascismos: o mundo havia endurecido o seu coração. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

A partir do ponto de vista que partilhavam vários integrantes dos movimentos de alemães antinazistas, compartilhava-se a tese de que o nazismo era, em grande parte, culpa dos alemães, mas não apenas deles. Para Lustig-Prean, a Europa vinha tornando-se um continente autoritário desde os fins do século XIX, o que culminou na Primeira Guerra Mundial, bastava ver os massacres turcos aos armênios, ou os assassinatos praticados pela Rússia Czarista aos seus opositores. Segundo ele, “o mundo havia se tornado insensível”. Ou seja, as potências europeias somente assistiam a isso tudo, agindo como se não fosse um problema global, o que facilitava o alastramento do autoritarismo.

Hitler havia visto o pouco interesse pelo destino dos chineses quando os japoneses irromperam com toda a sua brutalidade no território chinês, Hitler havia visto como se toleravam os massacres descarados de Mussolini na Abissínia, ambos viram na Espanha com evidência o que se podia exigir do mundo civilizado. O povo alemão não pode ser absolvido, mas ele não é o único. Mas ele é somente um co-culpado, o principal, mas nunca o único! (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Karl Lustig-Prean escreveu essas publicações até o início de 1944, disseminando a todo o círculo de exilados na América do Sul, Estados Unidos e México as ideias defendidas pelo Movimento dos Alemães Livres. Em 1943, publicou o livro intitulado *Mil destinos da Europa*, com o objetivo de demonstrar aos leitores brasileiros aspectos do continente europeu antes da ascensão do Nazismo. Em sua obra, Lustig-Prean afirmou que os crimes de Hitler não poderiam se relacionar com a “verdadeira” cultura alemã. Além disso, descreveu entrevistas realizadas por ele a personalidades da cultura e política da Áustria e da Alemanha que tornaram a luta antinazista seus objetivos principais. No final da obra, descreveu o

momento em que chegou ao Brasil:

Eis o livro. Faço presente dele Pa terra onde aportei, aparentemente por acaso, mas guiado certamente por mão mais sábia. Confesso que tive uma desilusão. Cheguei à Santos num dia nublado, chuvoso. Atravessei numa tarde a Praça da Sé e rua 15 de Novembro, em São Paulo. Imaginara – não, em verdade eu não pensara nisso, mas muita gente que eu conheço pensou que, ao chegar, encontrasse donzelas vestidas de branco e música para recebe-los, armazéns e lojas abertos à sai passagem, ouro pelas ruas e escravas da Costa do Marfim acenando; esperava que os recebesse com festas. Mas ninguém me chamou nem convidou. Parentes meus que já moravam no Brasil há mais de vinte anos, com filhos brasileiros que não conheciam a Europa, e – felizes mortais – nem se lembravam mais que a Europa existia, não queriam, nesse ano de 1937, nem ouvir falar a respeito dela. Tinham razão! Quando dizia comigo mesmo: Meu Deus, tudo isso eu já fui!”, uma voz respondia: „Tudo isso não tem mais valor! Chegaste num mundo novo! Não és mais o mesmo!. (LUSTIG-PREAN, 1943, p. 197)

No caso do Brasil a dificuldade sentida pelos líderes do “Movimento dos Alemães Livres” era a de estabelecer uma ligação dessas ideias anti-hitleristas com os imigrantes que mal tinham se desvinculado do autoritarismo alemão de Guilherme II, e sofriam problemas com a assimilação da cultura brasileira. A herança ideológica e a forte ligação com o país de origem fazia com que boa parte dos imigrantes que se estabeleceram no Brasil desde o início do século XX criasse elos entre o *III Reich*, mesmo que à distância.

Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1918, quando alemães em São Paulo receberam a notícia de que Guilherme II havia fugido para a Holanda, penduraram bandeiras em frente às suas casas, afirmando que aquilo era “uma história inventada da Entente”, e acreditavam que, na realidade, era a vitória do Kaiser que estavam escondendo.

Tão ingênuos eram os emigrantes que chegaram ao Brasil há muito tempo atrás. Não tiveram nenhuma ligação real com a Alemanha democrática que existiu de 1918 a 1930 incondicionalmente, e condicionalmente até 1932, eles viviam exclusivamente no ontem, na era do Guilhermismo, por isso mal se adaptaram ao Brasil. O número daqueles que vieram antes de 1933 e se adaptaram ao Brasil não é grande. Na maioria tomaram tão pouco conhecimento do Brasil como da República de Weimar. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

As críticas dos exilados alemães no Brasil aumentavam na medida em que percebia o quanto as comunidades de descendentes alemães, que em alguns casos já estavam na terceira geração em terras brasileiras, abraçavam a luta imposta pelo nazismo na Alemanha. Em muitos lugares os descendentes alinharam seu discurso como se fizessem parte do *Reich*. Lustig-Prean cita os casos de jovens brasileiros que falavam da intenção de se alistar no exército alemão para ajudar a combater no *front* da Segunda Guerra. Além disso, industriais, comerciantes e profissionais liberais, que viviam desde o nascimento no Brasil, tomavam para si o ideal nazista, como se fossem parte integrante dele. “Um comerciante da terceira geração de emigrantes fala da guerra entre Alemanha e Rússia da seguinte maneira: Os russos não prestam; assim como nós temos que dar duro” (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo). Mais adiante Lustig-Prean escreve, em tom de revolta, uma crítica ao fato de que “pessoas da terceira geração de emigrantes estabelecidos no Brasil, que estudaram em escolas brasileiras, estão tratando dos alemães como nós”. Fica claro que, para ele, trata-se de uma visão forçada de pertencimento à pátria germânica após tantas gerações já residentes no Brasil.

Meu respeito àqueles que compreenderam a República de Weimar com todos os seus grandes defeitos e ainda maiores vantagens e que fieis ao gênio de Weimar tentaram se adaptar à índole brasileira, que aprenderam a compreender e a amar o povo brasileiro, e, como é devido, educam seus filhos como brasileiros. É deprimente pensar como chamados “teuto-brasileiros” compensaram tudo aquilo que o Brasil lhes deu. Numa escola em...os problemas de matemática eram aplicados a ataques aéreos sobre a Inglaterra, peso de bombas, etc. Alunas das “escolas alemãs” viam no pintor de paredes Adolf Hitler o grande homem do momento, tinham retratos do macaco tragicômico nos seus quartos em vez de assistirem o filme “Os filhos de Hitler” que infelizmente é verdadeiro. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Havia entre os alemães antinazistas uma tentativa de se aproximar das autoridades brasileiras, oferecendo até mesmo ajuda para coibir o expansionismo das ideias nazistas entre as comunidades alemãs. Para o Movimento dos Alemães Livres, as queixas de imigrantes que diziam estar sendo perseguidos sem razão pelas polícias brasileiras eram infundadas, uma vez que haveria a necessidade real de combater o avanço nazistas no

Brasil. O autor lista três argumentos para legitimar a perseguição às comunidades alemãs que estiveram ligadas ao nazismo.

1º) não existem tais violências, há benevolência e tolerância. 2º) medidas mais graves eram exclusivamente reações às ações atrevidas, perigosas e arrogantes, pelas quais o nazismo trata o Brasil como colônia.^{3º)} mesmo na ofensiva as disposições governamentais eram sempre de natureza ofensiva. Os antigos emigrantes continuavam “dormindo”. Escutam a rádio de Berlim e só acreditam em mentiras. Hitler é sempre o cordeiro inocente. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Importa mencionar que a historiografia brasileira vem tratando amplamente o tema da perseguição aos alemães e descendentes durante a Era Vargas. Ao contrário do que afirmou Lustig-Prean, a literatura nos mostra o quanto as comunidades alemãs foram afetadas pela política varguista de “caça aos nazistas”. Na obra de Elizabeth Cancelli *O mundo da violência: a polícia na Era Vargas* (1994), é possível entender como o projeto de nacionalização capitaneado por Getúlio Vargas buscou moldar as polícias brasileiras para agir coercitivamente nessas áreas de imigração. Em importantes pesquisas sobre a temática, o historiador René Gertz atenta para o fato de que para além de fatos concretos de práticas nazistas entre os alemães e imigrantes que habitavam comunidades na região sul do Brasil, a ideia de “Perigo Alemão” (1991) foi disseminada sem que de fato os povos de origem germânica estivessem agindo politicamente contra o Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial.

As afirmações de Lustig-Prean originam-se na tentativa que de os alemães antinazistas serem de certa forma “aceitos” pelas autoridades brasileiras, que os olhavam a todo tempo com desconfiança.

Eu compreendo o quão difícil é para o Brasil aceitar os serviços da emigração. Todos devem compreender que a desconfiança é grande. Uma boa parte dos antigos emigrantes deu o motivo para a desconfiança com que o Brasil tem que enfrentar todos os alemães, se ele passa em revista os casos de espionagem, as atividades de embaixadas e dos consulados nazistas que estavam em contradição com as regras da diplomacia, as atividades dos professores e pastores que o partido nazista mandou para o Brasil, as atividades da Rádio de Berlim contra o Brasil, as atividades sistemáticas da 5ª coluna nazista (depois da japonesa, a mais bem organizada) etc. Deve-se

compreender isso, por mais lamentável que seja. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Toda a justificativa dada pelo líder do Movimento dos Alemães Livres no Brasil para a perseguição aos imigrantes tem como escopo a abertura de novas possibilidades para a comunidade germânica. Lustig-Prean lembra que existem outras possibilidades para que os imigrantes sejam bem recebidos no Brasil. Dessa forma, a ideia era que os imigrantes ajudassem os brasileiros no esforço de guerra ao lado dos aliados por meio de contribuição financeira e do trabalho de profissionais que poderiam ajudar em áreas carentes do Brasil, enquanto o exército está lutando na Europa. “Os aliados nos salvaram, porque o Brasil é uma parte importante da frente aliada. Não devemos temer perigo algum se quisermos agradecer”. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Ao final da “carta” Lustig-Prean buscou o discurso da *mea culpa* que os alemães devem sentir por não terem feito nada para evitar a ascensão de Hitler, afirmando que apesar de existir um grande contingente de políticos, intelectuais, ou seja, pessoas influentes entre os alemães antinazistas espalhados pelo mundo ninguém poderia se orgulhar de ter feito algo efetivo para impedir o avanço do nazismo. Essa alegação ele atribuiu ao fato de que a desunião dos exilados acabou tornando-se a grande arma para o *Reich*.

Eu amo a Alemanha que me deu antes de vir Hitler; é possível que não haja mais uma Alemanha depois dessa guerra; a Alemanha que sempre existirá é a terra de gênios como Haedel e Bach, Haydn e Gluk, Mozart e Beethoven, de Walter von der Vogelweide, Schubert e Schumann, Goethe e Schiller, Lessing e Herder, Heine e Boerner, Adalbert Stifter, o clássico sudeto-alemão e Thomas Mann. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Para os alemães que faziam oposição ao nazismo, o *III Reich* representava uma cultura degradada, uma contraposição ao modelo civilizatório que a “verdadeira cultura alemã” representava para o mundo. E, portanto, era isso que deveria unir esses grupos de exilados, o apreço pelo resgate do que era verdadeiramente alemão. Sendo assim, para Lustig-Prean, isso só seria possível por que “os povos do Brasil e da América do Norte fazem essa guerra „sine ira at studio”, fazem-na em favor da humanidade e da civilização, da justiça e da cultura, do cristianismo”. Por isso o apoio

irrestrito ao esforço de guerra desses países deveria ser incondicional.

Na segunda “Carta a amigos”, em 23 de julho de 1943, o autor escreve diretamente para os católicos de fala alemã, reclamando a necessidade da tomada posição contra Hitler.

Ficava evidente também o rompimento de Lustig-Prean com August Siemsen, do grupo DAD, de Buenos Aires. Foi publicado na revista “*Das Andere Deutschland*” uma crítica ao teor exageradamente católico da militância de Lustig-Prean, o que desagradou o líder do movimento dos Alemães Livres do Brasil. Prean rebate dizendo que Siemsen conduziu a DAD de forma partidária, e a DAD não se juntou ao Comitê Latino-Americano dos Alemães Livres, com sede no México, criando a sensação de desunião dos alemães antinazistas na América. No entanto, Prean reconhece a importância da atuação do DAD, da qual afirma ter apoiado durante muito tempo sem ter qualquer arrependimento, e lembra que “o bimensário *A Outra Alemanha*, de Buenos Aires, foi por muito tempo o único periódico combatente anti-hitlerista da América do Sul.” (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

No decorrer da carta, Lustig-Prean cita as grandes oposições católicas de fala alemã que se organizava em várias partes do mundo. Segundo ele, o próprio Papa Pio XI manifestava-se contra o nacional-socialismo. Claramente o autor deixa claro aqui também o seu desejo de que a instituição Católica levanta-se contra Hitler, ordenando seus fiéis a tomarem a mesma posição. Não foi isso que aconteceu, apesar de várias figuras importantes do antinazismo serem católicos, tais como Papen e Thomas Mann.

A imigração católica de fala alemã tem grandes dificuldades a vencer; é em pequeno número; a emigração dos católicos de fala alemã está passando bem: ouve, da pátria, uma voz que os outros apenas pressentem, que apenas querem ouvir ou julgam estar ouvindo; a emigração católica estaria passando infinitamente melhor em toda a parte onde - como no Brasil - ela pode viver em um país intelectual e espiritualmente do bem. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

A relação com o Brasil é o tema central da carta que Lustig-Prean escreve aos católicos. A sua preocupação é justamente em fazer com o que os imigrantes católicos agradeçam à hospitalidade que os brasileiros ofereceram. Para ele, o fato de haver perseguições aos alemães no Brasil

era justificável, e aconselhava aos católicos de fala alemã para que não manifestassem opiniões sobre a política interna. Prean é enfático ao afirmar o contexto da permanência dos imigrantes

A demais de tudo isso fazemos observar o seguinte, do que ninguém queira esquecer-se: 1º - A nenhum de nós, os católicos, o Brasil chamou, 2º - fomos nós quem pedimos e até mendigamos a entrada. 3º - É o dever mais primitivo de um hóspede civilizado não intrometer-se na situação interna do país que lhe oferece hospitalidade. (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo)

Os esforços no sentido de aliar a causa antinazista com o Estado brasileiro nunca avançaram em resultados concretos. Em vários momentos o que os investigadores de polícia concluem ao ler os materiais apreendidos em posse de Lustig-Prean é que os grupos de imigrantes queriam manter atividades políticas em território nacional, o que era proibido, e por isso tentavam um discurso conciliador para manter apenas a falsa ideia de apoio ao Brasil.

A carta termina com uma convocação aos católicos para que espalhem aos seus amigos as ideias discutidas por Lustig-Prean. Ou seja, todos deveriam saber da intenção dos imigrantes de fala alemã, antinazistas, em ajudar na luta contra Hitler. Essa luta não precisaria vir apenas por meio da guerra, mas também pelo discurso, sustentado na moral cristão, que segundo Lustig-Prean era exatamente o oposto do que defendia o nazismo.

A polícia de São Paulo elaborou diversas investigações para apurar a atuação do movimento dos Alemães Livres e seus membros sob a ótica da doutrina de segurança nacional aplicada pelo governo varguista através de ações repressivas do Estado. No que se refere ao relatório analisado aqui, a DOPS paulista concluiu que esse movimento não tinha por finalidade a luta contra o nazismo, mas sim a propagação dele aqui no Brasil. Em circular assinada pelo Delegado Adjunto da Superintendência de Segurança Política e Social, José Antonio de Oliveria, no dia 23 de fevereiro de 1943, ele afirma

Sinceramente, não acredito em Alemães Livres. Quando muito admitiria alemães anti-hitleristas[...] E conhecendo a psicologia do povo alemão, não acredito na possibilidade da existência de um agrupamento mais ou menos considerável de alemães livres ao ponto de colaborar conosco. É bem possível que se intitulando-se

livres, grupos de alemães outra coisa não pretendiam se não captar a confiança e simpatia de nossa gente, para mais facilmente atingir os seus fins. [...] Nestas condições, parece que seria uma providência recomendável apreender-se, para exame metuculoso, o arquivo da organização de que nos fala o relatório estudado. (DOPS, prontuário 53569: arquivo público de São Paulo, folha 7).

Essa tônica adotada pelas autoridades brasileiras acabou por dificultar a propagação das ideias do Movimento dos Alemães Livres em território brasileiro. Havia duas teses na polícia brasileira: ou seriam eles comunistas, ou nazistas disfarçados de “alemães livres” para atuarem no Brasil. No entanto, entre os grupos antinazistas, havia uma expectativa da ação transnacional dos exilados de fala alemã em todo o continente americano, pois sabiam que as ações políticas continuavam intensas em partes da América Latina e nos Estados Unidos. As discussões sobre os rumos da Alemanha e a ideia de difundir o que consideravam “os verdadeiros valores alemães” continuavam em correspondências e reuniões organizadas em países onde as atividades eram permitidas.

Nas investigações realizadas pelo DOPS de São Paulo foi produzido um relatório, assinado no dia 06 de dezembro de 1943, repercutindo as apreensões feitas com Karl Lustig-Prean. O relatório assinado por Carlos Rubens de Aguiar, destinado à Delegacia Central do DOPS em São Paulo continha o arquivamento de materiais escritos por Lustig-Prean, tanto para os membros do Movimento dos Alemães Livres, quanto uma carta escrita para a polícia de São Paulo, assinada pelo próprio Lustig-Prean, descrevendo as intenções do movimento. Pela riqueza dos detalhes descritos na carta, optamos por transcrevê-la por inteiro na pesquisa:

Prezados amigos, foi dirigida a seguinte carta ao Exmo. Sr. Major Vieira de Melo, D.D. Superintendente de Segurança Política e Social. Respeitosas saudações. A comissão executiva do Movimento dos Alemães Livres do Brasil tomou conhecimento do despacho do Exmo. Sr. Ministro da Justiça, publicado no dia 23 de maio, a. c. nos jornais paulistas, com o texto seguinte: Ao requerimento de José Jany, queixando-se de que a polícia desta capital não permite o “Movimento dos Alemães Livres”, foi dado o seguinte despacho: “Arquive-se. O Movimento, como associação de estrangeiros não tem existência legal e não pode funcionar nem do Distrito Federal

e nem em nenhuma outra parte do Brasil.” Quando o Movimento dos Alemães Livres do Brasil no dia 12 de maio de 1943 foi fundado tinha a necessidade de: Procurar e reunir os elementos antinazistas alemães, incondicionalmente leais ao Brasil; Fazer ligações entre esses elementos dispersos; formar um bloco de antinazistas inteiramente fiel ao Brasil; Mostrar aos alemães do Brasil os caminhos para um auxílio eficaz às potências que combatem contra Hitler; informar a colônia alemã em geral sobre o hitlerismo bárbaro, ateu, anticultural e inimigo do povo brasileiro; juntar-se às forças antinazistas de todos os alemães livres do mundo; esclarecer incansavelmente o abismo insuperável que separa a Alemanha de Goethe e Beethoven da tribo selvagem dos hitleristas. Hoje podemos dizer que esta tarefa, limitada desde o começo, está cumprida. Tem um núcleo forte e consciente de alemães livres, contrapeso eficiente aos traidores nazistas. (DOPS, prontuário 93802. Arquivo Público de São Paulo.)

Houve tentativas de Karl Lustig-Prean de convencer as autoridades de polícia de São Paulo para poder colocar o Movimento dos Alemães na legalidade e apresentar-se como uma organização com a finalidade de contribuir no combate ao nazismo no Brasil. Dessa forma, em agosto de 1943 o Delegado Luiz Tavares da Cunha, adjunto Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo, enviou uma correspondência para a Superintendência de Segurança Política e Social daquele Estado referente ao investigado Karl Lustig-Prean, com quem manteve conversas sobre o grupo: “Organizador do Movimento dos Alemães Livres em São Paulo, Lustig-Prean atuava diretamente entre os grupos Antinazistas, além de militar entre os imigrantes e descendentes de alemães no Brasil com a tentativa de convencê-los não prestar apoio a Adolf Hitler.” (DOPS, prontuário 93802. Arquivo Público de São Paulo) Karl Lustig-Prean buscou apresentar provas ao delegado do DOPS de São Paulo que “seu papel era o de combater o nazismo, assim como as autoridades brasileiras faziam”. Dois artigos produzidos a partir de entrevistas, publicados no periódico “A noite” serviam de argumentos para o investigado. As entrevistas continham os seguintes títulos: “Há vinte anos combate contra Hitler” e “Os alemães católicos de São Paulo lançam um manifesto contra a política de sangue do Chanceler do *Reich*” (DOPS, prontuário 49636. Arquivo Público de São Paulo). Além disso, apresentou à polícia um artigo seu publicado em 19 de novembro de 1925, no jornal católico “*Welt – Blatt*”, de Viena, tecendo duras críticas a Adolf Hitler, quando ainda nem havia se tornado *Fuhrer* na

Alemanha. Junto com os materiais de imprensa, mostrou ao delegado o telegrama recebido de Luiz Vergara, em nome do Presidente Vargas, “expressando simpatia e solidariedade constantes do pergaminho enviado em nome dos “Alemães Livres do Brasil”.

Isso foi o suficiente para o delegado adjunto pedir o Arquivamento do processo contra Lustig-Prean. Mas por outro lado, exigiu o encerramento das atividades do Movimento dos Alemães Livres do Brasil. A polícia paulista legitimava a proibição à atuação dos grupos antinazistas evocando o Decreto Lei número 30, de 28 de janeiro de 1942, que, dentre várias restrições aos estrangeiros, os proibia de fazer qualquer associação política.

Devido às constantes proibições e perseguições policiais que o grupo sofria, em Janeiro de 1943 Karl Lustig-Prean enviou um ofício à Secretaria da Presidência da República na tentativa de um apelo direto ao presidente Getúlio Vargas para a permissão de funcionamento do Movimento dos Alemães Livres em território brasileiro.

Movimento dos Alemães Livres do Brasil. São Paulo, 30 de janeiro de 1943. Respeitosas saudações. Tomo a liberdade de pedir devotadamente a V.S., de transmitir ao S.E. ao eminente Chefe da Nação o novo manifesto dos alemães anti-hitleristas, declarando novamente o grande amor e a grande admiração para o Brasil e o preclaro condutor da nossa pátria adotiva. (DOPS, prontuário 14316. Arquivo Público do Rio de Janeiro)

Em fevereiro do mesmo ano, o Delegado de Ordem Política e Social de São Paulo, Luiz Tavares da Cunha, enviou para a Secretaria da Presidência da República as informações solicitadas pelo secretário sobre Karl Lustig-Prean. Como prática corriqueira das autoridades policiais, vários fatos sobre o líder do Movimento dos Alemães Livres do Brasil, comprovadamente falsos, foram descritos para justificar a intenção de proibir as ações do grupo no país. No contexto da perseguição aos comunistas que vivia não só o Brasil, mas grande parte da América Latina, impulsionado pelo FBI nos Estados Unidos, Lustig-Prean foi descrito como “ex-membro do KPD (Partido Comunista Alemão)”, fato esse jamais comprovado, e que buscava com o Movimento dos Alemães Livres, segundo DOPS, “seguir a 3ª Internacional, que é a matriz de todos os partidos comunistas da América do Sul” (DOPS. prontuário 14316. Arquivo Público do Rio de Janeiro)

Em julho de 1943 o Movimento dos Alemães Livres teve suas atividades proibidas pelas DOPS de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Apesar de nunca ter se comprovado associação com o comunismo, o discurso defendido pela polícia era de que o grupo representava uma ameaça, assim como os demais movimentos de exilados de fala alemã antinazistas que agiam na América do Sul. No entanto, o grupo continuou atuando na clandestinidade até 1945, quando começou a se desfazer após o fim da guerra.

Após a saída do embaixador americano Jefferson Caffery no final de 1944, em 2 de fevereiro de 1945 a Embaixada dos Estados Unidos enviou um memorando confidencial à Superintendência de Segurança Pública do Rio de Janeiro informando que o Movimento dos Alemães Livres do Brasil continuava atuando de forma clandestina.

Apesar de a organização acima ter sido oficialmente proibida, recebemos relação de que a mesma está funcionando ocultamente e isto principalmente em São Paulo. – Os chefes, conforme informação são: Karl Lustig-Prean, Kurt Fabian e Stefan Baron. Seria muito apreciado se V.S. quisesse fornecer-nos qualquer informação referente às atividades presentes e passadas dessa organização. (DOPS, prontuário 14316. Arquivo Público do Rio de Janeiro)

Logo em seguida, foi escrito pela secretaria de segurança pública de São Paulo um prontuário policial com um histórico das atividades do Movimento dos Alemães Livres, destacando as aproximações do grupo com os comunistas. No documento constava a informação de que Karl Lustig-Prean não era um combatente antinazista, “[...]é um combate pessoal a Hitler e seu governo e não ao nazismo” (DOPS, prontuário 14316. Arquivo Público do Rio de Janeiro) Essa foi a forma com que as autoridades brasileiras conduziram as investigações contra Karl Lustig-Prean até o retorno dele para a Áustria, em 1948. No DOPS, os últimos documentos onde há menções sobre ele é um radiograma de 31 de maio de 1948, constando que ele estava sendo investigado desde 1942 e seu nome foi conduzido para a “Seção de Expulsandos” do DOPS de São Paulo. Desta forma, entende-se que seu retorno para a Áustria ocorreu de forma forçada.

Com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra, Lustig-Prean começou a retomar suas atividades de outrora, sem perder o caráter político de suas análises e ações. No seu retorno para Europa escreveu alguns

textos sobre suas memórias, nas quais revelou a sua relação ambígua com as autoridades brasileiras. Mas a sua afirmação mais marcante sobre o Brasil foi “não conseguimos libertar o Brasil”, demonstrando sua insatisfação com a forma com que o Movimento dos Alemães Livres foi tratado no país. Retornou para a Áustria com sua mulher em 1948, onde permaneceu até sua morte, em 1965.

2.2 Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil

Assim como os “Alemães Livres”, o “Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil” também surgiu sob a influência do grupo *Das Andere Deutschland* da Argentina, corroborando com o plano de unificar a luta dos exilados antinazistas na América do Sul. Os primeiros registros da organização são datados de agosto de 1942, e existiu até a morte de seu fundador Friedrich Kniestedt, em 1947. Não havia um estatuto fixo, mas sim um manifesto indicando suas principais diretrizes, buscando o reconhecimento legal do Estado brasileiro para o seu funcionamento. A sede do grupo ficava na cidade de Porto Alegre, mas mantinha filiados espalhados pelos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, e sobrevivia de doações espontâneas de seus membros. O grupo sempre buscou estreitar relações com as autoridades brasileiras na cooperação no combate às atividades nazistas no Brasil. Dessa forma, criou uma rede de denúncias nas cidades em que atuou, chegando até a mobilizar seus membros para captar recursos para a Força Expedicionária Brasileira.

O representante geral do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil era Friedrich Kniestedt, um alemão, militante anarquista, que chegou ao Brasil em 1909 e estabeleceu-se em Porto Alegre, onde editou jornais anarquistas e organizou várias atividades políticas contra o nazismo desde a ascensão de Hitler em 1933. Ainda na década de 1920 foi responsável pela publicação do jornal *Der freie Arbeiter* e participou de vários movimentos operários. Em 1933 fundou o jornal *Aktion*, uma publicação de tendência anarquista, com ampla circulação na cidade de Porto Alegre. A partir de denúncias de nazistas da capital rio-grandense, alertando às autoridades sobre o conteúdo pró socialista no jornal de Kniestedt, no contexto da Guerra Civil Espanhola, a partir de 1936 o *Aktion* foi proibido. Em 1937 houve uma

tentativa de retornar com as publicações do jornal, contanto com algumas novas edições. No entanto, quando Flores da Cunha foi deposto, e o Estado Novo foi instaurado em novembro daquele mesmo ano, o *Aktion* encerrou suas atividades devido às restrições impostas pela legislação. “Dizia-se ele o antinazista número um do Rio Grande do Sul e, a propósito, fazia este comentário: Se o nazismo vai durar mil anos, como afirma Hitler, eu quero viver 1001 anos para assistir à sua derrota.” (GERTZ, 1989, p. 160).

Apesar de ter se afastado da Alemanha muito tempo antes da ascensão do nazismo, Friedrich Kniestedt manteve-se ciente da situação política do seu país de origem, transformando-se em um dos principais líderes antinazistas no Brasil. Apesar de sua ligação com as ideias e com os intelectuais no exílio latino americano, sua militância sempre esteve em torno de grupos de operários. Durante a década de 1930 sofreu perseguições de membros do NSDAP em Porto Alegre, por várias vezes sua livraria foi depredada pelos grupos pró-nazismo. Kniestedt registrou em seu livro de memórias algumas dessas passagens:

As vitrines de minha loja há muito tempo representavam uma trava no olho dos nazistas; ali eram expostos os livros de autores que estavam proibidos no “Terceiro Reich”. Havia inscrições berrantes: “proibido por Hitler”, “noite de São Bartolomeu”, “Hitler, tuas vítimas acusam” etc. Isto era demais para os senhores nazistas e por isso as vidraças seriam quebradas. Mas as coisas aconteceram diferentemente. Meus vizinhos a muito tempo tinham observado o comportamento dos nazistas e eles resolveram agir. Quando os jovens hitleristas uniformizados queriam partir para a ação, um dos vizinhos pegou um dos guris e o entregou para a polícia, os outros fugiram [...] (KNIESTEDT in: GERTZ, 1989, p.153)

Apesar de ter sido levado para depor várias vezes nas delegacias do DOPS no Rio Grande do Sul, Friedrich Kniestedt buscou trabalhar em favor das forças policiais brasileiras, o que lhe rendeu boa circulação entre as autoridades do Rio Grande do Sul, principalmente quando o DOPS passou a perseguir veemente as células nazistas no Estado.

Um dos objetivos da organização era proteger os seus membros das perseguições que o DOPS rio-grandense fazia sistematicamente aos imigrantes e descendentes de alemães, servindo como colaboradores das autoridades para conseguir legitimidade. Nos anos 1940 Kniestedt não editou

jornais, mas seguiu atuando na militância antinazista em torno de movimentos organizados com a participação de exilados e imigrantes. Dessa forma, fundou o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil em 1942. Em agosto do mesmo ano enviou para a superintendência de Polícia do Rio Grande do Sul uma correspondência a fim de esclarecer o que era o movimento, e também para fazer alguns pedidos às autoridades. Segundo Kniestedt,

O Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil não tinha caráter jurídico publicamente. É uma organização de auto-proteção, tendo por fim representar perante as autoridades brasileiras, as justas pretensões dos alemães antinazistas, para um tratamento especial. Os alemães anti-nazistas, vítimas, durante dez anos, das perseguições nazistas, crêem ter merecido o direito a este tratamento especial, pela sua atitude pessoal e política, bem como sua sempre comprovada lealdade perante todas as instituições brasileiras. Repelem, hoje como sempre, serem identificados como os nazistas de toda a laia. (DOPS, Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. N° 1379. Arquivo público do Paraná).

A ideia era poder recompensar com tratamento especial aqueles que aderirem a causa antinazista no Brasil, demonstrando que um grande número de imigrantes alemães não apoiava o nazismo, mantendo-se fiéis às instituições brasileiras.

O Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil conseguiu reconhecimento das autoridades do Rio Grande do Sul, e puderam, dessa forma, desfrutar de tratamentos exclusivos concedidos pelo DOPS daquele Estado. Em muitos momentos a organização funcionou como um grupo de informantes dos investigadores, cooperando com as perseguições aos nazistas. Em agosto de 1942 Kniestedt entregou para a polícia uma lista contendo mais de 70 nomes de alemães que faziam parte do grupo. Uma recomendação da DOPS do Rio Grande do Sul passou a circular em várias delegacias de outros estados. A polícia rio-grandense, junto ao Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, criou um mecanismo para identificar e tratar de forma diferenciada os alemães que aderissem ao grupo anti-hitlerista. O “documento de legitimação” deveria conter a foto e a identificação, para que dessa forma, ao portar a legitimação, fosse identificado como um aliado do Brasil na luta contra o nazismo.

A fim de manter um controle mais efetivo dos benefícios concedidos

aos grupos antinazistas de fala alemã, o DOPS do Rio Grande do Sul estabeleceu algumas regras para ceder a identificação especial. Dessa forma, a pessoa deveria constar nos registros do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil de Friedrich Kniestedt, a qual expedia as referidas legitimações providas de fotografia, constando ser o portador da mesma, devendo em seguida registrar como antinazista na autoridade policial. O portador da legitimação estava isento das restrições a que estavam sujeitas, os estrangeiros que eram considerados “súditos das potências do eixo”, como a necessidade de expedir salvo-conduto aos alemães e seus descendentes para circulação em território nacional. Sendo assim, o salvo-conduto era concedido aos membros do grupo antinazista de forma simples, da mesma maneira que era concedido aos estrangeiros originários dos países aliados. Ao mesmo tempo, as restrições que haviam em relação ao porte de aparelhos de rádio não se aplicava aos membros do grupo de Kniestedt. Aos alemães antinazistas do Brasil era concedido, em caso de detenção, habeas corpus, de acordo com a lei. Em caso de denúncia, era convidado a esclarecê-la, a pessoa de confiança. Os portadores de legitimação não deveriam ser atingidos por uma eventual evacuação. (DOPS. Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379. Arquivo Público do Paraná).

Essas garantias eram exclusividade dos membros do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, abrindo a oportunidade de atuação do grupo em várias cidades do Rio Grande do Sul e em outros Estados. Essa cooperação rendeu extensos relatórios das atividades realizadas no Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, em janeiro de 1943, assinados pelo próprio Kniestedt.

O Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil contou com a atuação de representantes de várias cidades do Brasil, com destaque para o Estado do Paraná e Rio de Janeiro. Em 05 de maio de 1942 foi feito o pedido de 54 documentos de legitimação com nomes de alemães para a polícia paranaense, sendo 32 de Curitiba, 10 de Ponta Grossa e 12 de outras cidades (DOPS. Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379. Arquivo Público do Paraná.). O presidente do grupo no Paraná era João Syring Junior¹³, nascido em 1899, na

¹³ Em outros documentos do DOPS aparece registrado como “Hans Syring”, mas o próprio passou a timbrar seus documentos e assiná-los como “João Syring Junior”. Possivelmente como uma tentativa de “abrasileirar” seu nome.

cidade de Kiel, na Alemanha. Veio para o Brasil em 1938, registrado como Corretor e fixou residência na cidade de Curitiba. Syring tornou-se o elo entre a organização de Kniestedt e as autoridades policiais do Paraná, enviando relatórios e nomes de filiados no Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil.

Figura 5: Documento de Legitimação do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil

Nome: _____
 Nacionalidade: _____
 Profissão: _____
 Data do Nascimento: _____ Est. Civil: _____
 Endereço: _____
 Porto Alegre, _____ de _____ de 194_____
 Representante: _____

**MOVIMENTO DOS ANTI-NAZISTAS ALEMÃES DO
 BRASIL**

1. O movimento dos alemães anti-nazistas tem por fim combater com todos meios legais qualquer movimento a favor do nazismo.
2. O portador desta legitimação nunca foi adepto do partido Nacional-Socialista da Alemanha.
3. O portador desta legitimação está incluído na lista de garantia da Delegacia de Ordem Política e Social da Repartição Central da Polícia como anti-nazista.
4. Toda quantia necessária para a luta contra o nazismo ou para o auxílio de Cruz Vermelha Brasileira será doada por livre e espontânea vontade de cada partidário, sendo que cada um o faz de acordo com seus vencimentos.
5. Os adeptos do movimento dos alemães anti-nazistas consideram-se como cidadãos de um estado que se acha aliado ao Brasil.

*Alonso
 05
 Es. São do
 01/11*

Fonte: DOPS, caixa 53. Arquivo Público do Rio de Janeiro.

Devido à presença do grupo antinazista no Paraná, não raro ocorreram embates entre alemães nazistas e antinazistas em Curitiba. Em janeiro de 1943, João Syring enviou à polícia cópias de correspondências trocadas por membros do Partido Nazista do Paraná e de São Paulo que haviam sido publicadas na Revista *Diretrizes*, alertando para o crescimento dos movimentos antinazistas no Estado. A carta foi escrita pelo chefe do Partido Nazista em Curitiba, Warner Hoffmann ao chefe do Partido Nazista de São Paulo, Von Cossel.

Curitiba deve merecer a atenção, pois é o ponto mais importante. E o Paraná que faz divisa entre o norte e o sul do país, que tem população luso-brasileira, e o sul, onde predomina o elemento teuto. Justamente por este motivo aqui no Paraná sempre há estes atritos, brigas, desavenças entre nazistas e antinazistas que se originaram em vista da ação necessária para a manutenção da ideia alemã. Este problema não se conhece em outros Estados. É o Paraná o front perigoso que precisa ser reforçado. (Revista *Diretrizes*, maio de 1942, n. 97)

Junto a nomes de novos membros que aderiram ao Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, seção Paraná, Syring enviou uma cópia dessa carta ao delegado da DOPS de Curitiba, Walfrido Piloto, buscando, dessa forma, ganhar mais confiança das autoridades policiais. Em mensagem escrita ao delegado, Syring reafirmou a legitimidade do grupo “Esta carta é uma prova cabal que não todos os alemães aderiram ao partido ou suas ideias nazistas e que sempre houve elementos, mesmo em quantidade diminuta, que combateu estas ideias no Estado do Paraná.” (DOPS. Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, p. 243. Arquivo público do Paraná)

A exemplo dos Estados Unidos, e de alguns países da América Latina, as lutas de grupos antinazistas de fala alemã foram marcados pela desconfiança da população e das autoridades brasileiras, principalmente pelas possíveis associações desses movimentos com o comunismo. No Paraná surgiram algumas denúncias sobre as reuniões realizadas na casa de João Syring com membros do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil. Em 30 de outubro de 1943, uma moradora do bairro Mercês, em Curitiba, foi até a delegacia afirmando que “Na casa de Hans Syring existe uma célula comunista, onde se procedem reuniões e distribuição de literatura desse crédulo político”. Para verificar tal denúncia foi enviado o investigador Pitrelli, o “agente nº 06”, que apresentou um relatório do

resultado das investigações para o delegado Walfrido Piloto, assinado no dia 30 de novembro do mesmo ano, com a seguinte conclusão:

Levando ao conhecimento de V.S. que, conforme ordem de serviço nº 99, a respeito de Hans Surnig, tendo procedido as investigações constatei o seguinte: O nome do investigado é João Syring Junior e não Hans Surnig como a princípio se supunha. Com referência à célula comunista e distribuição de literatura desse credo político bem como reuniões na residência do acusado, acusação feita por Maria Berghoefer, pude saber que se trata de uma acusação infundada, essas reuniões são de caráter exclusivamente antinazistas conforme se pode verificar no seu prontuário sob o nº 1870. (DOPS. Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, p. 238. Arquivo público do Paraná).

O discurso apresentado pelos investigadores do DOPS em relação ao grupo liderado por Friedrich Kniestedt revelam a boa receptividade que o grupo manteve entre a polícia brasileira. No entanto, mesmo com a permissão de atuação do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil nos anos 1942, 1943 e 1944, o grupo sempre esteve sob suspeita e foi alvo de investigações. Exemplo disso foi o envio de agentes do DOPS para investigar Kniestedt durante sua participação do Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, ocorrido entre os dias 29, 30 e 31 de janeiro de 1943, em Montevideú, organizado pela D.A.D., da Argentina.

Parte dos recursos arrecadados por meio das doações dos integrantes do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil era destinada para o pagamento das publicações de jornais e panfletos que divulgavam as ideias defendidas pelo grupo. Além disso, havia recursos para as despesas com informações internacionais recebidas pela direção do movimento com a finalidade de serem difundidas entre seus membros.

Neste contexto, ficava claro o despreparo de parte dos investigadores do DOPS e a falta de integração dos serviços de investigações das autoridades brasileiras. No dia 15 de janeiro de 1944 a direção do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil escreveu para Otto Strauss, membro identificado do grupo, afirmando que “[...] Também informamos que temos muitas despesas consideráveis para correio, papel, indenizações para informações recebidas, para a D.A.D. [...]” (Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, p. 243. Arquivo público do Paraná) No dossiê produzido pela DOPS do Paraná contém a correspondência original, timbrada,

escrita em língua alemã e logo em seguida foi feita a tradução do documento para o português. No trecho que há a sigla “D.A.D.”, o investigador informa que não sabia o significado da mesma¹⁴.

Além dos pedidos para registro de documentos de legitimação, alguns nomes eram enviados a DOPS informando o desligamento de pessoas com o movimento. Na referida correspondência enviada para Otto Strauss estava a preocupação com a falta de comprometimento dele com o grupo, exigindo uma tomada de posição para que pudesse ser mantido nos registros da polícia como legítimo integrante do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil.

Presado Sr. Strauss: Sintamos dever constatar que o presado Sr. membro deste é na posse de sua carteira de legitimação, não da mais notícias de sua pessoa estimada. Não supomos que este aconteceu com intenção, porque cada pessoa registrada e nosso movimento é um combatente antifascista que começou consciente a luta contra o nazismo e o terror para uma melhora democrática do mundo (DOPS. Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, p. 217. Arquivo Público do Paraná.)

Devido a falta de resposta de Otto Strauss, a seção paranaense do Movimento dos Alemães Antinazistas resolveu desligá-lo do grupo, exigindo a devolução do seu documento de legitimação para ser anulado perante às autoridades da delegacia de Curitiba. Junto este, foi pedido o desligamento de Otto Broadel, Kurt Nielsen e Germano Arthur Dietze, sem alegar motivações. Essas correspondências eram assinadas pelo dirigente dos alemães antinazistas do Paraná, João Syring e destinadas aos cuidados do delegado da DOPS de Curitiba, Walfrido Piloto, revelando a proximidade entre o grupo e as autoridades policiais.

Muito dessa relação aparente de confiança entre as instituições, se deveu ao fato de que os alemães poderiam desfrutar de informações privilegiadas sobre o combate ao nazismo, auxiliando as investigações do DOPS. Neste sentido, em março de 1944 foi enviada uma lista para a DOPS de Curitiba contendo nomes de “elementos

¹⁴D.A.D. é a sigla para Das Andere Deutschland, movimento político de exilados alemães antinazistas da Argentina, sobre os quais já havia várias investigações nas polícias de São Paulo e Rio de Janeiro, e eram reconhecidos por essas DOPS como organizações subversivas, ligadas ao comunismo.

nazistas da Zona de Iraty – Paraná”. O levantamento foi feito por Hans Kersten, membro do grupo antinazista, e remetido ao presidente João Syring e levado para a Assembleia no dia 14 de março de 1944. A ordem do delegado foi para que a polícia da cidade de Irati realizasse investigações e fichasse todos os citados no documento, o que reforça a ideia de que estava aberto um canal de parceria entre as autoridades policiais e o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, diferente do grupo de Karl Lustig-Prean, Movimento dos Alemães Livres em São Paulo.

Assim como no Paraná, os documentos de legitimação para integrantes do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil também foram distribuídos no Rio de Janeiro. A recomendação para as permissões foram aceitas pelo DOPS fluminense e resultou na distribuição de circulares entre as delegacias com os termos e o nome do representante do grupo no Rio de Janeiro, o diretor de teatro Willy Keller, como “homem de confiança do Brasil”. Junto a esse relatório constava uma lista com os nomes dos colaboradores do movimento, que poderiam ser identificados até o momento no Rio de Janeiro. “Gustav Epstein, pintor de arte; Kurt Uebel, comerciante; Kurt Saalfeld, comerciante; Paul H. Bonhardt, técnico em ótica; Anna Bertha Bonhardt, doméstica.” (DOPS, caixa 53. Arquivo Público do Rio de Janeiro)

Wilhelm Keller chegou ao Brasil em 1935, onde passou a assinar com o nome de Willy Keller, inclusive em documentos oficiais. Na Alemanha exercia a profissão de diretor de Teatro, ficando famoso pela peça *Kuckseiser* (Os ovos do cuco), de cunho político, o que lhe rendeu a acusação de antinazista. Após serem convocados a depor na Gestapo, iniciaram sua busca por exílio na França e depois optando pelo Brasil. Willy Keller se estabeleceu primeiramente em Porto Alegre, onde obteve ajuda de seu tio paterno, que morava na cidade. Na capital rio-grandense conheceu Friedrich Kniestedt e passou a ajudar na redação do jornal *Aktion*, de orientação antifascista. Buscando seguir em sua profissão de diretor, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937, onde não conseguiu emprego fixo no teatro. Em vários momentos demonstrou frustração pela falta de uma indústria cinematográfica forte que pensava existir no Brasil e na qual tinha planos de atuar. A partir de 1940 passou a atuar nos movimentos políticos antinazistas ao se aproximar da DAD, de Buenos Aires.

Em 1943 fundou a *Notgemeinschaft Deutscher Antifaschisten* (Associação de Emergência dos Alemães Antifascistas). A associação virou uma espécie de braço do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, de Friedrich Kniestedt, e da DAD, da Argentina, atuando como interlocutor dos grupos com as autoridades policiais do Rio de Janeiro.

Figura 6: Denúncia de elementos Nazistas em Iraty-PR.



Curitiba, 15 de Março 1944

*I - A's. C. a fechar o que ainda não o estejam.
II - Solicitar infra requisição de vigilância à D.R. de Curitiba.*

I. Lista de elementos Nazistas da Zona Iraty - Paraná remetido pelo membro Snr. Hans Kersten - Rio do Ouro.

- ✓ I. Henrique Werthschulte - Iraty:- Membro do Partido Nazista - elemento do absoluta confiança do consul alemão Snr. Zimmermann - Curitiba.
- ✓ 2. Theodor Werthschulte - Iraty:- Filho de Henrique - nazista fanático - dizem que foi membro do partido. Snr. Henrique Werthschulte fez agota um requerimento com muitas assinaturas para o consulado ou embaixada espanhola, para obter a soltura de seu filho Theodor.
- ✓ Willy Roettger - Iraty:- Chefe do partido nazista em Iraty.
- ✓ BRUNO Minion - Iraty:- Membro do partido e fanático nazista.
- ✓ Fritz Ortlepp - Barra Mansa - Iraty:- Membro do Partido - Fanático distribuidor do "Aurora Alemã".
- ✓ Ernst Barby - Nucleo Iraty:- Fanático - espião do consulado alemão elemento perigoso. (conspirador)
- ✓ Erich Wagner - Nucleo Iraty:- Fanático - conspirador
- ✓ Senhora Winker - divorciada Schneider:- Fanática nazista de I. ordem Nucleo Iraty - Pereira
- ✓ Arthur Beyger - Nucleo Iraty:- Membro do partido nazista.
- ✓ Roberto Ressler - Casminas - Nucleo Iraty:- Fanático nazista.

Providenciado
CR
ARQUIVO PÚBLICO PARANÁ

BRFRAPPR PB004 PT 1379.163

Em memorando enviado pela DOPS do Rio Grande do Sul para a DOPS do Rio de Janeiro, foi apresentada a justificativa para pedir a permissão de funcionamento do Movimento dos Alemães Antinazistas na capital, com a indicação de Willy Keller para a presidência do grupo naquele Estado, a convite de Friedrich Kniestedt. O delegado Ernani Baumann, de Porto Alegre, enviou seu parecer para Theobaldo Neumann, delegado responsável pela delegacia do Rio de Janeiro, com a seguinte argumentação: “Anexo, cabe-me encaminhar uma expedição feita pelo interessado, que pleiteia, junto a esta Polícia, cartas prerrogativas que seus compatriotas anti-nazistas gozam, atualmente, por parte de Organização Policial, desse Estado Sulino.” (DOPS, caixa 753. Arquivo Público do Rio de Janeiro). Surpreendentemente, os delegados têm sobrenomes alemães, o que pode indicar uma possível predisposição para analisar o caso com mais atenção. Em anexo, foi enviada uma cópia do manifesto do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil escrito por Friedrich Kniestedt, com a finalidade de explicar as intenções do grupo.

No Rio de Janeiro, Willy Keller sofreu perseguições ainda mais intensas, tendo suas atividades monitoradas de perto por Filinto Müller, Chefe da Polícia do Distrito Federal do Rio de Janeiro, conhecido pela simpatia com o nazismo (CANCELI, 1994). Após Nelson de Melo assumir o cargo de Chefe de Polícia da Capital, Keller conseguiu tornar-se mais atuante nas atividades antinazistas. A partir de 1943 que Willy Keller iniciou a publicação do boletim chamado *Brief Notgemeinschaft Deutscher Antifaschisten* (Cartas da Associação de Emergência dos Alemães Antifascistas), com a finalidade de difundir as ideias e a luta antinazista no Brasil, servindo como uma alternativa para a proibição da circulação da revista do DAD., utilizando, inclusive, vários artigos da publicação argentina. As publicações eram todas em língua alemã, com exceção de alguns poucos textos em língua portuguesa, como no caso do texto “Hitler não é a Alemanha”, publicado em 15 de janeiro de 1944.

Creio que nós cometemos um erro não pequeno, se em nosso justo ódio e desprezo que alimentamos contra Hitler e seu nazismo, devido a seus hediondos e nefastos crimes, não procurarmos entre eles distinguir o povo alemão. Essa grande laboriosa massa alemã, que vive completamente sufocada pelos grandes da terrível Gestapo, não permitindo que a mesma se manifeste livremente, dando assim

a ligeira impressão como o povo alemão em sua totalidade estivesse composto de criminosos nazistas. (DOPS, Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, p. 222. Arquivo Público do Paraná)

Figura 7: Panfleto de divulgação da *Notgemeinschaft Deutscher Antifaschisten* (Associação de Emergência dos Alemães Antifascistas).



Fonte: DOPS, Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, 01. Arquivo Público do Paraná.

As contribuições para os textos vinham de membros do grupo, mas em quase todos os casos ficava a cargo de Keller e Kniestedt. Os dirigentes do grupo afirmavam que o material deveria ser distribuído entre os imigrantes e descendentes teutos, com a finalidade de saberem o que ocorria de fato na Alemanha, e como alternativa para se afastar do nazismo.

O questionamento sobre as dificuldades de articulação dos movimentos em torno de um objetivo comum também era discutido internamente. O “*Brief*” publicou algumas mensagens enviadas por membros do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil com opiniões sobre os rumos do grupo. De Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, sem identificação do autor, foi publicada a seguinte mensagem:

Como velho opositor nazista e membro do Movimento dos Anti-Nazistas Alemães, me permito a pergunta, os poucos que professam abertamente como oponentes nazistas, seguem caminhos separados. Não deveria haver uma maneira de alcançar o mesmo objetivo no mesmo caminho? (DOPS, Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil. Nº 1379, p. 214. Arquivo Público do Paraná)

A partir dos pedidos de permissão para a seção de documentos de legitimação feitos pela direção do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil foi possível traçar um perfil social dos seus integrantes. Ao lado da identificação, do endereço e da nacionalidade (todos os membros registrados a que a pesquisa teve acesso eram alemães), constava também a profissão. Em torno de 90% dos casos tratava-se de profissionais liberais, atrelados a atividades urbanas e intelectuais, com um pequeno número de “lavradores”. Outra informação relevante é o fato de que a maioria chegou ao Brasil após 1933, possivelmente motivados pelas perseguições do Regime Nazista na Alemanha. O número de pedidos de documentos de legitimação passou de 200 no Paraná, refletindo o que ocorreu em outros Estados do Brasil.

Na medida em que a derrota da Alemanha Nazista ficava eminente e a geopolítica se desenhava para uma divisão de poderes entre os Aliados, de um lado com as forças em torno dos Estados Unidos, e do outro com a URSS, o anticomunismo se intensificou. O Ministério da Guerra recebia informações sobre as atividades estrangeiras que consideravam suspeitas em toda a América Latina, inclusive sobre os movimentos de exilados

alemães antinazistas. Em correspondência enviada pelo governo norte-americano, em fevereiro de 1944, sobre as atividades dos movimentos de alemães antinazistas na América do Norte, a posição de Washington era de que “se tratava se movimentos suspeitos, com influência comunista” (Ministério das Relações Exteriores. Lata 1324. Rio de Janeiro). Não obstante, levantamento de dados a cerca da ideologia política dos participantes dos movimentos começaram a ser questionados, alertando para o número de pessoas ligadas aos movimentos de esquerda. Dessa forma, a polícia do Rio Grande do Sul enviou ao DOPS do Rio de Janeiro os seguintes dados sobre os membros da seção estadual do Movimento dos Alemães Antinazistas.

Figura 8: Relação parcial de integrantes do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, seção Rio Grande do Sul.

Sub-divisão de acordo com a atividade política exercida
no País de origem.

Social-Democratas (2ª Internacional):

<u>Emil Kurt Reismann</u>	<u>Florian Amann</u>
<u>Rupert Amann</u>	<u>Jorge Geiser</u>
<u>Arthur Smolny</u>	<u>Peter Roos</u>
<u>Kurt Hartook</u>	<u>Emil Sissenmann</u>
<u>Frans Montag</u>	<u>Willy Linker</u>
<u>Heinz Schubert</u>	<u>Sigfried Gruen</u>
<u>Alfred Hanke</u>	<u>Otto Terro</u>
<u>Ernst Paul Ketscher</u>	<u>Arthur Oscar Strobelt</u>
<u>Arthur Ketscher</u>	<u>Martin Strobelt</u>
<u>Albert Malischuetske</u>	<u>Emil Kraemer</u>
<u>Gustav Ohliger</u>	<u>Walter Kraemer</u>
<u>Karl Ohliger</u>	<u>Wilhelm Herrn</u>
<u>Melchior Boeck</u>	<u>Heinrich Westfal</u>
<u>Matheus Braun</u>	<u>Germano von Waschulewski</u>

Bolchevistas (3ª Internacional):

<u>Karl Hauk</u>	<u>Hermann Keering</u>
<u>Herbert Grimm</u>	<u>August Fehlow</u>

Trotskistas (4ª Internacional):

<u>Alfred Gruen</u>	
<u>Paul Emanuel Hirsch</u>	

Católicos (Centro Democrático):

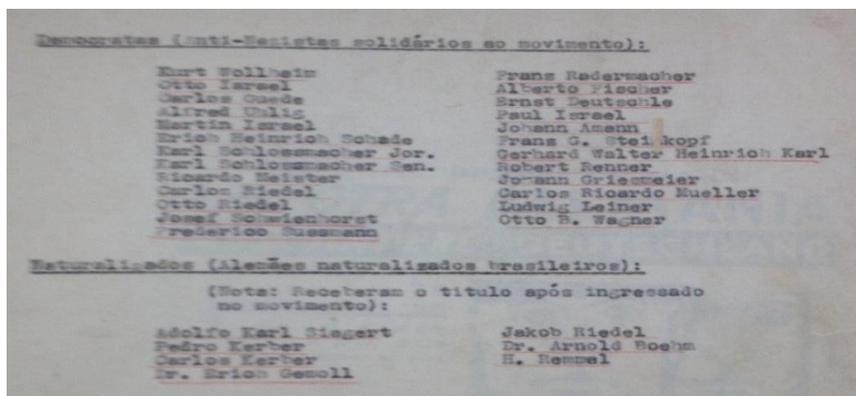
<u>Philipp Glanzner</u>	<u>Arthur Hesselein</u>
<u>Herbert Terruhn</u>	<u>Wilhelm Karl Kroeber</u>
<u>Leo Schidrowitz</u>	<u>João Griseisen</u>
<u>Professor Roth</u>	<u>Hans Limbacher</u>
<u>Rudolf Schwerts</u>	<u>Hans von Herzes</u>
<u>Germano Ruediger</u>	<u>Johann Glanzner</u>

Judeus (Democratas anti-nazistas):

<u>Walter Gruenewald</u>	<u>Julius Jansen</u>
<u>Hans Annaeuser</u>	<u>Ludwig Israel Schoenfeld</u>
<u>Kurt Wisner</u>	<u>Ernst Rudi Schoenfeld</u>
<u>Rudolf Leinhardt</u>	<u>Otto Wolfgang Israel Friedeberg</u>
<u>Ernst Gruenewald</u>	<u>Hermann Eckstein</u>
<u>Berthold Levi</u>	<u>Karl Frank</u>
<u>Sigund Kern</u>	

Indiferentes (Anti-Nazistas solidários ao movimento):

<u>Karl Sommer</u>	<u>Hans Reppold</u>
<u>Max Buhl</u>	<u>Max Knierstedt</u>
<u>Wolfgang Philipp</u>	<u>Walter Knierstedt</u>
<u>Konrad Heinrich</u>	<u>Anastacio Buchholz</u>
<u>Hugo Langenfeld</u>	<u>Ernst E. Kleppe</u>
<u>Josef Gerber</u>	<u>Ernst Bruckhausen</u>
<u>Bruno Boeck</u>	<u>Francisco Boeck</u>



Fonte: DOPS, caixa 753. Arquivo Público do Rio de Janeiro.

Devido às divergências políticas entre Keller e Kniestedt, no final de 1945 a *Notgemeinschaft* rompeu com o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, acusando-os de “atitudes pequeno-burguesas”. (KESTLER, 2003, p.175) Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os grupos de alemães anti-nazistas começaram a se dissolver em todo o território nacional. O agravante desse processo se deu com a mudança de foco das autoridades, cada vez mais voltadas exclusivamente para o comunismo, uma vez que o nazismo não representava mais uma grande ameaça como no início dos anos 1940. Os próprios integrantes do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil foram se desmobilizando. Dessa forma, o sentido da luta antinazista perdeu suas bases. Alguns retornaram para a Europa, e com a morte de Friedrich Kniestedt, em 1947, o movimento foi instinto.

O Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil e o Movimento dos Alemães Livres do Brasil trabalharam de forma conjunta por diversas vezes. Um considerava o outro como seu “braço” amigo nos Estados em que funcionavam suas sedes, Rio Grande do Sul para o primeiro e São Paulo para o segundo. Nos anos de 1944 e 1945 os dois movimentos se envolveram mais efetivamente com os grupos de ajuda internacional, fazendo campanhas internas para enviar recursos para o *Council for a Democratic German*, que dava suporte para os perseguidos pelo nazismo na Europa. Em 1945 o Dr. Kurt Fabian publicou um texto no *Brief Notgemeinschaft Deutscher Antifaschisten* (Cartas da Associação de Emergência dos Alemães Antifascistas) fazendo no qual fez um balanço da atuação dos movimentos

antinazistas organizados por exilados no Brasil entre os anos de 1933 e 1945. Com muita lucidez e clareza expôs as dificuldades e falhas de atuação desses grupos, devido às divergências internas, mas principalmente dificultados pelas autoridades brasileiras. Segundo o próprio Kurt Fabian, “Em todas as oportunidades fomos denunciados como comunistas”, e a tarefa de se afastar do rótulo de organização comunista (como de fato não eram) foi sem dúvidas o maior obstáculo para os movimentos antinazistas em toda a América.

No ano passado, nossa situação melhorou significativamente. Agora estamos trabalhando por vários meses nas cartas da Associação de Emergência de Alemães Antifascistas e espero que em breve seja possível para nós anunciar as nossas ideias em público. (FABIAN, 1945. In DOPS. Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil, nº 1379, p. 152. Arquivo Público do Paraná)

A liberdade de se pronunciar abertamente ao público nunca veio. Essa relação com as autoridades sempre foram ambíguas, com tratamentos diferentes em DOPS de diferentes Estados. Nesse contexto, todos os movimentos políticos de alemães antinazistas foram se dissolvendo tanto pelas questões internas quanto pelas questões externas.

Em março de 1945 Friedrich Kniestedt escreveu sua indignação sobre a proibição do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil na revista do grupo *Das Andere Deutschland* (DAD) da Argentina. Aproveitou também para avisar aos líderes do grupo da Argentina que não era mais possível receber as edições da revista no Brasil devido às restrições das autoridades brasileiras. Segundo ele, o movimento só aumentava sua atuação no último ano, expandindo-se no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais, mas “nos estados do sul não é mais permitida a distribuição da revista DAD, e nem a continuação do movimento”. (Revista “*La Otra Alemania. Das Andere Deutschland*”, nº 92, março de 1945, p.22) .

CAPÍTULO 3

LUTA E COOPERAÇÃO ANTINAZISTA ENTRE OS ALEMÃES NA AMÉRICA DO SUL

Não somos vossos adversários, nem vós sois os nossos. O nosso inimigo comum é o nacional-socialismo. (Erich Sieloff- líder do grupo Volksblatt, em pronunciamento no Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul).

3.1 *Das Andere Deutschland*: “A Outra Alemanha” na Argentina

A América do Sul tornou-se um ambiente de intenso trânsito de ideias políticas que refletiam as discussões de âmbito global durante as décadas de 1930 e 1940. Argentina, Uruguai e Brasil não representavam fronteiras para os grupos políticos de exilados de fala alemã que abraçaram a causa do antinazismo. Também neste contexto se intensificaram as trocas de correspondências entre embaixadas e os relatórios policiais demonstrando a intensa vigilância a que esses grupos eram submetidos. Para a historiadora Angela Meireles Oliveira, “A intelectualidade latino-americana se envolveu na luta antifascista, fenômeno internacional, tomando para si uma bandeira de luta que acabou sendo ressignificada por meio de um processo de apropriação”. (OLIVEIRA, 2013. p. 15.)

Logo após o golpe civil-militar em 06 de setembro de 1930 o Congresso Nacional argentino foi dissolvido, os partidos políticos e as províncias sofreram intervenções federais e os opositores do governo provisório de José Felix Uriburu foram perseguidos. Havia uma repulsa do novo governo pelo sistema liberal e pelos partidos políticos. O plano do novo presidente era implementar reformas institucionais na Argentina por meio do corporativismo e do nacionalismo. No entanto, nas eleições gerais convocadas para novembro de 1931, a coalizão política chamada de “*La Concordância*”, integrada pelo Partido Nacional Democrata e parte

dos socialistas independentes, elegeu Augustin Pedro Justo. Seu governo durou até 1938 e, apesar de relativo sucesso econômico, foi marcado por denúncias de corrupção e fraudes. (JAURECHE, 1983)

O governo de Augustin Pedro Justo foi ferrenho opositor do nazifascismo, prevalecendo na Argentina, durante esse período, sendo reconhecido por adotar uma posição semelhante a da França e Espanha com as Frentes Populares. As transformações políticas do governo Justo criaram um ambiente propício para as manifestações artísticas e culturais da Argentina. A tentativa de criar a sensação de governo democrático impulsionou as mobilizações políticas, o que resultou na formação de diversas associações políticas, como a Universidade Popular e o *Colégio Libre de Estudios Superiores*. Além destes, foram criados comitês de ajuda aos exilados, como o “Comitê Pro-Anistia aos Presos Políticos e Exilados Políticos de América (1936)” (OLIVEIRA, 2013, p. 72). Isso contribuiu para a construção de um cenário político em que grupos formados por radicais, socialistas, comunistas, estudantes organizados em torno da *Federación Universitaria*, dirigentes sindicais e grupos de pessoas independentes, formaram movimentos de ajuda internacional em combate às ideologias nazifascistas.

Também na Argentina, o antifascismo atuou como um importante fator organizador do espectro político da energia em torno de vários grupos em diferentes níveis ideológicos e culturais. Nesse contexto político, os recém-chegados exilados antinazistas alemães também fizeram contato com o mundo de língua alemã de Buenos Aires.¹⁵ (FRIEDMANN, 2010, p. 23) .

Em 1938 o advogado Roberto Ortiz assumiu a presidência com um discurso de redemocratização da Argentina, prometendo o fim do autoritarismo e o retorno da legalidade eleitoral. Na Segunda Guerra Mundial manteve a Argentina na posição de neutralidade, embora internamente as divergências entre aqueles que eram pró-aliados e contra os defensores do nazifascismo tenham se intensificado. Neste contexto, as atividades nazistas foram proibidas pelo governo de Ortiz, levando ao enfrentamento dos

¹⁵ *También en la Argentina el antifascismo actuó como un importante factor organizador del espectro político al nuclear en torno de varias agrupaciones a un diversos ámbitos ideológicos y culturales. En este contexto político, los exiliados alemanes antinazis recién llegados se pusieron asimismo en contacto con el mundo germanoparlante de Buenos Aires.*

imigrantes alemães que se aproximaram do nazismo.

Em junho de 1943 um golpe militar apoiado por conservadores fascistas e anticomunistas, depôs o governo de Ramón Castillo, que havia assumido a presidência em 1942 devido aos problemas de saúde de Ortiz, dando início a uma ditadura militar que durou até 1946, quando houve a eleição de Juan Domingo Perón. Durante o governo militar, as atividades de grupos antinazistas foram declaradas ilegais, o que dificultou o avanço das circulações de ideias entre os movimentos na América do Sul. A Argentina rompeu suas relações com as potências do Eixo em 26 de janeiro de 1944, e declarou guerra em 27 de março de 1945.

Após a Primeira Guerra Mundial a Argentina recebeu uma grande onda de imigração alemã, chegando a um número de aproximadamente 140 mil pessoas que deixaram o *III Reich* com destino à Argentina no início dos anos 1930. Assim como o caso do Brasil, esse número elevado de imigrantes alemães na Argentina também foi influenciado pelas medidas restritivas contra a entrada de estrangeiros adotadas pelo governo dos Estados Unidos. Segundo a historiadora argentina Carlota Jackisch, a maioria dos imigrantes alemães na Argentina eram pró-nazismo, ou pelo menos não faziam oposição a Hitler (JACKISCH, 1989). Em grande parte eram trabalhadores da classe média, que viam a República de Weimar como uma experiência fracassada de modelo político e econômico, devido ao grande número de desempregados e da alta inflação acumulada na Alemanha no período, por isso tornaram-se mais propensos a aderir ao nazismo por meio do imaginário de “uma nova Alemanha” e do discurso nacionalista que se difundiu a partir de 1933, com a ascensão de Adolf Hitler ao poder.

Apesar da grande quantidade de alemães na Argentina estarem mais próximos do nazismo apenas cerca de filiou-se ao NSDAP. Alguns ficaram às margens das ideias nazistas de forma mais discreta, outros participaram de grupos organizados de combate ao nazismo, compondo um complexo quadro de exilados antinazistas de fala alemã na América do Sul. Em 1935 se formou a primeira organização alemã antinazista na Argentina, a *Deutsches Patronat für die Opfer des Hitlerfaschismus* (Patronato Alemão de Ajuda às Vítimas do Fascismo Hitlerista), que se definia como uma organização suprapartidária com o objetivo de ajudar as vítimas do nazismo e

denunciar a situação da Alemanha. Representava na Argentina uma organização internacional de mesmo nome que atuava na França, liderado por Heinrich Mann e Willi Munzenberg, levantando fundos e ajudando as pessoas no exílio. Em abril de 1936 começaram a publicar a revista *Volksfront* (Frente Popular), divulgando textos com o intuito de combater o nazismo. O grupo não obteve muito sucesso, os recursos levantados não eram suficientes para levar em frente as intenções do movimento. Dessa forma, em 1937 os exilados se agruparam em outra organização de alemães e austríacos antinazistas na Argentina, a *Das Andere Deutschland* (A Outra Alemanha), que se tornaria a mais influente delas na América do Sul.

Andrés Bisso (2005) afirma que o antifascismo na Argentina foi resultado do processo de internacionalização das lutas contra o nazismo alemão e o fascismo italiano a partir da Guerra Civil Espanhola. Houve o estabelecimento de uma conexão entre os conflitos nacionais e internacionais, polarizados na oposição fascismo/antifascismo, permitiu o surgimento de grupos organizados a partir de setores políticos diversos, como socialismo, comunismo, sociais democracia, liberalismo, etc., com mobilizações sociais em nível nacional e internacional, como os grupos de exilados de fala alemã antinazista nas américas. Neste sentido, Bisso reforça a ideia de que as lutas antifascistas/nazistas não foram exclusividade da esquerda, mas resultado da convergência de vários de oposição. Para Ricardo Pasolini (2008), o antifascismo as organizações internacionais do período entre guerras foram cruciais para a formação das lutas antifascistas na Argentina.

Entre os intelectuais argentinos, o tema do antifascismo como tema central no debate cultural e político nacional foi constituído em meados da década de 1930, motivado principalmente pela influência das experiências das associações culturais antifascistas francesas, como o Comitê de Vigilancia des Intellectuel Antifascistes (CVIA); e das organizações internacionais de solidariedade em defesa dos perseguidos pelo fascismo [...] (PASOLINI, 2008, p.87)¹⁶

16 *Entre los intelectuales argentinos, el tema del antifascismo como un tópico central em el debate cultural y político nacional se constituye a mediados de la década de 1930, incitado fundamentalmente por la influencia de las experiencias de las asociaciones culturales del antifascismo francés, como el Comité de Vigilancia des Intellectuel Antifascistes (CVIA); y de las organizacionais de solidariedade internacional em defensa de los perseguidos por el fascismo [...]*

O grupo *Das Andere Deutschland* (DAD) foi uma organização formada por exilados alemães e austríacos opositores do nazismo que faziam parte de organizações de esquerda e grupos de fala alemã estabelecidos na Argentina, de diversos extratos políticos, sociais e religiosos. Apresentou-se como um comitê de ajuda aos perseguidos pelo Regime Nazista, mantendo trocas de informações e de ideias com movimentos antinazistas dos Estados Unidos e da América Latina. Em seu primeiro manifesto, a DAD buscou marcar sua posição frente aos movimentos internacionais:

Expressava seu desejo de trabalhar em conjunto com os comitês de ajuda na Europa e na América do Norte, para mostrar solidariedade às vítimas da intervenção de Hitler na Espanha e para ajudar os combatentes pela liberdade, mortos por bombas e granadas alemãs. A apresentação na sociedade do DAD tem a intenção de se tornar o receptáculo de todos os exilados de fala alemã e alemães de pensamento decente. (FRIEDMANN, 2010, p. 33) .¹⁷

O primeiro manifesto da DAD foi organizado e escrito por um grupo de jornalistas, escritores e intelectuais que faziam parte da “*Asociación Pestalozzi*”, que servia como ponto de discussão das ideias democráticas entre argentinos e alemães. A própria composição plural desse grupo influenciou para que o movimento DAD mantivesse em seus quadros de diretores pessoas como o “liberal” Ernesto Alemann e o sociólogo de esquerda Simon Neuschlosz. Além disso, exilados filiados ao Partido Comunista da Alemanha durante a República de Weimar, como Erich Bunke, também integraram o grupo.

Os membros da DAD conduziram uma ampla rede de atividades, destacando-se na cooperação econômica e ajuda laboral para os refugiados alemães na Argentina perseguidos pelo nazismo. Essa assistência também se estendia aos austríacos que lutaram na Guerra Civil Espanhola, assim como os membros da resistência antinazista na França durante o período de Vichy. Após 1942, quando todo o sul da França foi ocupada

17 *Expresaba su deseo de trabajar en conjunto con los comités de ayuda en Europa y América do Norte, de solidarizarse con las víctimas de la intervención de Hitler en España y de asistir a los luchadores por la libertad, asesinados por las bombas y granadas alemanas. La presentación en sociedad de DAD finalizaba con la intención de convertirse en el receptáculo del conjunto de los alemanes y germanoparlantes descendentes y bien ensantes.*

pelos nazistas, a DAD não conseguiu mais enviar recursos para aquele local. (Revista DAD, n° 54. Setembro de 1942). Neste contexto, as ações do grupo se voltaram para as questões internas, buscando ampliar a sua rede de atuação na Argentina e na América do Sul. Neste sentido, membros da DAD passaram a publicar textos no jornal *Argentinisches Tageblatt* semanalmente, focando na temática do antinazismo, no combate às ideias de Hitler e do nazismo e nas propostas para ampliação de atuação dos movimentos antinazistas nas Américas.

O DAD também realizou uma intensa disseminação das atrocidades cometidas pelo nazismo na Europa e as ações de várias instituições nazistas baseadas na Argentina. Dada a incapacidade de ter seus próprios correspondentes, devido ao seu status de exilados políticos ou inimigos declarados do regime ao qual, além disso, sua cidadania alemã havia sido retirada, os membros do grupo tinham que receber informações de seu país por meio dessas publicações. (FRIEDMANN, 2010, p. 36)¹⁸

Com isso, o grupo DAD foi deixando de ser apenas um comitê de ajuda para se tornar cada vez mais um movimento político com representantes na maioria dos países da América Latina e nos Estados Unidos. Com a direção de August Siemsen, a partir de 1938, o grupo passou a editar a sua própria revista, com o nome “*La Otra Alemania. Das Andere Deutschland*”, que se tornou principal veículo impresso de circulação das ideias antinazistas na América do Sul. Entre 1944 e 1945 a revista chegou a tiragem de 5000 exemplares, e segundo o próprio Siemsen, o movimento chegou a agregar 1000 membros. Esses números são contestáveis, pois nessa conta levou-se em consideração todos os movimentos antinazistas da América do Sul. (FRIEDMANN, 2010)

Com a expansão da circulação da revista, surgiram vários movimentos antinazistas inspirados no grupo DAD. Na América do Sul grupos de exilados austríacos e alemães se formaram no Brasil, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia, transformando-se em centros de distribuição

18 *DAD realizo asimismo una intensa difusión de las atrocidades cometidas por el nazismo en Europa y del acionar de diversas instituciones nazis radicadas en la Argentina. Dada la incapacidad de contar con corresponsales propios, debido a su condición de exiliados políticos o enemigos declarados del régimen a los que, además, se les había retirado la ciudadanía alemana, los miembros del grupo debieron recibir información de su país a través de diversas publicaciones.*

das edições das publicações da DAD para todo o continente. No Brasil os representantes que distribuíam a revista eram Karl Lustig-Prean, em São Paulo e Friedrich Kniestedt no Rio Grande do Sul, o primeiro formou o Movimento dos Alemães Livres e o segundo o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil.

O editor da revista “*La otra Alemania*”, August Siemsen, foi deputado do *Reishtag* (Parlamento Alemão) durante a República de Weimar, representando o SPD (Sozialdemokratische Partei Deutschlands – Partido Social Democrata da Alemanha), e manteve intensa atividade política no período entre-guerras. Com a ascensão do nazismo em 1933, fugiu para Suíça e depois exilou-se na Argentina, em 1936, onde começou a lecionar na Escola de Pestalozzi em Buenos Aires. Neste período passou a liderar o grupo DAD editar a publicação no movimento. A revista foi publicada mensalmente entre 1939 e 1949 e distribuída em vários países da América Latina e Estados Unidos. Durante a guerra a circulação aumentou, influenciado principalmente pela demanda de notícias em língua alemã sobre o que ocorria na Europa, e “disputando” com as propagandas nazistas que circulavam entre os imigrantes e descendentes de alemães. Embora alguns textos foram escritos em língua espanhola, a maioria dos artigos eram escritos em língua alemã, recebendo contribuições de escritores e artigos da revista *Freie Deutschland*, editada e distribuída pelo *Free German Movement*, no México e Estados Unidos. Os recursos financeiros para a produção e distribuição vinha da grande quantidade de anunciantes que apareciam na revista, além de doações privadas de pessoas ligadas aos movimentos antinazistas na Argentina.

Nas investigações do DOPS do Rio de Janeiro sobre os exilados antinazistas alemães do Brasil foi realizada a apreensão da edição número 79 da revista do grupo argentino que foi enviada para Friedrich Kniestedt, líder do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil. Kniestedt trabalhou na distribuição da revista no Brasil todo o tempo que foi publicada. De forma geral, a revista do DAD tratava fundamentalmente de temas políticos. Serviu como veículo de disseminação das ideias antinazistas entre os alemães, publicando artigos sobre a situação dos imigrantes, da resistência alemã e resenha de livros, principalmente

de autores que eram proibidos pelo Regime Nazista, entre eles Thomas Mann, Lion Feuchtwanger, Heinrich Mann, e outros. Nos primeiros anos iniciais havia muitos artigos sobre a situação da guerra na Europa, com ênfase para as ofensivas dos aliados contra o exército nazista. Na medida em que a guerra avançou, e a derrota alemã se aproximava, os debates sobre o futuro da Alemanha no pós-guerra crescia nos conteúdos da publicação.

Esse processo ocorreu de forma simultânea nos círculos de discussão dos movimentos de exilados antinazistas no Brasil, representando como de fato as ideias se conectavam entre esses grupos. August Siemsen escreveu na edição de agosto de 1942 da revista DAD sobre a distribuição das edições no Brasil:

No centro de São Paulo os alemães antifascistas “Movimiento dos Alemaes Livres”. Nossos amigos são os inspiradores e líderes deste movimento, são proximos e trabalham conosco. Eles estão esforçando-se para espalhar nossa revista e também manter a luta da Checoslováquia conectada. Informação dada por Karl v. Lustig-Prean. Rua Aracaju, 63. São Paulo. (Revista “*La Otra Alemania. Das Andere Deutschland*”, dezembro de 1942, p.12)

Figura 9: Edição número 79 da Revista “*La Otra Alemania. Das Andere Deutschland*”, dezembro de 1943.



Fonte: DOPS: caixa 753. Arquivo Público do Rio de Janeiro.

Muitas das informações sobre a situação da resistência e do exílio de fala alemã descritas na revista DAD baseavam-se em publicações de grandes periódicos como o *New York Times*, *Free World* e outros jornais que

escreviam sobre a situação das perseguições e crimes nazistas. Também havia espaço para a colaboração de leitores, por meio do envio de artigos e notas narrando experiências pessoais. Para além das fronteiras da América do Sul, as contribuições para a revista vinham de vários países distantes da Argentina. As estimativas eram de que havia mais de 200 pessoas que informavam ou escreviam para o grupo DAD, provenientes da Califórnia, Nova York, Londres, Suíça e Portugal. (FRIEDMANN, 2010, p. 43). É possível perceber esse trânsito de ideias na edição de número 52, onde há um texto enviado por Fritz Sternberg, exilado em Nova York, escrevendo sobre a situação dos norte americanos nos seus seis meses de guerra, afirmando que, ao contrário da Europa, a guerra trazia benefícios aos Estados Unidos.

Em resumo, diremos que os Estados Unidos aumenta extraordinariamente sua produção no primeiro semestre que está em guerra. Sua produção será em breve o dobro do que foi produzido nos anos 1933-35, e estima-se que metade disso seja material de guerra. O desemprego tende a desaparecer e todo o material humano é incorporado ao processo de produção. No inverso de que está acontecendo na Europa, o país aumenta sua produção, seu comércio exterior e a elaboração de produtos alimentícios. Assim, em ri todos os aspectos econômicos e da política bélica, os Estados Unidos da América têm manifestado um extraordinário progresso e superação. (Revista *“La Otra Alemania. Das Andere Deutschland”*, nº 52, julho de 1942, p.06) .

Algo muito comum entre os movimentos antinazistas nas Américas foi o discurso de respeito sobre a soberania nacional dos países em que atuavam. Dessa forma, por uma questão de sobrevivência, não há críticas em relação às questões políticas internas da Argentina na DAD, assim como não se observa isso nas publicações no Brasil. Por outro lado, o grupo produziu listas com nomes de indivíduos e empresas que estavam ligadas diretamente com o nazismo, buscando colaborar com as autoridades argentinas na repressão das atividades nazistas.

Uma das principais atividades desenvolvidas pelo grupo DAD foi a organização e participação em manifestações antinazistas na Argentina. Apoiou instituições como o *Comité Contra El Racismo y El Antisemitismo*, e no fim de novembro de 1938 organizou uma manifestação que reuniu 40.000 pessoas no Luna Park, junto à *Comisión Argentina de Boicot a Los Países Totalitários*, pedindo o fim da comercialização de produtos alemães

na Argentina. (FRIEDMANN, 2010, p. 43) Esse senso de condução da luta antinazista entre os exilados na América do Sul permaneceu até a dissolução do DAD em 1949. No auge dos conflitos da Segunda Guerra Mundial as das pressões aos países da América do Sul pela saída da neutralidade, em janeiro de 1943 August Siemsen tentou unificar os movimentos antinazistas em torno da DAD, convocando exilados de fala alemã para um Congresso em Montevidéu.

3.2 Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul

Entre os dias 29 e 31 de janeiro do ano de 1943 reuniram-se no Uruguai representantes de movimentos dos alemães antinazistas do Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai com o objetivo de debater o combate ao nazismo no continente. Logo após o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939 o presidente uruguaio Alfredo Baldomir declarou neutralidade frente aos conflitos. A guerra fez com que as exportações uruguaias de produtos agrícolas aumentassem consideravelmente, isso, em certa medida, influenciou para a manutenção da neutralidade. Além do incidente com o Couraçado da frota alemã, Admiral Graf Spee¹⁹, o envolvimento uruguaio com a guerra foi com a presença do nazismo entre parte da comunidade germânica daquele país. Somente em 14 de fevereiro de 1945 o Uruguai deixa a neutralidade e declara guerra à Alemanha e ao Japão. Essa neutralidade acabou criando um ambiente mais propício para a organização de um evento como o Congresso dos Alemães Antinazistas que ocorreu em Montevidéu. Levando em conta o cenário de restrições às atividades políticas de estrangeiros no Brasil e na Argentina, o prédio da Instituição “Ateneo”²⁰, em Montevidéu, pareceu o lugar mais apropriado

19 No dia 13 de dezembro de 1939 ocorreu a Batalha do Rio da Prata, a primeira batalha naval da Segunda Guerra Mundial, envolvendo os navios Admiral Graf Spee, da marinha alemã, e o Exeter, da marinha britânica. Após ser avariado com os ataques do navio inglês, o capitão Hans Langsdorff atracou o navio no Porto de Montevidéu, onde deu ordens para afundar o navio. Langsdorff começou uma fuga pela Argentina, buscando encontrar ajuda com imigrantes alemães naquele país. Suicidou-se em 19 de dezembro de 1939. Ver: DICK, Enrique. In the Wake of the Graf Spee. London: WIT press, 2015

20 O Ateneu de Montevidéu foi fundado em 1868, como resultado da união entre a “Sociedad Universitaria” e o “Ateneo del Uruguay”. Em funcionamento até os dias atuais, o objetivo do grupo é servir de espaço para discussões sobre cultura, política

entre os países da América do Sul para sediar o Congresso. Além disso, a localização geográfica de Montevidéu beneficiava a organização do evento pelos Argentinos da DAD.

Um exaustivo trabalho investigativo foi realizado pelas autoridades policiais do Brasil. Os investigadores do DOPS produziram um dossiê contendo detalhes das atividades cotidianas do encontro em Montevidéu. Isso foi resultado da aproximação que Friedrich Kniestedt, do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, tinha com o DOPS. Além de participante ativo do Congresso dos Alemães Antinazistas de Montevidéu, Kniestedt foi um dos informantes que relatou os acontecimentos do evento.

O Congresso de Montevidéu foi pensado e preparado durante muitos meses, liderado pelo grupo argentino “*La Otra Alemania*”, originalmente chamada de “*Das Andere Deutschland*”. A intenção desde o princípio era de reunir todos os representantes de organizações antinazistas da América do Sul, formando assim uma “Frente Única Antinazista” para agregar todos os grupos de alemães livres. A data para o Congresso foi emblemática, pois o dia 29 de janeiro de 1943 representava o décimo aniversário da ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha. No primeiro dia, contou com a participação de cerca de 200 pessoas, entre convidados e delegados representantes de movimentos antinazistas, entre eles o representante brasileiro, Friedrich Kniestedt.

Três jornais de grande circulação da capital uruguaia dedicaram ampla cobertura dos eventos do Congresso dos Alemães Antinazistas. Os periódicos *El país*, *La Mañana* e *La Tribuna Popular* produziram matérias antes mesmo da abertura dos trabalhos do evento.

Na manhã de 29 de janeiro de 1943 o jornal *El país* publicou uma foto da visita dos delegados do movimento “*La outra Alemania*” que estiveram na redação no dia anterior para dar entrevistas e falar sobre as intenções dos organizadores. A matéria era uma prévia do que aconteceria no Congresso durante os dias 29, 30 e 31, dando ênfase a capacidade de audiência que os trabalhos teriam, uma vez que haveria transmissão do evento em rádios europeias, fazendo com que o próprio povo alemão

e artes, por meio de encontros, Congresso s e apresentações que “tratam da liberdade, civilização e progresso”. Ver: <http://ateneodemontevideo.uy> acesso em 23 de abril de 2018.

pudesse ouvir as mensagens. Na matéria do jornal vinha escrito:

Hoje começam os actos anteriores do Congresso dos Alemães Antinazis, [...] Este congresso foi concedido uma transcendência justificada, uma vez que as suas conclusões serão dadas em conta ao próprio povo alemão, através das estações radiotelefonos europeias. (*El País*, 29 de janeiro de 1943).²¹

Na mesma edição em que a matéria de capa deu destaque para a recepção que Vargas deu a Roosevelt no Brasil, o jornal *El país* produziu uma matéria intitulada “*Quedo inaugurado anoche el Congreso de los alemanes anti-fascistas de la America del Sur*”. Vários participantes chegaram à capital uruguaia no dia anterior ao início do Congresso e ficaram responsáveis por organizar a logística do evento. No início da tarde de 29 de janeiro de 1943 houve um encontro público na Praça da Independência, em frente à estátua do General Artigas, como forma de homenageá-lo. Esse ato representava o discurso de liberdade que era proposto entre os participantes do evento. Logo em seguida houve uma reunião preparatória com a presença de 40 representantes de movimentos antinazistas, com a finalidade de deliberar sobre a escolha da comissão que seria responsável por gerenciar os trabalhos. Dessa forma, a comissão ficou constituída por três membros do grupo DAD, da Argentina – August Siemsen, Otto Heumann e Walter – e um membro do *Club Aleman Independiente de Montevideo*, do Uruguai – Balder Olden. Essa comissão apresentou aos demais delegados presentes os eixos temáticos que norteariam as discussões do evento, composto por apresentações dos programas dos movimentos de exilados de fala alemã antinazistas dos países participantes, formas de ajuda e mensagens aos aliados, o problema do anti-semitismo, os refugiados, identificação dos culpáveis na Alemanha, os problemas no pós-guerra, a possibilidade da formação de uma frente única antinazista, entre outros manifestos. Essa pauta revela relativa uniformidade de ação dos grupos políticos de exilados em várias partes do mundo, aglutinando as demandas dos movimentos espalhados pela América Latina e dos Estados Unidos.

Algumas divergências foram debatidas na formação da pauta de

21 *Hoy comienzan los actos previos del Congreso de Alemanes Anti-Nazi, [...] Se ha concedido a este congreso una justificada transcendencia, ya que de sus conclusiones se dará cabal cuenta al próprio pueblo alemán, por intermedio de las estaciones radiotelefónicas europeas.*

discussão. Para o grupo *Volksblatt*, da Argentina, as reparações dos problemas causados pelo nazismo eram responsabilidades de toda a Alemanha: “Nós, os alemães antinazistas, declaramos que deverá ser um dever sagrado para o povo alemão a reparação dos danos ocasionados pela guerra do banditismo de Hitler” (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.). A ideia de culpabilidade já era um debate amplo entre os exilados. Alguns defendiam que o próprio fato de terem que “reconstruir” a Alemanha no “pós-nazismo” já representava um castigo para todo o povo alemão.

A reunião inicial terminou com a participação de vários delegados dos movimentos antinazistas da transmissão do programa “A voz do Dia”, da Rádio Águila de Montevideú, dirigido por Hermann Gebhardt. Na transmissão discursaram Otto Heumann, Friedrich Kniestedt, Annemarie Rubens e Balden Older, divulgando o Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul.

Figura 10: Mesa que presidiu o Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul.



Fonte: DOPS. “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.

Na imagem acima foi registrada no dia 29 de janeiro de 1943, durante a primeira reunião do Congresso. Da esquerda para a direita: Friedrich Kniestedt, representante do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil; August Siemsen, representante do grupo DAD da Argentina; Otto Heumann, representante do *Club Aleman Independiente de Montevideo*;

Dr. Elkin, representante executivo da “Ación Argentina; Sr. de Arevalo, representante do Partido Comunista do Uruguai.

Ao descrever a abertura do Congresso, foi dada ênfase à participação maciça dos delegados representantes dos movimentos de alemães antinazistas de quase todos os países da América do Sul, afirmando que o trabalho desse movimento era de atuar junto com as nações aliadas para a derrubada do nazismo não só na Alemanha, mas em qualquer lugar em que seus braços haviam chegado.

[...] as boas-vindas a todos os delegados de acordo, destacando o significado do pacto como um elemento de grande valor na luta contra o nazismo, na América, entendida conjuntamente com as nações aliadas, para terminar com o regime ditatorial de Hitler e retornar ao povo sua liberdade. (*El País*, 30 de janeiro de 1943)²².

O jornal *El País* enfatizou que o referido movimento “lidera a luta antinazista em toda a América Latina”, e ainda que “um dos papéis principais desse grupo é ajudar na reconstrução dos países destruídos e subjugados pelos nazistas”.

O reflexo dos discursos antinazistas de intelectuais e políticos alemães exilados em várias partes do mundo ecoaram entre os alemães estabelecidos na região da América do Sul. A politização da arte pode ser percebida nas palavras do diretor do Teatro “Alemanha independente”, de Buenos Aires, Walter Jacob, que discursou na abertura do Congresso de Montevidéu e se referiu ao “caráter universal da cultura alemã”, dizendo que “esta foi apreciada e respeitada até 1933, como fator de união dos povos”. Logo em seguida, o jornal *El País* transcreveu a parte da fala de Jacob

Esse ambiente foi a plataforma que permitiu que Shakespeare fosse considerado o segundo poeta nacional da Alemanha; mas que o nazismo, ao interromper essa tendência universalista da arte e cultura alemãs, impôs limites materiais e nacionais a fim de vinculá-lo a teorias raciais irracionais, usando fins culturais como meio de propaganda nazista. A falência do nazismo foi uma consequência dessa política embaraçosa. (*El País*, 30 de janeiro de 1943.)²³

22 [...] la bienvenida a todos los delegados concurrentes, destacando el significado de lacto como elemento de gran valor an la lucha contra el nazismo, en América, que ha sido comprendida conjuntamente com las naciones aliadas, para terminar com el régimen dictatorial de Hitler y devolver a los pueblos su libertad.

23 Esse ambiente era la plataforma que pertmitia que Shakespeare fuera considerado como el segun-

Figura 11: Jornal El País, 30 de janeiro de 1943.

Fonte: Archivo General de La Nacion (Uguai).

Pessoas envolvidas nas mais diversas áreas, tais como jornalistas, comerciantes, artistas, entre outros, foram dando peso para o movimento antinazista, consagrado no Congresso de Montevideú. A presença do Brasil foi destaque na publicação do jornal. Um subtítulo intitulado “*Palabras de Frederico Kniestedt*” deu ênfase para o discurso do brasileiro anunciado como “*El presidente de los alemanes anti nazis en el Brasil*”. Apesar de sua atuação no movimento anarquista no sul do Brasil, Kniestedt é citado apenas como “aquele que vem lutando contra o Nacional Socialismo no sul do Brasil”. A importância que se dá ao exilado em terras brasileiras é

do poeta nacional de Alemania; pero que el nazismo al interrumpir esa tendencia universalista del arte y de la cultura alemana impuso limites materiales y nacionales al querer encadenar esta com las irrisórias teorías raciales, empleando los fines culturales como medios para la propaganda nazista. Ha sido consecuencia desta torpe política la bancarrota del nazismo.

tamanho que chega a ser citado como “símbolo” dentro do Congresso, uma vez que

Localiza-se na colônia alemã do Sul do Brasil em um ambiente difícil, tendo trabalhado apesar das ameaças da Gestapo e de dois ataques que comprometeram os fiéis a se manterem fiéis aos ideais de liberdade. (*El País*, 30 de janeiro de 1943.)²⁴

Os demais pronunciamentos foram apenas citados, e não discutidos no jornal como o de Kniestedt, demonstrando um apreço pelo personagem residente no Brasil. Segundo o jornal, outros congressistas levantaram diversos aspectos culturais e políticos em suas falas, mas o destaque final ficou para a leitura de um telegrama enviado pelos escritores alemães antinazistas da União Soviética.

Assim como o *El País*, *La Mañana* também deu destaque para a fala de Friedrich Kniestedt, representante brasileiro no Congresso, escrevendo: “Ocupou lugar na tribuna o Sr. Friedrich Kniestedt, delegado do Brasil, um jornalista alemão de 70 anos de idade, que lutou contra o imperialismo do Kaiser e que faz parte da luta antinazista no sul do Brasil” (*La Mañana*, 29 de janeiro de 1943)²⁵. Além das falas dos delegados representantes, o primeiro dia foi marcado por apresentações artísticas de músicos alemães. Assim como os intelectuais democratas representavam as ideias da “outra Alemanha”, a arte e a música alemã também simbolizavam uma Alemanha civilizada, esclarecida, sem as deturpações do autoritarismo.

A grande dificuldade estava em agregar em torno de um único objetivo os vários grupos com tendências políticas distintas. Mesmo dentro de Buenos Aires havia dois grupos com diferenças marcantes. Enquanto a DAD, liderado pelo Dr. Siemsen, era de maioria socialista, já o grupo “*Volksblatt*”, também da capital argentina, seguia a tendência comunista bolchevista, liderado por Erich Sieloff. O *Volksblatt* representava o stalinismo bolchevista, defendendo o apoio aberto à União Soviética para um futuro governo na Alemanha no pós-guerra. Durante o Congresso de

24 *Se encuentra radicado en la colonia alemana del Sur del Brasil en un medio difícil, habiendo trabajado a pesar de las amenazas de la Gestapo y dos atentados que cometieron contra el manteniéndose fiel a los ideales de la libertad.*

25 *Ocupó luego na tribuna el señor Frederico Kniestedt, delegado del Brasil, periodista alemán de 70 años, que lucho contra el imperialismo del kaiser e que faz parte de la lucha antinazi en el Sur del Brasil.*”

Montevideu, o “*Club Aleman Independiente de Montevideo*”, liderado por Otto Heumann, aproximou-se dos argentinos, tentando criar uma coalizão das esquerdas para a luta antinazista na América do Sul.

Além de Sieloff e Heumann, o grupo DAD buscou expandir sua atuação no Chile, elegendo como seu representante para a cidade de Santiago, Heinrich Greenewald, que se declarava social-democrata. O plano de expansão do movimento de Dr. August Siemsen tinha como objetivo conseguir mais representantes nas capitais da América do Sul, servindo como pontos de distribuição dos materiais de divulgação das ideias antinazistas, como a própria revista do grupo DAD, para o maior número possível de exilados de fala alemã.

O periódico *La Tribuna Popular*, também de Montevideu, adotou um tom mais crítico em relação aos participantes do Congresso. O impresso dedicou apenas duas matérias cobrindo o evento, além de um texto opinativo alguns dias depois do encerramento do Congresso. Percebe-se que havia uma certa resistência por parte dos editores de “*La Tribuna*” em acreditar nas boas intenções do Congresso realizado na capital uruguaia. É possível compreender isso tanto pela análise dos conteúdos das matérias quanto pela ausência de matérias contundentes cobrindo o evento, como foi o caso dos jornais *El País* e *La Mañana*.

Figura 12: *La Tribuna Popular*, 28 de janeiro de 1943.



Fonte: Archivo General de La Nacion (Uruguai).

Na foto acima, da edição de 28 de janeiro de 1943 o jornal *La Tribuna Popular*, temos a reunião dos anfitriões uruguaios do Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, identificados apenas como “*figuras destacadas del antifascismo alemán residentes el Uruguay*.” O jornal publicou uma nota com essa foto noticiando que o evento aconteceria em Montevideu e que no dia anterior os organizadores do evento reuniram-se para cuidar dos preparativos. O destaque foi dado para a presença do Dr. August Siemsen, que viria da Argentina para presidir as atividades do Congresso . Há uma informação de cunho relevante nesta nota do jornal afirmando que representantes de Partidos Democráticos do Uruguai participarão do Congresso . Isso significa que o público de fato não foi constituído apenas por alemães antinazistas, mas por diversos representantes políticos da América do Sul, uma vez que sabe-se também da presença de autoridades policiais brasileiras no evento.

As autoridades policiais brasileiras demonstraram preocupação com os eventos que aconteceriam no Uruguai. Dessa forma, investigadores do DOPS do Rio de Janeiro foram enviados para Montevideu com o objetivo de buscar informações sobre as atividades do Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul. O dossiê produzido pela polícia foi compartilhado secretamente entre os órgãos de segurança nacional pelo Coronel Acides Gonçalves Etchegoyen, Chefe de Polícia do Distrito Federal, contendo detalhes descritos por agentes infiltrados no evento. A política de perseguição aos comunistas foi um dos principais incentivos para se vigiar de perto as atividades do Congresso no Uruguai. Para a polícia brasileira, estavam presentes neste encontro seguidores das mais variadas tendências políticas, divididos em dois grandes grupos: internacionalistas e nacionalistas. O primeiro grupo, os internacionalistas, era composto basicamente por comunistas e demais ideologias políticas que se aproximam da esquerda. É nisto que residia a grande preocupação das autoridades brasileiras, pois é possível concluir *a priori* que são esses grupos que lideraram as atividades em Montevideu.

Não havia coesão ideológica entre os participantes, o que os uniu em torno de um Congresso foram as ideias de combate ao nazismo, planejando o reestabelecimento da liberdade e democracia na Alemanha. Isso pode ser constatado quando se observa a pluralidade dos chefes de Estado

aclamados na abertura dos trabalhos: General Artigas, General Baldomir, Winston Churchill, Franklin Roosevelt, Stalin e Chang-Kai-Shek.

No dia 26 de janeiro de 1943 já havia textos sobre as intenções e atividades dos participantes do evento que começaria no dia 29, no prédio do Ateneu, em Montevidéu. Um texto assinado com o nome Ronald discutiu o que era o movimento intitulado “*La Otra Alemania*”, que se reuniria naquela capital dali a três dias. Esse mesmo jornal já havia mencionado ainda no ano de 1942 a existência de um forte movimento de alemães opositores do nazismo na América Latina. No artigo do dia 26 afirmava-se que o Congresso “terá como principal objetivo a unificação de esforços, selando a união de diferentes grupos anti-hitleristas.”²⁶ O fato de os grupos serem distintos representavam um problema, pois como apresentado antes haviam liberais, socialistas, comunistas, anarquistas, ou seja, uma grande miscelânea de ideologias políticas. Sendo assim, a reunião desses grupos em um Congresso poderia representar um avanço. O autor do artigo destacou a figura de August Siemsen como grande político e intelectual que presidiria os trabalhos em Montevidéu.

Dr. Siemsen, ex-deputado da Reichstag, também foi ex-presidente da Federação de Professores Socialistas e diretor das universidades populares da Turingia e Essen. Dr. Siemsen, um escritor e sociólogo de prestígio, sempre o consideramos o autor de “O Império Alemão, Perigo da Europa”, um livro enérgico e bem documentado, publicado antes do início da guerra com o pseudônimo de Ana Siemsen Foundation. seis anos “A outra Alemanha” agrupando que foi adquirindo rapidamente adeptos, e que promove o Congresso a ser realizado em nossa Capital. (La Mañana, 26 de janeiro de 1943.)²⁷

O discurso apresentado no texto do jornal La Mañana demonstra o que era representado pelo imaginário social no que se refere à situação dos imigrantes e descendentes de alemães que viviam na América do

26 “*tendrá por principal objeto la unificación de esfuerzos, sellando na unión de distintos grupos anti- hitleristas.*”

27 *El doctor Siemsen, ex diputado al Reichstag, también ex presidente de la Federación de Maestros Socialistas y director de las universidades populares de Turingia y Essen. Al doctor Siemsen, escritor e sociólogo de prestigio, siempre lo consideramos autor de “El Império germánico, peligro de Europa” um enérgico y bien documentad libro, publicado antes del inicio de la guerra com pseudónimo de Ana Siemsen[...] fundo hace seis años “La otra alemania” agrupacion que fué adquiriendo rapidamente adherentes, y que propicia el Congreso a realizarse em nuestra Capital.*

Sul no contexto da Segunda Guerra Mundial. Ao serem reconhecidos, em grande parte, como “súditos do eixo” cada elemento de origem germânica representava um nazista em potencial, e ao ouvirem falar em “alemães antinazistas” não raro as pessoas se surpreendiam ou duvidavam das intenções desses movimentos.

Apesar de não termos acessado as edições do jornal *La Mañana* do ano de 1942, o autor do artigo analisado cita que durante esse período o jornal dedicou uma série de matérias sobre o movimento intitulado “*La otra Alemania*”. Importa destacar que apesar de o movimento ter ganhado mais força na Argentina, até mesmo por ter sido local de exílio de August Siemsen, percebemos que o local atribuído para a ocorrência das discussões sobre o antinazismo entre os alemães é de forma genérica a América do Sul, as fronteiras entre os países não tinham relevância nesse caso, pelo menos *a priori*. A intenção era propagar a ideia de que ser alemão não significava ser nazista, e essa percepção de que os movimentos políticos pareciam importantes para os países que apoiavam os aliados, e que sua propaganda dava resultado, pode ser percebida nesse trecho do jornal *La Mañana*:

Notamos então, fornecendo detalhes e números de interesse, a injustiça envolvida no esforço generalizado de descobrir um nazista atrás de cada almán; Não há dúvida de que os partidários de Hitler e, portanto, potenciais colonistas, constituem a maioria na América do Sul, mas isso não impede, de forma alguma, que uma minoria - entre os quais os melhores homens - esteja lutando firmemente contra a infiltração nazista em o continente que tão generosamente os recebeu. (*La Mañana*, 26 de janeiro de 1943.)²⁸.

A ideia do “perigo alemão” estava presente em todas as partes do Brasil, Argentina e Uruguai. Mesmo aqueles que afirmavam ser possível existirem alemães antinazistas admitiam a maciça presença do culto ao nazismo nas comunidades de origem germânicas. No caso do jornal “*La Mañana*” o destaque fica para a afirmação que “apesar de ser minoria, estes (os antinazistas) não os melhores.” Mais adiante o escritor do artigo

28 *Hicimos notar entonces, aportando detalles e cifras de interés, la injusticia que entraña el generalizado empeño en descubrir un nazi detrás de cada almán; no ay duda que los partidários de Hitler e por lo tanto quintacolumnistas potenciales, constituyen mayoría em Sud America, pero esto no impede, de ninguna manera, que una minoria - entre la que estan los mejores hombres - estan luchando firmemente contra la infiltración nazi en el continente que tan generosamente los ha recibido.*

afirma que a Alemanha era uma terra de filósofos extraordinários, de músicos geniais, de ótimos oradores políticos e de ótimas teorias sociais. Dessa forma, afirmava-se que a verdadeira Alemanha era “exatamente ao contrário” desta criada por Hitler, e que seus verdadeiros representantes eram os “Alemães Livres”.

O jornal *La Mañana* parecia possuir informações exclusivas sobre o Congresso. Na manhã do dia 29 de janeiro de 1943 o jornal publicou toda a programação dos três dias de trabalhos, com horários, membros, quantidade de pessoas que iriam participar, informando as intenções e o que seria discutido nos três dias de Congresso. Em matéria denominada „*El Congreso de los Alemanes Anti Nazis se inaugura hoy en los salones del Ateneo*” no escritor fez questão de frisar no subtítulo que o texto trataria das intenções e do programa todo do Congresso. Logo na introdução do texto escreve-se:

Este encontro, que é extraordinariamente importante nas circunstâncias atuais, ocorre em um momento em que o ditador alemão está prestes a celebrar o décimo aniversário de sua ascensão ao poder. (*La Mañana*, 29 de janeiro de 1943.)²⁹.

O décimo aniversário da ascensão do Terceiro Reich chamava atenção em todos os comentários, ao mesmo tempo a percepção de que o regime não duraria por mais tanto tempo também era visível. Desse modo, o impresso *La Mañana* destacou o primeiro dia dos atos no Ateneo com os discursos dos representantes que intencionavam a coesão dos movimentos de alemães antinazistas da América do Sul.

A dinâmica de funcionamento de Congresso se deu da seguinte forma: durante o dia havia reuniões de discussões apenas com os delegados representantes dos movimentos antinazistas e à noite ocorriam discursos e palestras com a presença de convidados simpatizantes à causa antinazista. Os trabalhos públicos começaram às 21:00 horas do dia 29 no salão nobre do Ateneo, com a presença de todos os representantes dos grupos antinazistas e convidados. A abertura oficial do evento foi feita por Otto Neumann, líder do grupo *Club Aleman Independiente de Montevideo*,

²⁹ *Esta reunión que se reviste de extraordinária importancia en las presentes circunstancias tiene lugar en momentos en que el dictador alemán se presenta a celebrar el décimo aniversario de su ascención al poder.*

lembrando-se da data simbólica escolhida para o evento, o “10º aniversário da ascensão ao poder do crime e do terror”, referindo-se ao início do governo de Adolf Hitler na Alemanha. “Recordamos todos aqueles que lutam, legal ou ilegalmente, contra o nazismo.”

Figura 13: Vista parcial do salão principal do Ateneo, em Montevidéu, durante o Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul.



Fonte: DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.

O líder do grupo DAD, August Siemsen, presidiu os trabalhos durante todo o evento, buscando colocar o movimento antinazista da Argentina como núcleo central do combate ao nazismo na América do Sul. A intenção de Siemsen era a de organizar um evento desse porte há muitos anos, mas as questões financeiras e a aproximação do Regime Nazista com a América do Sul tornava inviável. O destaque inicial de Siemsen foi para a repercussão que o evento obteve com a participação exilados de vários países de forma efetiva, destacando a forma com que estavam noticiando o Congresso nas rádios alemãs.

A rádio de ondas curtas de Berlim trata igualmente deste Congresso, insulta desaforadamente o Uruguai por ele permitir a realização do conclave em suas fronteiras, “este Congresso de um bando de judeus e comunistas”, conforme somos taxados. [...] Devemos acabar com o autoritarismo, por isso essa guerra não pode ser tão inútil como a anterior. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.)

Depois da fala de August Siemsen, Friedrich Kniestedt, representante do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, fez um pronunciamento ressaltando toda a sua trajetória de lutas contra o nazismo no Brasil, lembrando as perseguições que sofreu quando grupos pró-nazismo atacaram sua livraria na cidade de Porto Alegre. Friedrich Kniestedt, pautou seu discurso demonstrando sua luta a favor da democracia na Alemanha desde o combate ao militarismo prussiano, no período do Imperador Guilherme II, até as lutas contra o Nacional Socialismo implementado por Adolf Hitler. Ele mesmo declarou que “tem trabalhado efetivamente no sul do Brasil, onde vive desde que se exilou no país, apesar das ameaças da Gestapo e dos atentados contra ele”. Além de Kniestedt, representantes da Bolívia e Chile discursaram, buscando reforçar a ideia de unificação dos movimentos antinazistas durante o evento.

Após os primeiros debates, telegramas foram enviados aos países aliados como forma de apoio à guerra contra o eixo. As manifestações de apoio tinham o intuito de se fazer reconhecer como movimento legítimo e auxiliar no combate ao avanço nazista na América do Sul. Com esse viés, foi citado o trabalho feito pela polícia brasileira, com a finalidade de investigar possíveis atividades nazistas no Brasil, no reconhecido monitoramento dos imigrantes e descendentes espalhados pelo país. Sendo assim, a mensagem ao governo brasileiro remetia a esse esforço:

O primeiro Congresso dos Alemães antinazistas da América do Sul aprovou a remessa da seguinte mensagem para o povo e o Presidente do Brasil, Dr. Getúlio Vargas, e roga ao sr. Ministro tenha a bondade transmiti-la às autoridades competentes do seu país: “O Primeiro Congresso Sulamericano dos Alemães Antinazistas saúda o grande povo brasileiro e seu Presidente e declara sua solidariedade com as resolutas medidas adotadas em seu País contra a quinta coluna, e sua admiração pela heroica atitude do Brasil frente aos agressores nazi- fascistas. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.)

Para encerrar as atividades do primeiro dia, August Siemsen retomou a palavra e divulgou a pauta de discussões dos próximos dias com os seguintes temas: a) solidariedade com os governos sul-americanos na sua luta contra a quinta coluna; b) auxílio às nações aliadas; c) socorro aos refugiados; d) castigo aos criminosos de guerra; e) apelo à oposição alemã

do mundo inteiro; f) a carta do Atlântico; g) união europeia no pós-guerra. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.)

O *El país* destacou os trabalhos do Congresso no dia 30 de janeiro lembrando que esta data marcava os 10 anos de domínio nazista na Alemanha. August Siemsen abriu as atividades falando sobre a importância de enfatizar a data “Nós, alemães democráticos, consideramos estes 10 anos como a maior vergonha sofrida pelo nosso país.” ³⁰(*El país*, 31 de janeiro de 1943). Neste dia vários representantes dos movimentos de alemães antinazistas tomaram a palavra para discutir ideias de como combater o avanço do nazismo entre as colônias alemãs na América do Sul. Foram vários os congressistas que discursaram, começando pelo secretário geral do “*Club Alemán Independiente*” do Uruguai, Dr. Bernstein. O jornal, também destacou a participação nos debates dos membros das delegações de Brasil, Argentina, Bolívia e Chile.

August Siemsen buscou enfatizar o caráter combativo dos alemães antinazistas em sua fala. É possível ver em seu discurso a necessidade de reafirmar que nem todos os alemães eram fascistas, ou seja, que havia uma rede de movimentos de alemães exilados que deveriam ser reconhecidos como defensores da democracia e da liberdade. Isso pode ser percebido na transcrição do seu discurso a seguir:

Em nenhum momento concordamos com o nazismo, e nos lembramos neste momento de nossos inumeráveis companheiros que, desde antes de 1933, caíram vítimas da barbárie marrom-fascista. Os alemães democráticos em nome dessas vítimas e heróis da luta democrática reivindicam o direito de serem aceitos na frente mundial da democracia e exigem que todo o povo alemão não seja condenado, o que é equacionado e concatenado com as ideias de Hitler. eles condenam todos os judeus (*El País*, 31 de janeiro de 1943.) ³¹.

30 “*Nós alemães democráticos consideramos estes 10 anos como a maior vergonha suportada por nuestro país.*”

31 *En ningún momento hemos pactado con el Nazismo, y recordamos en esto momentos nuestros, innumerables compañeros que desde antes de 1933 cayeron víctimas de la barbárie pardo-fascista. Los alemanes democráticos en nombre de estas víctimas e héroes de la lucha democrática reclamamos el derecho de ser aceptados en el frente mundial de la democracia e exigimos que no se condena al Pueblo alemán entero, cosa que estan equivocada y condelale com las ideias de Hitler que condenan a todos los judíos*

Ainda segundo Siemsen, não apenas os membros do partido nazista é que deveriam ser combatidos, mas também aqueles que os sustentavam. Para ele, foi graças aos donos de grandes indústrias na Alemanha e do capital financeiro, que ajudaram financeiramente o partido, é que Hitler pode se apoderar da Alemanha.

Argentina, Brasil, Uruguai passavam por situações parecidas em relação aos imigrantes alemães que haviam se estabelecido nesses países. As autoridades nacionais buscavam conter o avanço da ideologia nazista entre os locais de maior circulação de alemães, criando mecanismos de perseguição aos chamados “quinta colunas”. Devido a isso, os membros de movimentos de alemães antinazistas buscavam legitimar o combate a Hitler buscando se distinguir dos chamados “súditos do eixo”. Desta forma, durante o Congresso, foi criada uma comissão permanente com a finalidade de juntar a documentação de todos os países sobre as lutas “subterrâneas” dos alemães contra o Terceiro Reich. O *El País* reafirma a necessidade de separar as intenções dos “alemães livres”.

O congresso considera injusto estender o muito compreensível e justificado ódio do mundo civilizado contra os nazistas, aos alemães democráticos que foram os primeiros a sofrer as mesmas crueldades cometidas pelos nazistas contra as nações europeias. (*El País*, 31 de janeiro de 1943)³².

Durante todo o dia 30 de janeiro de 1943 os delegados representantes se reuniram para deliberar sobre os assuntos da pauta de discussões. O tema tratado inicialmente foi a “solidariedade e colaboração com os governos sul-americanos”. Essa foi uma das principais divergências entre os representantes presentes, isso porque as os exilados experimentavam relações diferenciadas de acordo com o país em que se encontravam. Os Argentinos se mostravam impressionados com o fato de que no Brasil o governo perseguia e até aprisionava membros dos movimentos antinazistas. Isso fez com que August Siemsen defendesse a ideia de enviar um pedido formal ao presidente Vargas solicitando a liberdade para pessoas ligadas ao antinazismo. No entanto, esse pedido se estendia para todos os presos

32 *El congreso considera injusto extender el ódio muy comprensible y justificado del mundo civilizado contra los nazis, hacia los alemanes democráticos que han sido los primeros a sufrir de las mismas crueldades cometidas por los nazis contra las naciones europeas.*

políticos ligados à esquerda, incluindo Luis Carlos Prestes. Além disso, o representante do grupo DAD da Argentina defendia a aproximação com a URSS e com o comunismo internacional, o que não era unanimidade entre os presentes no Congresso.

Representantes da Bolívia e do Brasil assinalavam para que os movimentos antinazistas dos exilados não devessem interferir nos assuntos de política interna dos países que encontraram “abrigo”. No caso do Brasil, isso se percebia na prática. Tanto o Movimento dos Alemães Livres quanto o Movimento dos Alemães Antinazistas buscaram não criticar os posicionamentos políticos do governo Vargas, sempre na tentativa de serem reconhecidos como aliados na luta antinazista. As posições adotadas por Friedrich Kniestedt ficaram marcadas pela tentativa de se formar um movimento ideologicamente plural. A fala dele aponta nesse sentido:

Vimos do Brasil para aprender e estudar neste Congresso Antinazista, que deve ser de fato antinazista e não político. Todos nós pertencemos à frente esquerdista, mas não devemos discutir partidos e nem propaganda. União em qualquer caso. Mas como, com quem e para que, insto discutimos à parte. Aceitamos todos os antinazistas em nossas fileiras. Todo aquele que se opõe ao nacional-socialismo deverá encontrar seu caminho junto ao nosso. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22).

Isso implicaria nos debates sobre o futuro da Alemanha no pós-guerra, onde se discutiu quais seriam as bases pelas quais deveria se reconstruir o Estado alemão após o nazismo. Siemsen chegou a afirmar que “só havia uma oposição na Alemanha, a esquerdista”. Essa fala repercutiu negativamente para alguns dos membros presentes na discussão, afirmando que havia diversas frentes antinazistas. Na tentativa de conciliação geral de ideias, Siemsen sugeriu que nas atas que formariam um documento com os manifestos do Congresso fosse trocado o termo “esquerdista” para “democrática”. A recepção desse termo era unânime, não somente pelos movimentos alemães antinazistas da América do Sul, mas entre todos os grupos de exilados de fala alemã dos Estados Unidos e América Latina. Neste sentido, Paul Gebbnardt, representante do jornal *Hora Alemania*, de Montevideú, expressou sua opinião sobre a necessidade da pluralidade de ideias entre os antinazistas: “Procuramos companheiros de luta para que sigam conosco,

mas não para mata-los com nossa razão”. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22)

O dia 30 de janeiro marcava os dez anos da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Em memória a data, os delegados presentes no Congresso escreveram um “Manifesto ao Povo Alemão” para enviar aos Estados Unidos, com a finalidade de que de lá fosse transmitido pelo rádio ao povo alemão por meio do programa gravado por Thomas Mann, que se encontrava no exílio em Los Angeles, na Califórnia, de onde gravava pronunciamentos para a Rádio BBC de Londres que eram transmitidos na Alemanha. Embora na documentação analisada não se encontre de forma literal o pronunciamento, segundo Balder Olden, do grupo *Comission Coordinadora de los alemanes alemanes democráticos de la Argentina*, o objetivo foi escrever um manifesto como forma de apoio à luta dos exilados de fala alemã nos Estados Unidos, noticiando as atividades dos grupos antinazistas da América do Sul e a solidariedade entre “as forças antinazistas entre os alemães em toda a América” (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22). Apesar da complexidade dos grupos e dos fatores internos que dificultavam as atividades no exílio, essa busca pela circulação de ideias entre os movimentos foi constante, embora nem sempre possível. O documento apresentava uma série de medidas para a Alemanha no pós-guerra, como a socialização de minas, estatização de bancos, reorganização do sistema educacional, “voltado para a democracia social e a colaboração pacífica internacional” (Revista “*La Otra Alemania. Das Andere Deutschland*”, nº 60, fevereiro de 1943, p.33). Sendo assim, os apoiadores do nazismo, colaboradores financeiros, militares, juristas burocratas, e todos os coniventes deveriam ser castigados após o término da guerra. O manifesto não obteve unanimidade de apoio entre todas as organizações antinazistas que participaram do evento, criticado tanto pelos comunistas, por não constar o apoio à URSS quanto pelos liberais, pelo teor socialista das propostas.

O décimo aniversário da ascensão do Terceiro Reich chamava atenção em todos os comentários, ao mesmo tempo a percepção de que o regime não duraria por mais tanto tempo também era visível. Desse modo, o impresso *La Mañana* destacou o primeiro dia dos atos no Ateneo com os discursos dos representantes que intencionavam a coesão dos movimentos

de alemães antinazistas da América do Sul. Assim como o *El País*, *La Mañana* também deu destaque para a fala de Friedrich Kniestedt, representante brasileiro no Congresso, escrevendo: “Ocupou lugar na tribuna o Sr. Friedrich Kniestedt, delegado do Brasil, um jornalista alemão de 70 anos de idade, que lutou contra o imperialismo do Kaiser e que faz parte da luta antinazista no sul do Brasil” (*La Mañana*, 29 de janeiro de 1943)³³. Além das falas dos delegados representantes, o primeiro dia foi marcado por apresentações artísticas de músicos alemães. Assim como os intelectuais democratas representavam as ideias da “outra Alemanha”, a arte e a música alemã também simbolizavam uma Alemanha civilizada, esclarecida, sem as deturpações do autoritarismo.

Diferente da matéria de encerramento do jornal *El País*, o impresso *La Mañana* deu grande ênfase às propostas criadas pelo Congresso e publicadas no último dia do evento. Uma página quase completa da edição de 01 de fevereiro de 1943 dedicou-se a informar os legados deixados pelo movimento em várias áreas de atuação. Nesse ponto entendemos que o Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul não pretendia discutir e formular uma linha fixa de atuação contra o nazismo, mas sim discutir as causas que levaram à derrota da democracia naquele país e, além disso, organizar novas frentes de atuação em outras partes do mundo. Junto a isso, aliava-se a vontade de desvincular a imagem generalizada que havia na América do Sul de que todo alemão era nazista.

Ainda neste encontro, os participantes do Congresso discutiram o caso do que chamaram de “prisioneiros de guerra dos alemães”. Eram alemães que estavam presos pelas potências aliadas, as quais poderiam ajudar na luta contra o Terceiro Reich. Havia muitos casos de alemães que foram recrutados de forma obrigatória, e neste momento os “Alemães Antinazistas da América do Sul” propunham uma tentativa de libertá-los a fim de lutar em favor da Alemanha livre. Ao que parece, a ideia era fazer essas pessoas falarem, expressarem suas desilusões e denunciarem as atrocidades que o nazismo fazia na Alemanha, uma vez que estiveram ativamente envolvidos na construção desse processo. Percebemos aqui

33 *Ocupó luego na tribuna el señor Frederico Kniestedt, delegado del Brasil, periodista alemán de 70 años, que lucho contra el imperialismo del kaiser e que faz parte de la lucha antinazi en el Sur del Brasil.*”

claramente o projeto político dos antinazistas, buscando apoio em todos os lugares possíveis para corroborar com a derrocada do nazismo, e mais ainda, em demonstrar que de fato existe a possibilidade de uma “Outra Alemanha”. A intenção do manifesto era gerar um documento para ser difundido entre os prisioneiros de guerra. Na descrição do jornal, a mensagem era a seguinte

O congresso considera injusto estender o muito compreensível e justificado ódio do mundo civilizado contra os nazistas, aos alemães democráticos que foram os primeiros a sofrer as mesmas crueldades cometidas pelos nazistas contra as nações européias. (El País, 31 de janeiro de 1943)³⁴.

A noite do dia 30 foi o momento com maior número de participantes do Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, chegando ao número de 800 pessoas reunidas no salão principal do Ateneo, em Montevideu, onde os delegados representantes do Brasil, Argentina e Chile discursaram e nortearam as suas falas com o tema dos “dez anos de Hitler e as atrocidades cometidas pelos nazistas” durante esse período. Os trabalhos da noite se encerraram com as leituras das mensagens enviadas ao Congresso por várias instituições e pessoas que apoiavam a iniciativa dos movimentos antinazistas. As mensagens telegráficas procediam das seguintes fontes: “Confederacion de os Maestros de la Argentina”; General Vicente Rojo, ex-chefe do Estado-Maior do Exército Republicano Espanhol; de um membro do Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, da cidade de Novo Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul; do Partido Socialista Uruguaio e Argentino; do Partido Comunista Uruguaio; da “Junta da Vitória” da Argentina; do Partidotrabalhista Sionista, Buenos Aires; do Dr. Blasco Garzonm ex cônsul geral da Espanha Republicana; do deputado boliviano Francisco Lazcano Soruco. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22).

As rupturas entre os grupos presentes no Congresso ficaram mais evidentes no último dia de trabalhos. Muitos delegados criticaram o “caráter comunista que deram para a última noite”. Siensem afirmou que

³⁴ *El congreso considera injusto extender el muy comprensible y justificado odio del mundo civilizado contra los nazis, a los alemanes democráticos que fueron los primeros en sufrir las mismas crueldades cometidas por los nazis contra las naciones europeas..*

“dessa forma, se daria razão às críticas da Frente Negra e dos demais críticos do movimento antinazista”. Nesse caso, estava se referindo ao grupo de Otto Strasser e àqueles que afirmavam que o Congresso era um encontro de comunistas e não de “Alemães Livres”. A resposta de Erich Sieloff, da *Volksblatt* de Buenos Aires, foi direcionada a fala de Siensem:

Tínhamos nossas reservas com relação na este Congresso, organizado por um só grupo político, sem permitir colaboração de outro. A livre expressão da palavra impressa foi coagida, embora termos em nosso próprio grupo também pessoas com outras ideologias. Sempre cedemos nos debates quando isto beneficiava a causa geral. Temos cedido no caso do envio de mensagem ao Brasil pedindo liberdade de Prestes. Ao delegado do Partido Comunista de Buenos Aires não foi permitido fazer uso da palavra na reunião de ontem à noite. Peço e exijo que se respeite a nossa orientação e ideia política e minha qualidade de lutador ativo. Deve haver unidade de ação, mas sem que se combatam orientações políticas mútuas. Não somos vossos adversários, nem vós sois os nossos. O nosso inimigo comum é o nacional-socialismo. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22).

Apesar dos intensos debates entre os delegados do Congresso, a última reunião contou com a presença de cerca de 100 representantes e trataram sobre a unificação da luta antinazista entre os exilados na América do Sul. Dessa forma, dessa proposta surgiu o grupo denominado “Alemanha Democrática”, sendo eleitos para a direção August Siemsen (DAD-Argentina), Erich Sieloff (*Volksblatt* – Argentina) e Henrique Groenewald (DAD – Chile), formando uma frente única entre os representantes do Congresso. As autoridades policiais brasileiras enviaram agentes com a finalidade de se infiltrar no Congresso como supostos participantes e obter informações sobre as intenções reais do movimento. Foi destacado um agente de polícia do Estado do Rio Grande do Sul nomeado pelo próprio interventor Osvaldo Cordeiro de Farias. Dessa forma, os relatórios embasaram grande parte das investigações e conclusões sobre o Congresso de Montevideú.

opinião pública considera suspeito todo e qualquer alemão, não acreditando nas suas declarações antinazis” (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.)

No que se refere à cobertura do jornal *El País*, o tratamento dado ao Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul foi feito de forma efetiva e extremamente objetiva. Não percebemos a subjetividade dos editores do jornal nos textos, pois, de forma geral, o que ocorreu foi uma descrição quase literal das falas dos participantes. Em todas as edições analisadas as capas vinham com destaques para os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, e claramente posicionavam-se pró aliados. Em certa medida, há a possibilidade de isso ter influenciado na cobertura dos eventos do Congresso, uma vez que toda a discussão se destinava justamente a combater o Terceiro *Reich*. Esse formato não pode ser percebido durante a análise da cobertura jornalística feita pelo jornal *La Mañana*, também com ampla circulação na capital Montevideú.

O impresso *La Tribuna Popular* volta a falar sobre o tema da presença de alemães antinazistas em Montevideú somente no dia 03 de fevereiro, dois dias após o fim do Congresso. O texto publicado foi de cunho opinativo, assinado apenas com a letra “Z.”, descrito pelo próprio autor como “*Observaciones al congreso realizado*”. Em fontes diferentes encontramos os termos “alemães antinazistas” e “alemães antifascistas”, o que substancialmente não representa duas coisas diferentes, mas sim formas diferentes de dizer a mesma coisa. No entanto, o título da coluna de *La Tribuna* faz a seguinte pergunta: “*Alemanes Antifascistas ou Alemanes Antinazistas?*”. Já no início da discussão o autor busca definir o movimento de oposição alemã ao nazismo como “*Alemanes Antinazistas*”, afirmando que só aos “Italianos livres” é possível chamar de antifascistas.

Não havia consenso entre as opiniões sobre a real intenção dos alemães que se diziam antinazistas. O artigo analisado demonstra justamente essa desconfiança de que esse movimento tinha realmente caráter democrático e liberal. O autor do texto demonstra essas opiniões ao questionar se de fato ser alemão não significava ser nazista, como foi discutido durante o Congresso.

Teria sido possível preparar este enorme poder militar, nunca visto no mundo, de tremendas tendências e criminalmente agressivo, se não

estivesse unido em torno da brutal ideia nazista, o esforço de todo o povo alemão? (*La Tribuna Popular*, 03 de fevereiro de 1943.)³⁵.

Percebe-se claramente a ideia de “Perigo Alemão” no discurso subjetivado no artigo de *La Tribuna Popular*. A guerra trazia esse temor de que qualquer movimentação dos alemães poderia representar uma ameaça, e por isso deveria ser vigiada com mais atenção. Mesmo com os discursos em defesa da liberdade, democracia e combates ao Terceiro *Reich*, o estereótipo de alemão nazista estava presente no imaginário das pessoas, o que foi agravado com o discurso de parte da imprensa da América do Sul. O autor ainda afirma que seria ingenuidade crer que apenas o partido conseguiria implementar essa política autoritária e militarista, ou seja, isso só foi possível porque todo o povo alemão apoiou e ajudou o *Reich*. “[...] então, também é difícil extrair dos setenta e sete milhões de habitantes da Alemanha aqueles que não cooperaram com a guerra [...]” (*La Tribuna Popular*, 03 de fevereiro de 1943)³⁶

Para sustentar sua afirmação, o autor cita dados e datas sobre como Hitler conseguiu poder total na Alemanha. Desde sua ascensão em 1933 grandes ações de seu governo, como sua transformação em chanceler em 1934, a aprovação da política geral interna e externa em 1936 e a anexação da Áustria em 1938 foram realizadas por meio de votação, onde o povo alemão, quase em sua totalidade, aprovou todas essas medidas. Por isso o autor questiona: “*Puede acaso apartarse algo de la concomitancia de los alemanes con los nazis?*” Com isso o autor quer referendar que não é ilícito chamar o povo alemão de nazista, pois não existiria oposição ao Terceiro *Reich* entre os germânicos. Ainda segundo o texto:

O que se pretende com estes congressos de alemães fora da Alemanha? É possível chegar a uma situação semelhante à que se seguiu depois de 28 de junho de 1919, na qual o povo alemão também não foi considerado responsável pelo kaiserianismo agressivo e bárbaro de 1914? (*La Tribuna Popular*, 03 de fevereiro de 1943.)³⁷.

35 *Hunbiera sido posible la preparación de ese enorme, de ese jamás visto en el mundo, poderío militar de tendencias tremenda y criminalmente agresivas, si no se hubiera aunado em derredor de la brutal idea nazi, el esfuerzo de todo el pueblo alemán?*

36 “[...] de modo que, también es cosa difícil extraer de los setenta y siete millones de habitantes de Alemania aquellos que no colaboraron con la guerra [...]”

37 *Que se pretende con estos congresos de alemanes fuera de Alemania? Acaso llegar a una si-*

Ao final do texto o autor faz ainda um alerta para que todos os países democráticos ficassem atentos com as intenções desses alemães, alegando que o nacional socialismo estava presente em todos os alemães.

No entanto, uma das organizações antinazistas do Uruguai não participou do Congresso. Essas manifestações de repúdio à “tendência comunista” do Congresso não foi manifestada apenas pelas autoridades, mas também por alguns grupos antinazistas no Brasil e no Uruguai. Logo em seguida o “Comitê Alemanha Democrática”, com sede em Montevidéu publica um manifesto justificando a não participação no Congresso ocorrido em Montevidéu. Da mesma forma, parte da imprensa daquele país olha com atenção e ressalvas para as intenções dessas organizações políticas. O presidente do Comitê Alemanha Democrática, Pablo Prause buscou reforçar que o movimento presidido por ele não compactua das ideias comunistas e socialistas expressas durante o Congresso.

O Comitê Democrático Alemão, a organização dos alemães democráticos e moradores anti-totalitários do Uruguai, em perfeito acordo com suas organizações amigas na América e na Inglaterra, deseja declarar expressamente que não puderam participar do Congresso organizado pela “La Otra Alemania” de Buenos Aires “, devido às tendências internacionalistas e às influências fortemente comunistas que predominam entre os organizadores do Congresso . A Comissão “Alemanha Democrática” continua a manter os ideais da democracia na luta por um mundo melhor e por uma Alemanha verdadeiramente democrática e sinceramente antitotalitária. Pablo Prause, presidente; Dr. Frederico J. Cohn Aufrecht, secretaria. (DOPS, Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”, Arquivo Público do Rio de Janeiro, Pasta 22.)³⁸

Isso mostra o conflito e a multiplicidade das ideias presentes nos

tuación para Alemania semejante a la que sobrevino después de del 28 de junio de 1919, en la que tambien se consideró al pueblo alemán como no responsable del kaiserianismo agresivo y bárbaro de 1914?

38 *El Comité Alemania Democratica, la organizacion de los alemanes democraticos y antitotalitarios residentes en el Uruguai, de perfecto acuerdo com sus organizaciones amigas en America y Inglaterra, desea dejar expresa sonstancia de que no ha podido adherirse al congreso organizado por “La Otra Alemania” de Buenos Aires”, por motivo de las tendencias netanes internacionalista y las influencias reciamente comunistas que predominam entre los organizadores del congreso. El Comité “Alemania Democratica” sigue manteniendo los ideales de la democracia en la lucha por un mundo mejor y por una Alemania realmente democratica y sinceramente antitotalitaria. Pablo Prause, presidente; Dr. Frederico J. Cohn Aufrecht, secretario.*

movimentos de alemães antinazistas. De fato, não havia unidade ideológica, apenas o antinazismo era comum entre todos. Como define um relatório do DOPS do Estado do Rio de Janeiro: “O movimento dos alemães livres assemelha-se a um *cocktail* político sem fórmula definida e para qual concorrem as mais diversas substâncias.” (DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro)

Portanto, enquanto a pretensão inicial do Congresso dos Alemães Antinazistas da América Latina era de unificar todos os movimentos em torno de uma única esfera de atuação, os trabalhos serviram para demonstrar a extensa multiplicidade de ideias que estavam em torno dos alemães antinazistas. No entanto, é notório que o fato de que se foi possível a organização de um Congresso dessa magnitude com a presença de tantos países da América Latina, é porque existiam muitos grupos, ainda que não concordando plenamente entre si, que viam a possibilidade de apresentar as propostas dos exilados da Alemanha nazista.

No artigo do dia 01 de fevereiro, *La Mañana* enfatizou que apesar de haver muitas divergências entre a oposição alemã, as discussões tendem a culminar na aproximação dos grupos democráticos que participavam do Congresso, criando desta forma uma unidade de ação.

O congresso dos alemães antifascistas da América do Sul fez essa ação. Decidiu estabelecer em cada um dos países da parte sul do hemisfério coordenadores de comissões que empreenderão o trabalho preparatório para que esta unidade de ação seja estabelecida em todo o mundo. (*La Mañana*, 01 de fevereiro de 1943.)³⁹

Além disso, segundo o jornal, votou-se um chamado a todos os alemães democráticos espalhados pelo mundo, para que seja criada uma oposição realmente democrática, pois havia um temor que em meio as oposições surgissem aqueles que, apesar de antinazista, queriam uma Alemanha imperialista. Liberdade e democracia tornaram-se os termos centrais do evento em Montevideu, alinhando-se ao discurso de personalidades alemãs antinazistas conhecidas mundialmente, como Thomas Mann, por exemplo. O culto ao modelo desmilitarizado ganhava força a cada pronunciamento,

³⁹ *El Congreso de los Alemanes Antifascistas de la America del Sur há realizado esa de acción. Há decidido en establecer en cada uno de los países de la parte Sur del hemisferio comisiones coordinadoras que emprenderán los trabajos preparatórios para que esa unidad de acción se establezca en el mundo entero.*

como é o caso das palavras lidas por August Siemsen.

A todos os adversários da guerra, do militarismo, das teorias raciais, do nacionalismo e da adoração da violência. Para todos os amantes da liberdade, igualdade e fraternidade, nosso chamado para entrar em nossas fileiras. (La Mañana, 01 de fevereiro de 1943.)⁴⁰

A cobertura do jornal *La Mañana* termina com a transcrição literal das palavras de Siemsen, reafirmando a necessidade de expandir a mensagem dos alemães antinazistas para o mundo todo. Por isso foi votado e aprovado o envio de telegramas para os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética, a fim de demonstrar a sua solidariedade com a luta que estes países lideram contra o Terceiro *Reich*. Parecia importante o reconhecimento da comunidade internacional ao Movimento dos Alemães Antinazistas da América do Sul, pois sempre que poderiam tomar uso da palavra os líderes participantes do Congresso intensificavam os pedidos para que fossem ouvidos em todos os continentes. Augusto Siemsen foi aclamado por todos no seu discurso final quando demonstrou o amplo desejo dos alemães, que se encontravam na condição de refugiados, em estabelecer uma unidade política aos alemães antinazistas presentes no Congresso. Além disso, a mensagem também foi dirigida aos alemães que ainda apoiavam Hitler, pois segundo Siemsen, “Esse Congresso serve não apenas para os refugiados, mas também para aqueles que ficaram na Alemanha por vontade própria, ou aqueles que eram apoiadores do nazismo mesmo fora dela.”

Nesse contexto, a embaixada do Brasil no Uruguai passou a observar com ressalvas o Congresso de Montevideú. Em correspondência enviada ao Ministro Oswaldo Aranha, o embaixador Manoel Ribeiro de Goes alerta que a imprensa uruguaia, assim como a opinião pública de modo geral, não recebeu muito bem o movimento alemão naquele país.

A reunião desse Congresso de alemães não teve o mesmo acolhimento simpático que mereceu o Congresso dos italianos livres, sob a presidência do Conde Sforza. Nota-se, de parte da opinião pública e das próprias autoridades, certa reserva e muita desconfiança. [...] Além disso, o fanatismo germânico é de tal molde

⁴⁰ *A todos adversários de la guerra, del militarismo, de las teorías raciales, del nacionalismo y de la adoración de la violencia. A todos los amantes de la libertad, igualdad y de la fraternidad va nuestro llamado de entrar en nuestras filas.*

que a opinião pública considera suspeito todo e qualquer alemão, não acreditando nas suas declarações antinazistas. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.)

A estrutura formada com o grupo “Alemanha Democrática” representava principalmente os interesses da DAD, de Buenos Aires, o que dificultou as ações unificadas entre os exilados da América do Sul. As dificuldades estavam principalmente na diversidade ideológica dos seus membros, embora a direção do grupo fosse majoritariamente comunista e socialista. Os investigadores do DOPS do Rio de Janeiro apresentaram um organograma dos principais representantes do grupo formado no Congresso, dando ênfase à questão da presença marcantes de “ideologias subversivas” entre os membros:

Tabela 1: Organograma do grupo Alemanha Democrática

Nome do grupo	Membros presentes	Tendências políticas
La Otra Alemania (Buenos Aires)	Dr. Augusto Siemsen Dr. Juan Lehman Rodolfo Levy Walter Lenk Walter Friedlaender Dr. Doris Bauer Walter Damus Paul Walter Jacob Franz Simoen Frieda Carl Henrique Apfeldorf German Sternberg Lene Laub Dr. Dorsh	Socialistas
Asociacion Worwaerts	Rodolfo Ladendorf	Socialistas
(Buenos Aires)	Henrique Loewi	
Comission democrática (Buenos Aires)	Rudolfo Kunz	Socialistas e democratas
Comission Coordinadora de los alemanes alemanes democráticos de la Argentina (Argentina)	Balder Olden	Democratas

Sociedad Argentino-alemana Vila Balester (Argentina)	Fritz Hermann Paul Schmidt	Bolchevistas
Asociacion Democrata Juvenil Alemana (Argentina)	Jorge Weber Herrmann Nessewski	Bolchevistas
Volksblat (Argentina)	Erich Sieloff Rodolfo Neumann	Bolchevistas
Azulme Blanco (Argentina)	Paul Kellner Wilma Freund	Bolchevistas
Acion Católica (Argentina)	Alfred Stocsiel	Democratas
Club Aleman Independiente (Uruguai)	Otto Heumann Heda Heidner Ernst Zandler Emil Veinberg Dr. E.G. Bernstein Dr. Bagerthal Adolf Gunkel Jorge Reichert	Bolchevistas e socialistas
La Otra Alemania (Uruguai)	Lothar Sulzberg Anna Maria Rubens	Socialistas
Hora Alemana (Uruguai)	Dr. Paul Gebhardt	Democratas
La Otra Alemania (Bolívia)	Dr. Erhart Loehnberg Wolfgan Hirsch Weber	Socialistas
Alemanes Libres (Bolívia)	Paul Baender	Socialistas
La Otra Alemania (Chile)	Henrique Groenewald	Socialistas
Alemanes Antinazistas (Chile)	German Welz	Socialistas e Bolchevistas
La Otra Alemania (Paraguai)	Hans Jahn	Socialistas
Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil	Fritz Kniestedt Willy Linker	Anarquista Democrata

Fonte: DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22.

O quadro acima é resultado das informações extraídas dos relatos

dos investigadores do DOPS que estiveram presentes no Congresso. Com esse relatório as autoridades do Rio de Janeiro passaram a alertar os demais DOPS dos Estados sobre o “perigo” que o grupo representava para a segurança nacional. Em correspondência enviada para o Ministério da Guerra, com cópias para autoridades policiais de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul, os investigadores do Rio de Janeiro descreveram da seguinte forma a formação do grupo “Alemanha Democrática”:

Os agentes esquerdistas têm agora uma poderosa organização em suas mãos, com a qual eles no futuro procurarão se intrometer na vida política sul- americana, arregimentar os movimentos livres um por um em torno de si e após impor a doutrina marxista camuflada de anti-nazismo. (DOPS. Pasta “Congresso dos Alemães Antinazistas”. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Pasta 22).

A Aliança Democrática dos Alemães Antinazistas tornou-se alvo de investigações do Dops paulista justamente por se tratar de um movimento liderado em grande parte por comunistas. Em fevereiro de 1946 um destacamento da polícia de São Paulo foi enviado para investigar uma reunião que ocorria na Sede dos Bancários, situada na Rua Conselheiro Furtado, número 191. Para o DOPS essas reuniões não poderiam ocorrer sem antes obterem a permissão das autoridades policiais.

Antigos componentes do “Movimento de Alemães Livres”, fundado nessa capital durante a última guerra, estavam tentando a formação de uma sociedade sem fins culturais entre compatriotas seus e, para tanto, realizaram várias reuniões sem a indispensável autorização deste DOPS. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

Quando a polícia chegou ao local havia um grupo de alemães discutindo sobre a criação da referida associação. No inquérito policial ficou destacado a preocupação com os comunistas presentes na reunião. Abelcio Bittencourt e Stefan Baron foram levados para a delegacia a fim de prestar esclarecimentos sobre o teor da reunião:

O primeiro além de confessar ser comunista e um dos fundadores da sociedade em apreço, a uma pergunta da autoridade sobre se ele teria a possibilidade de propagar, futuramente, o programa do partido comunista na Associação, respondeu que sim, pois reunido

o número de democratas que aceitem discussão sobre uma doutrina mais avançada como seja o socialismo, seria um passo para a consecução do programa do Partido Comunista do Brasil. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

Buscas e apreensões foram realizadas na casa de Stefan Baron. Foram apreendidos vários materiais considerados subversivos pela polícia, entre esses materiais estavam documentos e livros, em língua alemã, com informações sobre o comunismo.

O receio dos investigadores de polícia era o de que a referida Associação alemã se transformasse em um reduto comunista e que suas ações sistematizassem a proliferação do comunismo entre os estrangeiros alemães. É notório que logo ao fim da guerra começa a se instalar uma verdadeira caça aos comunistas em território nacional. As declarações feitas pelas autoridades estadunidense e inglesa contra a URSS no pós-guerra acabaram difundindo e aprofundando mais o receio da expansão comunista na América Latina.

O inquérito policial foi assinado no dia 04 de julho de 1946 pelo Delegado Geraldo Cardoso de Melo. O documento revela as conclusões a que a polícia paulista chegou após as investigações feitas a partir das apreensões na Associação Democrática Alemã. Não havia provas de que os participantes do grupo antinazista tivessem a intenção de elaborar uma agenda puramente comunista para a associação, mas de forma preventiva a polícia paulista resolveu tomar medidas com a finalidade de dissipar o movimento. A justificativa para o impedimento das atividades era a de que como se tratava de um grupo de estrangeiros, e sendo que legalmente não poderiam praticar atividades políticas, o grupo de alemães não poderiam dar continuidade às reuniões.

Tendo em vista, portanto, que nada há que justifique ação punitiva contra aqueles que faziam parte da Associação Democrática Alemã, sugiro: a) sejam estes autos enviados ao DEI para seu conhecimento, afim de evitar que os mesmos personagens aqui citados, tentem registrar novas sociedades; b) advertir todos os estrangeiros que figuram nestes autos para se absterem de política; c) abertura de um prontuário em nome da Associação, onde esses autos aguardarão outros elementos de provas que possam surgir, no sentido de se provocara expulsão dos estrangeiros. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

Ao assinar esse documento, o delegado-chefe Geraldo Cardoso de Mello deixa claro as intenções institucionais do DOPS em punir de qualquer forma as atividades estrangeiras daqueles a quem a polícia reconhece como “súditos do eixo”. As ligações com comunismo tornam-se agravantes quando os grupos de alemães antinazistas tentam legitimar sua luta em território latino-americano.

Após as manifestações dos investigadores relatando os fatos ocorridos no congresso, não demorou para que as perseguições aos movimentos de alemães antinazistas do Brasil se intensificassem.

Para os membros do DAD da Argentina, “o Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul obteve resultados positivos”, pois “foi possível divulgar seus objetivos e se serem reconhecidos pelo público em geral”. (Revista “*La Otra Alemania. Das Andere Deutschland*”, nº 61, março de 1943, p.10) Obviamente que isso foi supervalorizado pelo grupo de August Siemsen, tendo em vista que, assim como ocorreram várias parcerias, também ocorreram algumas rupturas entre grupos antinazistas e a DAD.

O Congresso esteve longe de conseguir a unificação das lutas na América do Sul. As discussões em Montevideu expuseram mais ainda as diferenças entre os membros participantes, levando a uma divisão profunda entre os exilados na América Latina. Logo após o Congresso, o grupo *Volksblatt*, o Movimento dos Alemães Livres do Brasil e o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil se aproximaram grupo *Freie Deutschland* no México.

Com isso, August Siemsen passou a considerar a DAD o único grupo unificado de alemães antinazistas da América do Sul. Sendo assim, Siemsen aderiu ao grupo formado por exilados alemães em Nova York, o *Council for a Democratic German* (Comitê por uma Alemanha Democrática). A aproximação da DAD com o grupo formado em Nova York se explica não apenas por convicções político-partidárias, mas também pela defesa que o Comitê fazia pela reestruturação da Alemanha sem “divisões do povo alemão e ideias estrangeiras, mas sim pela unificação com os alemães que se encontravam no exílio e logo retornariam à Alemanha assim que o nazismo fosse derrotado” (FRIEDMANN, 2010, p. 132)

A circulação de ideias sobre a reconstrução da Alemanha no pós-guerra fazia eco em todo o continente americano. A maciça presença do

exílio de fala alemã nos Estados Unidos amplificou o debate antinazista que era desenvolvido no Brasil, Argentina e Uruguai, colocando-os em um contexto transnacional de luta contra o nazismo, ao referenciar o que ocorria em Nova York e na Califórnia com os grupos organizados e indivíduos no exílio.

CAPÍTULO 4

WEIMAR NO PACÍFICO: O ANTINAZISMO NO SUL DA CALIFÓRNIA

Conta uma lenda grega que o rei Midas transformou em ouro tudo o que ele tocou. Hoje sabemos de um contato que transitoriamente corrompe tudo, até mesmo o mais nobre: o nazismo. Todos os ideais do nosso tempo, nascidos da necessidade do espírito e do progresso, o desejo do social aperfeiçoamento, tudo de bom e bem intencionado atrai-o para si, deforma e decompõe, distorce e desfaz, estraga e suga, e, desfigurando-o até tornae-se repugnante, o faz dispensar um cheiro asqueroso e infernal. Tudo o que o nazismo toca - e toca quase tudo – tona-se em suas mãos, inevitavelmente, em imundície. (Thomas Mann)

Nos Estados Unidos, as décadas de 1930 e 1940 foram fortemente marcadas pela construção de políticas externas e internas voltadas ao combate ao comunismo e ao nazi- fascismo. Durante esse período, as grandes agências de vigilância começaram a operar, formando um complexo de organizações de investigação que marcaram a própria natureza do Estado norte-americano. Segundo o historiador Alexander Stephan:

Nesse período aconteceu o «grande governo policial” “de Franklin Delano Roosevelt e seu gosto por centralizar mega agências. A formação do FBI com a influência ideológica do seu diretor Jon Edgar Hoover, embasado na xenofobia e anticomunismo. (STEPHAN, 2000. p. 11)⁴¹.

Fundado em 1908, durante a presidência de Theodore Roosevelt, o *Federal of Bureau Investigation* (FBI) tornou-se o principal órgão de investigação dos Estados Unidos durante o século XX. No ano de 1932 John Edgard Hoover tornou-se diretor geral do FBI, ocupando vários cargos na instituição durante 48 anos. Nesse contexto, o anticomunismo e o

⁴¹ *During that period, Franklin Delano Roosevelt’s “great police government” and his desire to centralize mega agencies took place. The formation of the FBI with the ideological influence of its director Jon Edgar Hoover, based on xenophobia and anti-communism.*

antinazismo foram as principais agendas de investigações do FBI durante as décadas de 1930 e 1940.

Hoover acumulou larga experiência no Departamento de Justiça durante a Primeira Guerra Mundial, quando foi responsável por monitorar as atividades estrangeiras em território norte-americano, sobretudo os alemães. A partir dessas experiências assumiu o papel de “protetor dos interesses nacionais” contra as ameaças estrangeiras, com um forte discurso anticomunista e antifascista, aliado ao grande capital político que o presidente Franklin Delano Roosevelt desfrutava no período. Os trustes bancários já haviam se recuperado da grande crise de 1929, o desemprego havia diminuído significativamente, assim como leis que melhoraram as condições dos trabalhadores entraram em vigor no período. Diferente dos seus antecessores, Roosevelt deixou de lado a política do “*big stick*” e adotou a “política da boa vizinhança” com os países da América Central e América do Sul. Em relação à Europa, os Estados Unidos buscaram ficar longe dos conflitos do continente o quanto foi possível.

A aceitação do presidente era muito grande entre a população. Roosevelt foi reeleito em 1936, com a maior vantagem da história americana até então. As transformações no espectro social foram interpretadas por escritores como John Steinbeck ao escrever sobre as mudanças no mundo rural e industrial em “*The Grapes so Wrath*”, publicado em 1939, seguido logo por “*For whom the bell tolls*”, sobre a Guerra Civil Espanhola, publicado em 1940. Os artistas e intelectuais falavam sobre as mudanças sociais, e sobre como a arte ou as palavras poderiam se tornar armas para o progresso, muitas vezes criticando a ideia de “América ideal” criada pelo governo. Nesse sentido, escritores alemães no exílio conheceram vários escritores norte-americanos que compartilhavam de visões similares sobre as transformações sociais pela qual o mundo passava. A indústria cinematográfica de Hollywood passa a atuar aos serviços dessa da visão mais positiva de América, uma vez que produções como *As vinhas da Ira*, de John Ford (1939), ou as sátiras em *Os tempos modernos* de Charles Chaplin (1936), que faziam uma crítica social, passaram a ser criticadas por grupos conservadores de políticos e religiosos, levando os seus produtores a censurar esses trabalhos. O historiador Leandro Karnal argumenta que *Hollywood* contribuiu muito para fomentar o imaginário da “América ideal”, com as suas

produções que enfatizavam essa visão de país. “O mundo hollywoodiano da fantasia cultivava a crença nas possibilidades de sucesso individual, na capacidade do governo proteger os cidadãos contra o crime e numa visão da América como uma sociedade sem classes.” (KARNAL, 2007.)

No período entre-guerras ocorreu uma onda de imigração europeia para os Estados Unidos da América, fugindo das perseguições étnicas, políticas e da crise econômica que se formou no continente. No entanto, foi após a ascensão do nazismo em 1933 que a busca pelo exílio no Novo Mundo tornou-se sistemática. Segundo o historiador norte americano Ehrhard Bahr, em torno de 10 a 15 mil refugiados se estabeleceram no sul da Califórnia entre 1933 e 1941 para escapar das perseguições políticas e raciais do regime nazista. No caso dos alemães, em torno de 70 por cento dos exilados eram judeus, e a sua maioria desempenhava funções intelectuais, tais como escritores, professores e artistas, formando uma grande comunidade de fala alemã em Los Angeles nas décadas de 1930 e 1940. A presença deles fez com que o Sul da Califórnia recebesse o apelido de “*Weimar on the Pacific*”, uma vez que a maioria eram apoiadores da República de Weimar, adotada na Alemanha em 1919. (BAHR, 2007)

A comunidade de exilados de fala alemã buscou aprender e assimilar vários aspectos da cultura norte americana no seu cotidiano, como a língua inglesa, por exemplo, que passou a ser utilizada por muitos deles. Diversos materiais produzidos por escritores alemães residentes na Califórnia no período da Segunda Guerra Mundial foi escrito em inglês, resultando em uma rápida inserção de muitos deles na indústria cinematográfica de *Hollywood*, dirigindo e escrevendo filmes. Da mesma forma, muitos aspectos das tradições germânicas foram preservados e durante o exílio, como a língua falada e os vários jornais escritos no idioma alemão que circulavam na região. As instituições de ensino superior *University of California, Los Angeles* (UCLA) e a *University of Southern California* (USC) empregaram alemães no exílio, como Ludwig Marcuse, Hans Reichenbach, entre outros, transformando-se em lugares onde a ciência e a tradição alemã foram difundidas. Neste contexto, a presença dos exilados de fala alemã nos Estados Unidos deu origem a um forte movimento político de oposição ao nazismo, servindo de inspiração aos grupos de alemães antinazistas por toda a América Latina.

Assim como nos outros países do continente americano, as atividades políticas dos exilados antinazistas nos Estados Unidos foram marcadas pela grande diversidade ideológica, compondo um complexo quadro de grupos diferentes, seguindo uma dinâmica comum do período em que o comunismo, o socialismo e a social-democracia estiveram à frente dos movimentos antinazistas. O cenário socioeconômico hollywoodiano, onde as artes e a política se transformavam constantemente, sendo um influenciado pelo outro, criou um ambiente fértil para o desenvolvimento dos movimentos políticos com a presença de importantes intelectuais, que lideraram a *Hollywood Anti-Nazi League*. Em outro aspecto, a proximidade com a fronteira sul fez com que a mobilidade de exilados de fala alemã fosse constante entre a Califórnia e México, formando um local de trânsito constante de ideias entre a América do Norte e a América do sul, principalmente pela atuação do movimento *Free German (Freies Deutschland)*, responsáveis por editar a principal revista dos movimentos antinazistas nas Américas, a *Freies Deutschland*.

A presença de estrangeiros e atividades antinazistas na Califórnia e no México ligou o alerta nas autoridades norte-americanas, mobilizando agentes do FBI em operações de investigação nos dois países, com menções à circulação das atividades dos exilados em toda a América Latina. A preocupação do FBI estava relacionada ao grande número de estrangeiros ligados ao comunismo que participavam dos movimentos antinazistas. Para os órgãos de polícia dos Estados Unidos, o combate ao comunismo estava era mais importante que a luta contra o nazismo empreendida pelos grupos de fala alemã.

4.1 *Hollywood Anti-Nazi League*

Até fins dos anos 1920 não havia um significativo envolvimento político de escritores e atores de *Hollywood* com as questões políticas. Esse cenário começou a mudar a partir dos anos 1930, na medida em que ocorria o avanço dos governos fascistas na Europa, e o conseqüente envolvimento dos Estados Unidos nas questões internacionais que envolvia diretamente os exilados políticos. O historiador norte americano Steven J. Ross (2018, n.p.) da *University of Southern California*, destaca que a presença dos

estrangeiros em *Hollywood* foi de grande importância para a efervescência do ativismo político naquele local

As questões internas se mostraram importantes para os novos ativistas de *Hollywood*, e os eventos na Europa afloraram suas maiores paixões políticas. Entre 1933 e 1941, 200.000 refugiados fugiram da Alemanha e Áustria para os Estados Unidos, 10.000 deles em Los Angeles, [...] não é de surpreender que lá o anti-nazismo tenha emergido como um foco de ação política.⁴²

Dos aproximadamente 1500 profissionais do cinema que deixaram a Alemanha após 1933 e a Áustria após 1938, mais da metade foi para Hollywood, onde propagaram os acontecimentos na Alemanha nazista, relatando as perseguições e mortes dos considerados “indesejáveis” por Hitler. O repúdio ao nazismo conduziu os liberais e comunistas a formar várias frentes populares, como a *Joint Anti-Fascist Refugee Committee* e, a mais notável, a *Hollywood Anti-Nazi League*.

A *Hollywood League Against Nazism* foi registrada pela primeira vez em 8 de Junho de 1936. Em 28 de setembro do mesmo ano o movimento foi renomeado como *Hollywood Anti-Nazi League* (HANL), um grupo formado por pessoas envolvidas com a indústria do cinema de Los Angeles, na Califórnia. Os membros em sua maioria eram diretores e produtores de filmes que atuavam em *Hollywood*, alguns norte-americanos, como Dorothy Parker, Alan Campbell, Dashiell Hammett, John Howard Lawson, Phillip Dunne e outros. Ainda, exilados políticos perseguidos pelo regime nazista que haviam se estabelecido nos Estados Unidos, como os escritores Ernst Lubitsch e Otto Katz. Em vários momentos a HANL foi acusada de ser uma organização comunista que tinha a finalidade de expandir as atividades do Partido Comunista nos Estados Unidos (STEPHAN, 2007). No entanto, para além das filiações ou preferências políticas dos seus membros – havia comunistas, liberais, judeus, social-democratas e diversas outras tendências políticas envolvidas, mas em comum o antinazismo. O movimento buscou atuar por meio da produção artística e intelectual, resultando na produção de filmes com críticas ao fascismo e ao nazismo, como

⁴² *Domestic issues proved importante to Hollywood's new activists, events in Europe ignited their greatest political passions. Between 1933 and 1941, 200,00 refugees fled from Germany and Austria to the United States, with 10,000 settling Los Angeles.[...] it is not surprising that anti-Nazism emerged as a focal point of political action.*

Blockade (1938), com forte apelo crítico à Guerra Civil Espanhola, banido em países fascistas, Itália, Alemanha e Espanha, e também por meio dos periódicos *Anti-Nazi News*, *News of the World* e *Hollywood Now*. Em artigo publicado na edição do *News of the World*, em 10 de abril de 1937, os editores do jornal escreveram sobre a fundação da HANL

A fundação da *Hollywood Anti-Nazi League* ocorreu após um banquete em Hollywood, com a presença de cerca de 300 pessoas envolvidas com a indústria cinematográfica. Evento que contou com as falas de John H. Cantwell, arcebispo de Los Angeles e Frederick March, ator norte-americano e ganhador do Óscar de 1932. (*University of Southern California, Special Collections. Box 67, folder 45*).⁴³

A primeira publicação da HANL foi em outubro de 1936, com o nome de *Anti-Nazi News*, durou até abril de 1937, quando passou a se chamar *News of the World*. A partir de dezembro de 1937 mudou o nome para *Hollywood Now*, permanecendo assim até a última edição em 1940. As publicações eram semanais, mantendo como editores os escritores e produtores de filmes Donald Ogden Stewart, Marian Spitzer e Alan Campbell. Todo o editorial estava voltado para atacar o fascismo e o nazismo, enaltecendo figuras e discursos pró-democracia. Em suas edições a frase “*A journal in Defense of American Democracy*” vinha escrita logo abaixo do nome na capa do jornal. A ligação com a indústria cinematográfica também era evidenciada na capa, por meio da ilustração de uma câmera de cinema, dentro de um círculo na parte superior esquerda de todas as capas das edições do *Hollywood Now*. Dessa forma, as atividades culturais e a luta política antifascista se misturavam no noticiário, como em matéria da edição de 09 de abril de 1938, com o título “*Stars meet the anti-nazi writer*” (Estrelas se encontram com o escritor antinazista), descreve o encontro de atores e atrizes com o escritor Thomas Mann em um evento de premiação do cinema de *Hollywood*.

⁴³ *The founding of Hollywood Anti-Nazi League took place after a banquet in Hollywood with the presence of about 300 people involved with the film industry. An event that featured John H. Cantwell, the Los Angeles bishop and Frederick March, an American actor and Oscar winner from 1932.*

Figura 15: *Hollywood Now*, 26 de março de 1938.



Fonte: *University of Southern California, Special Collections. Harold Von Hofe papers. Box 10.*

Na edição de *Hollywood Now* de 26 de março de 1938, dois acontecimentos guiaram toda a construção do editorial e grande parte das matérias do periódico da *Hollywood Anti-Nazi League*: a anexação da Áustria pela Alemanha Nazista e a presença do escritor Thomas Mann no sul da Califórnia. Esses dois fatos serviram de plataforma discursiva da mensagem anti-nazista presente nas matérias. A capa estampa uma foto das manifestações ocorridas em Los Angeles no dia 25 de março contra a anexação da Áustria e outras medidas do governo alemão, atacando diretamente a figura de Adolf Hitler. Os manifestantes se dirigiram para frente do consulado alemão onde levaram placas com dizeres como “*Down with Hitler*” (Abaixo ao Hitler) e “*Quarentine the fascist aggressors*” (Quarentena aos fascistas agressores). A notícia de capa dava destaque para escritor e Nobel de literatura, Thomas Mann, que viria até o auditório Shrine, no centro de Los Angeles, para proferir uma palestra no evento nominado “*The Coming Victory of Democracy*” (A Vindoura Vitória da Democracia).

Para além das notícias, o editorial de *Hollywood Now* era uma convocação da comunidade intelectual de Los Angeles para a participação nos eventos promovidos pela *Hollywood Anti-Nazi League*. Thomas Mann não chegou a integrar a Liga, mas sua contribuição, como em vários outros movimentos antinazistas durante seu exílio nos Estados Unidos, era

sempre muito reconhecida, principalmente pelo prestígio que o escritor mantinha na América. Isso fica claro na escrita da matéria ao mencioná-lo:

A matéria do Dr. Mann no Shrine Auditorium será “A Vindoura Vitória da Democracia”, e ele expressará sua profunda crença nas qualidades duradouras do sistema democrático como oposição ao nazismo e ao fascismo. A Liga Anti-nazista de *Hollywood* está ajudando o *Modern Frum* nos preparativos para a palestra. (*Hollywood Now*, 26 de março de 1938).⁴⁴

Na década de 1930 a cidade de Los Angeles, principalmente pelas atividades da indústria cinematográfica de *Hollywood*, ficou muito conhecida pela reputação do pioneirismo em políticas progressistas e forte envolvimento na luta contra o fascismo na Europa. O historiador norte-americano Ehrhard Bahr argumenta que isso foi um dos principais atrativos para a vinda de exilados políticos para a região. (BAHR, 2007)

Essa efervescência cultural, das artes e o debate político global em torno das ameaças fascistas na Europa, fizeram com que cada vez mais intelectuais ficassem envolvidos com a luta política. Ainda na edição de 26 de março de 1938 do jornal *Hollywood Now* o colaborador Alexander Fielding fala sobre essa politização dos intelectuais, exemplificando com o caso de Thomas Mann. No artigo intitulado “*Great artist turns to politics in writings on Germany and loyalist Spain*” (O grande artista recorre à política em escritos sobre a Alemanha e a Espanha legalista), a trajetória que levou o escritor ao exílio por contestar as leis nazistas é descrita como “uma luta a favor do cristianismo, da moral ocidental e da própria civilização”, seguido de um longo debate sobre as manifestações antifascistas de Thomas Mann através da escrita. Essa foi a trajetória de muitos escritores alemães durante o exílio, envolvidos primeiramente com a literatura e a indústria de filmes passaram também a compor movimentos com ativismo político no cenário de *Hollywood*.

O escritor alemão Bruno Frank, que chegou aos Estados Unidos em 193, escreveu em *Hollywood Now* referindo-se à acolhida que ele e outros escritores receberam na América e a importante presença de Thomas Mann

⁴⁴ *Dr. Mann’s subject at the Shrine Auditorium will be “The Coming Victory of Democracy”, inqich he will express his deep belief in the enduring qualities of democratic system as oppsed to Nazism and Fascism. The Hollywood Anti-Nazi League is assisting the Modern Frum in preparations for the lecture. (Hollywood Now, 26 de março de 1938).*

para contribuir na luta antifascista: “A América é hoje o refúgio de toda a cultura moderna. Aqui ela sobreviverá a esses anos de tristeza. O público americano, oferecendo uma recepção tão avassaladora a esse grande e corajoso alemão, ganha a mais alta honra.” (*Hollywood Now*, 26 de março de 1938.)⁴⁵ . Nessa fala de Bruno Frank ficou exposto um apelo de gratidão e até mesmo união entre os alemães no exílio com os norte-americanos. A própria *Hollywood Anti-nazi League* era um reflexo disso, representava basicamente esses dois elementos, ambos na luta antifascista.

Na edição de 09 de abril de 1938 as páginas de *Hollywood Now* estampavam um discurso otimista e de pleno sucesso do evento em que Thomas Mann fez a sua palestra no auditório Shrine. As fotos de artistas de cinema, como se estivessem participando do movimento antinazista, e alguns artigos ironizando a subserviência da Áustria em relação a Adolf Hitler criaram o cenário antinazista da edição. Além disso, havia notas de fim de página celebrando as diversas doações recebidas para a *Hollywood Anti-nazi League*, sem nomear os doadores, corroborando com a tese de que as atividades antinazistas em Los Angeles eram exercidas por um grupo amplo e heterogêneo. O envolvimento de vários setores da sociedade de Los Angeles com as pautas defendidas pela Liga e publicadas no periódico semanal *Hollywood Now* marcaram o início dos movimentos contra o fascismo e nazismo no sul da Califórnia. É importante lembrar também que o auditório Shrine, onde a maioria dos eventos privados e públicos da *Hollywood Anti-nazi League* ocorriam, como a própria fundação do grupo, pertence a uma organização das ordens maçônicas, na qual vários dos artistas, escritores e intelectuais envolvidos eram membros.

Por diversas vezes, a *Hollywood Anti-nazi League*, manteve contatos com outros grupos antinazistas na Europa e nos Estados Unidos, na tentativa de formar uma rede de cooperação entre os movimentos políticos pelo mundo. Uma dessas parcerias foi com o *American Committee for Anti-Nazi Literature*, grupo formado em Nova York, que contava com escritores alemães, austríacos e norte-americanos. Entre os indivíduos que faziam parte do referido comitê estava Kurt Rosenfeld, que mais tarde tornou-se

⁴⁵ *America is today the refuge of all modern culture. Here it will survive its years of gloom. The American public, in tendering such an overwhelming reception to this great and courageous German, renders to itself the very highest honor.”* (*Hollywood Now*, 26 de março de 1938)

presidente do grupo *German American Emergency Conference*, órgão antinazista que editava o jornal “*The German – American*”.

Com o intuito de arrecadar fundos para ajudar os exilados que haviam fugido para a França, em 04 de Maio de 1938 o *American Committee for Anti-Nazi Literature* enviou uma correspondência para a *Hollywood Anti-Nazi League* a fim de solicitar recursos financeiros para a Europa. O conteúdo da correspondência indica as preocupações que tomava conta dos alemães na possibilidade de guerra contra as potências europeias, justificado pelo pronunciamento feito por Heinrich Himmler alertando para a “necessidade de armar a população alemã contra os inimigos estrangeiros”. O pedido de ajuda financeira foi direcionada aos grupos organizados que lutavam contra o nazismo nos Estados Unidos.

As condições na Europa central tornam-se mais graves. As ambições de Hitler, obcecado com a guerra, não se preocupa com nada sagrado, destroem a vida, a liberdade, a tolerância, os limites e os pactos. A vontade das pessoas está completamente submersa em seu desejo de poder. Todos os direitos humanos são ignorados por Hitler e sua matilha [...] Nós, portanto, apelamos a vocês para dar uma contribuição com a quantia que for possível para o nosso Comitê, para nos permitir cumprir nossos objetivos. (*USC Special Collections, Box 46 Folder 3.*)⁴⁶

As correspondências pessoais dos indivíduos envolvidos com os movimentos antinazistas indicam que havia uma crença de que, por estar presente na indústria próspera do cinema na Califórnia, a HANL tinha condições para manter colaborações generosas para os antinazistas que lutavam na Europa. Com o acirramento da Guerra Civil Espanhola os grupos de resistência na França entraram em contato com a HANL a fim de solicitar doações. Em correspondência enviada no dia 22 de novembro de 1938 o *Comité d’Aide aux Anciens Combattants Allemands et Autrichiens dans l’Armée Populaire Espagnole* (Comitê de Assistência aos Combatentes Alemães e Austríacos no Exército Popular Espanhol), com sede em Paris, cita e elogia as atividades em favor da “democracia” e da “liberdade” que eram

46 *Conditions in central Europe continue to grow more serious. Hitler’s war-mad ambitious, obviously regarding nothing as sacred, destroy life, liberty, tolerance, boundaries and pacts. The will of people are completely submerged in his lust for power. All human rights are ignored by Hitler and his pack.[...] We therefore appeal to you to make as liberal a contribution as you possibly can to our Committee, to enable us to carry out our objectives.*

promovidas pela HANL, ao solicitar suporte para os alemães voluntários na Guerra Civil Espanhola.

O Comitê nomeado à frente desta carta foi fundado recentemente para ajudar os voluntários alemães e austríacos que foram feridos afastados por doença na Espanha e, portanto, foram desativados no exército do popular espanhol. Esse número é, na verdade, cerca de 350 pessoas que vivem sob condições terríveis. Eles não recebem nenhuma ajuda oficial, nem têm o direito de trabalhar na França e, assim, ganhar a vida. Eles são enviados para as províncias onde vivem em condições extremas. Estamos tentando desesperadamente ajudá-los, mas vocês compreendem que as possibilidades financeiras dos exilados alemães são muito limitadas, embora considerem uma honra, não o seu dever, ajudar os voluntários alemães na República da Espanha, e apoiá-los a todos. A maior parte deles está morrendo de fome. Vimos que grande parte da opinião pública americana provou ter um sentimento de grande solidariedade para os heróis internacionais que lutaram em solo espanhol para salvar a democracia no mundo. (*USC Special Collections, Box 46 Folder 3*)⁴⁷.

A HANL foi listada como uma “frente comunista” pelo comitê de investigações de atividades subversivas do FBI. A base para essa listagem estava no fato de que alguns de seus membros eram de orientação comunista, ou mantinham contatos com grupos de esquerda. Aparentemente essa era uma conotação que os próprios membros da HANL queriam se livrar, buscavam deixar clara a sua posição antinazista. No editorial de novembro de 1936 do *Anti-Nazi News* foi reforçada a sua posição antinazista, reivindicando que “trata-se de uma organização liberal, democrática e católica” e “devota da preservação da Democracia Americana”. Os editores negavam-se a se declarar anticomunistas, por afirmavam que “o comunismo é um braço importante na luta antinazista”.

⁴⁷ *The Comittee named at the head of this letter has been recently founded in order to help German and Austrian volunteers who have been wounded or taken by illness in Spain and thus have been disable ro serve in the Spanish People's army. This number is actually about 350 who are living under most dreadful circumstances. They do not receive any oficial help, nor have they got the right to work in France na thus to make their living. They are sent into the provinces where they live a life not worth of this name. We are desperately trying to help them, but you will understand that the financial possibilities of the German emigration are too limited, although they regard it as na honour na their duty to help the German volunteers in Republic Spain and to Support them all. Thus the greater part of them are starving. We have seen that a large parto f American public opinion has proved a feeling of great solidarity for those international heroes who fought on Spanish soil to save Democracy in the world.*

4.2 O exílio na Califórnia: liberdade aparente e a vigilância do FBI

O trânsito de ideias entre os exilados de fala alemã nas Américas revelou um aspecto importante sobre a forma com que as experiências no exílio foram sentidas. Devido à perseguição pelas autoridades policiais, na América do Sul os movimentos antinazistas passaram por privações e cerceamento de suas atividades. No caso do Brasil, por exemplo, a partir de 1938 a legislação proibia qualquer manifestação política dos estrangeiros, e os alemães estavam entre os principais alvos das polícias políticas. Para parte dos grupos antinazistas, corroborando com uma parcela da opinião pública e de intelectuais no cenário brasileiro, os Estados Unidos era visto como o exemplo de liberdade a ser seguido pelos governos ocidentais, a “verdadeira oposição ao totalitarismo”.

Os elogios que Thomas Mann tecia aos norte-americanos no seu programa de rádio gravado em Los Angeles ecoava por toda a América Latina, fazendo parte do imaginário de “América livre” presente nos manifestos dos movimentos antinazistas entre os exilados. Correspondências analisadas nesta pesquisa, trocadas entre alemães e austríacos, demonstraram como foi construída a sensação de que quem estava no exílio nos Estados Unidos desfrutava de maior liberdade em relação à situação do Brasil, Argentina e Uruguai. Ernest Bachmann, ao falar sobre as atividades antinazistas no Brasil afirmou que a comunicação era complicada em território brasileiro “qualquer propaganda no Brasil é tão difícil e perigosa, mas eu espero em Deus que um dia Roosevelt, também neste país, resolva abrir o caminho para a luta da liberdade e pela democracia”. Mas adiante, Bachmann revela sentir receio de divulgar as ideias antinazistas no Brasil pela proximidade do Brasil com a Alemanha: “A maior parte dos ministros daqui são germanófilos, o que dificulta o nosso trabalho”. (CEPDOC, Arquivo Getúlio Vargas Classificação: GV confid /3 Data: 08/07/1941)

No entanto, por trás dessa sensação liberdade, um grande aparato policial foi organizado para investigar as ações dos exilados alemães e austríacos em território norte-americano. Por conta da grande presença de estrangeiros nos Estados Unidos, o número de agentes sob o comando de Jhon E. Hoover no FBI aumentou significativamente durante os anos 1930 e 1940. Somente entre 1941 e 1943, Hoover empregou mais de sete

mil agentes para auxiliá-lo em suas investigações, o que representou um aumento do gasto que era de 6 milhões de dólares anuais em 1941, para 30 milhões de dólares anuais em 1943. Os métodos de Hoover foram considerados excessivos por parte da opinião pública nos Estados Unidos, o que lhe rendeu o apelido de “J. Edgard Himmler”, recebendo duras críticas até mesmo da primeira dama, Eleanor Roosevelt, quando afirmou que havia muitas similaridades entre os os métodos de Hoover e a Gestapo. (*USC Special Collections, Noah Isenberg. BOX n1*)

No caso de Los Angeles, onde a próspera indústria do cinema tornou-se um atrativo para escritores alemães na busca de emprego, o agente especial R. B. Hood ficou responsável por liderar as investigações das atividades estrangeiras naquela cidade. Sua tarefa era verificar as ligações telefônicas, correspondências, observar os jantares e festas em que os estrangeiros fossem convidados e interrogá-los quando fosse necessário. Na visão do historiador Alexander Stephan, Los Angeles foi o grande centro de exílio Alemão durante o regime Nazista. Por conta do grande número de exilados e a intensa atividade política, o sul da Califórnia ficou conhecido como “Weimar no Pacífico”. (STEPHAN, 2000). Muitos alemães, como os diretores de cinema Fritz Lang, Otto Preminger e Douglas Sirk, aproveitaram o cenário favorável de *Hollywood* e fixaram residência na região.

Autores de sucesso como Thomas Mann e Lion Feuchwanger, que se estabeleceram em Beverly Hills, puderam retomar suas carreiras e desfrutar do mesmo estilo de vida que tinham na Europa, com livros, palestras e trabalhos em Universidades. Ao escrever sobre o período em que produziu a obra *Doutor Fausto*, Thomas Mann descreveu uma festa em sua casa em Los Angeles: “Nem Paris ou a Munique do início do século poderiam oferecer uma noite de arte mais divertida, proveitosa e agradável” (MANN, 1961, p. 127)

Nobel de literatura em 1929, Thomas Mann não foi essencialmente um político, mas a sua condição de escritor o levou a envolver-se diretamente com a política no contexto de guerra dos anos 1930 e 1940. Sua percepção dos fatos o levou a entrar na guerra através do uso da linguagem. Em seu primeiro programa na rádio BBC de Londres em 1940 ele demonstra sua indignação à censura e autoritarismo nazista

Ouvintes alemães! Um escritor alemão lhes fala, cuja obra e pessoa

foram banidos por seus mestres, e cujos livros, mesmo quando tratam do que há de mais alemão – de Goethe, por exemplo –, só podem se dirigir em sua língua original a povos estrangeiros, a povos livres, enquanto eles devem, forçadamente, permanecer para vocês como letra morta, e ignorados. Minha obra voltará um dia para vocês, eu sei, quando eu próprio não poderei mais fazê-lo (Mann, 2009, p.49)

Entre outubro de 1940 a maio de 1945, durante seu exílio na Califórnia, Thomas Mann gravou, mensalmente, um programa de rádio destinado aos alemães. O seu intuito era que ouvissem a sua própria voz, por isso teve que criar uma logística exclusiva para que isso fosse possível.

No Recording Department da NBC em Los Angeles eu mesmo gravei em um disco o que tenho para dizer; este disco é enviado por via aérea a Nova Iorque e seu conteúdo é retransmitido por telefone para Londres para outro disco que roda diante do microfone. Dessa forma, aqueles que, do outro lado, ousam ficar à escuta, ouvem não somente a minha mensagem, mas a minha própria voz (Mann, 1984, p.44).

Assim todas as mensagens de Thomas Mann eram ouvidas por pessoas de toda a Europa, incluindo os alemães. Nos conteúdos das mensagens ficava evidente a decepção com aqueles que aderiram e ajudavam o Partido Nazista. Mann sempre defendeu a ideia de que o povo alemão deveria assumir a culpa de forma generalizada. Acreditava que o nazismo obteve rápida ascensão devido à falta de reação dos alemães, inclusive os que se declaravam antinazistas. Essa posição lhe rendeu algumas críticas contundentes, principalmente de Bertold Brecht.

Houve um engajamento pessoal, em seu nome, buscando falar diretamente com seus interlocutores. Embora sua condição de exilado tenha privado o contato cotidiano com o regime nazista, seu entendimento sobre o que ocorria na Alemanha era grande. Em prefácio à primeira edição do livro “Ouvintes Alemães: discursos contra Hitler (1940-1945)”, em que foi compilado os discursos feitos por Thomas Mann na rádio BBC de Londres, o autor justifica sua escolha por ter aceitado o convite de discursar aos povos sob domínio alemão.

Eu achei que não deveria perder essa oportunidade de fazer contato, embora frouxo e precário, com o povo alemão e também com os habitantes dos territórios subjugados, pelas costas do regime nazista

que, assim que teve poder para isso, me privou de todos os meios de exercer influência intelectual na Alemanha – um convite particularmente atraente porque minhas palavras não seriam transmitidas dos Estados Unidos em ondas curtas, mas de Londres, em ondas longas, e portanto poderiam ser ouvidas pelo únicos tipo de rádio que o povo alemão tinha permissão de ter. (Mann, 2009, p. 07.)

O exílio nos Estados Unidos acabou por influenciar diretamente sua concepção sobre democracia e liberdade. Em alguns momentos o escritor demonstrou profundo encantamento com o modelo e organização política norte-americana, contrapondo o modelo que considerava “ideal”, com a “barbárie” do totalitarismo. Quando Franklin Delano Roosevelt foi reeleito para a Casa Branca, Mann afirmou que esse foi “um acontecimento de primeira grandeza”, pois, segundo ele, isso seria decisivo não apenas para os Estados Unidos, mas para o futuro do mundo. Para Mann, “os destruidores da Europa e os violadores de todos os direitos dos povos veem em Roosevelt seu mais poderoso adversário”. (Mann, 2009, p. 18.). A aproximação com as ideias democráticas sempre esteve presente em sua atuação nas lutas antinazistas. Entrou efetivamente na arena política em 1922, quando se posicionou favorável à República de Weimar, ou seja, à própria democracia.

Nos Estados Unidos deparou-se com um cenário político ideal e em consonância com muito daquilo que ele pensava sobre a política. Em muitos dos pronunciamentos de Roosevelt o autoritarismo praticado por Adolf Hitler era tema central, e obviamente, condenado veemente. Isso parece ter inspirado mais ainda Thomas Mann em seu combate através das palavras. A prática política do Estado norte americano tornou-se parâmetro de comparação com o nazismo na prática discursiva de Mann. Em maio de 1941, após ouvir Roosevelt, afirmou que ouvira “um discurso de um verdadeiro estadista, talvez o melhor, o mais claro e o mais sábio que o mundo tenha hoje, não o de um fanático possuído por instintos embrutecidos e malignos.” (Mann, 2009, p.39) Mais adiante, Mann referiu-se a Hitler como um cérebro sinistro e doentio, que pretendia uma nova ordem mundial de escravização e cinismo.

As dificuldades e descontentamentos com os Estados Unidos ficaram mais evidentes entre aqueles exilados que mantinham aproximações com o comunismo. Esse quadro foi agravado no final da década de 1930.

O pacto entre Hitler e Stalin feito em 1939 foi recebido com grande surpresa pelas autoridades norte-americanas. Por isso, em muitos documentos produzidos por investigadores do FBI o termo utilizado para mencionar os exilados de fala alemã nos Estados Unidos eram “*Communazis*” e “*Red Fascists*”. Sendo assim, por trás da aparente sensação de liberdade que os estrangeiros desfrutavam na América, a polícia e as agências de inteligência norte-americanas produziram mais de vinte dossiês, contento cerca de quatorze mil páginas, com investigações sobre as atividades desses escritores durante o período em que estiveram nos Estados Unidos. Thomas Mann, Bertolt Brecht, Lion Feuchwanger e Heinrich Mann foram alguns dos principais alvos dessas investigações, e também foram grandes referências para os grupos de fala alemã antinazistas na América do Sul. Dessa forma, em muitos casos a investigação ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, tendo como alvo as possíveis relações que eles mantinham com grupos na mesma condição em países da América Latina. A espionagem dos órgãos governamentais norte-americanos focaram em três “cenários” principais: Los Angeles, Nova Iorque e México. As iniciativas eram centralizadas no FBI (*Federal Bureau of Investigation*), mas houve a cooperação de outros órgãos como o OSS (*Office of Strategic Service*, precursor da CIA) e o INS (*Immigration and Naturalization Service*). Os métodos utilizados foram as interceptações telefônicas, violações das correspondências, escutas, e até mesmo a verificação do lixo das casas e lugares frequentados pelos exilados de fala alemã. (STEPHAN, 2000)

Os investigadores do FBI vigiavam cada passo dos estrangeiros em Los Angeles, mantendo controle sobre as pessoas com quem se relacionavam na cidade e sobre as correspondências enviadas e recebidas por eles. Os arquivos do FBI contém desde as multas de trânsito de Heinrich Mann, por dirigir alcoolizado, quanto os planos que discutia com o grupo *Freie Deutschland* a cerca do futuro da Alemanha. Para coordenar as investigações em Los Angeles, Hoover designou o agente Richard B. Hood, que liderou toda a equipe de agentes especiais da OSS na produção de dossiês dos escritores exilados no sul da Califórnia.

Heinrich Mann, irmão de Thomas Mann, foi um dos principais alvos das investigações do FBI, principalmente pela sua aproximação com o comunismo e sua participação atuante nos movimentos antinazistas. Após

deixar o exílio na França em 1940, Heinrich Mann fixou residência em Los Angeles. Não se adaptou às condições de produção literária da mesma forma que Thomas Mann. Foi demitido da *Warner Brothers Studio* após trabalhar por um ano, sem ver seus roteiros serem utilizados em nenhuma produção cinematográfica. Segundo documentos da OSS, “Heinrich Mann estava muito mais interessado em sua vida política. Ele vive em subúrbios de Los Angeles e mantém intensa atividade política”. Isso levou os agentes a focarem não apenas nas atividades internas de Heinrich Mann, mas também no seu envolvimento com as atividades políticas de outros grupos da América Latina, a partir do México, onde foi reconhecido como presidente honorário do “Comitê Americano dos Alemães Livres”.

Heinrich Mann, 73 anos, cidadão tcheco de descendência alemã, nasceu em 27/03/1871, Luebeck, Alemanha. É exilado alemão alegadamente ajudado por grupos do “submundo” em sua partida da França em 1940. Entrou nos Estados Unidos como visitante no dia 13/10/1940 na cidade de Nova Iorque, e requereu visto permanente em 29/03/1941 em San Ysidro, Califórnia. Foi recebido em Los Angeles por Bertolt Brecht e Lion Feuchtwanger, escritores alemães refugiados com inclinações comunistas. Estes três são bem ativos no Movimento dos Alemães Livres, com o objetivo de estabelecer um governo alemão no pós- guerra favorável à Rússia. Heinrich Mann é presidente honorário do Comitê Latino Americano dos Alemães Livres, organização onde todos os Movimentos de Alemães Livres do Hemisfério oeste estão unidos. Ele participou da reunião com o propósito de endossar o Manifesto de Moscou, anunciado pelo Comitê dos Alemães Livres no México em Julho de 1943. (*USC Libraries, Box L11, folder 38*)

Ao destacar as “inclinações comunistas” dos refugiados, as intenções do Movimento dos Alemães Livres em se aliar com Moscou e usar a expressão “submundo” ao se referir à resistência francesa, o FBI parecia despistar a luta contra o nazismo e a aliança entre Estados Unidos e União Soviética que estava inserida neste contexto. A preocupação dos censores do FBI com os espões nazistas parecia ser menor em comparação da “Ameaça Vermelha” presente nos grupos de exílio.

A ideia de “Ameaça Vermelha” aparece muitas vezes na documentação do FBI referente ao Movimento dos Alemães Livres no sul da Califórnia, afirmando que essa era uma nova tentativa de se criar um governo no exílio,

assim como acontecera com o “Comitê de Thomas Mann”, mas agora sob a liderança de um líder comunista, Heinrich Mann. Ao descrever suas intenções e atividades nos Estados Unidos, o FBI afirmou que

O Movimento dos Alemães Livres tem o propósito de estabelecer um governo alemão no pós-guerra favorável à União Soviética. As apurações desse escritório dão conta de afirmar que alguns dos envolvidos nesse movimento intencionam transferir suas atividades para a Europa assim que for possível”. (USC Libraries, Box L11, folder 38)

Quando um grupo de exilados chamados pelo FBI de “Comitê de Alemães- Russos”, se reuniram na casa do escritor alemão Berthold Viertel um ano mais tarde para discutir a formação do Comitê Nacional dos Alemães Livres em Moscou, Thomas Mann afirmou que “logo em seguida seria feita uma declaração pública expressando apoio ao grupo recém-formado na Rússia”. Essa aproximação com Moscou sempre foi o principal motivo para que Thomas Mann não se declarasse membro efetivo do Movimento dos Alemães Livres. Mais tarde, em 1944, o FBI investigou a aproximação de Heinrich Mann com o *Council for a Democratic Germany* formado em Nova Iorque, o qual, segundo os investigadores, “tratava-se de um grupo de dezenove indivíduos, todos comunistas, que intencionava estabelecer Heinrich Mann como futuro presidente”.

O *Council for a Democratic German* foi fundado em 3 de maio de 1944, com representantes de vários grupos antinazistas similares, e buscaram representar todos os grupos de exilados nos Estados Unidos. O principal objetivo do grupo era levantar recursos para ajudar os exilados de fala alemã na América do Norte. Não há indícios de que era uma organização puramente comunista, apenas que seus membros pertenciam a diversos grupos políticos, composto por escritores, artistas e cientistas, com aproximações ideológicas variadas, como sociais-democratas, liberais, socialistas, comunistas, entre outros.

Figura 16: FBI - Dossiê Thomas Mann.

11/13

NAME: HEINRICH LUDWIG MANN
RESIDENCE: 301 South Swall Drive, Los Angeles, California;
Telephone CRestview 19823.
DESCRIPTION: Age 75, born 3/27/71 at Luebeck, Germany; 5' 7";
165 lbs; hunched shoulders, stooped build; gray
hair; blue eyes, glasses; fair complexion.
OCCUPATION: Writer.
PRINCIPAL CONTACTS: Soviet Consular officials and Communists connected
with film industry.
MAIL DROP: None known.
ORGANIZATION: Latin-American Committee for Free Germany.
Probably VOKS.
SURVEILLANCE NOTES: Not surveilled.

ALL INFORMATION CONTAINED
HEREIN IS UNCLASSIFIED
DATE 7/11/86 BY SP10g/amb



RECORDED
&
INDEXED
100-16683
F B I
15 JAN 31 1948

Fonte: USC Libraries, Box L11, folder 38.

Em publicação do Jornal *German American*, no dia 13 de maio de 1944, em Los Angeles, foi noticiada a fundação do grupo, bem como o anúncio dos patrocinadores estadunidenses que se prontificaram a contribuir financeiramente em ajuda aos exilados. Na ata de fundação assinaram os seguintes membros: Paul Tillich, Bertold Brecht, S. Aufhaeuser. Horst Baeresprung, Friedrich Baerwald, Felix Boenheim, Hans Hirschfeld, Herman Budzislawski, Frederick Forell, Kurt Glaser, Albert Grzesinski, Paul Hagen, Paul Hertz, Joseph Kaskel. Julius Lips, Alfons Nehring, Otto Pfeiffererger, Albert Schreiner e Jacob Walcher. (*USC Libraries, Box L11, folder 38*).

O monitoramento sobre Heinrich Mann envolveu as atividades do escritor não apenas nos Estados Unidos, mas também em relação às suas ligações com o grupo de editores da Revista *Freies Deutschland*, no México. Mann permaneceu em Los Angeles até sua morte, em 06 de março de 1950. No entanto, após o suicídio de sua mulher, em 1944, o escritor manteve-se longe das atividades políticas, fazendo apenas algumas contribuições para as publicações antinazistas dos grupos que mantinha contato. Os agentes do FBI diminuíram seus olhares para o escritor após o fim da Segunda Guerra Mundial, alterando o foco de ação ao criar a *Central Intelligence Agency* (CIA), em 1947. Em memorando enviado no dia 28 de janeiro de 1952, o FBI descreveu Heinrich Mann da seguinte forma:

Heinrich Mann era mais radical que Thomas Mann, foi um dos líderes da resistência contra o nazismo, ajudando o Partido Comunista da Alemanha a organizar-se em Paris durante a perseguição de Hitler. Ele nunca foi membro do Partido Comunista, mas sempre foi muito próximo e obedeceu a muitas ordens do Partido. Ele foi um dos principais escritores da Alemanha ao lado do irmão Thomas Mann. (*USC Libraries, Box L11, folder 38*)

Outros escritores buscaram o sul da Califórnia também como destino para o exílio. Bertolt Brecht, por exemplo, foi convidado por Fritz Lang, e com apoio financeiro da Europa Filmes, mudou-se para a Califórnia em 1941. Brecht fracassou na tentativa de se estabelecer em *Hollywood*, e chegou a utilizar a palavra “inferno” para descrever Los Angeles em seu poema “*Nachdenkend über die Hölle*” (Pensando no inferno), escreveu: “*Quem mora em Los Angeles e não em Londres, imagine, ao pensar no inferno, que deve ser ainda mais como Los Angeles*” (BRECHT, 1976).

Assim como os irmãos Mann, Bertolt Brecht tornou-se alvo do FBI devido a sua aproximação com o comunismo, sendo produzidas mais de 400 páginas de investigações sobre suas atividades nos Estados Unidos. Em 14 de junho de 1943 uma circular do FBI indicava os cuidados que deveriam ter com Brecht: “Advoga contra o capitalismo, é defensor do Estado Comunista e usa de sabotagem para tentar atingir esses objetivos” (FBI, junho de 1943. *Specials Collections, box 08*). Neste contexto, enquanto esteve exilado em Los Angeles, entre os anos 1941 e 1947, o escritor, produtor teatral e professor foi monitorado pelos investigadores que trabalhavam junto ao coordenador das operações do FBI em Los Angeles, Richard Hood.

Muitos documentos mostram como o FBI observou rigorosamente o envolvimento do Bertolt Brecht com o grupo *Free German* do México. O documento enviado por Hood para o escritório de Hoover em maio de 1944, denominado “*Free German Activities in the Los Angeles Area*”, elencou alguns estrangeiros que deveriam ser monitorados devido suas ligações com os grupos mexicanos do exílio de fala alemã.

Como a correspondência entre o grupo Free German no México e as pessoas na área de Los Angeles continuava ... recomenda-se que os seguintes elementos sejam colocados na Lista de Observação da Censura Nacional por noventa dias:

1. [apagado].
2. Bertolt Brecht, Rua 1063 - 26, Santa Mônica, Califórnia.
3. [apagado] (*USC Libraries, Box L11, folder 38*)⁴⁸

Com a finalidade de entender a aproximação que os exilados na Califórnia tinham com os grupos ao sul da fronteira, principalmente o México, mas também envolvendo os países da América do Sul, o FBI utilizava como fonte a revista *Freies Deutschland*. Como havia uma aproximação dessa publicação com membros do partido comunista essa tensão só aumentou.

Outros escritores exilados em Los Angeles que colaboravam com a *Freies Deutschland* também começaram a ser monitorados pelo FBI. O escritor alemão Lion Feuchtwanger viveu no exílio nos Estados Unidos entre 1941 até sua morte, 1958. Durante todos os anos de exílio ele e sua esposa, Marta Feuchtwanger, residiram em Los Angeles. Feuchtwanger era judeu,

⁴⁸ *Since correspondence between the Free German group in Mexico and persons in the Los Angeles area carried on it is recommended that the following subjects be placed on the National Censorship Watch List for ninety days: 1. [blacked out]. 2. Bertolt Brecht, 1063 – 26 Street, Santa Mônica, California. 3. [blacked out]....*

ferrenho opositor de Hitler, e utilizou a sua influência como escritor na luta antinazista. Sua importância no espaço público e a aproximação com a União Soviética fez com que se tornasse um dos exilados mais investigados pelo FBI. Antes mesmo de chegar aos Estados Unidos, os investigadores já sabiam da sua intenção em se estabelecer na Califórnia, motivando assim a produção de um dossiê sobre o perfil do escritor.

Figura 17: Memorando do Federal Bureau of Investigation sobre as atividades do Free German em Los Angeles.

DECLASSIFIED
 NND 808176
 DATE 4/29/91
 REPRODUCED AT THE NATIONAL ARCHIVES

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION

Form No. 1
 THIS CASE ORIGINATED AT **LOS ANGELES** FILE NO. **100-21367**

REPORT MADE AT LOS ANGELES	DATE WHEN MADE 10/23/44	PERIOD FOR WHICH MADE 9/4, 19, 20; 10/4/44	REPORT MADE BY SIDNEY E. THIVING GIF
TITLE FREE GERMAN ACTIVITIES IN THE LOS ANGELES AREA		CHARACTER OF CASE INTERNAL SECURITY - C	

SYNOPSIS OF FACTS:
 Inquiry among members of German organizations in Los Angeles failed to disclose any efforts on the part of leaders of Free German movement to influence these organizations in favor of the Free German movement. BERTOLT BRECHT in conversation with Source D. stated no effort being made to form Free German organization in Los Angeles area. BRECHT also stated his sole connection with Free German movement was as member of Council For a Democratic Germany in New York. BRECHT also stated his purpose in joining this Council was to make certain no member of German military clique or Nazi Party has any part in formation of postwar German government. LION FEUCHTWANGER continues to write for "Freies Deutschland" in Mexico City. GNDI LA 1161 unable to furnish any additional information regarding Free German movement in Mexico City.

- P -

REFERENCE: Report of Special Agent RICHARD C. THOMPSON, Los Angeles, August 19, 1944.

DETAILS:
AT LOS ANGELES, CALIFORNIA:
 The following investigation was conducted by Special Agent RICHARD C. THOMPSON:

APPROVED AND FORWARDED:	SPECIAL AGENT IN CHARGE	DO NOT WRITE IN THESE SPACES
COPIES OF THIS REPORT 5 Bureau 2 Chicago 2 Milwaukee 2 New York 2 Philadelphia 2 San Francisco 2 Los Angeles		[Handwritten signature] [Handwritten initials]

U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE 16-27821-1

Fonte: (FBI. USC Specials Collections, box A20.)

No dia 4 de novembro de 1940 um documento do FBI, identificado como “comunicação anônima”, questionava as intenções de Feuchtwanger em buscar exílio nos Estados Unidos.

Lion Feuchtwanger, escritor de romances que não consegue distinguir ficção e realidade, acabou de pedir refúgio neste país. O que ele pensa exatamente sobre as democracias no ocidente pode ser visto na página 149 do seu livro “Moscou 1937”, onde ele diz: “O ar que se respira no oeste é velho e sujo. Na civilização ocidental não há muita clareza...respira-se novamente quando retornamos dessa atmosfera opressiva da falsa democracia e de um humanismo hipócrita dentro da atmosfera revigorante da União Soviética.” Então, por que este Feuchtwanger, chefe literário do Kremlin, está vindo para o oeste? (*FBI. USC Specials Collections, box A20.*)

Ao levantar esses questionamentos, a rede de investigações do FBI começou a cruzar nomes dos escritores que já haviam se estabelecido nos Estados Unidos e aqueles que pretendiam buscar exílio naquele país. Para as autoridades norte-americanas, apesar de representar uma luta que ia ao encontro dos interesses dos Estados Unidos, o antinazismo entre os exilados ficava em segundo plano, o que importava era o eminente perigo que a presença “escritores comunistas” poderia representar para a segurança nacional.

O ano de 1943 foi crucial para a mudança na forma com que o governo norte-americano passou a tratar da questão dos exilados. A entrada efetiva dos Estados Unidos na guerra e os debates entre os alemães sobre o futuro governo do seu país, que tornaram-se públicos principalmente após as notícias da formação do Comitê Nacional dos Alemães Livres na União Soviética, ligaram um alerta nos serviços de inteligência do governo de Washington. Para as autoridades significava que os exilados alemães poderiam ser inimigos infiltrados por serem nazistas, ou potenciais inimigos se formassem um governo aliado a Moscou. Em julho, os jornais norte-americanos noticiaram a formação do Comitê Nacional dos Alemães Livres, fundado por alemães exilados e prisioneiros de guerra na União Soviética, com forte tendência comunista. Após a Batalha de Stalingrado a crença de que Hitler seria derrotado aumentou significativamente entre os Aliados, fazendo com que as autoridades soviéticas buscassem uma aliança mais estreita com os grupos de alemães antinazistas que estavam em seu território. Os soviéticos viam a possibilidade de transformar esse apoio em ferramenta política no pós-guerra, ao vislumbrar as possíveis formações de um novo governo alemão pós-nazismo. Sendo assim, foram criadas duas organizações: a Liga dos Oficiais Alemães e o Comitê Nacional dos Alemães Livres. As primeiras manifestações desses grupos

deixava clara a intenção desses movimentos em trabalhar na reorganização da Alemanha após a guerra. (BAHR, 2007)

O plano do comitê era formar um governo liberal democrático tendo a URSS como um de seus principais aliados. Alguns manifestos foram publicados, endereçados ao povo alemão e difundidos pela imprensa mundial. Em um deles, publicado no jornal *The New York Times*, os membros do comitê deixavam clara a intenção de manter a Alemanha fora da guerra:

Acabem com a guerra imediatamente!

Lutem por um governo verdadeiramente nacional e que vai trazer segurança liberdade e paz. [...] Se aproxima o dia em que a Alemanha vai entrar em colapso com ataques simultâneos de todos os lados. A guerra já está perdida,, mas a Alemanha não vai morrer. (The New York Times, 22 de julho de 1943.)

A formação do comitê, e os planos de reorganizar o Estado alemão no pós-guerra, vinham ao encontro das manifestações anteriores de Joseph Stalin, quando afirmou em declaração feita no mês de novembro de 1942, que “*o Estado Nazista e o exército podem e devem ser eliminados, mas o Estado Alemão é indestrutível.*” (The New York Times, 22 de julho de 1943). A publicação do jornal norte-americano problematiza as intenções da União Soviética em apoiar os alemães antinazistas, vendo isso como a possibilidade da criação de uma via de expansão do comunismo pela Europa. Posição convergente com a do governo norte-americano, que a partir de 1943 intensificou as investigações contra os alemães exilados nos Estados Unidos.

Na medida em que a derrota da Alemanha nazista parecia ser uma questão de tempo, e as diferenças entre a URSS e os demais Aliados ficaram cada vez mais evidentes. Stalin buscava ganhar capital político ao manifestar apoio aos “Alemães Livres”, abrindo caminho para a formação dos grupos antinazistas. Nos dias 12 e 13 de julho de 1943 ocorreram as primeiras reuniões que deram origem ao movimento político na URSS. Erich Weinert, famoso poeta antinazista exilado, foi eleito presidente do Comitê Nacional dos Alemães Livres, e para o cargo de vice foi nomeado o Major Karl Hetz. O primeiro manifesto foi assinado por onze militares, quatro escritores e cinco deputados do Reichstag, do período de Weimar, incluindo o líder comunista Wilhelm Pleck.

Figura 18: The New York Times, 22 de julho de 1943.

GERMANS IN SOVIET BID REICH REVOLT

Committee Formed in Moscow Calls on Troops to Mutiny and Destroy Hitlerism

WAR PRISONERS IN GROUP

Political Refugees Also Join in Move to "Save" Nation by Embracing Democracy

MOSCOW, July 21 (UP)—An anti-Nazi German national committee, dedicated to the overthrow of Adolf Hitler and the establishment of a democratic regime in Germany, has been formed in Moscow, the Communist party organ Pravda announced today.

Indicating official Soviet approval of the new committee, Pravda published a manifesto by that body calling upon German soldiers to mutiny, turn the backs on their leaders and blast their way back home. It called upon German workers to lay down their tools, sabotage industry and demand immediate peace.

The manifesto indicated the nature of the regime in Germany that the Soviet Union would favor after victory. It was consistent with Premier Joseph Stalin's declaration of Nov. 7, 1942, in which he said the Nazi state and army must and can be destroyed, but that the German people and state are indestructible. Mr. Stalin's program called for the defeat of the Wehrmacht, the annihilation of the Nazis and the punishment of Herr Hitler and other leaders responsible for the war.

"Germany Must Not Die"

"Anglo-American troops are at the gates of Europe," the manifesto said. "The day is approaching when Germany will collapse under the impact of simultaneous blows from all sides. The war is already lost. But Germany must not die."

It warned that, unless the Germans overthrow their present rulers and seek for peace, Germany would be destroyed because the Anglo-Soviet-American coalition would not consider peace with Herr Hitler.

Pravda said the national committee, representing German war prisoners, political refugees, labor leaders and intellectuals, held its first meetings in Moscow on July 12 and 13. It elected as its president Erich Weisner, famous anti-Nazi poet. Major Karl Hiets was named vice president and Lieut. Count Heinrich von Hindel second vice president.

The manifesto, occupying a full page in Pravda, was signed by eleven officers and ten commissioned officers, four privates, four writers and five former Deputies of the Reichstag, including Wilhelm Pieck, former leader of the Communist bloc and secretary of the recently dissolved Communist.

In addition to Herr Weisner and Herr Pieck, the signers included the former Reichstag Deputies Martha Arendsee, Wilhelm Fahren, Edwin Germe and Walter Uibrecht; the writers Hans Beyer, Becher and Willy Hredel; the playwright Dr. Friedrich Wolf; and the trade union leaders Anton Ackermann and Hans Male.

Pravda published facsimile of

GERMANS' FLEET IN OREL GRAVER

July 21, 1943

The Russians drove nearer Orel from the north, east and south and continued to advance in the Belgorod sector. Their thrusts carried them to a point five miles from the Bryansk-Orel railway (1), to Optukha (2) and to Zolotarevo (3).

less the enemies of the people—Hitler, his patrons and accomplices—to put an end to terror.

"This Government must be based on fighting groups who are uniting for the overthrow of Hitler. This Government will at once stop military operations, recall German troops to the borders of the Reich and open peace negotiations, renouncing any conquests.

"Our aim is a free Germany. This means: A democracy that will mercilessly suppress any attempt of any new conspirators against the rights of free people or against European peace; full abolition of all laws based on national or racial hatred; of all institutions of the Hitlerite regime that are degrading our people, of all measures of Hitlerite power that are directed against liberty and human dignity; the rehabilitation and expansion of political rights and social achievements of the working people; freedom of speech, press, organization, conscience and religion; freedom of economic life, of commerce and of the trades; a guarantee of the right to work and of the right to own acquired property lawfully; the restoration of property looted by the Fascists to the legal owners; cancellation of the property of those guilty of war crimes and of war profiteers; the exchange of goods with other countries in the interest of safeguarding a stable national prosperity; a just and merciless trial of those guilty of bringing about war and of supporting it."

The New York Times
Published July 21, 1943
Copyright © The New York Times

Fonte: <https://www.nytimes.com/>

As declarações públicas do Comitê Nacional dos Alemães livres logo dividiram opiniões entre os grupos de alemães exilados nos Estados Unidos. Algumas manifestações individuais foram de apoio ao comitê, tais como as de Thomas Mann, Heinrich Mann, Lion Feuchtwanger e Bertolt

Brecht . Na edição de Novembro de 1943 da revista *Freies Deutschland*, publicação do Movimento dos Alemães Antinazistas no México, Thomas Mann declarou que “o manifesto foi uma contrapartida legítima em resposta às mudanças que se apresentavam na frente ocidental” (*Freies Deutschland*, novembro de 1943. *Special Collections USC*, box 67). Na visão do escritor, o manifesto do Comitê Nacional dos Alemães Livres deveria servir também ao povo italiano, para que começassem a agir contra o regime fascista em seu país. No entanto, alguns alemães no exílio não viam de forma positiva a formação de um comitê de alemães antinazistas sob a tutela da URSS. *The Aufbau*, jornal de judeus alemães que circulava em Nova York utilizou a expressão “jogada de xadrez de Stalin” para noticiar o fato, afirmando que era apenas uma movimentação política da União Soviética a fim de ampliar os seus domínios na Europa. Outros grupos rejeitaram a formação do comitê, como o Partido Democrata Alemão no exílio, o Comitê Nacional dos Alemães Livres e o Congresso Germano Americano pela Democracia, por se declararem “antinazistas, antifascistas e anticomunistas” (*USC Special Collections*, box 67).

Os debates sobre as movimentações na União Soviética tomaram conta de boa parte da agenda dos grupos de exilados. Os membros do *Conselho por uma Alemanha Democrática* reuniram-se no dia 1º de agosto de 1943 para debater e deliberar sobre a formação do Comitê Nacional dos Alemães Livres na URSS. O conselho era formado basicamente pela comunidade de escritores, professores e demais profissionais liberais de fala alemã que viviam na Califórnia. Além disso, haviam muitos apoiadores e patrocinadores do conselho que não eram alemães, mas cidadãos norte-americanos que simpatizavam com as ideias do conselho. O escritor Thomas Mann fez a leitura, em inglês, da declaração assinada pelos presentes.

Neste momento, em que a vitória das Nações Aliadas se aproxima cada vez mais, os que assinam abaixo, escritores, professores e artistas alemães, consideram um dever fazer a seguinte declaração aberta: Nós consideramos bem vindo o manifesto dos alemães prisioneiros de guerra e exilados na União Soviética chamam o povo alemão para não se renderem e lutarem bravamente a favor da democracia na Alemanha. Nós, também, consideramos necessário distinguir claramente de um lado o regime político de Hitler, e as pessoas associadas a ele, e de outro a verdadeira Alemanha. Nós estamos convencidos de que não pode haver paz duradoura no mundo

sem uma democracia forte na Alemanha. (USC – *Special Collections. The German American*, Agosto de 1943)⁴⁹.

No entanto, as profundas diferenças ideológicas entre os exilados de fala alemã na Califórnia impediam a formação de um grupo coeso, mas que de certa forma não representou uma dispersão das discussões. Thomas Mann e Bertolt Brecht por várias vezes deixaram transparecer essas diferenças em debates sobre a culpabilidade alemã em relação ao nazismo. Bertolt Brecht acusou Thomas Mann de apoiar punições que ele considerava muito severas ao povo alemão, afirmando que Mann estava em conluio com as nações aliadas. Essas acusações transformaram-se em um poema escrito por Brecht, intitulado “Quando o prêmio Nobel Thomas Mann defendeu o direito de americanos e ingleses de punir o povo alemão por dez anos pelos crimes cometidos pelo governo de Hitler.” (BAHR, 2007, p.118)⁵¹ O título, assim como o restante do poema, era a expressão das fortes divergências entre os exilados. Havia um consenso sobre a necessidade de acabar com o regime nazista, mas também haviam grandes discordâncias sobre as ideias e programas a cerca do futuro da Alemanha e da Europa.

A dificuldade do debate em torno das divergências ideológicas dos alemães antinazistas não foi exclusividade do cenário dos Estados Unidos, em toda a América isso foi comum, de acordo com as especificidades de cada país. É preciso enfatizar que a luta dos antinazistas de fala alemã tomaram direções comuns, o que diferenciou cada uma é como isso ocorreu no espaço público, a forma com que as lutas políticas foram travadas dentro de cada sociedade, ou seja, em lugares com maior liberdade aparente podemos detectar uma debate público mais evidente. O que não aconteceu em países, como o caso do Brasil, onde a presença dos mecanismos de censura do Estado estavam mais presentes, e, portanto, as atividades políticas foram mais restritas.

Independentemente dos embates entre os exilados na Califórnia,

⁴⁹ *At this time, when the victory of the Allied Nations approaches more and more, those who sign below, German writers, teachers and artists, consider it a duty to make the following statement open: We welcome the manifesto of the German prisoners of war and exiles in the Soviet Union call on the German people not to surrender and fight bravely for democracy in Germany. We, too, consider it necessary to distinguish clearly from one side the political regime of Hitler, and the people associated with it, and on the other the true Germany. We are convinced that there can be no lasting peace in the world without a strong democracy in Germany.*

nos meses de setembro e outubro de 1943 foi fundado em Nova Iorque o “Free Germany Movement”. A criação desse movimento representava uma resposta rápida à fundação do Comitê Nacional dos Alemães Livres na União Soviética. A intensão era não deixar com que a luta contra o nazismo entre os exilados de fala alemã nos Estados Unidos fosse identificada como uma prática exclusiva dos comunistas. Dessa forma, no *Free Germany Movement* os participantes enfatizavam que haviam diferentes correntes políticas, como liberais, sociais democratas, católicos, socialistas e comunistas independentes. Apostando no prestígio que o escritor tinha na comunidade intelectual norte-americana, os líderes do grupo convidaram Thomas Mann para ocupar uma cadeira na direção do movimento, aproveitando a passagem que ele fez por Nova Iorque proferindo algumas palestras no mês de outubro de 1943. No entanto, nesse período as autoridades norte-americanas estavam empreendendo uma intensa vigilância nos grupos de exilados alemães. Com isso, Thomas Mann decidiu não aceitar o convite, mas prometeu buscar apoio para intervir no Departamento de Estado para tentar o reconhecimento legal do *Free Germany Movement* nos Estados Unidos, o que de fato não ocorreu.

4.3 Ao sul da fronteira: *Freies Deutschland* e o trânsito de ideias

O trânsito de exilados alemães entre a Califórnia e o México, bem como a troca de correspondências entre eles, motivou a abertura de investigações específicas das autoridades norte-americanas para além da fronteira sul a partir de maio 1940, ano em que Hoover noticiou ao Presidente Roosevelt sobre o envio de agentes especiais do FBI para a Cidade do México. No mesmo ano foi criado o *Special Intelligence Service for Latin America* (SISLA), que tinha o objetivo de monitorar as atividades dos grupos antinazistas na América Latina, e suas relações com os exilados nos Estados Unidos, operando até 1947. Dessa forma, foi concedida a permissão pelo governo do México para que o FBI monitorasse a troca de correspondências e as mensagens entre os exilados residentes em ambos os países. (STEPHAN, 2000, p.224)

Desde a Revolução de 1910, que resultou na reforma agrária e expropriação de capital estrangeiro, o clima político no México tornou-se

mais propício para as ideologias progressistas e governos socialistas, os quais deram suporte para a formação de grupos de estrangeiros que fugiam das perseguições fascistas na Europa. (VILLA, 1993)

Entre 1940 e 1946 o General Manuel Davila Camacho foi presidente do México, liderando a transição entre os governos militares para o governo civil, com impactos muito positivos em relação à opinião pública mexicana, o que lhe rendeu o apelido de “El Presidente Caballero” (BEEZLEY, 2010). Com Camacho, houve a reaproximação com os Estados Unidos em vários setores da economia e de questões relacionadas à Segurança Nacional no contexto da Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, apesar da atuação das investigações do FBI naquele país, movimentos políticos como a *Liga Pro-Cultura Alemana* e o *Free Germany Movement* (com sua extensão para a América Latina, chamada de *Latin American Free German Comitee*), encontraram espaço no México para difundir suas publicações, entre elas a principal revista antinazista da América, a *Freies Deutschland*, permitindo que a influência de suas ideias fosse expandida para além das fronteiras do México, circulando entre os exilados de fala alemã do sul da Califórnia, Nova Iorque, México, Argentina, Uruguai e Brasil.

Historicamente já havia presença massiva de alemães envolvidos em atividades políticas na América Latina desde as leis anti-socialistas de Bismarck, principalmente no Chile, Argentina, Brasil e Uruguai. A possibilidade de investimento e necessidade de mão de obra na agricultura e, em menor escala, na indústria, impulsionou a busca por se estabelecer nesses países. Dessa forma, muitos europeus se submetiam a se estabelecer na América Latina e desenvolver esse tipo de atividade. Por outro lado, os intelectuais encontraram maiores dificuldades de desempenhar as atividades que estavam acostumados na Europa. Em vários países a inexistência a falta de recursos e a forte vigilância dos serviços de imigração dificultavam o trabalho de exilados. Mas isso variou de país para país, como no caso do Brasil e México. O primeiro não permitia as atividades comunistas, o segundo os recebia tranquilamente.

O alcance das manifestações das organizações antinazistas que atuaram nessas regiões foram bem documentadas, demonstrando que essas organizações mantiveram funcionando acordos de cooperação para refugiados que precisavam de vistos e passagens de navios com destino

às Américas. O *Latin American Free German Comitee* procurou representar os interesses de todas as comunidades de fala alemã no exílio, inclusive as judaicas, buscando entrar em contato com escritores que viviam isolados na América do Sul, estabelecendo alianças contra Hitler e buscando a construção da ideia de uma “Nova Alemanha”. A escolha dos líderes do movimento deixava clara a composição ideológica plural do grupo: Heinrich Mann, socialista moderado; Hubertuz Prinz zu Lowenstein e Kurt Rosenfeld, ambos liberais declarados, que organizaram o *German-American Emergency Conference* nos Estados Unidos; Balder Olden, de Buenos Aires; e o austríaco Karl von Lustig-Prean, ex-membro do Partido Social-Cristão e líder do Movimento dos Alemães Livres do Brasil. Foram muitos os esforços para manter atividades coordenadas em toda a América, mas nem sempre isso foi possível. A área de atuação do *Latin American Free German Comitee* se estendia desde a América do Norte até a América do Sul. Tentativas de estabelecer contatos contínuos com grupos nos Estados Unidos, como o *Council for a Democratic German*, e na América do Sul, *Das Andere Deutschland*, liderado por August Siemsen na Argentina e o Movimento dos Alemães Livres no Brasil, nem sempre davam certo. Não apenas pelas diferenças ideológicas, mas também pela dificuldade de comunicação entre os grupos que tinham suas correspondências violadas pelos órgãos de censura das autoridades dos países envolvidos e pelas restrições estabelecidas para viagens de estrangeiros.

No dia 28 de fevereiro de 1943, o “*Office of Censorship*”, vinculado ao FBI, interceptou uma correspondência enviada pelo *Latin American Free German Comitee*, do México, para Heinrich Mann, em Los Angeles. Na carta havia um pedido para que Mann aceitasse o posto de presidente honorário do movimento, e a informação dos movimentos que haviam aderido à formação de uma frente única dos “alemães livres”, foram eles: *Alemania Libre* (México); Movimento dos Alemães Livres do Brasil; *Alemania Libre* (Costa Rica); *Alemania Libre* (Chile); *Comite Preparatório Alemanes Libres* (Cuba); *Movimiento Aleman Pro Democracia e Libertad en El Ecuador*; *Comite Aleman Antifascista* (Uruguai); *Ausschuss Der Deutschsprachigen Hitlergegner In Honduras*; *Comite Preparatorio Alemanes Libres* (Santo Domingo); *Amigos de Alemanes Libres* (Panamá, Venezuela e Guatemala). Além disso, havia manifestações de aproximações de outros

grupos que não quiseram fazer um acordo formal com o *Latin American Free German Comitee*. Foram os casos da Bolívia, com o *Asociacion de los Alemanes Libre*, e da Colômbia, que estava no momento da criação de um movimento entre os alemães exilados naquele país. No caso da Argentina, não houve resposta do movimento *La otra Alemania*, liderada por August Siemsen. (*USC Special Collections, Box L11, folder 38, p. 01*)

Desde a formação do *Latin American Free German Comitee*, uma grande rede de mídias e publicações foram utilizadas para divulgar os manifestos e intenções do grupo em todo o continente Americano, principalmente nos países Aliados, no contexto da Segunda Guerra Mundial, tendo como foco principal as comunidades germânicas que se estabeleceram nas Américas. Dessa forma, o FBI listou as mídias que serviram como principais meios de propaganda dos movimentos antinazistas nas Américas:

Freies Deutschland no México, in Argentina *Volksblatt* na Argentina, *Illimani* na Bolívia, *Freies Deutschland* no Chile e *Freies Europa* na Colômbia. No Brasil alguns jornais e principalmente as correspondências reportam para os movimentos dos Alemães Livres. Programas de rádios também estão disponíveis para o *Latin American Comitee* dos Alemães Livres do México, Chile, Uruguai e Estados Unidos. (*USC Special Collections, Box L11, folder 38, p. 02*)

Por meio do conteúdo da correspondência percebemos o alcance das atividades dos exilados alemães antinazistas em todo o continente, reforçando a ideia de trânsito de discursos e vínculos ideológicos entre as organizações da América do Sul e do Norte.

Logo em seguida o *Latin American Free German Comitee* começou a organizar Congresso com a finalidade de discutir os rumos do movimento em toda a América, bem como os rumos que a guerra tomava na Europa. A exemplo do Congresso dos Alemães Antinazistas ocorrido em janeiro na cidade de Montevidéu, em 15 fevereiro de 1943 foi realizada uma “Convenção Comemorativa do Movimento dos Alemães Livres”, que teve como participantes dezessete grupos organizados, entre eles sindicatos e movimentos antinazistas. Foram quatro principais discursos que nortearam o evento, tendo como interlocutores Ludwig Rena, Vicente Lobardo Toledano, Jeanne Stern e Anna Seghers. O tópico geral dos diferentes discursos era a questão do domínio do “hitlerismo/fascismo” e sua repercussão nos países Latino

Americanos. Todos pareciam estar de acordo que apesar das vitórias militares dos países Aliados contra o Eixo, era necessário discutir as mudanças que deveriam ocorrer no pós-guerra nos países que estavam dominados pelo regime nazista, e que para isso seria necessário não apenas eliminar Hitler, mas mudar todo o Governo Alemão, “introduzindo a ordem e reestabelecendo os direitos democráticos”. “Ao mesmo tempo, expressamos fé nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na União Soviética e em toda a América Latina”.⁵⁰ (*USC Special Collections, Box L11, folder 38, p. 03*)

O grupo mantinha uma rede de cooperação financeira para ajudar os exilados que necessitavam de apoio. Entre as organizações que enviavam recursos para o *Latin American Free German Comitê* estava a *League of American Writers*⁵¹, nos contatos mais próximos que oportunizavam a ligação com os movimentos de alemães antinazistas estavam os nomes de Thomas Mann e Waldo Frank. Em correspondência recebida por Heinrich Mann em março de 1943, há a informação de novas contribuições financeiras que os grupos de alemães antinazistas receberam para organizar as viagens dos exilados que estavam na Europa e pediam exílio nos Estados Unidos e México.

A aproximação com os órgãos oficiais de imprensa do governo mexicano resultou em algumas participações nos horários destinados aos programas radiofônicos do Departamento Nacional de Defesa Civil. Por meio de correspondência, Heinrich Mann foi informado em Los Angeles que poderia proferir discursos em transmissões que alcançariam o México e o Sul da Califórnia, como ocorreu com Enrique Guttman, membro do *American Free German Comitê*, utilizando o espaço cedido pelo governo mexicano. No décimo aniversário da ascensão de Hitler na Alemanha,

50 *At the same time we expressed faith in United States, Great Britain, The Soviet Union and in all Latin America.*

51 *A League of American Writers foi uma associação de escritores, jornalistas, dramaturgos e críticos literários, fundada em 1935, na cidade de Nova Iorque, e encerrada em 1943. Os objetivos do grupo foram se alterando de acordo com o contexto mundial. Primeiramente era um grupo antifascista, com muitos de seus membros ligados ao Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA), os quais organizavam Congresso s pelo país e davam suporte aos exilados alemães perseguidos pelos nazistas. Durante a Guerra Civil Espanhola o grupo ajudou muitos escritores a entrar nos Estados Unidos, e após o início da Segunda Guerra Mundial passou a estabelecer parcerias com os movimentos de alemães antinazistas nos Estados Unidos e América Latina. Apesar das tentativas do FBI em resumir a associação como um “grupo de subversivos comunistas”, a League of American Writers contava com membros que não eram ligados com o comunismo, como Thomas Mann, um dos mais atuantes escritores da Liga (FOLSOM, 1994)*

Guttman transmitiu para todas as estações de rádio do México uma fala em tom de denúncia sobre o que ocorria no Regime Nazista e as perseguições aos alemães que não compactuavam com o governo hitlerista. O próprio presidente mexicano, General Avila Camacho, elogiou a atitude do comitê, afirmando que aprovava de forma integral o discurso proferido por Enrique Guttman. (*USC Special Collections, Box L11, folder 38, p. 04*)

Com a pluralidade de ideologias e interesse s entre os grupos antinazistas, não raro ocorreram conflitos entre eles. A preocupação de alguns episódios foi manifestada por Paul

Marker em correspondência enviada para Heinrich Mann, onde relatou “disputas e lutas violentas” entre exilados no México. As disputas teriam ocorrido por conta das divergências entre o direcionamento político das atividades antinazistas que membros dos grupos defendiam em suas reuniões. (*USC Special Collections, Box L11, folder 38, p.04*). Isso foi comum em todas as organizações de exilados alemães nas Américas, grande parte delas impulsionadas pela discordância em relação à aproximação com a URSS.

O principal ponto de ligação entre os movimentos organizados no exílio de fala alemã foi a revista *Freies Deutschland*. Edições da publicação circularam na Califórnia, México, Argentina e Brasil. Exemplo disso são as revistas apreendidas pelo FBI, nos Estados Unidos, e pelo DOPS no Brasil no mesmo período⁵². A revista *Freies Deutschland*, ou *Alemania Libre* para os mexicanos foi fundada em novembro de 1941, logo se tornou o principal veículo de publicação de alemães antinazistas exilados na América, e cessou suas publicações no ano de 1946, quando as maiorias dos exilados já haviam deixado o México. Era composta por literatura, análise política, cultura e debates sobre a Alemanha, permitindo que em lugares distantes na América Latina fosse possível discutir os rumos políticos do país. Os colaboradores e editores eram alemães e austríacos exilados que se estabeleceram no sul da Califórnia e no México, na sua maioria escritores e pessoas ligadas às atividades intelectuais. Embora não fosse uma revista exclusivamente comunista, pois contava com colaborações de vários matizes ideológicas, por exemplo, alguns haviam servido a

52 Tanto nos arquivos do DOPS de São Paulo, quanto nos Arquivos da University of Southern California, a edição 12 da revista está disponível. A diferença está no fato de que na edição encontrada nos Estados Unidos está completa.

Brigada Internacional, nas batalhas da Guerra Civil Espanhola e pertenceram ao KDP (Partido Comunista Alemão), como o escritor Bodo Uhse, que se mudou de *Hollywood* para a Cidade do México em março de 1940. Segundo a historiadora mexicana Maria Clotilde Rivera Ochoa

A revista teve grande difusão no continente americano. As condições precárias que foram impressas e distribuídas dificultaram o surgimento das dificuldades, mas apesar de todos esses problemas foram publicados até 1946, sem qualquer interrupção, 55 números no total. As diferentes seções da revista formam um esquema de distribuição do material que reflete o equilíbrio alcançado pelos alemães livres entre seus escritos histórico-políticos e sua produção artística e cultural. (OCHOA, 1995.)⁵³

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, os editores acrescentaram “V” – como “sinal de vitória” dos aliados - na capa da revista. Os países aliados representavam a esperança para os grupos antinazistas de exilados, por isso o apoio incondicional ao país. O destaque da publicação sempre era para a cultura, trabalhando sempre com os conceitos de democracia, liberdade e progresso. A partir da análise da revista *Freies Deutschland* que circulava entre os alemães podemos compreender quais eram as trocas de informações, ideias e planos políticos que eram compartilhados entre os movimentos de alemães antinazistas pelo mundo. Tratava-se de escritores, intelectuais, empresários, entre outros que buscavam demonstrar que de fato existia um pensamento alemão opositor ao nazismo.

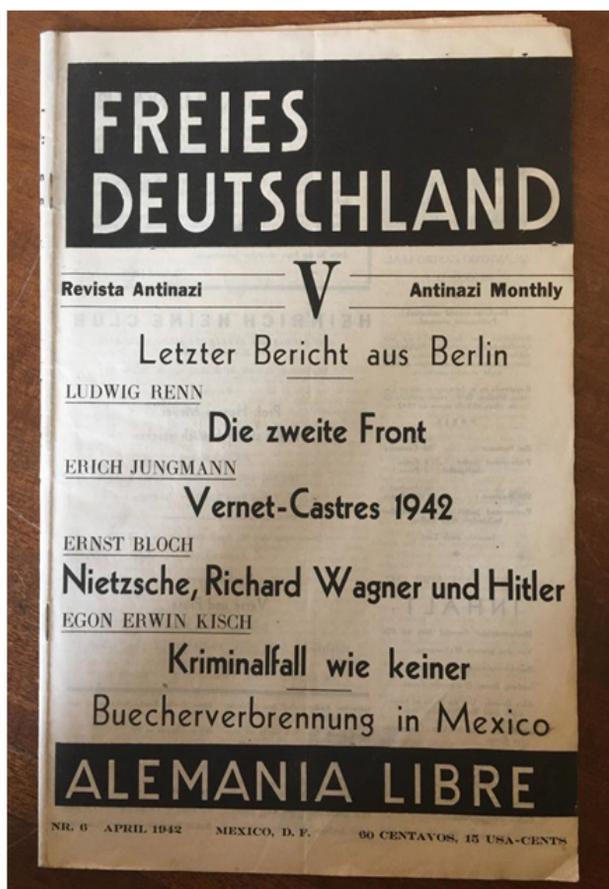
Na edição de abril de 1942 foi publicado um texto por Von Alfred Kantorowicz trazendo as novidades sobre o evento de inauguração do grupo *German-American Emergency Conference*, ocorrido no mês anterior em Nova Iorque, que contou com a presença de diversos exilados de fala alemã, como Lion Feuchtwanger e vários convidados norte-americanos que apoiavam a causa antinazista. A análise deste texto permite observar algumas semelhanças entre o protocolo de abertura dos trabalhos do Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, ocorrido em 1943

53 *La revista tuvo gran difusión en el continente americano. Las condiciones precarias que se imprimió y distribuyó hacían crecer las dificultades para su aparición, pero a pesar de todos estos problemas se publicaron hasta 1946, sin interrupción alguna, 55 números en total. Las diferentes secciones de la revista forman un esquema de distribución del material el cual refleja el equilibrio logrado por los alemanes libres entre sus escritos histórico-políticos y su producción artística y cultural.*

no Uruguai, com o evento nos Estados Unidos descrito por Kantorowicz. Da mesma forma que ocorreria na abertura dos trabalhos na América do Sul, o evento ocorrido um ano antes em Nova Iorque fez saudações a líderes dos países que faziam oposição ao nazismo

Um apelo feito por Ludwig Renn aos prisioneiros de guerra alemães foi publicado por unanimidade por Alfred Kantorowicz aos povos oprimidos, assim como saudações às tropas do general Mc Arthur, dirigidas ao presidente Roosevelt, Churchill, Stalin, o general Chiang Kai Check.⁵⁶ (*USC Special Collections, Box d4, Folder 115*)

Figura 19: Revista *Freies Deutschland*, abril de 1942



Fonte: *USC Special Collections, Box d4, Folder 115.*

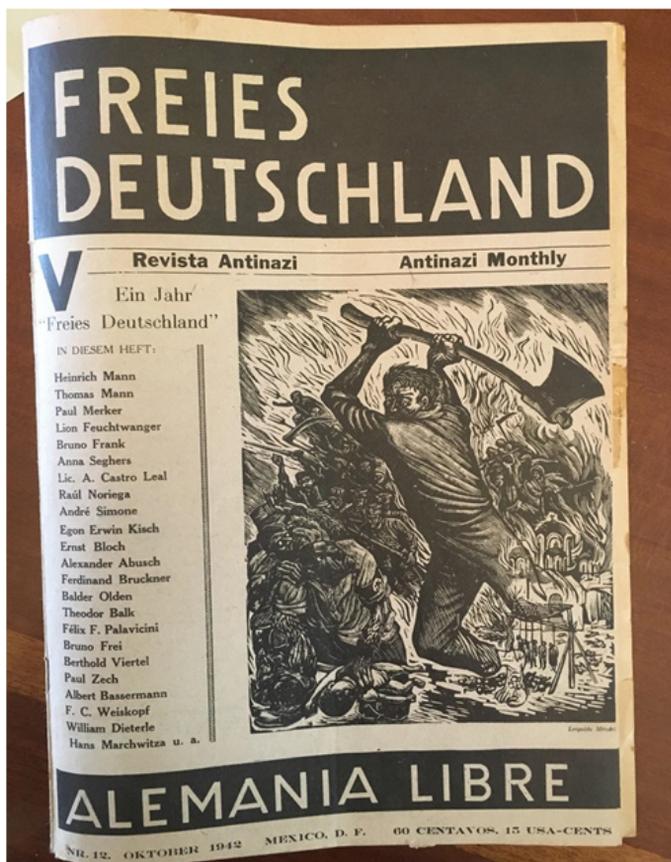
As facilidades encontradas no cenário político do México foi um dos principais motivos para o desempenho positivo da publicação. A editora responsável pela publicação era a “EL Libro Libre”, mantendo um extenso catálogo de publicações de clássicos da literatura alemã, proibidas pelo nazismo, como o clássico de Anna Seghers *The Seventh Cross*, de 1942, a obra de Lion Feuchtwanger *The Devil in the France*, de 1941, em que o escritor narrou suas experiências durante o exílio na França, e romances de escritores como Bruno Frank, Ludwig Renn, Heinrich Mann, Thomas Mann e Bodo Uhse. Pela mesma editora foi publicada uma edição em espanhol do livro “*El libro negro del terror nazi*”, contendo 342 páginas com imagens e relatos de exilados sobre as atrocidades cometidas pelo nazismo. A obra foi patrocinada pelos governos do México do Peru e da Tchecoslováquia, e contou com a colaboração dos maiores nomes entre os escritores no exílio. O fato de a publicação contar com a tradução em língua espanhola revela a cooperação entre os exilados e os nativos das nações em que foram recebidos, assim como o fato de que várias universidades mexicanas deram emprego para esses alemães, principalmente a Universidad Obrera. (STEPHAN, 2000)

O apoio do governo mexicano aos editores da revista foi destaque na edição de dezembro de 1942, onde o editor chefe, Antonio Castro Leal, inicia a seção de agradecimentos citando o presidente do México: “Ao completarmos quatro anos de existência agradecemos ao governo do Presidente Gal. de Divisão Don Manoel Ávila Camacho que, generosamente nos permitiu ampla liberdade de ação no México democrático. (Redação e editora Alemanha Livre. Arquivo Público de São Paulo)

A edição de número 12 da revista *Freies Deutschland* estava sob o poder do grupo Alemães Livres de São Paulo e foi apreendida pelo DOPS daquele Estado, e trechos foram traduzidos para a língua portuguesa a fim de facilitar nas trocas de informações entre os investigadores. Essa troca de materiais entre os exilados de fala alemã que se estabeleceram em todo o continente americano demonstra como o trânsito de ideias era comum entre os movimentos. No início da edição, havia mensagens de quatro alemães exilados no México que atuaram politicamente nos movimentos antinazistas. A discussão central da edição número 12 foi o problema do retorno dos exilados alemães ao país de origem. Wilhelm Piech levanta a questão escrevendo

sobre a “necessidade de os alemães receberem os elementos progressistas exilados no exterior para ajudar na reconstrução do país.”

Figura 20: Revista *Freies Deutschland*. Outubro de 1942.



Fonte: USC Special Collections, Box D1, Folder 78.

No artigo intitulado “4 anos” faz um balanço sobre as atividades dos refugiados no exterior e do movimento dos Alemães Livres na luta “antinazista, anti-imperialista, anti- militarista”. O texto revela ainda a intenção de mudar o nome do órgão “Alemanha-Livre” para “Nova Alemanha”, demonstrando a vontade desses indivíduos em participar ativamente da reconstrução do país destruído pela guerra. O texto ainda menciona que a

queda da Gestapo fez ressurgir os “bons sentimentos alemães.” (Arquivo Público de São Paulo, DOPS prontuário 53569)

Um dos mais assíduos colaboradores da revista foi Heinrich Mann. Na referida edição escreveu um artigo sobre o passado e o futuro da arte na Alemanha. Para Mann, “não mais existirão sujeiras e calamidades nazistas, história falsificada e nem propaganda anti-comunista”. Wilhelm Pieck, chefe do Partido Comunista da Alemanha escreveu uma retrospectiva sobre a atuação dos políticos alemães, atacando diretamente a “tirania” do Kaiser Guilherme II e Adolf Hitler. Pieck afirma ainda que era necessário punir os crimes de guerra cometidos pelos nazistas e que a Alemanha deveria caminhar para o caminho da democracia. Em outro artigo, Walter Ulbricht, membro do comitê central do partido comunista da Alemanha, registrou a necessidade de se repensar a produção industrial alemã, elogiando o Partido Comunista, que “sendo o partido do povo, caberá a ele reparar os danos causados à Alemanha e eliminar por completo as raízes nazistas”.

O apoio aos movimentos internacionais de alemães antinazistas estava sendo difundido entre os exilados. Dessa forma, havia uma campanha para organizar a volta dos que tiveram que abandonar a Alemanha pelas perseguições nazistas. O escritor Jurgen Kuckzyuski colaborou na edição de dezembro de 1945 da revista *Freies Deutschland* elogiando as atividades dos movimentos dos alemães livres espalhados pelo mundo e da revista “Alemanha Livre.” No mesmo tom de enaltecimento aos movimentos, Alexandre Abusch escreveu um artigo intitulado “12 anos de luta dos anti-fascistas alemães”.

Nas páginas 26, 27 e 28 um longo texto do colaborador Erich Jugmann sobre a abrangência dos movimentos alemães antinazistas “Comitê da Frente Popular Alemã” e “Comissão da Oposição Alemã” que estavam sob a direção do escritor Heinrich Mann. O artigo mostra a expansão dos movimentos pelo mundo com destaque para a América Latina.

Em outro terreno estava o trabalho do movimento dos alemães livres na América Latina. Aí tratava-se de fugitivos políticos, refugiados judeus e alemães democráticos que se uniram neste movimento nos anos 41 e 42. Dos movimentos do Brasil e do Chile surgiu a ideia de unir todos os movimentos sub e central – americanos de alemães livres para um Comitê Latino Americano – Pediram ao comitê a iniciativa desta realização. Um comitê de organização consultou todos

os membros e obteve adesão unânime. Em 12 de fevereiro de 1943 foi fundado o Comitê Latino Americano dos Alemães Livres com sede no México, com a adesão dos movimentos do Brasil, Chile, México, Colômbia, Venezuela, Guatemala, Honduras, Panamá, Costa Rica, Cuba e São Domingos. Mais tarde aderiram também Bolívia, Equador e Argentina. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

A difusão desses movimentos além de demonstrar a grande adesão dos alemães ao antinazismo também confirma a tese de que esses movimentos eram tão grandes em quantidades quanto difusos em ideologias. Tratava-se de fato de convergências entre comunistas, socialistas, liberais, democratas, etc.

Os espaços de difusão da literatura alemã antinazista eram amplos na revista. Nesta edição foram discutidos textos de Lion Feuchtwanger, Thomas Mann, Heinrich Mann e Bertold Brecht. Na página 33 da edição, o escritor Von Berthold Viertel escreveu uma coluna comentando algumas peças de teatro de Brecht com forte apelo antinazista. Descreveu as obras relatando a importância de se difundir “a verdadeira cultura alemã, proibida pelas leis de Hitler”. A coluna recebeu o nome de “Brecht e sua tribuna”, demonstrando como a arte e a literatura eram de vital importância para a luta dos exilados.

É esclarecedor, não apenas do ponto de vista político, comparar este programa militar (dos nazistas) com as publicações antinazistas, peças teatrais e filmes contaminados pelo sentimento anti-nazista. Todos tentaram construir casos individuais de acordo com as regras da arte de palco tradicional. Atrocidades nos Campos de Concentração; O Excesso de Pessoas Perigosas; A Gestapo Caça Pessoas nos Continentes; O Romantismo Narcísico da Luta Clandestina e Uma Narrativa de Crueldade. Em quase todos eles, precisamente de acordo com essas leis do palco, os nazistas, como representantes de um banditismo ousado e repulsivo, fizeram de longe a figura teatral mais impressionante. (USC Special Collections, Box D1, Folder 78.)⁵⁴

54 Es ist, nicht nur vom politischen Standpunkt aus, aufschlussreich, wenn man diese Heerschau mit fast der ganzen uebrigen anti-nazi literatur, mit den Theaterstuecken und Filmen vergleicht, die von Anti-Nazitendenz besselt sind. Sie alle trachteten, nach den Regeln traditioneller Buehnenkunst individuelle Faelle zu konstruieren. Befreiungen aus Konzentrationslagern; das Ueberdiegrenzebringen Gefaehrdeter; Gestapojagd auf Menschen ueber die Kontinente hin; die narkerschuetternde Romantik des Untergrundkampfes; Schilderung sensationeller grausamkeiten und Grausamkeiten und konzentrierte Spannungen. In fast allen machten,

Entre as páginas 46 a 48, Max Leydwitz escreveu sobre a dificuldade dos alemães refugiados na Suécia, devido à oposição ao comunismo naquele país. O autor afirmou que no fim da guerra foi possível a movimentação de reuniões dos movimentos dos alemães livres entre social-democratas e comunistas, os quais “ambicionavam a democratização da nova Alemanha.”

Na página 58 um manifesto do Partido Comunista propunha o confisco de bens dos latifundiários nazistas. Mas, ao que tudo indica, não significava uma tentativa de controle total por parte dos comunistas, pois o texto segue frisando a necessidade de democratizar o país. Em julho de 1945 alguns partidos unidos confeccionam um documento sobre a culpabilidade de Hitler na guerra

Nesta resolução, tomada em 14 de julho de 1945, pelos partidos anti-fascistas democráticos resolveram reconhecer a culpabilidade da Guerra na Alemanha de Hitler, salvar a nação por meio de novas ideias e vida, liberdade de pensamento, trabalho, etc. etc. Pelo Partido Comunista: Wilhelm Pieck, Walter Bricht, Franz Dahlen, Anton Ackermann e Otto Winzer. Mais os Partidos Social Democrático, União Cristã e Partido Liberal. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

Esse documento manifesto representa claramente a união de ideias entre os vários partidos e instituições cuja única finalidade em comum era o combate ao nazismo. Segundo o jornalista Wilhelm Karl Gerst, católico fervoroso, essa deveria ser também a posição da Igreja. Segue-se nas páginas da revista mensagens do Comitê Latino Americano da Alemanha – Livre sobre a reorganização dos “alemães democráticos no Brasil”:

No Rio de Janeiro organizou-se com permissão das autoridades brasileiras o novo movimento dos alemães-livres. Foi fundada uma direção provisória da qual fazem parte os amigos: Eva Maag Simoni (Jornalista); R. Simoni (Pintor); Friedrich Loth (Mecânico); Hans Barnas (Peleteiro); H. I. Kollrsutter (músico); Werner Reinheimer (Comerciante); Dr. Hans Roetthen (Médico, antigo membro do Partido Socialista); Erich Fraenkel (Antigo secretário do Partido Socialista Alemão); Rudi Rosenthal (Técnico em construções). (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

eben nach diesen Buehnengesetzen, die Nazis, als Vertreter eines wagemutigen und vor nichts zurueckschreckendem Gangstertums, die bei weitem theatralisch wirksamste Figur

Segundo relatório do DOPS de São Paulo, essa direção já havia se manifestado em público com um programa de oito pontos. Entre os oito pontos estavam o pedido para que os alemães democráticos e livres de todos os países se unam contra o que restou do nazismo. O documento revela grande indignação por parte dos membros do movimento quando afirmam “deveriam ocorrer severas punições para todos os criminosos de guerra e todos os criminosos que nazistas que agiam na Alemanha desde 1933.” (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569) Em 12 de agosto de 1945 ocorreu uma reunião dessa diretoria com a união dos estudantes brasileiros, onde foi oferecida a sua sede para as reuniões dos alemães livres. Esse gesto não tinha apenas finalidade logística, mas também simbólica, pois se tratava do antigo Club Alemão “Germania”, que foi cedido aos estudantes brasileiros pelo governo brasileiro durante o contexto dos conflitos da II Guerra Mundial.

Além da edição apreendida pela polícia de São Paulo, a pesquisa teve acesso a uma versão completa da edição número 12 da revista nos arquivos da *University of Southern California*. Neste caso foi possível observar alguns outros conteúdos, como nas páginas 37 e 38, em que Heinrich Mann escreveu sobre a atuação dos “Movimentos de Alemães Livres” na América do Sul. No título impactante do artigo, “Pronto para servir com as armas”, foi realizado um balanço dos grupos do exílio de fala alemã que mantinham contatos com o *Freie Deutschland*, no México, na tentativa de demonstrar o alcance transnacional das ideias antinazistas. Faz-se referência ao Uruguai como

Um dos lugares em que nosso círculo de amizades foi aumentando até que conseguimos estabelecer um ponto de referência para o movimento „*Freie Deutschland*” junto ao Dr. Gebhardt, que mantém o único programa alemão de rádio na América do Sul. Assim temos a possibilidade de nos contactar com exilados em toda a região sul⁵⁵. (*USC Special Collections, Box D1, Folder 78*)

Essa aproximação com a América do Sul foi reflexo dos contatos entre os exilados de fala alemã nos diferentes países. O artigo abordou

55 *Einer der Orte, an denen unser Freundeskreis gewachsen ist, bis wir mit Dr. Gebhardt, der das einzige deutsche Radioprogramm in Südamerika unterhält, einen Bezugspunkt für die “Freie Deutschland” - Bewegung geschaffen haben. Kontaktieren Sie uns mit Verbannten in der gesamten südlichen Region.*

a situação das atividades dos exilados na Argentina, afirmando que “há uma solidariedade dos alemães exilados na Argentina com a entrada do Brasil na guerra”.

Sobre o Brasil, o autor do artigo deu amplo destaque para os dois grandes movimentos formados no país: o Movimento dos Alemães Antinazistas e o Movimento dos Alemães Livres. Percebe-se o reconhecimento das dificuldades enfrentadas por esses grupos no Brasil, mas que mesmo assim “fazem grande trabalho na luta contra o nazismo”.

A figura proeminente do padre alemão Petrus Sinzig, nascido em 1876 em Linz na Renânia, como literário e militante hoje firmemente enraizado na vida cultural brasileira, e os méritos de Friedrich Kniestedt, que mesmo aos 70 anos, enfrenta os nazistas no Brasil desde o início dos anos 1930. Além dos alemães livres, há um movimento de “Italianos Livres”, um movimento e os movimentos dos antinazistas austro-húngaros. (*USC Special Collections, Box D1, Folder 78*)

Neste último caso, Heinrich Mann também se referia ao Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, liderado pelo austríaco Karl Lustig-Prean. Para ele, Lustig-Prean era um dos mais influentes exilados de fala alemã nas Américas, buscando atuar diretamente com o poder público para resolver “problemas” causados pelos nazistas.

O escritor alemão dos Sudetos Karl Lustig Prean fez um discurso ao prefeito da cidade de São Paulo, Dr. Prestes Maia, uma das cidades mais importantes das Américas. Enviou uma carta pedindo o perdão pela pirataria nazista de Hitler e da barbárie que provoca. Afirmando que isso não corresponde à todos os povos germânicos.⁵⁶ (*USC Special Collections, Box D1, Folder 78*)

Nas páginas finais da edição 12 da *Revista Freies Deutschland* estão os cumprimentos do grupo antinazista dos alemães no Brasil à todos os países que apoiavam de alguma forma o combate ao nazismo.

Aliança Democrática dos Alemães Antinazistas – São Paulo, Brasil. Cumprimenta a revista “Alemanha Livre” (*Freies Deutschland*) do México como precursora para a reunião dos antinazistas alemães

⁵⁶ *Der deutsche Schriftsteller der Sudeten, Karl Lustig Prean, hielt eine Rede vor dem Bürgermeister der Stadt São Paulo, Dr. Prestes Maia, einer der wichtigsten Städte Amerikas. Er schickte einen Brief, in dem er um Vergebung für Hitlers Nazi-Piraterie und die damit verbundene Barbarei bat. Bekräftigung, dass dies nicht allen germanischen Völkern entspricht.*

neste continente, no seu 4º ano de trabalho. I.A. Alfred Heinheimer. (DOPS, Arquivo Público de São Paulo. Prontuário 53569)

A revista não foi importante apenas para os exilados, ela foi fontes de notícias de muitos para muitos países, contendo informações importantes sobre ciência moderna, arte e literatura. Foi resultado do amplo programa literário do editor Bodo Uhse, com a importante contribuição dos escritores exilados que viviam no México, como Anna Seghers, Egon Erwin Kisch e Bodo Uhse os quais escreveram regularmente para a *Freies Deutschland*. Heinrich Mann e Thomas Mann, Berthold Viertel, Bruno Frank, Lion Feuchtwanger, Oskar Maria Graf, Ferdinand Bruckner e Mascha Kaléko enviaram contribuições dos Estados Unidos. Estados, assim como fez Paul Zech da Argentina.

A *Freies Deutschland* manteve-se ativa durante todo período da guerra, servindo de fonte de análise dos conflitos que ocorriam na Europa, não apenas no campo bélico, mas principalmente no que se referia aos assuntos políticos. As últimas publicações em 1945 e 1946 serviram para discutir os rumos da Alemanha após a derrota para os Aliados. Seguiram-se as divergências sobre as ideologias que deveriam ser adotadas para reorganizar o Estado alemão. Neste mesmo contexto, os materiais divulgados pelos exilados estavam cada vez mais escassos, uma vez que, para as autoridades norte-americanas, assim que a guerra com os alemães e os japoneses acabou toda sua atenção foi reconduzida exclusivamente para o inimigo que para eles representava o maior perigo: o comunismo, o que os conduziu para uma extensa guerra ideológica contra a URSS, a Guerra Fria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o exílio nas Américas têm apresentado aumento significativo nas últimas décadas. No mês de novembro deste ano, 2018, ocorrerá a “*IV Jornada de trabajo Exílios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*”, uma iniciativa do Departamento de Humanidades da Universidad Nacional del Sur Bahía Blanca, na Argentina. Este encontro reúne pesquisadores do mundo inteiro com a finalidade de discutir as pesquisas realizadas nos últimos anos com as temáticas dos exilados nos vários contextos do século XX, sobretudo durante a II Guerra Mundial, e nos períodos dos governos militares na América do Sul. Uma das principais perspectivas de análise que o evento contempla é o “transnacionalismo político”, como resultado da influência dos pesquisadores da *global History*, incluindo a História transnacional, comparada, conectada e demais perspectivas. Na *University Of Southern California*, onde parte dessa pesquisa foi realizada, departamento de História tem se debruçado cada vez mais sobre o tema, resultado dos arquivos do *Exiled German-speaking intellectuals in southern California* mantido pela Universidade. No Brasil existem diversos arquivos com documentações ainda não esgotadas para que as pesquisas avancem. Neste contexto, esta tese procurou demonstrar como ocorreram essas conexões entre exilados de fala alemã no continente, incluindo-se nos tema global dos totalitarismos.

Apesar da pluralidade ideológica e das disputas internas, os intelectuais que buscaram exílio no continente americano contra as perseguições na Europa criaram um ambiente de amplo debate, expandindo as possibilidades de luta contra o nazismo, não apenas com armas, mas também por meio das lutas políticas. Mesmo com a influência decisiva da atuação da Internacional Comunista na formação dos movimentos antinazistas, ficou comprovado que esse foi apenas um dos tantos elementos que formaram o quadro de lutas dos exilados. Desta forma, em muitos momentos o antinazismo foi um importante elemento agregador entre os exilados de fala alemã desde a ascensão de Adolf Hitler ao poder, em 1933, até a derrocada da Alemanha Nazista em 1945.

Os materiais escritos, como livros, revistas, jornais, panfletos, etc, foram instrumentos de difusão das ideias antinazistas, exemplificando como ela representa uma forma importante de amplificação de ideologias políticas que realizam intervenções na realidade. Nesse sentido, a análise desses materiais publicados em diferentes países entre os anos de 193 e 1945, reforça a premissa de que o intercâmbio de ideias gera o fortalecimento desses movimentos no cenário nacional e também contribui para o aumento da capacidade de mobilização internacional.

A complexidade do quadro político latino-americano refletiu-se na atuação dos intelectuais no espaço público do continente latino americano. O exemplo disso foi a falta de parâmetros claros com que as autoridades brasileiras trataram o Movimento dos Alemães Livres e o Movimento dos Anti-Nazis Alemães do Brasil, trazendo grandes dificuldades na ação prática desses grupos para a ampliação dos debates sobre o posicionamento real de parte da comunidade germânica frente ao nazismo. Foi inegável a forte influência cultural e política dos Estados Unidos nos países latino-americanos durante as décadas de 1930 e 1940 fortaleceu a perseguição aos movimentos políticos de esquerda. Neste contexto, o anticomunismo difundido em boa parte do continente americano, em muitos momentos, buscou resumir as atividades políticas dos exilados antinazistas em simples difusores das ideias combatidas pelas autoridades. Essa foi a principal dificuldade encontrada na difusão do antinazismo entre os exilados.

No caso do Brasil, os raros momentos de reconhecimento das lutas dos exilados ocorreram apenas após o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha, e mesmo assim em nenhum momento se deu de forma incondicional. Isso foi demonstrado com a vasta documentação produzida pela polícia brasileira a partir dos agentes do DOPS apresentada nesta pesquisa. No entanto, a opção de contextualizar globalmente a questão do exílio permitiu entender o envolvimento desses movimentos políticos com debates importantes de cunho internacional, e tornou possível destacar a importância dessas lutas políticas também no contexto nacional. Dessa forma, a pesquisa rebate a tese de que os movimentos de fala alemã antinazista no Brasil não tenham ganhado importância.

Na Argentina foi possível perceber como a situação interna permitiu que um grande grupo, como o *Das Andere Deutschland*, pudesse atuar

de forma mais decisiva, organizando manifestações e mantendo por mais de uma década a principal publicação dos exilados alemães na América do Sul, apesar do grupo também ter enfrentado restrições por parte das autoridades argentinas.

No contexto sul-americano, o Uruguai havia se tornado um foco de luta antifascista e refúgio dos intelectuais de países vizinhos, formando um ambiente importante para a organização de encontros e reuniões dos movimentos antinazistas, como ocorrido durante o Congresso dos Alemães Antinazistas da América do Sul, em Montevidéu. Esse encontro, apesar de revelar muito sobre as dificuldades de articulações coordenadas entre os movimentos antinazistas, foi relevante ao proporcionar um espaço para o diálogo e fortalecimento das atividades dos exilados como componentes coletivos.

Assim como a atuação dos escritores e demais grupos de intelectuais de fala alemã inspiraram e influenciaram os movimentos antinazistas na América do Sul, a pesquisa constatou como intensa “caça” aos comunistas, empreendida pelo FBI, também serviu de inspiração para muitas ações dos governos latino-americanos, sobretudo o Brasil. A troca de correspondências, os discursos e os manifestos dos exilados em muitos momentos revelaram a falsa impressão de “América Livre”, difundida por líderes antinazistas como Thomas Mann, Karl Lustig-Prean e August Siemsen, em contraponto com o modelo autoritário do nazismo. Os extensos dossiês produzidos pelas autoridades norte-americanas demonstram que, assim como na América do Sul, o “receio” de que os movimentos antinazistas fossem redutos exclusivos de difusão de ideias comunistas também levou aos exilados de fala alemã presentes naquele país a ter suas atividades controladas.

As ações de investigações do FBI atravessaram as fronteiras dos Estados Unidos com México, devido à proximidade com a Califórnia e a presença expressiva dos grupos de exilados antinazistas no país vizinho. Foi importante percorrer esse caminho durante a pesquisa, uma vez que isso reforçou a tese de que havia uma transnacionalidade nas ações dos exilados. Para eles as fronteiras no continente americano não tinham o mesmo sentido político administrativo do que para os cidadãos das Américas, a busca pela troca de experiências na luta antinazista foi decisiva para essa percepção.

Os escritores internacionalmente conhecidos Thomas Mann,

Heinrich Mann, Bertolt Brecht, Lion Feuchtwanger e outros, que se exilaram em Los Angeles, atuaram categoricamente para que movimentos antinazistas de todo o continente americano mantivessem a circulação de ideias entre si. As inúmeras referências a que os grupos de exílio na Argentina, no Brasil e no Uruguai faziam a esses personagens permite entendermos essa dinâmica. Da mesma forma, o austríaco Karl Lustig-Prean buscou esse envolvimento com os escritores no exílio em Los Angeles por meio das correspondências, transformando-se em um instrumento de aproximação entre os grupos. A revista *Freies Deutschland*, editada no México, transitou na América Latina e nos Estados Unidos, servindo como espaço de difusão dos ideais sobre cultura e pensamento político defendidos pelos movimentos antinazistas. A pesquisa nos arquivos da *University of Southern California* permitiu entender como se deu esse processo, demonstrando como os mesmos periódicos eram lidos tanto por exilados em Los Angeles como em São Paulo, por exemplo, tornando-se uma das principais formas de circulação de ideias antinazistas nas Américas.

A luta antinazista foi muito mais ampla do que a publicação de jornais, revistas, organização de congressos e manifestos com o intuito de expor e divulgar ideias. Nesse sentido, não podemos desvincular o papel da luta dos exilados de fala alemã nas Américas de um contexto mais amplo, onde envolveu a diplomacia, partidos políticos, decisões de governos e diversos outros elementos de aspectos nacionais e internacionais.

Embora a política interna tenha influenciado diretamente na forma de atuação dos movimentos antinazistas, a circulação dessas ideologias transbordaram fronteiras, sem necessariamente passar por questões de Estado. O contexto histórico apresentado demonstrou que houve a circulação de ideias entre os movimentos antinazistas de fala alemã nas Américas, e que pela capacidade de mobilização interna, foi possível fazer parte de um contexto global. Diante disso, é difícil avaliar a real influência dos movimentos estudados na formação das opiniões públicas em relação às lutas que se propunham. No entanto, é notório que a luta política que os grupos de fala alemã compactuavam, o antinazismo, cresceu muito entre os anos 1933 e 1945, principalmente com o agravamento do contexto internacional após o início da Segunda Guerra Mundial.

Importa mencionar que as atividades políticas dos exilados de fala

alemã no continente americano não foram restritas às pessoas e movimentos citados nesta pesquisa. Importantes escritores como Ulrich Becker, Hugo Simon e Stephan Zweig estabeleceram-se no Brasil deixaram marcas e também posicionaram-se politicamente contra o nazismo por meio de sua escrita, embora não tivessem se envolvido de forma direta em grupos organizados citados nesta pesquisa. Nos Estados Unidos os grupos do exílio de Nova York exerceram papel fundamental nas lutas antinazistas, como o caso do *German American Emergency Conference*. Alguns países não citados neste estudo também receberam números significativos exilados no período, como é o caso do Chile e Paraguai, com algumas especificidades que dificultariam a inclusão nesta pesquisa. Ocorreram também importantes debates entre grupos do exílio nas Américas e na Europa, principalmente com as frentes populares na França e Espanha, o que mereceria uma atenção especial para futuras pesquisas. Isso significa que o tema do exílio de fala alemã no continente americano durante o nazismo ainda é um campo fértil e aberto a novas perspectivas e problemas de análise.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira. (orgs.) *Dicionário históricobiográfico brasileiro: pós 1930*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001.
- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo Anti-semitismo, imperialismo, Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARMITAGE, David. “A virada internacional na História Intelectual”. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, vol. 1, n°1, p. 1-15.2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/download/108480/106800> Acesso em 12/03/2017.
- ATHAIDES, Rafael. *O Partido Nazista no Paraná- 1933-1942*. Maringá: UEM: 2011.
- AZEVEDO AMARAL, Antônio J. *Ensaio brasileiro*. Rio de Janeiro: Omena e Barreto, 1930.
- _____. *O Estado autoritário e a realidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1938.
- BAHR, Ehrhard. *Weimar on the Pacific: German Exile Culture in Los Angeles and the Crisis of the Modernism*. University of California Press, 2008.
- BARROS, Jose Maria D’Assunção. *História, região e espacialidade*. Revista de História Regional. V. 10, n1.2005. Disponível em: <http://antiga.uffs.edu.br/wp/wp-content/uploads/2010/06/Historia-regi%C3%A3o-e-espacialidade.pdf>. Acesso em: 05/01/2018.
- BARTROP, Paul. *The Evian Conference of 1938 and the Jewish Refugee Crisis*. Florida: Palgrave Macmillan, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BESSEL, Richard. *Political Violence and the Rise of Nazism. The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934*. New Haven & London: Yale University Press, 1984.
- BEEZLEY, William. *The Oxford History of Mexico*. United Kingdom: Oxford University Press. 2010.

BISSO, Andrés. *Acción Argentina: Un antifascismo nacional en tiempos de Guerra Mundial (1940-1946)*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *Histórias e historiadores*. Textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa: Teorema, 1998.

BOBBIO, Pedro Vicente (org). *Lex, Coletânea de Legislação*. São Paulo: Lex, ano II. 1938.

_____. *Lex, Coletânea de Legislação*. São Paulo: Lex, ano II. 1942. BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. 2005. BRECHT, Bertolt. *Poems: 1913-1956*. Londres: Routledge, 1997.

CAMPOS, Francisco. *O Estado Nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na Era Vargas*. Brasília: UNB, 1994.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Fapesp, 2007.

_____. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *República, identidade nacional e anti-semitismo (1930-1945)*. Revista história, São Paulo, n. 129-131, 1994. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091994000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 nov. 2011.

CARVALHO, José Murilo de. *A utopia de Oliveira Vianna*. In: BASTOS; MORAES. (orgs.) *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: UNICAMP, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. *Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro*. In: D'ARAÚJO, Maria Celina. *As instituições da Era Vargas*. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1999.

CERVO, Amado Luis; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

CERTEAU, M. et. el. *A invenção do Cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de fazer, 1997.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Sobre el uso historiográfico del concepto de región*. Estudios Sociales, año XVIII, n.35. Santa Fé, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre de 2008.

DICK, Enrique. *In the Wake of the Graf Spee*. London: WIT press, 2015.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: USP, 2007. Tese de doutorado.

DUDEK, Wanilton. *Política, Repressão e Nacionalismo: o cotidiano da comunidade alemã do Vale do Iguaçu durante a Era Vargas*. União da Vitória: UNIUV, 2014.

ECKL, Marlen. *Entre Resistência e Resignação: as atividades políticas do exílio de língua alemã no Brasil, 1933-3945*. São Paulo: Projeto História, n. 53, pp. 121-159. Mai.-Ago. 2015.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: presença, 1989.

FIUZA, Alexandre Felipe; BRAGGIO, Ana Karine. *Acervo da DOPS/PR: uma possibilidade de fonte diferenciada para a história da educação*. *Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 430 - 452*.

FOLSOM, Franklin. *Days of Anger, Days of Hope: A Memoir of the League of American Writers, 1937-1942*. Niwot, CO: University Press of Colorado, 1994.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GAMBINI, R. *O duplo jogo de Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GERMÁN, Friedmann. *Alemanes Anti nazis en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.

GERTZ, René. *Memórias de um imigrante anarquista*. Porto Alegre: EST, 1989.

_____. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, nazismo e integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GROSS, David. *The Writer and Society: Heinrich Mann and Literary Politics in Germany, 1890-1940*, Humanities Press, N.J., 1980.

GRUZINSKI, Serge. *How to be a global historian*. Public Books, 15 set. 2016. Disponível em: <http://www.publicbooks.org/how-to-be-a-global-historian/> Acesso em: 15 junho de 2018.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HANDELMANN, Heinrich. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/IHGB, 1931.

HILTON, Stanley E. *O Brasil e a crise internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HOBSBAWN, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O século XXI. Reflexos sobre o futuro*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUGGINS, Martha K. *Polícia e Política: relações Estados Unidos/ América Latina*. São Paulo: Cortez, 1998.

JACKISCH, Carlota. *El Nazismo y los refugiados alemanes en la Argentina*. Buenos Aires: Belgrano, 1989.

JAURECHE Arturo (1962). *FORJA y la Década Infame*. Buenos Aires: Peña y Lillo, 1983.

JUNIOR, João Júlio Gomes dos Santos. *História global: um empreendimento intelectual em curso*. Revista Tempo, vol. 23 n. 3, Set./Dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v23n3/1980-542X-tem-23-03-483.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2018.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: EDUSP, 2003.

- KEYSERLINGK, Robert H. *Political warfare illusions: Otto Strasser and Britain's world war two strategy of national revolts against Hitler*. In: Dalhousie Review. Nova Scotia: Dalhousie university, 1981.
- KISATSKY, Deborah. *The United States and The European Right: 1945-1955*. Ohio: The Ohio State University, 2005.
- KOCKA, Jürgen. *Comparison and beyond. History and Theory*, v. 42, n. 1, p. 39-44, 2003.
- KUSCHEL, K.; MANN, F.; SOETHE, P. *Terra Mátria: a família de Thomas Mann e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- JUNIOR, Airton Paulaus. JUNIOR, Luiz Cordoni. *Políticas Públicas de Saúde no Brasil*. In: *Revista Espaço para a Saúde*. Londrina, v.8, n.1, p.13-19, dez.2006
- LAUERHASS, Ludwing. *Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.
- LE GOFF, Jaques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- LUSTIG-PREAN, Karl Von. *Mil destinos da Europa*. São Paulo: Popular. 1943.
- MAIO, Marcos Chor (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- MANN, Thomas. *Ouvintes Alemães!: Discursos Contra Hitler 1940-1945*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- McCANN, Frank D. *A aliança Brasil-Estados Unidos: 1937/1945*. Rio de Janeiro: Biblex, 1995.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pargermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Curitiba: SAMP, 2014.
- MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil: 1930-1945*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.
- MORAES, L.E. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: a seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- MORAIS, F. *Olga: a vida de Olga Benário Prestes, judia, comunista, entregue a Hitler pelo governo Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.
- NEUMANN, Rosane Marcia. "Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor". São Leopoldo: UNISINOS, 2003. (Dissertação).

OLIVEIRA, Angela Meireles. *Palavras como balas: Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. São Paulo: USP, 2013.

OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015.

_____. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2011.

PALMIER, Jean-Michel. *Weimar in Exile: the antifascist emigration in Europe and America*. London: Verso, 2006.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

PASOLINI, Ricardo. *El antifascismo como problema: perspectivas históricas y miradas locales*. Buenos Aires: UNMDP, 2008.

_____. *Scribere in eos qui possunt proscribere Consideraciones sobre intelectuales y prensa antifascista en Buenos Aires y París durante el período de entreguerras*. Prismas, Revista de historia intelectual, Nº 12, 2008, pp. 87-108.

PENNA, Lincoln de Abreu (org.). *Manifestos políticos do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PERRAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

POWELL, Michael. *A última viagem do Graf Spee*. Rio de Janeiro: Record, 1956. PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual, 1994.

PURDY, Sean. *A história comparada e o desafio da transnacionalidade*. Revista de História Comparada. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, p. 64-84, 2012. Disponível em: <http://www.ppghc.historia.ufrj.br/images/publicacoes/2012/numero-1/volume-6-n-1-purdy.pdf> . Acesso em: 20/03/2018.

PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: Conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1942.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

RENK, Valquíria. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. Tese de doutorado em educação, área de concentração em História da Educação, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

RODRIGUES, Fernando. *Indesejáveis: Instituição, pensamento político e*

formação profissional dos oficiais do Exército Brasileiro (1905 - 1946). Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

ROSS, Steven J. *Hitler in Los Angeles: How Jews failed Nazi plots against Hollywood and America*. Los Angeles: Bloomsbury, 2018.

ROUCHOU, Joelle. *Diretrizes : um espaço de resistência na imprensa do Estado Novo (1938-1944)*. XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH-RN, 2013.

SAINE, Thomas P./ BAHR, Ehrhard (edited by). *The Internalized Revolution: German Reactions to the French Revolution (1789-1989)*. New York: Routledge Library Editions, 2018.

SALLES, Maria do Rosário. *Imigração e Política Imigratória brasileira no Pós-Guerra*. São Paulo: Cadernos CERU, série 2, número 13, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial*. 2reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Secretaria de Estado e Justiça. *DOPS- a lógica da desconfiança*. Rio de Janeiro: APERJ: 1993.

SEIGEL, Micol. *Beyond the Compare: Comparative Method after Transnational turn*. Radical History Review, 2005.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda guerra Mundial*. Barueri: Manoele, 2003.

SEYFERTH, Giralda. *Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo*. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs). *O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. New York: Rosetta Books, 2011.

SPENTHOF, Odair José. *Nacionalização, resistência e adaptação: alemães em Passo Fundo e Carazinho durante o Estado Novo*. Passo Fundo: UPF, 2002.

STEPHAN, Alexander. *Communazis: FBI surveillance of German Emigré writers*. Yale University: 2000.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected Histories: Notes towards a*

Reconfiguration of Early Modern Eurasia *Modern Asian Studies*, Vol. 31, No. 3, Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800. (Jul., 1997), pp. 735-762. Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/gurminderkbhambra/research/iasproject/1/2/s/ubrahmanyam_connected_histories.pdf. Acesso em: 19/02/2018.

TERCERO, Cecília. HANSFFSTENGEL, Renata V. *Mexico, el exilio bien temperado*. Mexico, D.F.: Instituto Goethe, 1995.

THIESSE, Anne Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais*. Anos 90. Porto Alegre: n.15, 2001/2002.

VARGAS, G. *O pensamento político de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu Júlio de Castilho. 2004.

_____. *Estado Novo*. Disponível em: <<http://www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=152>> Acesso em 12 de junho de 2012.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes; SILVA, Érica Sarmiento da; GONÇALVES, Leandro Pereira (orgs). *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

VIANNA, Oliveira. *Problemas de política objetiva*. São Paulo: Nacional, 1930.

VILLA, Marco Antônio. *A revolução mexicana: 1910-1940*. São Paulo: Ática, 1993.

WACHOWICZ, Rui Christovan. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva*. Brasília, UNB. 1999

WEINSTEIN, Barbara. *Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 14, p. 9-36, jan./jun. 2013.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil. Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasiliense, 1940.

_____. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

ARQUIVOS E FONTES CONSULTADOS

Brasil:

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro:

. DOPS. Caixa 753.

. DOPS. Caixa 729.

. DOPS. Prontuário 14316.

. DOPS. Dossiê Congresso dos Alemães Antinazistas. Pasta 22.

Arquivo Público do Estado de São Paulo:

. DOPS: prontuário 7796

. DOPS: prontuário 49636

. DOPS: prontuário 53569

. DOPS: prontuário 73915

. DOPS: prontuário 93802

Arquivo Público do Estado do Paraná:

. DOPS: Dossiê Alemães Antinazistas do Brasil, prontuário 1379.

Fundação Biblioteca Nacional:

. Correio Paulistano: edições de 1941 e 1942.

. O Estado de São Paulo: edições de 1941 e 1942.

Arquivo Histórico do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores):

. Doutrinas Políticas. Lata 1468

. Doutrinas ou Teorias político-sociais. Atividades extremistas. Lata 1860.

. Nazismo. Atividades Antidemocráticas Brasil. Lata 1824.

. Pasta Refugiados Políticos Alemães do Brasil.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil:

. CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas. Carta de Ernest Bachmann para Otto Strasser Classificação: GV confid 1941.07.08/3 Data: 08/07/1941

Uruguai:

Arquivo General de La Nacion:

. El Tiempo (Montevidéu).

Biblioteca Nacional:

. Jornal El País: edições de janeiro e fevereiro de 1943.

. Jornal La Mañana: edições de janeiro e fevereiro de 1943.

. Jornal La Tribuna Popular: edições de janeiro e fevereiro de 1943.

Argentina:

Leo Baeck Institute: New York/Berlin

Revista "*La Otra Alemania. Das andere Deutschland*" (Buenos Aires, Argentina)

Edições:

1941: n° 45

1942: n° 52; n° 53; n° 54; n° 55; n° 57.

1943: n° 68; n° 76.

1944: n° 80; n° 81; n° 84; n° 85; n° 87.

1945: n° 91; n° 92; n° 93; n° 105.

1946: n° 116; n° 125; n° 127; n° 132.

Estados Unidos da América:

University of Southern California, Los Angeles, California:

Exiled German-speaking intellectuals in Southern California research.

Special Collections:

. Hanns Eisler papers: Box 1, folder 33.

. Hanns Eisler collection: Box 1.

. Heinrich Mann papers: Box 4, folder 26.

. Heinrich Mann papers. FBI files: Box 15.

. Heinrich Mann papers: Box 6, folder 11.

. Heinrich Mann papers: Box 11, folder 9.

- . Heinrich Mann collection: Box 12.
- . Hearst Corporation Los Angeles Examiner photographs. Box 380, folder 7.
- . Lion Feuchtwanger papers: Box C4, folder 7.
- . Lion Feuchtwanger papers: Box C10, folder 20.
- . Lion Feuchtwanger papers: Box D5.
- . Lion Feuchtwanger papers: Box L11, folder 38.
- . Marta Mierendoff papers: Box 10, folder 2.
- . Marta Mierendoff papers: Box 46, folder 3.
- . Paul Kiess papers: Box 3, folder 148.

